





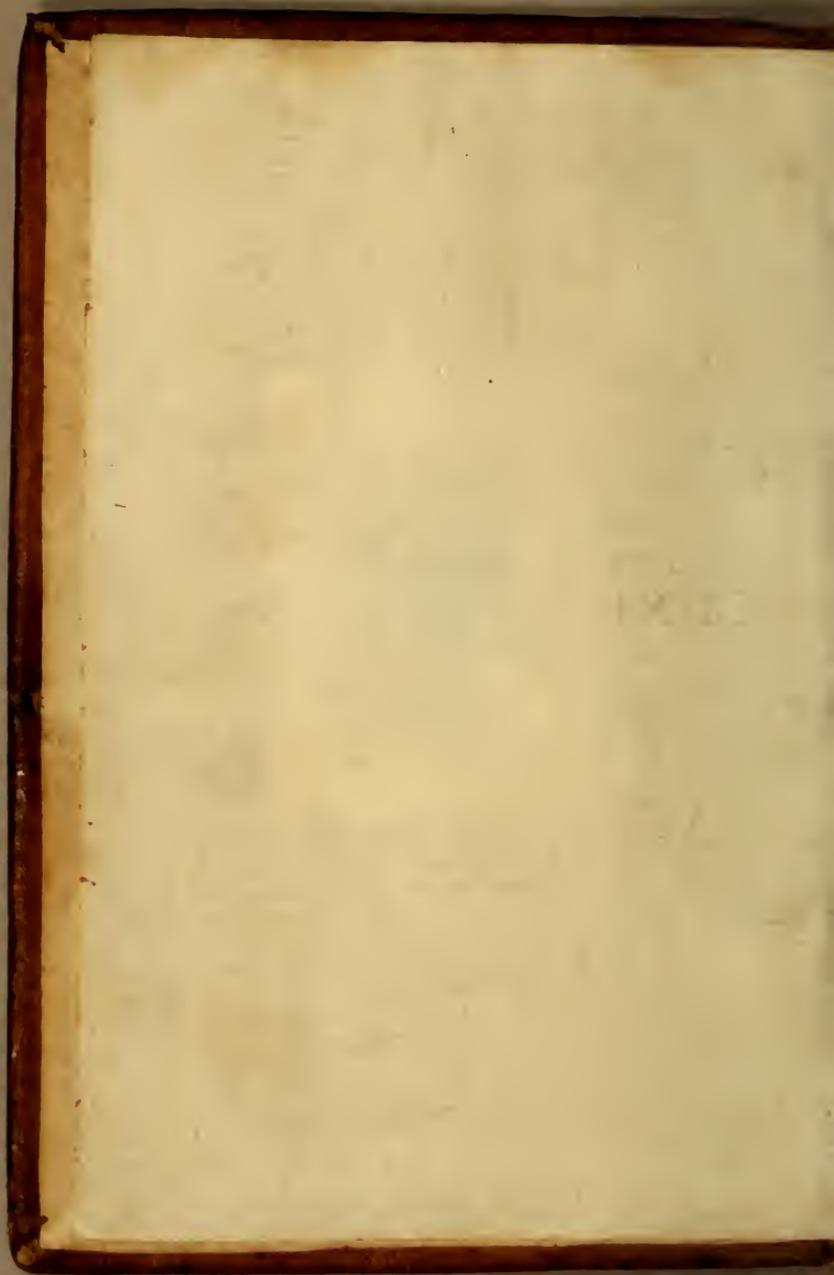
John Carter Brown
Library
Brown University

C.C.

M. Santos / Biriba de Moraes

567 fls

Ex. 1759



THEATRO COMICO
PORTUGUEZ,
O U
COLLECCÃO
DAS OPERAS
PORTUGUEZAS,

Que se representaraõ na Casa do Theatro
publico do Bairro Alto de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impressão.

TOMO SEGUNDO.

Contém { Labyrintho de Creta.
Guerras do Alecrim, e Mangerona.
Variedades de Protheo.
Precipicio de Factonte.

De Ped' Borge Pacheco
LISBOA,

Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

M. DCC. LIX.

Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.

THE UNIVERSITY OF
PORTFOLIO
COLLEGE
DEPARTMENT OF
ARTS AND SCIENCES
LIBRARY

LIBRARY
SERIALS
ACQUISITION
SERVICES
LIBRARY



LABYRINTHO

DE

CRETA,

Que se representou no Theatro do Bairro
Alto de Lisboa, no mez de Novembro
de 1736.

ARGUMENTO.

*S*uccedendo matarem os Athenienses em hum
torneyo a Androgeo, filho de Minos, Rey
de Creta, este para vingar a morte do filho,
depois de reduzir a Athenas à sua obediencia,
como vencedor lhe impoz hum rigoroso tributo,
de que lhe pagaria todos os annos sete mancebos,
que seriaõ sorteados, por não haver excepção
na qualidade das pessoas, de cujo feudo se ali-
mentava o Minotauro, que existia no Labyrin-
tho fabricado por Dedalo. Cabio àquelle anno
a sorte sobre Tezeo, Principe de Athenas, que
sendo para esse effeito conduzido a Creta, o in-
tentaraõ com industrias libertar Fedra, e Ari-
adna, filhas do mesmo Minos. Até a sabida

de Creta logrou *Ariadna* as primeiras estimações em *Tezeo*, ainda que ao depois preferisse a *Fedra*, deixando a *Ariadna* em huma deserta Ilha; porém como só tratamos nesta Obra dos successos de *Tezeo* em Creta, por essa razão se manifesta a *Tezeo* mais amante de *Ariadna*, que de *Fedra*.

O motivo, que se toma para o entrecho da presente Obra, he o considerarse a *Tezeo* já devorado pelo *Minotauro*, e sendo reputado por morto, manterse este engano até o fim, triunfando do furor do *Minotauro*, do enlejo do *Labyrinto*, e das iras de *Minos*.

INTERLOCUTORES.

<i>Tezeo</i> ,	Principe de <i>Athenas</i> , amante de <i>Adriadna</i> .
<i>Minos</i> ,	Rey de Creta.
<i>Lidoro</i> ,	Principe de <i>Epiro</i> , amante de <i>Ariadna</i> .
<i>Tebandro</i> ,	Principe de <i>Chypre</i> , amante de <i>Fedra</i> .
<i>Dedalo</i> ,	Barbas.
<i>Licas</i> ,	Embaixador de <i>Athenas</i> .
<i>Ariadna</i> ,	} Filhas del Rey <i>Minos</i> .
<i>Fedra</i> ,	

5

Taramella, *Criada de Ariadna.*
Sanguixuga, *Velha, criada de Fedra.*
Esfuziote, *Gracioso, criado de Tezeo.*
Soldados.

A Scena se figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

- I. *Bosque, e Marinha.*
- II. *Templo de Venus, e Cupido.*
- III. *Camera.*
- IV. *Gabinete.*
- V. *Sala Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

- I. *Camera.*
- II. *Labyrintho.*
- III. *Sala.*
- IV. *Gabinete com espelho,*
- V. *Sala de columnata.*
- VI. *Labyrintho.*
- VII. *Bosque, e Marinha.*

PAR-

P A R T E I.

S C E N A I.

Bosque , e Marinka , e haverá no lado do Theatro huma gruta , e depois de se ver no mar huma armada fluctuando com tempestade , sabiraõ por junto da marinha Tezeo , e Esfuziote , tropeçando , e cabindo em terra sem ver hum ao outro.

Tezeo. **V** Alha-me o Ceo! *Cabe.*

Esfuz. Valha-me a terra! *Cabe.*

Tezeo. Haverá , como eu , homem mais infeliz?

Esfuz. Haverá infeliz mais homem , do que eu?

Tezeo. Pois parece , que conjurados os Deoses , os fados , e os elementos contra mim , nem nos Deoses acho piedade , nem nos fados fortuna , nem nos elementos abrigo.

Esfuz. Pois a pezar dos ventos , das ondas , e Tubarões me vejo saõ , e salvo , nesta praya.

Tezeo. Mas ay , infelices companheiros meus , se naufragantes nesse golfo tive-

tes

tes urna cryftallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a vossas memorias, para que lea a posteridade nos Cenotafios de meus suspiros a vossa lembrança, e o meu agradecimento.

Esfuz. Ora bom he contar da tormenta, que melhor he estar pingando nesta ribeira feito chafariz da praya, do que ser fonte da pipa em vaza barrís.

Tezeo. A esta deserta praya me conduzi-raõ as minhas infelicidades, adonde até para o alivio me falta a communicação dos viventes. Mas que vejo? Tu não es Esfuziote?

Esfuz. E vós, Senhor, não fois Tezeo?

Tezeo. Tal estou, que não sey quem sou; mas dize-me, como indo a pique o nosso navio te pudeste salvar?

Esfuz. Porque sempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgava morto entre as ondas.

Esfuz. Senhor, a minha fortuna esteve em achar huma ancora, a que me agarrey, e sobre ella vim boyando, até dar eomigo nesta praya, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi estarias a estas horas cuberto de limos, e caramujos.

Tezeo. Para que, soberanas Deidades, defendestes a vida de hum infeliz? Para que

que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre
marinho monſtro das aguas , ſe quando
me redemis da morte , he ſó para per-
der a vida?

Eſfuz. Eis-aqui o que eu naõ aturo : de
forte, Senhor que quando te vias na tem-
peſtade, tudo eraõ votos ; lagrimas , e
promeſſas , e agora ingrato contra o Ceo,
depois que te vês em terra firme , ac-
cuſas a piedade dos Deoſes , que te li-
vraraõ ? Ora, Senhor Tezeo , ponhamo-
nos de joelhos , e com a boca na arêa
eſcrevamos com a lingua louvores a Ba-
cho , que nos livrou de bebermos agua
ſalgada.

Tezeo. Deixa-me , Eſfuziote , precipitar-
me outra vez neſſas ondas , para que com
eſte arrojio enimende o erro dos fados.

Eſfuz. Iſſo he fallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor ? Naõ
sabes , que ſou Tezeo ?

Eſfuz. Eu bem ſey , que he o valeroſo Te-
zeo ; Principe de Athenas , cujas faça-
nhudas obras fizeraõ , com que a fama
deixaffe o clarim , para ficar com a bo-
ca aberta : item ſey , que he aquelle Te-
zeo companheiro de Hercules , que tem
morto mais gente , do que eu piolhos ;
porém *ſalva paze* , ainda me naõ conſta ,
que

que algum dia fizesses a heroica acção de te lançares ao mar , e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas , e contes ao Mundo , que Tezeo , como valente , e Estoico , antes que ignominiosamente perca a vida , procura sepultar-se. nesse monumento de crystal. *Faz que se lança ao mar.*

Esfuz. Tenha maõ, Senhor; veja que aquillo naõ he crystal , saõ aguas vivas , que mataõ a gente : ora persuado-me , que na tormenta fizeste algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me , Esfuziote , ser piedoso esta vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matarse a si mesmo !

Tezeo. Para que quero eu viver ?

Esfuz. Para viver ; e he taõ pouco ? Pois em quanto o páo vay , e vem , folgaõ as costas.

Tezeo. Ay misero de mim !

Dent. Dedal. Ay infeliz !

Tezeo. Naõ ouviuste , Esfuziote , huma funesta voz ?

Esfuz. Eu bem a naõ quizera ter ouvido , nem ouvidos nesta hora : ay Senhor , que será isto ?

Dentr. Ao bosque , à selva.

Dentr.

Dentr. Ariad. Adonde te esconderás, cerdo-
dofo bruto, do acelerado furor das mi-
nhas settas?

Tezeo. Venatorias vozes são as que agora
ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça grossa do
que a fina.

Tezeo. Em que Paiz estaremos?

Esfuz. Pois sempre cuidey, que estavamos
em alguma deserta praya, em que só-
mente reina o birbigão com a ajuda las
ameijoadas.

Canta-se dentro o seguinte Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay,
Offerecey, dedicay

A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Tezeo. Espera: não ouves ao longe sonoras
vozes de festivos hymnos?

Esfuz. Já que suppões, que eu sou furdo,
quero tambem imaginar, que es cego:
não vês descer por aquelle monte huma
formosa tropa de balhadeiras?

Tezeo. Que variedade de affectos ao mesmo
tempo admiro nesta, que julguey bar-
bara, e tosca montanha! Que te parece
isto?

Esfuz. Se o nosso navio aportasse em
Creta, para donde leyava direito o ru-
mo,

mo, dissera, Senhor, que estavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh não me falles em Creta, que não foy pequena fortuna o não estarmos nella; mas affirmo-te, que não posso penetrar o motivo de tão differentes, e discordes vozes; pois quando da cavernosa boca daquelle rochedo ouvi o funesto *ecco*, que dizia.

Dentr. Dedal. Ay misero de mim! Ay infeliz!

Tezeo. E ao mesmo tempo escutar o vago estrepito de venatorias vozes, proferindo confuzas.

Dentr. Ao monte, à selva, tó, tó.

Tezeo. E isto acompanhado da sonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Esfuz. Senhor, façamos aqui ponto de admiração, que as Ninfas já se vem aproupinquando.

Tezeo. Pois occultemo-nos nesta gruta, só por ver isto no que pára.

Esfuz. Vá feito; mas a meu ver, isto não pára aqui.

Escondem-se na boca da gruta, e sabirdão
bu-

humas Ninfas dançando ao som do Coro, e sabem Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e canta o Coro.

Chegay , moradores de Creta , chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Sang. Anda , rapariga , não te trefmalhes,
e te percas por esses montes.

Taram. Ay tia , que já vou muy cansada !

Esfuz. Se quizer descancar , e fazer penitencia comigo nesta cova , não faça cerimonia , entre cá para dentro.

Taram. Ay minha tia , que me fallaraõ
daquella cova !

Vai-se.

Sang. Fôge , Taramella , que será algum
Satyro salvage.

Vai-se.

Esfuz. Senhor , não sabe , que travessos
olhos são os daquella boginica !

Teezo. Attende , e não falles.

Sabe Fedra.

Fedra. Não cessem , Ninfas , os reverentes
cultos , que em armoniosos hymnos dedica o nosso affecto às Deidades de Venus , e Cupido , por ver se com a nossa melodia se applaca o seu furor.

Teezo. Viste mais peregrina formosura ?

Esfuz. Attenda , e não falle.

Fedra. Profegui o acorde sacrificio de nossas vozes , dizendo :

Sabe

Sabe Tebandro.

Teband. Galharda Fedra, para que te fatigas em subir a esse elevado Templo de Venus, e Amor, se aqui neste lugar acharás ás Deidades, que procuras?

Fedra. Principe, não vos entendo.

Teband. Não buscas a Venus, e Amor?

Fedra. Esse he o meu reverente intento.

Teband. Pois se buscas a Venus, outra mais bella se admira em tua formosura; e se queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

Fedra. Não he esse o amor, a quem eu sacrifico.

Teband. Talvez que fosse bem empregada a victima desse affecto nas aras deste amor, que sem a impropriedade de cego, tem mais olhos do que Argos, para admirarte, e mais chammas, que o Vesúvio para abrazarme; admitte, pois. . . .

Fedra. Basta, Tebandro, basta Principe de Chypre; se me julgais Deidade, não queirais sacrilego ultrajar o meu decoro com tão improprios sacrificios, que mais offendem, do que applicação.

Tezeo. Hiréy impedirlhe não passe a mais o seu atrevimento; pois antes de ter amor, já sinto zelos.

Esfuz. Uy Senhor, vossa mercê he o guarda

da damas ? Deixe à gente fazer o seu amor; *Quod tibi non vis, alteri non facias.*

Teband. Senhora, se atrevido o meu rendimento chegou.

Fedra. Não mais, Príncipe, não mais: mas ay de mim, que já as Ninfas do Corovão muy distantes! Vou-me em seu seguimento. *Vai-se*

Teband. Ay de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada se ausentou! Porém se te apartas, tyranna, por não ouvir as minhas vozes, o mesmo vento, que te deu azas para a fuga, te levará os eccos dos meus suspiros.

Canta Tebandro a seguinte.

A R I A.

Se foges, tyranna,
De ouvir meus suspiros,
Suspende os retiros;
Porque de meus eccos
Não podes fugir.

Oh quanto te enganas
No mal, com que abrazas,
Se amor, que tem azas
Te sabe seguir! *Vai-se*

Sabem Tezeo, e Esfuziote da gruta

Tezeo. Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de não haver sahido da gruta, para admirar de mais perto aquella soberana bel-

belleza, e castigar a temeridade daquelle atrevido Faetonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

Esfuz. Tudo quanto os Deoses fazem, he por melhor.

Dentr. A' selva, ao bosque.

Dentr. Ariadn. Deoses, valei-me; quem me foccorre!

Tezeo. Daquelle visinho bosque não ouviste sentidas, e afflictas vozes de huma mulher?

Esfuz. Senhor, eu não sey, que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoses, valeime!

Tezeo. De mulher he a voz, não ha duvida; em que me detenho, que não vou a foccorrella? *Quer irse.*

Dentr. Dedal. Ay misero de mim!

Dedal. e Ariad. Ay infeliz!

Tezeo. De huma mesma causa parece nascem taõ differentes vozes: a qual das duas acodirey primeiro?

Esfuz. Eu, Senhor, aqui não tenho voz activa, nem passiva.

Dentr. Ariad. Não ha quem me foccorra?

Tezeo. Sim ha. *Vai-se.*

Esfuz. Ah Senhor, espere, não me deixe aqui só em poder dest'outra voz, que sou capaz de ficar sem falla.

Sabe

Sabe Tezeo com Ariadna desmayada.

Tezeo. Que estranho successo ! Que venturoso acaço ! Pois a não ser eu , seria esta infeliz belleza despojo da ferocidade de de huma fêra !

Esfuz. He fêra desgraça ! He fêra belleza ! He fêro desmayo !

Tezeo. Bellissima Deidade , cesse o violento eclipse de teus rayos , que os Astros dependentes das tuas luzes não pôdem brilhar , quando defalleceis.

Ariad. Monstro feroz , e indomito : matay de mim , que vejo !

Tezeo. Socégay , Senhora , que eu não sou a fêra , que vos quiz offender.

Esfuz. Nem eu tão pouco.

Tezeo. Que extasis vos suspende os alentos ! Ainda não credes , que sou quem vos defende , e não quem vos offende ?

Ariad. Como ignoro o modo de agradecer esta tão generosa acção , que muito me faltam as vozes , e me sobrem as admiracões ?

Tezeo. Huma casualidade não he digna de agradecimento ; mas já que o destino me conciliou a fortuna de ser eu o ditoso instrumento da vossa vida , quizera vos compadecesteis da minha , que em parocismos já quasi falece às mãos de huma doce violencia.

Ariad.

Ariad. Eu vos prometto defender a vossa vida, já que tanto me encareceis o feu perigo; e assim dizei-me, qual he o delicto, que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil preença!

à parte.

Tezeo. Senhora, sendo vós a culpada, eu he que sou o delinquente.

Ariad. Não entendo esse novo modo de criminar.

Tezeo. Dai-me licença, que me explique?

Ariad. Dizey.

Esfuz. Eilo-ahi meu amo namorado! Estamos bem aviados!

à part.

Tezeo. Essa animada esfera de belleza, que em atractivos incendios, sendo luminoso iman de meu peito; foy luzida remora de meu alvedrio, que perdendo este a natureza de livre, se considera prezo, para augmentar os despojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Estais louco? Adverti, que o ignorares quem eu sou, e o achar-se obrigada a minha vida ao vosso braço, faz com que reprima o castigo dessa temeridade. Oh dura ley do decoro; pois me hey de offender do mesmo, que me agrada!

à part.

Esfuz. Toma lá esse piaó na unha; ainda

Tom. II.

B

bem,

bem , quanto folgo !

à part

Tezeo. Notavel he o voffo rigor !

Ariad. Mayor he o voffo atrevimento. Oh
que espirito digno de animar o peito de
hum Principe !

à part

Tezeo. Já que a voffa tyrannia he igual à
voffa belleza , permitti ao menos , que
vos ame cá dentro em meu peito , para
que os fumos da victima não escureçaõ
as luzes da voffa Divindade.

Ariad. Para isso não he necessario licença
minha , que não posso impedir os effei-
tos do alvedrio.

Tezeo. Visto isso , poderey , amando comi-
go , esperar fer ditoso algum dia ?

Ariad. Bem podeis esperar ; porém sem ef-
perança. Valha-me amor , ou não me va-
lha , pois me quer precipitar !

à part

Tezeo. Defenganai-me , Senhora ; para que
ou com a esperança se alente o meu amor
ou acabe a minha vida na desesperaçãõ

Ariad. Não sey o que vos diga. Vou-me
antes que a lingua obedeça aos impulsos
do coração.

Quer irse. à part

Tezeo. Sem dar-me reposta , não he razaõ
que vos vades ; já que abatestes os voos
ao meu amor , deixay ao menos voar a
minha esperança.

Esfuz. Senhor , olha que te deitas a per
de

der no que pedes ; pois se queres , que
você a tua esperança , ficarás sem ella.

Tezeo. Deixa-me , louco. Dizei-me , Se-
nhora , ferey feliz ?

Ariad. Eu volo digo.

Canta Ariadna a seguinte.

A R I A.

Dous finos affectos
Nesta alma conservo :
Hum delles reservo.
Se he amor , ou piedade ,
Dizello não fey.

Porém se no extremo
Porfias constante ,
Affecto de amante
Que seja , farey.

Vai-se

Tezeo. Espera , esquiva Deidade ; se que-
res correr mais ligeira , deixa o alvedrio
que me levas , e leva as penas que me
deixaste.

Esfuz. Entendo , que se agora viera outra
Ninfa , terceira vez te namoravas ?

Tezeo. Ay , Esfuziote , que me sinto abra-
zar em vivo fogo.

Esfuz. Pois lança-te agora ao mar , que he
boa occasião. Mas dize-me , Senhor ,
quando viste a Fedra , não querias ma-
tar ao Principe de Chypre com zelos del-
la ? Pois como tão depressa te queres

matar a ti pelo amor desta Senhora caçadora?

Tezeo. Não injuria ao Sol quem, antes de o ver, adorou huma Estrella; porém depois de visto o seu resplendor, seria agravo de suas luzes, não preferillas a todos os astros.

Esfuz. Vês, Senhor? Se eu te deixara lançar ao mar, como querias, não tiveras visto agora tanta formosura; não te arrebatas; não te namoraras; não te abrazaras, e.....

Tezeo. E não te matara tambem; pois se me não impediras lançar-me a essas aguas, não sentira agora esta violenta chamma de amor; e pois tu es a causa desta violencia, sentirás parte do estrago, que me arruina.

Dá-lhe.

Esfuz. Ay Senhor, para que me dá agora esse Esfuziote? Deixe por ora esses namoricamentos, lembre-se, que o espera devorante goella de hum Minotauro.

Tezeo. Ainda por isso duplicas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar escuzara sentir as furias destes monstros de amor, e Minotauro. Ay tyranno Esfuziote, que me privaste do mayor bem, que era o morrer!

Esfuz. Uy Senhor, não seja essa a duvida, se

se só por huma causa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-se já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu desafogo.

Esfuz. Ay Senhor, que alli ha mina? Vam-nos a ella; ay! Mina temos? Grande fortuna me espera.

Ao irse chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta esta com estrondo, e labareda, e ficará Esfuziote submergido debaixo das ruinas, das quaes sahirá Dedalo.

Esfuz. Ay quem me acode, que dey à costa na mina!

Tezeo. Que horrendo estampido! Parece que a terra presaga da minha ruina em estragos publica a minha desgraça.

Sabe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foy isto, Esfuziote? Levantate. Mas que novo espectaculo se offerece à minha admiração! Quem es espantoso aborto dessa penha?

Dedal. Sou hum misero infeliz, e taõ desgraçado, que a terra sendo mãy commua para todos, a mim de si me arroja, como madrastra.

Esfuz. Senhor Tezeo, resuscite-me desta espelunca, adonde estou enterrado.

Tezeo.

Tezeo. Esperay, não vos vades, em quanto vou acodir a este pobre criado, que jaz opprimido debaixo da ruina daquelle gruta.

Esfuz. Ande depressa, Senhor, que estas pedras me não edificaõ muito.

Tezeo. Ergue-te, anda; he bem feito para castigo da tua ambição: quem te mandou ir ver a mina?

Esfuz. Porque, taõ fraca he a minha ambição, que tivesse pavor de chegar a essa mina? Mas ay de mim, que estou mimado de dores, e tomara alguma contra-mina, que me farasse os ossos!

Tezeo. Homem, quem quer que es, communica-me a causa das tuas penas, pois segundo o arrojo, que intentaste, parece nascida de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se suppoens extraordinaria a causa deste excessõ, como posso fiar de ti a narraçãõ de meus successos, sem saber com quem fallo, pois no silencio confervo a minha vida? E assim sabendo primeiro quem tu es, entãõ saberás quem eu sou.

Esfuz. Este sem duvida he aquelle Senhor da voz grossa, que nos metia medo.

Tezeo. Para que vejas, que a minha curiosidade

fidade he sincéra , quero dizerte quem sou , para que da minha pessoa possas inferir , que sou capaz de ser instrumento da tua felicidade. Depois , que os Athenienses barbara , e aleivosamente em hum torneyo mataraõ ao Principe Androgeo , filho de Minos , Rey de Creta , este justamente indignado contra os Athenienses , fazendo huma liga offensiva com os Principes do Archipelago , se lançaõ sobre Athenas , para resuscitar com o estrepito das armas o marcial espirito de Androgeo. Tres annos esteve Athenas cercada , e reduzida à ultima miseria ; até que para salvar os prostrados fragmentos de tantas vidas , que inermes pereciaõ a violencias da fome , e da corrupção , levantando-se o povo tumultuariamente , capitularaõ com El Rey Minos , offerecendo-se à sua discricião.

Esfuz. Tudo aquillo me contava minha Avó.

Tezeo. O barbaro Rey , vendo que de huma vez não podia beber o sangue dos Athenienses , impoz o rigoroso tributo , de que todos os annos pagasse Athenas sete mancebos para alimento de hum monstro , que chamaõ Minotauro , que dizem habita dentro em hum Labiryntho.

Dedal.

Dedal. Ay de mim!

Tezeo. Que? Suspiras?

Dedal. Profeguei, que os meus suspiros não são sem fundamento.

Tezeo. Era pois a forma deste tributo sem excepção de pessoa alguma por mais soberana, que fosse; para o que todos em huma urna lançavaõ os seus nomes, e por sorte se tiravaõ sete mancebos, que se enviavaõ para Creta a serem combustivo feudo do Minotauro.

Esfuz. Se isto não estivera em letra redonda, haviaõ de dizer, que era mentira.

Tezeo. Este anno (ay infeliz!) entre os sete do tributo fuy eu hum delles, que nem o nascer filho delRey de Athenas, e ser o valeroso Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foy bastante para isentarme deste tributo; para o que, preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, não sey se propicios, ou indignados, depois de ser ludibrio das ondas, despedaçando o nosso baxel, sem duvida perecera, se huma taboa delle não fora o delfim de minha vida, que piedoso-me conduzio a estas prayas, sem saber aonde estou. E pois já te tenho satisfeito, fia agora de mim os teus successos,

cessos , para que aches em minha generosidade o favor , que as tuas miserias estaõ conciliando.

Esfuz. Vejamos agora , o com que se descarta este barbado.

Dedal. Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens , acho que ha outros , que nascerãõ com mais infeliz estrella.

Tezeo. Explica-te, naõ me tenhas suspenso.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma coisa, ainda que seja huma fabula.

Dedal. Eu sou , generoso Principe , o infeliz Dedalo, aquelle , que por suas extraordinarias maquinas , e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Basta que sois aquelle celebre Dedalo , cujas artificiosas idéas tem merecido os elogios do Orbe ? Naõ sabeis quanto me alegre ver hum homem taõ grande.

Esfuz. Basta que vossa mercê he o Senhor Dedalo , padre mestre das minas a pizar do meu corpo ? Ay, espere ; vossa mercê naõ he o pay do Senhor Icaro ?

Dedal. Tu conhecestes a Icaro , meu filho ?

Esfuz. Eu naõ , Senhor , mas lembra-me de o ver pintado com humas azas , que cahin-

cahindo em hum rio , se foy como hum
passarinho.

Tezeo. Calate, nescio ; profeguei, Dedalo.

Dedal. Profigo: Vivendo eu na Corte del-
Rey Minos de Creta, com a estimaçãõ,
que mereciaõ as minhas raras idéas, suc-
cedeo, que Venus indignada contra o
Sol, que em certa occasiaõ patenteou
as suas torpezas, naõ podendo vingarse
em suas luzes, pedio a seu filho Cupi-
do, que contra a Rainha Pazife fulmi-
nasse o seu rigor, fazendo Cupido a inf-
tancias de Venus, que Pazife se namo-
rresse de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom
gosto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de taõ torpe, e ne-
fando amor, pedio-me, que lhe desse re-
medio a taõ louco incendio, em que se
abrazava, fazendo com alguma maquina
minha, com que ella pudesse lograr o
seu intento, antes que a sua cegueira
produzisse olhos, que vissem publica-
mente esta nunca vista temeridade de
Cupido; eu em fim por escusar mayor
escandalo, me resolvi a fabricar huma
Vaca, com tanto artificio, que apenas
se distinguia das outras viventes; pois
no movimento, e aspecto, parece quiz
esta

esta vez competir a arte com a natureza.
Esfuz. E essa Vaca havia de ser deleite para Pazife.

Dedal. Fabricada assim a Vaca, por huma escotilha, que nella fiz, se introduzio Pazife, em cuja figura artificialmente transformada foy facil enganar ao Touro, a quem amava; o de mais calla-o, silencio, porque se naõ offenda a modestia.

Esfuz. Sim, bem entendo; sim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

Dedal. Deste nefando amor nasceo hum monstro de duas especies, pois era meyo homem, e meyo Touro, por cuja causa o chamaraõ Minotauro.

Esfuz. Desses monstros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ay Dedalo, que tu foste a occasiaõ da minha desgraça!

Dedal. E tambem da minha: ora attende: vendo Minos naquelle monstro a sua perpetua infamia, me ordenou, que para morada delle fabricasse hum estupendo, e grande Palacio, com taõ equivoacas entradas, e sahidas, que quem nelle se introduzisse, naõ pudesse atinar com a porta, para sahir, ficando prezo na sua mesma liberdade; que por este enredado artificio se chamou o Labyrintho de Creta,

Tezeo.

Tezeo. Segunda vez te confidero artifice de minhas infelicidades.

Esfuz. Que direy eu, que tenho o corpo esparramado?

Dedal. Em fim, como não ha cousa, que se não saiba; quiz a minha desventura, que chegasse à noticia delRey Minos, que eu tinha cooperado para o nascimento do Minotauro, por cuja causa me mandou encerrar no mesmo Labyrintho, que eu fabriquey, na parte mais inferior delle, adonde a minha industria, e desesperação, fez com que minando com ardentés materiaes as entranhas da terra, sahisse desta gruta, como viste.

Tezeo. Visto isso, estamos em Creta, e às portas do Labyrintho?

Esfuz. E às portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, não has de mentir; por isso, tanto que eu puz os narrizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem pôde isentarse da violencia dos fados.

Dedal. Principe, já que neste bosque de ninguem fostes visto, escondi-vos nesta mesma mina, até que tendes occasião de fugir da morte, que vos espera.

Tezeo. Que quer dizer fugir? He acção, que

que nunca exercitey. Que dirá o Mundo, se se disser, que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monstro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz. Não tem, que se cansar, que este Senhor anda morto por se matar.

Dedal. Como vos não quereis esconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanharvos nelle, me resolvo a ser outra vez habitador da sua confusão, para que ao menos com a minha industria possais vencer esse monstro, e vingarmo-nos desse tyranno Rey, que à vossa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dedalo, eu te prometto, que se entro em Athenas triunfante, serás em minha Corte premiado, como merece taõ generosa acção.

Dedal. Pois a Deos, Principe, que lá te espero.

Torna a irse pela gruta.

Esfuz. A Deos, Senhor Dedalo, vossa mercê faça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que se revelares o que ouviste, serás castigado por ElRey meu pay, pois o braço de hum Rey chega a toda a parte; e se fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer este monstro, te prometto hum premio igual à tua lealdade.

Esfuz.

Esfuz. Senhor, nem todos os criados haõ de ser lambareiros; peça a Deos, que me tenha maõ na lingua, que eu da minha parte farey o que puder, ainda que me custe.

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Ay Tezeo, que infeliz ventura foy a minha! Pois quando te julguey naufragante nessas ondas pela tormenta, em que tantos baixeis da nossa armada pereceraõ, aqui te venho a encontrar, depois de procurarte por toda essa marinha, para seres alimento do Minotauro: Oh que desgraça!

Tezeo. Licas amigo, muito me alegre de verte; e pois que em Creta vives com o caracter de Embaixador de Athenas, para fazeres a funesta entrega dos sete infelices tributarios do Minotauro; vem a apresentarme a esse tyranno Rey, para que facie em nosso sangue a sede de sua impiedade.

Licas. Oh quem naõ tivera tal incumbencia!

Esfuz. Ah Senhor Embaixador, saiba Vossa Senhoria, que eu naõ morri na tormenta.

Licas. Estimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

Tezeo.

Tezeo. Dizei-me primeiro quem era huma Ninfa, que seguida de outras em hum festivo coro por aqui passou, chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRey, que com a bella comitiva hiaõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem sacrificaçõ todos os annos, para que se applaque o seu rigor, fazendo com que cesse a infame injuria do Minotauro.

Tezeo. E naõ era mais facil matar o Minotauro, para que cesse a sua affronta?

Licas. Naõ, que este monstro, como consagrado a Venus, e Cupido, corre por conta destas Deidades a sua conservaçõ.

Esfuz. E diga-me, Senhor Embaixador, quem era huma semininfa, chamada Taramella, que tambem hia nessa turba multa raparigã; e por final, que quando andava, levantava os pés do chaõ?

Tezeo. Naõ te callarás?

Esfuz. Uy Senhor, cadaqual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrey da ferocidade de huma fêra?

Licas. Seria sem duvida a Infanta Ariadna, filha tambem delRey Minos, que mais adora a Diana nos bosques, do que a Venus nos templos,

Tezeo.

Tezeo. Ay Licas, que essa Ariadna.

Licas. Senhor, vamos; não cuides por ora nisso.

Tezeo. Foy a homicida.

Esfuz. Senhor, lembre-se da sua alma, e deixe Ariadna.

Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro.

Licas. Vamos, Senhor. *Vai-se.*

Tezeo. Vamos, Licas: ay Ariadna! *Vai-se.*

Esfuz. Ay Minotauro! *Vai-se.*

S C E N A II.

Templo com as Estatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sabe Lidoro, e canta-se o seguinte.

C O R O.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. **Q**Uiz anticiparme neste Templo de Venus, e Cupido, por ver se nelle encontro a bella Ariadna, e mostrarlhe a semrazaõ de sua tyrannia, e o justo motivo do meu incendio; pois sem que me valha o ser Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por vir a esta

a esta de Creta, só a pertender o seu ditoso Hymenêo, com tudo o seu rigor sempre implacavel se mostra às minhas finezas. O' Deidades soberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a vítima de meu coração, fazey que seja ditoso, quem sabe ser amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle. . . . Mas quem está aqui?

Lidor. Quem ha de ser, senão huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera Clicie de vosso resplendor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor; não tem bastado tantos desenganos, para despersuadir-vos, que mais facil será, que o Sol não allumie, que a escuridade resplandeça, e que o fogo esfrie, que no meu peito possa haver amor, com que corresponderos?

Lidor. Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

Ariad. Admiro-me, que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

Lidor. Assim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obrastes sem minha licença, sabendo, que nisso me offendieis?

Lidor. Pois para que não vos offenda quem só vos deseja agradar, eu me retiro dos vossos olhos, que só por darvos esse prazer, ferey cruel para comigo. *Quer ir-se.*

Sabe o Rey, Fedra, e Tebandro.

Rey. Lidoro, que he isso? Quando todos vimos a este annual sacrificio, que em oblação reverente consagra o nosso rendimento nas aras dessas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurar-te hia, vendo, que tardavas.

Rey. Fedra, Ariadna, não cessem as vossas rogativas, para que essas Deidades menos indignadas nos livrem da perpetua infamia desse Minotauro, como labéo affrontoso da nossa regia estirpe. Ay Pazife fragil, seja a tua memoria abominavel nos seculos futuros!

Teband. Senhor, temo, que essa melancolia te acabe a vida; lembra-te, que es ElRey Minos, para que com a tua contancia toléres os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Vossa Magestade deve buscar algum meyo efficaz, para que cesse a sua mágoa, e a nossa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio, excepto

to o meu tormento.

à part.

Ariad. Senhor , se estamos neste Templo de Venus , e Amor , porque naõ consultas o seu Oraculo , para que nos declare , quando terá fim a vida do Minotauro ?

Rey. Ariadna , esse conselho he filho do teu subtil engenho ; pois attençaõ , que nesta fórma consulto o seu Oraculo. Venus soberana , compadecida a nossos gemidos , e grata a nossos votos , declaranos , quando terá fim a vida do Minotauro , cuja existencia aviva a nossa ignorancia.

Canta o Oraculo o seguinte.

Quando desse biforme monstro horrendo
Vires ser alimento combustivo
Hum vivo morto , e hum morto vivo.

Rey. Enigmatica , e prodigiosa he a reposita ; pois diz , que terá fim a vida do Minotauro , quando lhe servir de alimento hum vivo morto , e hum morto vivo.
Quem vio mayor confusaõ !

Lidor. He estylo dos Oraculos responderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio !

Lidor. Ainda em mayor duvida ficamos ;
pois como poderá servir de alimento
hum

hum morto vivo, e hum vivo morto?

Todos. Quem será este morto vivo?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rey. Tezeo differaõ alli; parece mysterio, o que seria casualidade.

Teband. Casualidade he; pois quem poderá ser morto, e vivo, ao mesmo tempo?

Sabem Tezeo, Licas, e Esfuziote.

Tezeo. Eu; eu sou, ò Rey Minos, o Principe Tezeo, hum dos sete infelices, que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foy sobre quem este anno cahio à infeliz sorte do tributo; taõ rigoroso he o escrutinio, que nem a sua regia pessoa se pôde isentar.

Rey. Tudo o que vejo são prodigios! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés se offerece, quem já nem he senhor da sua vida para dedicarta; porém estes breves instantes, que o alento se me dilata, desejava diminuillos, para que mais depressa se satisfazça a tua vontade. *ajoelha.*

Rey. Levantai-vos, esclarecido Tezeo, que supposto vos conduzisse a fortuna a taõ infeliz estado, fereis entre tanto respeitado como Principe, e não como réo.

Esfuz.

Esfuz. He muito boa consolação! Aquil-
lo he o mesmo, que engordar para ma-
tar.

Ariad. Ay de mim, que Tezeo, foy quem
me livrou daquella féra no bosque! à p.

Fedra. Oh quem pudera livrar a Tezeo,
de tão funesta morte, pois a sua presen-
ça conciliou em meu peito, não sey se
amor, ou compaixão! à part.

Tezeo. Principe, sinto com a minha vida
não poder remediar a vossa; porém o
vosso valor será o lenitivo dessa infelici-
dade.

Lidor. Tezeo, os que nascemos Principes
isentos da jurisdicção humana, não nos
podemos eximir da violencia dos astros,
que influem rigorosos; e assim não he
necessario lembrarvos de quem sois, pa-
ra infundir alentos ao vosso espirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as vossas
piedades nesta occasião são inuteis.

Esfuz. Que esteja meu amo recebendo em
sua vida os pezames da sua morte! He
boa paxorra!

Tezeo. Esfuziote, aquella não he a Ninfa,
que eu tive em meus braços desmayada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella he a mesma; e
vejaõ o que tem crescido! Ah Senhor,
e tambem a outra he aquelloutra.

Rey.

Rey. Dizey-me, Embaixador: E todos'os sete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo?

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempestade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios só se achão seis com o Principe.

Rey. Eu não hey de receber menos numero, que o de sete; pois nem ainda todo esse fangue he bastante, para illidir as manchas de vossas aleivosias.

Esfuz. Este Rey será amigo de sarapatel?
à part.

Tezeo. Senhor, sendo eu Principe, parece, que valho por dous.

Licas. E quando não, aqui está este criado, que completará o numero dos sete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, façame mercê de se não meter com as vidas alheas; he boa graça!

Licas. Não vês, que ElRey está teimoso, em que sejaõ sete, e não ha senão seis; e como tu estás aqui, por força has de ser humi delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requero a Vossa Magestade. . . .

Tezeo. Adverte, que ElRey chama-se Minos, e não Minotauro.

Esfuz.

Esfuz. De Minos a Minotauro pouco vay.

Licas. Senhor, Vossa Magestade faiba, que este homem he hum tonto.

Esfuz. Sim, Senhor, sou taõ tonto, que desse monstro naõ quero ser comido por concomitancia; e logo requeiro a Vossa Magestade, que o Minotauro menaõ póde comer.

Rey. Porque?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rey. Porisso mesmo te comerá.

Esfuz. Naõ, Senhor, que quem me quer mal, me naõ póde tragar.

Lidor. O homem he divertido, quero apurrallo: homem, o Minotauro naõ sabe fazer differença de amigos, e inimigos.

Esfuz. Ainda essa he peyor! Pois, Senhor, eu defengano, que se o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre sem falta.

Lidor. Porque?

Esfuz. Porque sou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoso, e hum veneno naõ mata outro veneno.

Esfuz. Para que se cansaõ, Senhores? Saibaõ, que eu para alimento sou muito indigesto.

Rey. Seja como for, elles haõ de ser sete mancebos os do tributo.

Esfuz.

Esfuz. Aque de Vossa Magestade; Senhor, por força haõ de ser sete mancebos?

Rey. Assim foy a capitulaçaõ.

Esfuz. Pois eu naõ posso servir para isso.

Lidor. Porque naõ?

Esfuz. Porque naõ; porque eu naõ sou sete mancebos, sou hum só; e ainda esse sabe Deos o que vay por cá.

Lidor. O Minotauro naõ ha de engolir os sete mancebos juntos por huma vez, senaõ hum a hum.

Esfuz. Uy, Senhor, que tem o Minotouro, que se amancebar com a minha vida?

Lidor. Senhor, o criado convem conserallo, que he galante.

Rey. Andar cuidaremos nisso: o Embaixador hospéde a Tezeo; Lidoro, vem comigo. *Vai-se*

Lidor. Ainda sem esse preceito iria, só por naõ ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vai-se.*

Fedra. Toda a minha alma occupa a pessoa de Tezeo: verey se acho algum meyo de redimir a sua vida. *à part. e Vai-se.*

Teband. Vamos, coraçãõ, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *à p. e Vai-se.*

Licas. Tezeo, vem. *Vai-se.*

Tezeo. Vay, que eu te figo.

Esfuz. Vá-se cos diabos Embaixador de huma

huma figa, que eu lha pregaréy.

Tezeo. Bellíssima Ariadna, que venturosa seria a minha morte, se eu levava a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conservado este extremo de meu amor! Lembra-te, bella homicida, não de me isentares da morte, que me espera, mas fim deste amoroso tormento, que me afflige.

Ariad. Tezeo, quando no bosque vos consideréy forasteiro, reprehendi o vosso atrevimento, e agora que vos reconheço Principe, estranho muito o vosso delicto; e pois quando me déstes a vida, prometti defender a vossa, estou prompta a cumprir a minha palavra. Ay amor, quem pudera declarar-se! *à part.*

Tezeo. Não peço recompensa de huma acção, que ao principio não soy executada a vosso respeito, por ser casual aquelle arrojo do meu valor, e natural obrigação de hum generoso peito: só desejava, que não desprezasseis este bem nascido affecto de meu amor.

Ariad. Principe, aceitay por ora a minha recompensa, que quem vos ampara a vida, talvez que a faça venturosa.

Esfuz. Aceita, Senhor, que ao máo pagador, em farellos.

Tezeo.

Tezeo. E quem me assegura essa esperança?

Ariad. Se não vos satisfazeis da minha palavra, solemnemente o jurarey nessa immortal pyra de Venus, e Amor.

Tezeo. Pois eu tambem para revalidar o meu voto, nessa chamma de amor, ferrey Fenix da minha fineza, para que das cinzas dos teus estragos renasçaõ os extremos dos meus ardores.

Cantaõ Ariadna, e Tezeo o seguinte.

Tezeo. O' tu candida filha do falso elemento.

Ariad. O' tu cega Deidade, que as almas dominas,

Tezeo. Sabey, que eu amante,

Ariad. Sabey, que eu constante,

Tezeo. Prometto abrazarme de amor nos incendios,

Ariad. Prometto guardar do Principe a vida,

Tezeo. Com fé inviolavel,

Ariad. Com voto sagrado,

Ambos. Da morte, e da vida no ultimo estado.

Vaõ-se.

Esfuz. Não me póde esquecer alcovitar-me o Senhor Embaixador, para que eu fosse pastinho do Minotauro! Mas pelo fim, pelo não, já que me acho recolhido no sagrado deste templo, daqui não sahirey, ainda que me deitem a páos:
mas

mas ay, que ahy vem aquella moça chamada Taramella, que eu ví no bosque! Eu me escondo atrás desta Estatua, para que me não veja, e observarey o que faz.

Poem-se Esfuziote a traz da Estatua, e sabe Taramella com huma vassoira na mão.

Taram. Graças a Cupido, que já todos se foraõ, e poderey sem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito de varrer todos os dias este Templo de Venus, para que me case com hum moço França, destes de pasta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

Esfuz. Ay que Taramella quer que Venus a case! E ella o fará! Valha-me agora a industria de amor.

Varrendo o Templo Taramella, canta o seguinte.

Taram. Ay amor, se me dás hum marido, Vassoira vivente do Templo ferey.

Esfuz. Quero fingir, que sou Venus.

Canta Esfuziote o seguinte em falsete.

Taramella, se queres marido
Aqui mesmo no Templo, no Templo o darey.

Taram. Ay que Venus me responde favoravel à minha petição! O' minha Deo-fa, dizei-me outra vez quem será o meu ditoso marido?

Can-

Canta Esfuziote o seguinte Recitado em falsete.

Teu marido será em teu conforto

Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante reposta ! Entendo, que nunca casarey ; pois como pôde ser meu marido hum vivo morto ?

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu : Sapientissima Taramella, hum naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das marefias, vem hoje a offerecer o traquete do seu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formosura se ostente troféo da tua galhardia.

Taram. Que galante coufa ! Explique-se, que eu ainda não sey o que vossa mercê me disse.

Esfuz. Saõ effeitos do crepitante incendio, que o bolcaõ de meu peito transpira pelos meatos do idioma.

Taram. Senhor Estrangeiro, eu não entendo palavra.

Esfuz. Já que não entendes de estylos creppos, te fallarey em frases estiradas : Eu, Senhora Taramella, sou hum Soldado da fortuna, que a venho buscar mais dito-

ditosa no conjugio de vossa mercê.

Taram. Tire-se para lá , não venha zombar da gente ; ande , vá-se , deixe-me acabar de varrer , para que entre o lixo do Templo encontre o marido , que a Deosa me promette.

Esfuz. Suspende , galharda Ninfa , essa vafoira dos sentidos , essa escova das almas , esse basculho do coração , esse espanador das potencias , e esse esfulinhador dos affectos ; pois já por ti me confidero louco varrido.

Taram. Ay Senhor , não me falle nisso , que eu sou muito fizudinha , e huma moça donzella , que estou aqui para honra , e casamento.

Esfuz. Se estás aqui para honra , e casamento , tudo achaste em mim.

Taram. E de que sorte ?

Esfuz. Eu te digo : se estás para casamento , aqui tens marido , e se para honra , honra terás se cafares comigo ; e não digo o mais , pois sem saber se me queres , não te direy quem sou.

Taram. Pois tó saberey querer , quando souber quem vossa mercê he.

Esfuz. Pois , Taramella , promettes pôr o teu nome na boca ?

Taram. Sou tão callada , que não como ,
por não abrir a boca.

Esfuz.

Esfuz. Já que estaõ secreta, saberás, que eu sou o Principe Tezeo, sobre quem cahio a sôrte, (ou o azar, para melhor dizer) de ser alimento do Minotauro: eu para escapar desta comichaõ, me ajustey por huma grande somma de dinheiro com hum criado meu, chamado Esfuziote, para que dissesse, que era eu, e dêsse a vida por mim; e como o criado me queria bem, naõ foy difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens, que se mataõ por dinheiro?

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os vestidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ay Senhor, Vossa Alteza, sendo quem he, quer casar com huma rascoa, podendo empregarse em huma Princeza?

Ajoelha.

Esfuz. Levantai-vos: prometti a Venus em huma tempestade, que tive, casar com a primeira mulher, que visse em terra, que fosse tu, se acaso te lembra hum beliscaõ, que te dey hoje, vindo tu dançando por esses bosques.

Taram. Ay, he verdade; basta, que foy V. Alteza?

Esfuz.

Esfuz. Fuy eu , que te quiz marcar com a unha , para a todo o tempo te conhecer ; pois que dizes ? Está justo o teu amor , ou ainda pecca em alguma desconfiança ?

Taram. Senhor , tudo está muito bem ; mas Venus me disse , que havia ser meu marido hum vivo morto , e Vossa Alteza não he morto vivo.

Esfuz. Isso he o que te parece ; queres ver como eu sou esse , que te disse a Deusa ? Ora attende.

S O N E T O .

Eu sou , ò Taramella , o vivo morto ,
Que por ti me imagino morto , e vivo ;
Mas não cuides , que vivo , porque vivo ,
Pois ainda que vivo , vivo morto :

Na covade hum desdem me enterras morto ,
No aceno de hum favor me alentas vivo ,
Se me affagas , desperto como vivo ,
Se te agastas , esfrio como morto :

Nesta batalha , pois , de morto , e vivo ,
Na vida de hum favor me alentas morto ,
Na morté de hum desdem me matas vivo :

Sou em fim , morto vivo , e vivo morto ,
Se qual Fenix nas cinzas , quando vivo ,
Mariposa nas chammas , quando morto .

Taram. Já sey , que Vossa Alteza he o vivo ,
vo ,

vo, e morto, que me disse a Deosa
mas como casa por voto, e não por
amor, será o seu matrimonio mais por
força, que por vontade.

Esfuz. Taramella, no amor toda a vontade
de he forçada; pois quem por seu gosto
to ha de appetecer os sopapos de Cupido,
e os pontapés de Venus, que para
adorno do seu rigor fazem galla da tyrania,
e gallacé do martyrio?

Taram. Para que socegue a minha desconfiança,
e acredite o seu amor, meta
Vossa Alteza a mão naquelle fogo de
Amor, no qual se experimenta dos amantes
a constancia; se a chamma o não abraçar,
conhecerey, que me quer bem, e
quando não, he certo, que quem se
queima, alhos come, que essa he a virtude
especial daquelle fogo.

Esfuz. E que tem o amor com os alhos?

Taram. Não vê, que o alho destroe a virtude
do Iman, que he o symbolo do amor?

Esfuz. Isso he cousa de Poetas; mas se
queres, que pelo meu amor meta a mão
nesso fogo, eu o farey, que se elle não
abraza a quem ama, seguro estou de ofenderme
o seu incendio.

Taram. Ora vá, e não trema.

Cantaõ Esfuziote , e Taramella a seguinte.

ARIA A DUO

Taram. Meta a maõ na chamma ardente,
E vérey o seu amor.

Esfuz. Tu verás como valente
Naõ me abraza o seu ardor ;
Mas ay, que me abraço ! *Mete a maõ.*
Mas ay, que me queimo !

Taram. Assopra.

Esfuz. Eu assopro.

Taram. Vá-se dahi, *E fuz. quã.*
Já sey me naõ ama. *do fallia em*

Esfuz. Se vês, que me inflammo, *fogo aponta*
Porisso te amo. *para o seu*

Ambos. E se acafo inda o duvidas, *ram. para a*
Este fogo to dirá. *pyra.*

Taram. Já tenho entendido, *Na palavra*

Esfuz. Já tenho alcançado, *ahi aponta*

Taram. Que o cego Cupido, *Taram. para*

Esfuz. Que o monstro vendado, *o peito deEsfuz. e este pa-*

Ambos. Abi naõ está. *ra a pyra.*

Sabe Sanguixuga.

Sang. Tambem este murro to dirá , defa-
vergonhada , louca , furada do miollo ;
tu aqui cantando só hum Duo com hum
machacaz ? Ay mofinos sessenta e tres an-
nos !

Taram. Minha tia , naõ se agaste , que mal
sabe o que vay.

Sang. Que vay , nem que vem ? Que fazias ahi dando à taramella com esse magano ?

Taram. Ay que blasfemia ! Não diga tal , que mal sabe quem alli está.

Esfuz. Sempre hey de encontrar com velhas ! He bom fadario !

Sang. Pois dize-me , que homem he esse ?

Taram. He hum homem grande ; nós fallaremos mais de vagar.

Sang. Homem grande he besta de páo , e tu es besta em carne , que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuz. Que he isso , Taramella ?

Taram. Senhor , he minha tia , que se vem pôr aos pés de Vossa Alteza. Tia , faça o que lhe digo , que não sabe a fortuna , que nos espera. *à part.*

Sang. Senhor , Vossa Alteza dê-me os seus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés , ficareis com quatro.

Sang. Senhor , Vossa Alteza releve a minha desattenção , que eu o não conhecia.

Esfuz. Não vos culpo o não conhecerme , que nós os Principes não temos sobrecrito ; e ainda que o tivera , como não sabeis ler , não podieis soletrar no alfabeto

beto de minha pessoa os caracteres de
minha nobreza : levantai-vos ; como vos
chamais ?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixuga ? Não vos peze , que
em certa parte valereis muito.

Sang. Isso são favores , que Vossa Alteza
me faz.

Esfuz. Pois ficaivos embora , e dizey a
vossa sobrinha , que vos participe o bem,
que lhe espera : guarday segredo , que a
vós tambem vos casarey com o meu Em-
baixador , para que a vossa descendencia
faya à luz.

Sang. Ay Senhor , eu já sou quinquage-
naria, e não sey se poderey casar.

Esfuz. A'gora ; ainda estais capaz de rom-
per humas sólas ; e no caso que vos seja
necessaria menos idade , eu vos manda-
rey passar huma provisãõ , para que te-
nhais sómente quinze annos. *Vai-se.*

Sang. Rapariga, que diabo he isto ? Con-
ta-me , que estou confusa.

Taram. Senhora , aqui não he lugar disso ;
vamos para casa , que lá saberá cousas
nunca vistas. *Vão-se.*

S C E N A III.

Camera. Sabe Fedra.

Fedra. **D**Epois que no templo vi ao Príncipe Tezeo, não sey, que doce attractivo se sculta em sua pessoa, que por mais que o desvie do pensamenso, me penetra o coração! Oh ninguem estranhe os precipicios de amor, que do mais isento peito sabe triunfar! E pois me confidero amante, bem he, que defenda a sua vida.

Sabe Lidoro.

Lidoro. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentaõ os desprezos de Ariadna, recorrerey ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o seu desdém com outro desdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui está.

Fedra. Lidoro, que profunda tristeza vos penaliza? Por ventura minha irmã não merece jubilos em vosso coração?

Lidoro. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguey a esta Corte de Creta a pretender esposa na Regia estirpe de Minos, vosso pay, por achar ao Príncipe de Chipre pretendendo a vossa belleza,

leza , foy preciso por não desgostar ao Príncipe no seu empenho , ferver eu a Ariadna ; porém como este rendimento era mais hypocrisia da politica , que rendimento de hum verdadeiro culto , sempre ardeo impura a victima , e violento o sacrificio ; porque o mesmo suspiro , que o incendia , era parocismo , que o aniquilava ; e assim , galharda Fedra , se até aqui viveo opprimida a minha inclinação a violencias de hum respeito , agora que impaciente a minha dôr rompe o reverente silencio , desejara , não que premiaffeis a minha fineza , mas sim que recebeffeis o tributo de minhas adorações.

Fedra. Cuido , Lidoro , que o voffo amor degenerou em loucura.

Sabe Ariadna ao bastidor.

Ariad. Verey se encontro a Tezeo. Mas aqui está Fedra com Lidoro : esperarey , que se vaõ.

Lidor. Só a vós , galharda Fedra , consagro os finos ardores de meu peito.

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar essa fineza , como toda a Corte sabe , que publicamente servis a Ariadna , seria indecente defatenação corresponder eu a hum amante de minha irmã.

Ariad.

Ariad. Que ouco ! Lidoro pretende a Fedra ? Se eu lhe tivera amor , motivo havia para ter zelos.

Lidor. O mostrarme algum dia amante de Ariadna pode-se emendar com algum pretexto de razã de estado , que nos Principes he licito o variar de intentos ; pois sempre se doura a defatençaõ com o interesse da Monarquia. Mas cuido , que ahi veyo Ariadna ; eu me retiro , Senhora , para que vejais , que só na vossa vista me elevo.

Esconde-se Lidoro junto ao bastidor , e sabe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro , se sey vingar os meus desprezos.

Sabe Tebandro ao bastidor.

Teband. Vou receber de Fedra o ultimo defengano. Mas com Ariadna está ; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar defatenças , por esse motivo me animo a dizerte , que como sey desdenhas ao Principe Tebandro , e eu tambem por natural antipatia aborreço a Lidoro , que troquemos os amantes , para que na mudança dos sujeitos mude tambem o coração de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga , não sem causa eraõ os teus desvíos ! Te-

Teband. Ariadna me favorece , não será defacerto vingarme de Fedra.

Ariad. Só deſſa ſôrte será ditoso o noſſo hymenêo. Fedra , que dizes ?

Fedra. Eu não troco a quem adoro por nenhum outro amante ; pois vivo tão fatiſeita com o meu amor , que não acho outro equivalente , que o poſſa recompenſar. Ay Tezeo , só a ti ſe dirigem os mudos ſuſpiros de meu peito. *à part.*

Teband. Alma , respiremos.

Lidor. Quem vira o ſeu amor tão premia-do !

Ariad. Se ſey desprezas a Tebandro , para que affectas eſſe carinho , só para que não tenha a fortuna de verme querida delle ? Olha , que em Lidoro acharás melhores finezas.

Fedra. Porque desprezas a quem te ſabe amar ?

Ariad. Porque não ſey amar a quem aborreço.

Lidor. Já me falta o ſoſſrimento ; vou-me , antes que me acabe a deſeſperaçoã.

Vai-se.

Fedra. Se tu não podes amar a quem aborreces , eu não poſſo aborrecer a quem amo.

Canta.

Canta Fedra a seguinte

A R I A.

Querendo a quem amo,
 Não busco mais gloria,
 Não quero outro amor.

No bem, que me inflammo
 Consegue a memoria
 Triunfo mayor. *Quer ir-se.*

Sabe Tebandro.

Teband. Espera, constante Fedra; deixa,
 que rendido ao bello simulacro de tua
 Deidade, consagre adorações quem se
 acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Não sey; que causa vos motiva a
 esse rendimento?

Teband. O ver correspondida a minha fi-
 neza.

Fedra. Que quer dizer correspondida a vof-
 sa fineza? Se eu entendera, que o meu
 coração era capaz desse sentimento, o
 arrancara de meu peito.

Teband. Parece proprio esse desdem à
 vista da confissão, que agora fizestes.

Fedra. Quando as vozes se encontraõ com
 os affectos, melhor he crer a estes, do
 que àquellas. *Vai-se.*

Sabe Lidoro ao bastidor.

Licas. Impaciente em nenhuma parte so-
 cego. Mas que vejo! Tebandro com
 Ariad-

Ariadna ? Observarey o seu intento.

Teband. Quem vio , Ariadna , o seu amor em mayor confusão ? Já não quero amar a huma ingrata , que me offende ; e pois sey , que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro , quero seguir as luzes de teu esplendor , já que propicios allumiaõ a esféra de meu peito , e assim

Ariad. Muito me offendeis nesse vil conceito , que de mim formais ; pois a ser possível , que a chamma do amor ardesse em meu peito , não serieis vós a causa desse incendio ; pois naquelle , que me idolatra , sobraõ motivos para o meu rendimento. Ay Tezeo , só a tua fineza será premiada. *à part.*

Lidor. Coração , torna a reviver.

Teband. Pois vós mesma não dissestes a Fedra , que na mudanca dos sujeitos mudaria o coração de affectos ?

Ariad. Se vedes agora contrarios esses affectos , crede aos olhos , e não aos ouvidos.

Teband. Já sey , que defenganado , só amarey a minha morte. Oh louco amor , que nescio he , quem se fia das tuas inconstancias ! *Vai-se.*

Sabe Lidoro.

Lidor. Já sey , Ariadna , que não sou tão infeliz , como imaginava ; e supposto me considere sem meritos , para alcançar teus soberanos favores , a tua piedade , compadecida do meu tormento , já me coroa triunfante dos teus repudios.

Ariad. Lidoro , como enfermais de amante , sem duvida essa idéa será delirio da fantasia.

Lidor. Parece incompativel esse desvio , e aquella expressão ; pois affirmastes , que naquelle , que vos adorava , (que já se vê , que sou eu) sobravaõ motivos para o vosso rendimento.

Ariad. Não ha duvida , que o meu amor confessa rendimentos , e por isso como rendido vive prisioneiro de hum desdém , que he o que só triunfa na batalha da vossa porfia.

Lidor. Ah tyranna , cruel , inimiga , não era melhor deixar , que a contingencia da fortuna mudasse o teu rigor , e não com o desengano sepultar a viva constancia da minha fé ?

Ariad. Não , que a vossa porfia só se desvanece com hum total desengano.

Lidor. Já que desenganado morro às violencias

lencias desse nunca visto rigor , não estranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

Canta Lidoro a seguinte.

A R I A.

Já que eu morro , ò fera Hircana ,
Sem remedio a teus rigores
Impaciente , louco , amante ,
Delirante ,
Com gemidos , e clamores ,
De ti aos Ceos me hey de queixar.

A minha alma , vaga , errante ,
Não te affustes , quando a vires ,
Que por mais que te retires ,
Te ha de sempre acompanhar. *Vai-se.*

Ariad. Ninguem pretenda violentar a vontade , quando vive ligada às violências de outro amor. Ay Tezeo , que as nossas vidas ambas se consideraõ tributarias , se a tua ao Minotauro , a minha ao amor!
Sabe Esfuziote com hum papel na mão , e ajoelha.

Esfuz. Deos vá comigo : Senhora , hum requerente da sua vida vem hoje a pretender no Tribunal de vossa piedade a renovação de mais vidas em hum prazo foreiro à morte , que o querem julgar por devoluto ao Minotauro , que inten-

ta

ta fer o direito Senhorio desta vida ; e
se Vossa Alteza , Senhora , me alcança
a supervivencia , eu lhe pagarey o foro
da consciencia com o laudemio de mil
louvores.

Ariad. Levantaivos ; que he o que que-
reis ?

Esfuz. Este murmurial o dirá.

Ariad. Lede-o vós mesmo.

Esfuz. Pois já que eu sou o pio leitor , fe-
ja Vossa Alteza a piedosa ouvinte.

D E C I M A.

Diz hum pobre Esfuziote,
Condemnado a não ter vida,
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum calóte:
Que pois não he D. Quixote
Para acções desta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida çem annos,
E receberá mercê.

Ariad. Supponho que fois a quem o Em-
baixador de Athenas offereceo a ElRey
meu pay para completares o numero dos
sete do tributo.

Esfuz. Sim , Senhora , eu sou o proprio,
a quem impropriamente o Embaixador,
que

que o diabo o leve , me malfinou a Sua Magestade , que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador não andou bem.

Esfuz. Como havia de andar bem , se elle he zambro ; pois não sendo eu nenhum dos sete , sobre quem cahio a sorte , como quer desta sorte trocar a minha sorte ; pois isto se não deve fazer de nenhuma sorte?

Ariad. E vós a que vistes a Creta?

Esfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

Ariad. Sois seu criado?

Esfuz. Algo mas , sou seu gentilhomem , e às vezes em caso de necessidade sirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que sinto muito a desgraça de Tezeo.

Esfuz. Mais a sente elle ; porém parece que elle não sente tanto a morte , como outra cousa , que diz tem atravessada na garganta como espinha de cação.

Ariad. Que cousa póde haver , que sinta mais , que o morrer?

Esfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia , parece , que hum menino cego , e e nú , pespegoulhe com huma setta no coração , que o partio de meyo a meyo ; e este golpe , por lhe ter chegado ao vivo , o tem quasi morto.

Ariad.

Ariad. Pelo que dizes , Tezeo padece o mal de amor.

Esfuz. Não , Senhora ; eu cuido , que he mal de Ariadna , pois sempre o ouvi queixar : ay Ariadna , que me mataste ; ay Ariadna , que me fizeste , e acontecete ; com que Ariadna he o seu mal , e não o Amor.

Ariad. Pois dizey a Tezeo , que essa Ariadna. . . . *Vay andando.*

Esfuz. O que hey de dizer , Senhora?

Ariad. Mas não , não lhe digais nada.

Esfuz. Sim , Senhora , eu lhe direy isso ; porém , Senhora , terá despacho o meu memorial?

Ariad. Basta seres criado de Tezeo , para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora não se esqueça de ser minha madrinha neste negocio.

Ariad. Ouves tu , dize a Tezeo , que não he elle só , o que mas não , não digas nada. Louco amor , não me precipites. *à part. Vai-se.*

Esfuz. Que casta de recado he este : Dize a Tezeo , não digas nada a Tezeo ; a mim me mellem se o nada desta Infanta não he alguma cousa , e senão , quem viver , verá.

Sabem Taramella , e Sanguixuga.

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá , tá , Taramella , não me chames Tezeo tanto às claras , que no Paço até as paredes tem ouvidos ; trata-me por Esfuziote , em ordem a mayor disfarce.

Sang. Meu Senhor , esta rapariga tem o miollo muito leve , por isso não peza o que diz ; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicarlhe segredo de tanta supposiçãõ.

Esfuz. Olhe , tia.

Sang. Ay Senhor , eu tia de Vossa Alteza ! Quem sou eu para tanta dignidade ?

Esfuz. Não posso tirarlhe o grão , que por affinidade lhe pertence.

Sang. Serey o que Vossa Alteza for servido.

Esfuz. Mas , tia , como hia dizendo , não pude deixar de communicar a Taramella a minha regia profapia ; que quem ama de véras , não sabe mentir.

Taram. Pois , Senhor , he possível , que eu de criada hey de passar a Princeza ?

Esfuz. E não he peyor passar de Princeza a criada ? Pois sabe , que dessas monstruosidades se achãõ nas hiitorias ; mas com tua licença havemos mudar este nome
de

de Taramella , que não he decente para huma Princeza de Athenas , pois taramella he coufa que anda por portas , e não por thronos.

Sang. Tudo se fará : mas diga-me , Senhor : já Vossa Alteza disse ao Embaixador , que eu havia de casar com elle ?

Esfuz. Sim , sim , já lho infinuey , e o Embaixador , vendo que era gosto meu este sanguixugal matrimonio , disse , que estava prompto ; com que em o vendo , falle-lhe na materia.

Sang. Uy Senhor , pois eu , sendo mulher , hey de fallar primeiro a hum homem em casar ? Appello eu por mim !

Esfuz. Não se lhe dê disso , que o tal Embaixador he mesmo acanhado de si ; curto dos nós , e vergonhoso. Ao menos não se livrará o Embaixador do Minotauro desta velha. *à part.*

Taram. Tornando ao nosso intento , digo , Senhor , que já me tomara ver nessas limpezas , para ver se Fedra , e Ariadna são melhores do que eu.

Esfuz. E talvez , que então tu as não queiras por tuas criadas.

Taram. Essa mesma grandeza me faz desconfiar da sua palavra.

Sang. Uy tolla , tu chegas a dizer , que des-

desconfias da palavra de hum Principe?
 Senhor, releve, que são raparigas, que
 cuidaõ que o mesmo são alhos, que bu-
 galhos.

Esfuz. Já he costume nas senhoras mulhe-
 res cuidarem, que os homens sempre as
 enganaõ; pois para que vejas, que mais
 depressa faltará agua no mar, do que
 amor em meu peito, quero praguejar-
 me, que he o verdadeiro juramento dos
 amantes.

Canta Esfuziote a seguinte

A R I A.

Se cuidas, menina,
 Que eu seja perjuro,
 Pois olha, eu te juro,
 Hum rayo me parta,
 Me abraze hum corisco,
 O diabo me leve,
 Se eu falso te for.

Mas ay, Taramella,
 Se es linda, se es bella
 Terás em meu peito
 Seguro o amor.

Vai-se.

Sabe Licas Embaixador.

Licas. Viste a Tezeo por aqui?
Ang. Ainda agora daqui se vay. . . . Não
 he despiciendo o meu futuro noivo. *à p.*
Licas. Vou a fallarlhe, que importa.

Tom. II.

E

Taram.

Taram. Espere, Senhor, que minha tia tem que lhe dizer cousa de importancia: falle, tia.

Sang. Ay rapariga, deixa-me tomar o folgo, que estou embaçada.

Licas. Diga depressa, que não tenho muito vagar.

Sang. De sorte, Senhor, que eu bem sey, que não sou capaz de ser sua criada.

Licas. Que mais?

Sang. Que mais hey de dizer? Vossa Senhora não me entende já o que quero dizer?

Taram. Ora Senhor, não seja acanhado, que isso he não ser homem.

Licas. Que dizem, que as não entendo?

Sang. Não se faça agora moquenco, já sabemos que he curto dos nós.

Taram. Não disfarce o negocio; não seja vergonhoso.

Licas. Está galante historia! Que he o que querem de mim?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio? Que he isso?

Sang. Faça-se agora de novas.

Licas. Deixem-me, doidas, que diabo querem?

Sang. Taram. O matrimonio.

Licas. Estas mulheres estão loucas; vão-se já,

já, não me persegão.
Sang. Taram. O matrimonio, Senhor Embaixador, o matrimonio.

Vai-se.

Vão-se.

S C E N A IV.

Gabinete. Sabe Tezeo.

Tezeo. **A**gora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por instantes me espera a furia do Minotauro, venço na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado estrago da sua crueldade. May ay, soberana Ariadna, quanto finto, que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da mesma morte!

Sabe Fedra.

Fedra. Inviçto, e sempre esclarecido Tezeo, cujo valor, depois de ser adorado susto do Orbe, passou a dominar as fúrias do Cocito; commovida a minha piedade de que tão generoso alento seja infeliz despojo dessa féra, intenta salvar a vossa vida.

Tezeo. Galharda Fedra, se eu nas infelicidades sou tão venturoso, devo estimar a minha desgraça.

Sabe Ariadna aa bastidor.

Ariad. Aqui Fedra, e Tezeo? Ay de mim, que já o coração começa a temer!

Fedra. Para triunfardes pois desse invencível monstro, darvos-hey huma certa confeição composta de tão activo veneno, que ao minino contacto do Minotau-ro fique prostrada a sua furia, sem que vos possa offender o seu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade: zelos, não vos declareis, que ainda me não convem mostrarme amante.

Tezeo. Que recompensa poderey achar em mim, que possa ser igual à vossa generosidade? Esta vida, Senhora, de cujos alentos sois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarey nas aras da vossa belleza.

Ariad. Ah falso amante, não te quizera agradecido.

Fedra. Não quero outra recompensa mais, que vos lembreis de não ser ingrato a quem expoem a sua vida, por redimir a vossa. *Vai-se.*

Tezeo. Quem vira este amor em Ariadna, ou a sua belleza em Fedra!

Sabe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a isenção da morte não basta só vencer o Minotau-ro,

ro, pois sempre ficareis prezo no enleyo do Labyrintho, e para que com a fuga completeis essa fortuna, quero prevenir o remedio da vossa liberdade.

Tezeo. Ariadna sem duvida sabe o intento de Fedra. *à part.* Senhora, se Fedra compassiva da minha desgraça.

Ariad. Para que me contaes, o que eu sey?

Tezeo. Foy preciso, que agradecido.

Ariad. Já sey, que agradecido vos mostrastes à sua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor.

Ariad. Não tendes, que fatisfazerme; não sabeis quanto me agrada saber, que sois agradecido, nem em vossa pessoa cabião desattenções; e para que tambem eu o seja na vida, que me destes, quero dar-vos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que sendo farol naquelle pelago de confusões, vos conduzirá à liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas vossa Patria.

Tezeo. Se cuidais que com a liberdade hey de perdervos dos meus olhos, nunca fahirey do Labyrintho, que ao menos em Créta não vivo desterrado da vossa vista.

Ariad. Pois eu acaso habito no Labyrintho,

tho, para que nelle me possais ver?

Tezeo. Se vos não encontrar no Labyrintho de Créta, sempre vos acharey no labyrintho do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o vosso pensamento; não cuideis, que como amante vos proponho a indultria do fio para a vossa liberdade; pois só o faço obrigada ao juramento, que dey, de salvar a vossa vida, agradecida à que me déstes.

Tezeo. Pois, Ariadna, se o intento de redimirme he só como agradecida, e não como amante, protesto às supremas Deidades desse soberano Empyrêo, que já não quero meyos de salvar a vida, e a liberdade; pois sem a certeza da vossa correspondencia, nem liberdade, nem vida quero.

Canta Tezeo a seguinte

A R I A.

Na magoa, que sinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuso,
Mayor labyrintho
Encontro no amor.

Naõ temo esse monstro,
Que horrivel me espera;
Só temo essa fera

Cruel

Cruel tyrannia
De tanto rigor.

Vai-se.

Ariad. Espera , Tezeo , que se o meu rigor te precipita , a minha fineza te livrará.

Vai-se.

S C E N A V.

Sala Regia. Sabe ElRey.

Rey. **A** Gora sim , respire alegre o meu coração , pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro : finta Athenas a pena de Taliaõ , que se aleivosamente conspirou contra a vida de meu filho Androgeo , bem he que Creta se arme vingativa contra Tezeo.

Dentro. Peguém nelle , peguem nelle.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Senhor , Vossa Magestade me valha.

Rey. Que tens ? que te succedeo ? e de quem foges ?

Esfuz. Fujo de Vossa Magestade.

Rey. Se foges de mim , como vens para mim ?

Esfuz. Porque fujo de Vossa Magestade justiceira para Vossa Magestade commiserante ; fujo da justiça para refugiarme na misericordia.

Rey.

Rey. Que te succedeo?

Esfuz. Que ha de ser? Deraõ em dizer, que eu era hum dos sete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ser comido do diabo do Minotauro, e sem que me valesse o sagrado de palacio, quizeraõ levarme à força, *Et invito domino*, quando sey que Vossa Magestade naõ quer que se force ninguem.

Rey. Ainda que segundo o pacteado com Athenas naõ devera receber menos numero, que o de sete mancebos; com tudo esta vez quero dispensar na ley para contigo a instancias de minha filha Ariadna, a quem hoje debes a vida.

Esfuz. Naõ sabe quanto folgo com essa noticia; naõ por mim, que naõ temo a morte, por naõ estar muito contente da minha vida; senaõ por quebrar a castanha na boca a muita gente.

Rey. Porém entendaõ os Athenienses, que para o anno haõ de ser oito os do tributo.

Esfuz. Sim, Senhor, e fará Vossa Magestade muito bem; porém Vossa Magestade sem esperar para o anno que vem, póde agora mesmo completar o numero dos sete.

Rey.

Rey. De que sorte?

Esfuz. Mandando Vossa Magestade , que o Embaixador suppra esta falta , que como tem grande cabeça , e muita carne no cachaço , terá o monstro que roer.

Rey. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozaõ de inviolavel immuidade.

Esfuz. Pois Senhor , em minha consciencia acho , que só o Embaixador era capaz de desempenhar aquelle lugar , que pelo seu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rey. E tu , se não quizeres ir para Athenas , poderás ficar em Creta servindome em palacio.

Esfuz. Aceito o favor de Vossa Magestade ; e já que em palacio fico , tomara ter algum emprego , que cá se me casasse com o genio , que quando a occupação he forçada , até o palacio he galé.

Rey. Elege tu a occupação , que queres , igual à tua esfera.

Esfuz. Como sou respoadaõ , quizera ser reposteiro.

Tocaõ caixas destemperadas.

Rey. Mas que triste , e confuso som , rompe a vaga raridade dos ventos?

Esfuz. He hum moço , que está aprendendo a tambor.

Sabem

Sabem Lidoro, e Tebandro.

Rey. Lidoro, Tebandro, que he isto?

Lidor. He chegada a occasião de ser o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente, que o Principe não he mecedor de semelhante infortunio.

Rey. Não vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Atheniense.

Esfuz. Ay pobre Tezeo, tomaras tu ser Esfuziote nesta hora.

Sabe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguey o remedio de sua vida, não quero perder os instantes de vello. *à part.*

Sabe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com o qual se ha de livrar do Labyrintho, venho sem susto notar a afflicção do seu sentimento.

Sabe Licas, e da porta diz o que se segue.

Licas. Entre só Tezeo, e fiquem os mais esperando até a ultima resolução del Rey.

Rey. Estaõ promptos esses infelices, para serem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foy remissa a nossa obediencia.

Sabe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ò inclyto Rey Minos de Creta, que esta acção, que parece precisa ley

ley do tributo, não seja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da necessidade virtude. *à part.*

Rey. Sempre os Athenienses foram mais loquazes, que fieis. Tezeo, o fangue de Androgeo em purpúreas linguas está pedindo vingança contra as vossas alcivofias, e assim não espereis remedio na vossa desgraça.

Lidor. Senhor, Vossa Magestade se compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio esplendor de Principe.

Teband. Adverte, Senhor, que he indigna da Magestade a tyrannia, e assim perdoa a Tezeo.

Rey. Aqui não obro como Rey, senão como Juiz.

Esfuz. Eu bem sey, que se pedisse a El-Rey por Tezeo, que o havia de perdoar, mas não quero darlhe essa confiança. *à p.*

Fedra. Ainda sendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *à part.*

Ariad. Parece realidade o seu fingimento.

à part.

Licas. Rey, e Senhor, se o motivo desse impla-

implacavel rigor he o esparsido fangue de Androgeo, vede, que o naõ recusais com a morte de Tezeo, e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inseparavel da sua grandeza; perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdaõ he hum generoso modo de castigar.

Rey. Inutil he o voffo requerimento.

Tezeo. He definitiva essa sentença?

Rey. E naõ ha mais para onde apellar: ò lá, levay a Tezeo, e a esses miseros companheiros ao Labyrintho, para serem despojos do Minotauro.

Licas. Pois sabe, tyranno Rey, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta à ultima ruina.

Vai-se.

Rey. A mim com ameaços? Se naõ foras Embaixador, pagarias com a vida esse atrevimento.

Esfuz. Era bem feito, que ElRey o mandasse esquartejar. *à part.*

Lidor. O Embaixador fallou com insolencia.

Teband. Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu respeito.

Rey. Por isso mesmo será Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar. *Tezeo.*

Tezeo. Não cuides , tyranno Monarca , que has de ultrajar o meu decoro , por me considerares reduzido a esta miseria , pois em qualquer estado sempre sou Tezeo , que saberey vingar a minha injuria.

Rey. Não sabes , que es meu prizioneiro ? Pois como me tratas com tanta soberba , sabendo que te posso castigar ?

Tezeo. E não sabes , que no meu braço consiste a tua ruina , e a minha felicidade ?

Esfuz. Mão , mão , isto me vay cheirando a carolo ; queira Jupiter que Tezeo não faça das suas ! *à part.*

Ariad. Temo , que Tezeo padeça mayor infortunio. *à part.*

Fedra. Ay de mim , que Tezeo quer desvanecer o remedio de sua vida ! *à part.*

Lidor. Se atéqui me compadeci de vós , agora crimino a vossa soberba.

Teband. A não estares taõ perto da morte , eu despiciaria a desattenção da Magestade.

Rey. Basta que o Minotauro me vingue , levai-o. *Vai-se.*

Esfuz. Eu tambem me vou , antes que me levem por erro. *Vai-se.*

Tezeo. Ay Ariadna , que por ti reprimo o furor de meu peito ! *à part.*

*Canta Tezeo o seguinte Recitado, e depois can-
taõ as duas Damas, e os dous Principes
com Tezeo a Aria.*

R E C I T A D O.

Barbaro Rey, eu vou ao Labyrintho,
Mas sabe, que naõ sinto
Essa tyranna morte, que me espera,
Que a ser possivel, descerey à esfera
Desse sulfureo, e rapido Cocyto
E do trifauce monstro a furia incito,
Porque vejaõ, que nada me intimida
Perder a cara vida;
De outro monstro, (ay amor!) só temo a
ira,
Que tyranno conspira
Hum veneno taõ forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz seja sympatia o que he violencia;
Este monstro de amor, esta chimera
Me horroriza, me affusta, e defespera.

A R I A A 5.

Tezeo. Naõ me acovarda a morte,
Porque he vida
Este modo de morrer.
Lidor. Como intentas dessa fórte.
Sem respeito
Hum decóro assim perder?

Fed.

- Fed. Ariad.* Que ardor activo , e forte
Em meu peito
Chega amor hoje a incender !
- Teband.* Se nem da Parca o golpe
Te intimida ,
Nada deves de temer.
- Tezeo.* A morte não temo.
- Lid. Teb.* A morte não temes ?
- Tezeo.* Não , porque he vida
Este modo de morrer.
- Fed. Ariad.* A vida desprezas ?
- Tezeo.* Sim , porque he vida
Este modo de morrer.
- Todos.* Que morte ditosa ! Que doce
morrer !
- Teband.* Seu peito arrogante
- Lid.* No brio , que ostenta ,
- Medra.* Se a morte o alenta ,
- Ariad.* Se vive na morte ,
- Tezeo.* Quem morre de amante ,
- Todos.* Eterno ha de ser.

P A R T E II.

S C E N A I.

Camera. Sabe Sanguixuga , e Taramella.

Sang. **T**Aramella , vai-te ensayando para Princeza , toma bem a lição , aprende de Ariadna a severidade , e de Fedra o carinho ; que temperar a aspereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

Taram. Bofé , tia , que me não cansarey com isso ; porque sendo Princeza , quer seja azeda , quer doce , assim me haõ de tragar ; porém se tal for , que dirão de mim os murmuradores ? Olem a ranho-fa , ha dous dias mixella , e hoje Senhora de mão beijada !

Sang. E logo te haõ de descozer a geração , e ao som do villaõ tambem eu hey de vir à bailha , pois não faltará quem diga : que seja possivel , que a sobrinha de huma cristalleira nos falle já por vidraças ! Hontem em chichellos , e hoje em berlinda !

Taram.

Taram. Olhe , tia , por amor desses rayos
naõ quero thronos.

Sang. Ay filha , naõ se te dê disso , que
tambem os Reys tem costas ; tomara eu
casar com o Embaixador , porque sendo
eu Embaixatriz , direy ao mar que ron-
que , e ao rio que murmure .

*Sabem ao bastidor cada huma pela sua parte ,
Ariadna , e Fedra , e cada huma com hu-
ma banda na maõ .*

Ariad. Amor me descubra meyos para o
meu intento . Mas alli estaõ Taramella ,
e Sanguixuga ; tomara , que me naõ vis-
sem , por me naõ observarem os passos .

Fedra. Que importuno encontro ! Sanguixuga ,
e Taramella se me vem com a
banda , que levo , poderãõ penetrar o
meu desígnio ; esperarey , que se vaõ .

Sang. E que dizes tu , cuidarem todos em
palacio , que o Principe Tezeo he mor-
to ; naõ o sendo ? E na verdade que quan-
do às vezes ouço fallar na morte de Te-
zeo , naõ posso foster o rizo .

Taram. A industria toda via naõ foy má .

Ariad. Ay de mim , que já se sabe , que
Tezeo he vivo !

Fedra. Ay infeliz , que sabendo-se já , que
Tezeo naõ he morto , algum damno ex-
perimentarey !

Taram. Porém não nos dilatemos mais, que as Infantas podem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, não te descuides de bater o mato; tu bem me entendes.

Vai-se

Vai-se Sanguixuga pela parte donde está Fedra e esta a segue, depois que disser o seguinte.

Fedra. Vou a declarar-me com Sanguixuga para que me guarde segredo. *Vai-se Sabe Ariadna.*

Ariad. Já que Taramella sabe, que Tezeo está vivo, não ha mais remedio, que fazer do ladrao fiel.

Taram. Que terá Ariadna estes dias, que anda suspensa? *à part*

Ariad. Taramella, como sey o muito, que me amas, quero fiar de ti hum particular de meu peito, pois só tu podes remediar o meu mal.

Taram. Esse conceito merece a lealdade, com que te sirvo.

Ariad. Desde que vi a Tezeo, infeliz Principe de Athenas, communicando-me amor pela vista o seu veneno, foy facil-me cegasse o seu precipicio; e assim como amante preveni industrias, que o possessem livrar do Minotauro.

Taram. Quero fazer-me ignorante do caso. *à part.* *Ariad.*

Ariad. E como ElRey vanglorioso de ver vingado o sangue de Androgeo, meu irmão, com a morte de Tezeo, para ostentação de seu desafogo tem preparado hoje hum sarão, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero, que tambem Tezeo venha a palacio, pois com o disfarce da mascara não poderá ser conhecido; e para que só eu o conheça, darlhe-has esta banda azul para divisa.

Dá-lhe a banda.

Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *à part.*

Ariad. E como tu, pela continuação, que tens em ir ao Labyrintho comigo, já sabes os caminhos, vai-te ao centro d'elle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao sarão esta noite, e saberey agradecer-te como merecê a tua lealdade. *Vai-se.*

Taram. Haverá no mundo mulher mais desgraçada! Quando eu cuidey, que só sabia, que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o não ignora; e de mais a mais namorada d'elle! Ay como temo, que me tire a fortuna! E sobre tudo fazerme alcoviteira do meu mesmo amante! Que farey neste caso? Se não levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e se a levo, atigo mais o seu amor; não

sey de que banda me vire. Eu bem perdura com a raiva dos zelos romper a banda em fanaticos; Mas não quero tenão cara a cara darlhe com a sua falsidade no narizes.

Sabe Fedra com huma banda branca na mão e Sanguixuga.

Sang. Vai-te daqui, Taramella; que a depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu: vou huma vibora
à part. *Vai-se*

Fedra. Como tenho dito, libertey a Tezeo da morte; e para que venha ao sação esta noite, levalhe esta banda branca, (*Dalhe a banda.*) para que saiba, que he o alvo de minhas finezas, e por esta divisa o possa conhecer. Bem vês, que te constituo secretaria de meu peito; e pero, que não desmereças o conceito que faço da tua prudencia. Já que o sabe, ao menos tenha preceito para o não dizer.
à part. *Vai-se*

Sang. E para dizerme huma cousa, que eu já sabia, esteve fazendo mil escarcéos tomando-me duzentos juramentos. Poderém que farey eu agora desta banda, por se a levo a Tezeo, dou armas contra minha sobrinha Taramella? Ay, não permitta Deos, que eu seja traidora ao meu fan

fanguê, que primeiro estaõ parentes, do que dentes.

Sabe Tebandro.

Teband. Sanguixuga, não me dirás, porque motivo despreza Fedra taõ repetidos extremos do meu amor? Por ventura não sey amar não só as suas perfeições, mas ainda os seus rigores? Desengana-me já se aquelle desdém inventa a sua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para desenganar a minha confiança.

Sang. Senhor Tebandro, não sabe que huma futura noiva sempre affecta repudios, desdenha carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo está desejando, que já chegue a hora de se ver nos braços de seu esposo?

Teband. Aquelle desdém não póde ser aparente; e se me não dás outra certeza de seu amor, hirey sentir os seus desvios em Chipre; para que lá só finta a memoria, e não aqui todas as potencias.

Sang. Que me dará Vossa Alteza, se lher huma certeza do seu amor? Mas eu não sou interesseira; agora matarey com hum cajado dous coelhos. *à part.*

Teband. Não façás ludibrio de hum desgraçado.

Sang.

Sang. He taõ verdadeiro o amor de Fedra que te envia esta banda , para que entre os mascaras te possa conhecer à noite no farão.

Da-lhe a banda

Teband. Que dizes ? Eu mereço os agradamentos de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem custado pol-la em termos de dar a conhecer a sua inclinaçõ : mas Vossa Alteza tudo merece.

Teband. Aceita por ora esta joya , como principio do meu agradecimento.

Sang. Dádivas de Principe naõ se rejeitaõ : ora já tenho prenda , que dar ao Embaixador , quando casarmos ; porém Fedra enganada , e o Principe desvanecido tudo he hum.

à part. e Vai-se.

Teband. Ainda naõ posso acreditar a minha ventura , pois quando a téa ardente do Hymenêo já quasi se extinguiu aos afflitos de hum desengano , vejo que torna a incenderse com os alentos de hum suspiro. Oh ditoso eu , que depois dos pezares , alcanço prazeres !

Canta Tebandro a seguinte

A R I A.

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta

Logo experimenta

Quieto o vento

Tranquillo o mar.

Como eu , nem tanto

Se alegre, vendo ,

Que vay crescendo

Minha ventura ,

E vay cessando

De meu gemido

O suspirar.

S C E N A II.

Labyrintho. Sabe Tezeo.

Tezeo. **E** Sta he a ultima estancia deste intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a seus artificios. Atarey o fio de Ariadna a esta columna, para que me sirva de Norte em o pélago de tanto enleyo. Que admiravel edificio ! Que variedade de architecturas ! Que porticos ! Que marmores ! Que columnas ! Aqui toda a confusão alegre, e toda a alegria se confunde ; pois, equivoco o horror, e a belleza, horrorisa o bello, e deleita o horror, que neste quadro de luzes, e sombras, brilhaõ as sombras, e affombraõ as luzes. Porém Dedalo,

dalo, que ficou de esperar por mim neste lugar, sem duvida arrependido da palavra, se quiz aproveitar da mina que abriu.

Sabe Dedalo da escotilha, que estará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo não falta ao que promette, pois escondido te esperava na boca desta mina, que vay dar às ribeiras do mar, de donde me viste sahir, quando te encontrei.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e releva-me o errado conceito, que de ti formey: mas quizera saber como estando eu no centro do Labyrintho, não encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o não soltariaõ tal vez, porque o tal monstro vive encerrado em hum funesto carcere, e quando ha victima humana de sua tyrannia, o soltaõ, para que enfurecido venha por dirigido conducto a este lugar, que he o campo da batalha do seu furor.

Tezeo. Desejo, que já esse monstro teroz venha a accometterme, que a pezar da sua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu estou prompto para ajudarte nesta empreza, e vê se queres, que discorramos em alguma industriosa maquina,

na , para o venceres , sem que perigues a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu salvo , remedio trago comigo administrado por huma Deidade , com o qual seguramente posso triunfar desse monstro ; mas não intento valerme de extraordinarios remedios , quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

Dedal. Ay , quanto temo , que esta temeridade seja a causa de tua ruina !

Tezeo. Não temas , que sempre a fortuna foy companheira da temeridade.

Esfuziote dentro diz o seguinte.

Esfuz. Em boa estou metido ! Ay , que não atino com a porta ! Vamos por aqui : peyor ? Vamos por alli : repeyor ! Ay misero Esfuziote , que estás quando nada metido nas profundas do Labyrintho , e a cada passo me parece , que encontro o Minotauro !

Tezeo. Alli cuido , que differaõ Minotauro.

Dedal. E passos tambem ouvi : sem duvida já o soltariaõ. Tezeo , outra vez te requireiro , te não exponhas a taõ evidente perigo ; e se para o vencer tens o favor dessa Deidade , (já que te não queres valer do meu) não pereças como temerario ;

rario ; guarda o teu valor , para mais heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente , que viver cobarde : retira-te tu , que eu com subito furor sem mais armas , que os meus braços , vencerey essa féra.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui , faya o que fahir.

Esconde-se Dedalo : poem-se Tezeo a traz do bastidor , por donde sabirà Esfuziote com a cara para o povo ; e ao fahir , Tezeo o investe repentinamente , e luta com elle.

Tezeo. Morrerás , ò monstro , despedaçado em meus braços.

Esfuz. Ay de mim , que cahi nas garras do Minotauro ! Quem me acode !

Tezeo. Este he Esfuziote : ora muy efficaz he huma fantasia ! *à part.*

Esfuz. Ay de mim , que me meteo a garras em cheyo pelo vazio ; eu me sinto molhado , não sey se he fangue , suor , ou outra cousa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote ; e este estará com as mãos no rosto.

Tezeo. Esfuziote , não te affustes.

Esfuz. Ay , que o Minotauro já me sabe o nome !

Tezeo.

Tezeo. Não me respondes? Olha para mim.

Esfuz. De burro, que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.

Tezeo. Que tens, que ficaste immovel?

Esfuz. Eu bem sey o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrentar. *à part.*

Tezeo. Deixa loucuras: dize-me, quem te trouxe ao Labyrintho?

Esfuz. Os meus peccados veniaes, que agora são mortaes.

Tezeo. Falla, senão te despedaço aqui.

Esfuz. Senhor, vossa monstrosidade não me faça perguntas, que estou com a lingua pegada ao ceo da boca; deixe-me ir embora em cortesia, antes que o medo destempere em alguma descortesia; pois não he razão, que depois de comer hum Principe, queira encher o seu bandulho com a carne dura, e magra pe-lhancra de hum lacayo.

Tezeo. Quem cuidas tu, que sou eu?

Esfuz. Eu bem o sey.

Tezeo. Pois sábe, que não sou, quem tu cuidas.

Esfuz. Pois quem he? Quem he?

Tezeo. Olha, e verás.

Esfuz. Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piscamente os olhos. Ah que delRey, que he a alma de Tezeo! Ay que

que estou feito hum tremedario ! *Tira a mão dos olhos.*

Tezeo. Nescio, que alaridos são esses?

Esfuz. Fantasma, chiméra, sombra, illuzão, coco, e papaõ, que he o que me queres?

Tezeo. Olha, que sou Tezeo.

Esfuz. *Tanto fortius*; não te chegues a mim, alma vádia, errante, e vagabunda.

Tezeo. Vem cá, não fujas.

Sabe Dedalo.

Dedal. Esfuziote, eu aqui estou tambem, não cuides que Tezeo morreo.

Tezeo. Graças aos Deoses, que ainda estou vivo.

Esfuz. Eu bem sey, que as almas nunca morrem.

Tezeo. Basta, que cuidaste, que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Esfuz. Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia suppôr, senão que eras cousa má; porque cousa boa nunca para mim se chegou?

Tezeo. Como te atreveste a penetrar até o centro do Labyrintho? Não cuidey, que tinhas valor para tanto.

Esfuz. Se eu fora lisonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanharte nas

nas tuas penas , para ajudarte a matar o Minotauro ; porém , Senhor , a minha fraqueza he tal , que me não póde deixar mentir ; e foy o caso : Depois que te trouxeraõ para o Labyrintho , como o boy folto lambe-se todo , não me pezou o pé huma onça , e como tal de hum pullo entrey por huma porta , fahi pela outra , andey , desandey , corri , descorri , para dentro , para fóra , daqui para alli , até que dey contigo neste lugar , neste Labyrintho , neste diabo , que bem escusado era , que o Senhor Dedalo fabricasse estes enredos ; mas por donde cada hum pecca , por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me não posso eximir dessa censura.

Tezeo. Ainda te não sey encarecer a artificiosa maquina deste portento !

Esfuz. Tambem o filho da puta , que tal fez , merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna ? Sente muito a minha ausencia ?

Esfuz. Muito , e com tanto extremo , que esta noite fazem hum saráo por exequias de tua morte.

Tezeo. Cruel he a sua condição ! Pois não te fallou em mim ?

Esfuz. Nem fallar nisso he bom , e mais agora

agora que anda hum rum rum em palacio, que Lidoro casa com Ariadna.

Tezeo. Ay infeliz, que se eu hey de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, naõ resistirey ao Minotauro; que antes quero que a sua furia me devore, do que os zelos me despedacem!

Esfuz. Pois ainda o Minotauro está vivo?

Tezeo. Ainda; e de seu furor me naõ hey de eximir.

Esfuz. Bem aviados estamos! O Minotauro vivo, e eu aqui? Pois com licença, que eu me naõ quero minotaurear agora, nem esperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que estavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

Tezeo. Aonde has de hir, que o pódes encontrar? Naõ te acobardes, estando comigo.

Esfuz. Por ventura Vossa Alteza he alguma coura danta, ou faya de malha, que me faça impenetravel aos dentes Minotaurinos? E quando assim seja, se quizermos furtarlhe a volta, e fugir, como nos havemos escafeder da qui fóra, se em cada passo encontramos mil barafundas, e circumloquios?

Dedal. Mais facil será matar ao Minotauro,

ro, que atinar com os caminhos intrin-
cados do Labyrintho.

Tezeo. De hum, e outro, me verás victo-
rioso.

Esfuz. A mim tambem não me cheira.

Tezeo. Para que o saibas, attende.

Canta Tezeo a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Nunca piedoso o Ceo a hum desgraçado
Negou favores de hum ditoso auspicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenio a meus pezares,
Dando-me Fedra a industria peregrina
Do triunfo do horrendo Minotauro;
Quando Ariadna com subtil idéa
O fio me administra,
Que tecido farol nestes horrores
Me guia o passo em tanto Labyrintho.
Mas ay, bella Ariadna! Se piedosa
Me dás a liberdade,
Inuteis considero os teus favores;
Porque em tanta aspereza,
Mais cativo me tem essa belleza.

A R I A.

Vem, ò monstro, a lacerarme,
Vem, cruel, a devorarme;
Porém não offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna,

Que

Que dentro em meu peito
Se ostenta feliz.

Se morto me vires,
Só quero, que entendas,
Que tu me não matas,
Amor isso sim.

Esfuz. Ainda que mô diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que não quero estar aqui hum minuto por amor do Minotauro. *Vay andando.*

Ao irse Esfuziote, sabe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.

Esfuz. Mas ay, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe, que eu não sou dos fete do tributo. Ay, ay, ay.

Tezeo. O' tu vivo sepulchro de Athenienses, hoje pagarás com a vida os males, que tens causado.

Dedal. Aqui me tens em tua defenza.

Tezeo. Retira-te, Dedalo, que eu só dominarey o furor deste monstro.

Esfuz. Isso, isso; com elle, e não comigo.

Tezeo. Por mais que empenhes a tua furia, hey de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exales o alento.

Cabe o Minotauro na mina com bramidos.

Dedal. O' sempre esclarecido Tezeo, ago-

ra vejo , que ainda o teu valor he maior , que a tua fama.

Esfuz. O' sempre tremebundo Esfuziote , agora vejo , que o teu pavor ainda he maior , que o Minotauro.

Tezeo. Relevame , Fedra , desprezar para a morte do Minotauro o piedoso remedio , que me administraste ; que seria injuria do meu valor buscar fóra de mim industrias para vencer ; porém sempre no meu agradecimento fica recompensada a tua generosidade.

Esfuz. Diga-me , Senhor : dar-seha caso , que a bichinha não ficasse bem morta , e que possa resurgir daquella buraca ?

Tezeo. Com tal vigor o apertei em meus braços , que nelles expellio o seu vital alento.

Esfuz. Quém me dera ter hum abraço desses , para dar ao meu amigo Embaixador.

Tezeo. Esfuziote , já que os astros te destinaraõ para companheiro de meus infortunios , quero valerme de ti para outra empreza mayor , que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor , se eu não pude com a menor , como hey de poder com a mayor ?

Tezeo. Para communicarme com Ariadna , parece , que amor te conduzio a este Labyrintho.

Ruido.

Dedal.

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem gente.

Esfuz. Senhor, não será licito, que te veja, pois todos te julgaõ morto.

Tezeo. Dizes bem; Dedalo, aonde nos esconderemos?

Dedal. No concavo desta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas pessoas, no qual nos poderemos esconder.

Tezeo. Pois vamos depressa, que o rumor ja vem perto.

Esfuz. Escondaõ-se cobardes, que eu só resistirey aos Minotauros.

Escondem-se Dedalo, e Tezeo atraz da columna, que ha no meyo do Labyrintho, e sabe Taramella com huma banda azul na mão.

Taram. Quero obedecer a Ariadna, só para investigar os meus zelos; mas entre tanto enleyo aonde acharey a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne, que me vem buscar em osso de correr; e sem duvida que a industria de fazerme Principe a tem feito andar numa dobradura.

Taram. Mas elle ahi está: ah fementido Principe, já vejo, que he certa a tua falsidade.

Esfuz.

Esfuz. Taramella , já fey , que o Labyrintho da tua saudade te trouxe por teu pé a este , aonde por ti duas vezes me confidero perdido.

Taram. Para que he lisongeiro? Logo me pareceo , que o feu amor era fingido. Se adora a Ariadna , para que me engana? E se ella o busca , para que me perseguie?

Tezeo. Que he o que ouço? *à part.*

Esfuz. Menina , isso são tramoyas de tua tia , por ver se nellas escorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda se atreve a negar , que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Appello eu! He mulher , que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim , que Ariadna havia de fazer excessos por quem a não requestasse primeiro muito bem.

Esfuz. Se ella para quererme achou motivos na minha gentilomeza , que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma será este de Esfuziote com esta moça? *à part.*

Taram. Bem fey , que ella he huma Princesa , e eu huma criada ; mas tenho a consolação , que eu o não roguey , para que me quizesse.

Esfuz. Taramella, não venhas a arengar :
tanto se me dá a mim de Ariadnas , co-
mo da lama da rua. Tu cuidas , que eu
faço caso de Princezas ? He engano ;
pois mais me regala huma fregona des-
enxovalhada , que os melindres , e file-
tarias de huma Princeza.

Taram. Nada disso me entra cá , pois eu
conheço o genio de Ariadna , e sey , que
sem a requestar , lhe não havia mandar
esta banda , para com ella ir ao saráo ,
que se faz em Palacio esta noite.

Dá a banda.

Tezeo. Tomara já saber , que banda será es-
ta de Ariadna ? *à part.*

Esfuz. Pois Ariadna manda-me esta banda?
Dar-se-ha caso , que me namore , sem eu
o saber ?

Taram. Não se faça de novas ; e para que
veja , que a mim me não engana , vá ,
vá ao saráo , caze com Ariadna , que
eu me vingarey em pedir justiça ao Ceo
contra hum falso enganador. Justiça !
justiça ! *Vai-se.*

Esfuz. Espera , Taramella , não feches a
porta à minha innocencia.

Sabem Tezeo , e Dedalo.

Tezeo. Larga essa banda , insolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo combati-

batido : ahi está a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna essa mulher?

Esfuz. Foy galante caso ! Supponho, que entendo , que eu era Tezeo pelo circunspecção da minha personagem, e da parte da Senhora Ariadna deu-me esta banda , para que com ella fosse ao saráo , que se faz esta noite em palacio.

Tezeo. Assim será ; porém se cuidava, que tu eras Tezeo , como te dava ciumes, e indignada contra ti foy pedindo justiça ?

Esfuz. Isso mesmo estava eu para te perguntar agora. Darse-ha caso , Senhor, que Vossa Alteza algum dia bichancreasse esta criada?

Tezeo. Estás louco ? Mas tu para que lhe davas satisfações?

Esfuz. Porque entendendo, que Vossa Alteza tinha de amor com esta rabujenta criada , não quiz deixasses de comer pör mal cozinhado ; e assim lhe fuy respondendo a troxe moxe.

Tezeo. Não te quero apurar mais por ora ; e pois esta he a primeira fortuna , que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar mascara , que quero ir ao saráo , que com ella de ninguém ferey conhecido , e só de Ariadna pela divisa desta banda.

Esfuz.

Esfuz. Giribanda me parece isto : oh queira Jupiter , que nessa dança não haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos , não nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficarey temendo não se te quebre o fio , e te percas no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta , tambem com cautelas me defende desse cuidado.

Vai-se.

S C E N A III.

Sala , e hum cadeira. Sabe Tebandro com mascara cabida , e Lidoro sem ella , e depois poem Tebandro a mascara ; e no fim se correrá a corrediça do meyo , e apparecerá toda a Sala , em que haverá hum mesa composta em fórma de banquete.

Teband. **L** Idoro , vós sem mascara , quando todos já vimos caminhando a este lugar do farác ?

Lidoro. Deixa-me , Tebandro , voar nas azas das minhas penas aos incultos desertos da Lybia , aonde não hajaõ memorias deste infeliz

Teband. Não desprezeis esta occasião , em que as Infantas tambem dançaõ , para que

que no contacto de tanta neve possais mitigar os incendios do vosso ardor.

Lidor. Não quero merecer ao rebuço da mascara , o que sem ella não alcanço.

Teband. Tambem eu vivia na mesma desesperação ; porém Fedra compadecida dos golpes , que a setta de amor fulminou em meu coração , para ligar as feridas me enviou esta banda.

Lidor. Goza tu , ò Tebandro , essa fortuna , pois foste mais feliz no teu amor ; que eu defenganado , por não morrer muitas vezes , irey morrer huma só.

Vai-se.

Vão sabindo Ariadna , Fedra , Sanguixuga , e Taramella com mascarilhas ; poem Tebandro a sua ; sabe ElRey sem ella , que se assentará , e em quanto vão sabindo ; cantar-se-ha o seguinte.

C O R O.

Num-a alma inflammada

De amor abrazada

Cruel Labyrintho

Fabrica o Amor.

Porém quem espera

O bem de huma fera ,

Acertos de hum cego ,

De hum monstro favor ?

Rey. He tal o prazer , que tenho de ver
vin-

vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que não cabendo em meu coração, o intonto publicar nesta exterior alegria.

Fedra. Já alli diviso a Tezeo pela senha da banda branca; desejava me tirasse a dançar.

à part.

Ariad. Ainda não vejo a Tezeo aqui; sem duvida se quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos sustos padece quem ama!

à part.

Sang. Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de sacar a passeyo.

à part.

Taram. Se Tezeo me fosse amante leal, para bem não havia de vir ao sarão.

Sabe Tezeo com mascara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudera conhecer a Ariadna!

à part.

Ariad. Alli vejo Tezeo; já descançará o meu coração.

à part.

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que sem ella o não conhecera; e pois tão galhardamente se soube disfarçar, certos são os meus males.

à part.

Sabe Esfuziote com mascara muito horrenda.

Esfuz. Só agora que tapo o rosto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me não perca nas voltas de Andreza.

Sang.

Sang. Ay que galante mascara entrou agora!

Rey. Dê principio ao faráo a canora harmonia dos instrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro, que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella sem duvida he Fedra; dançarey com ella.

Fedra. Fortuna foy o conhecerme Tezeo.

à part.

eband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade desta occasião seja o indulto deste atrevimento.

Fedra. Se a occasião o permite, não pôde a vontade deixar de obedecer.

Dançaõ, e cantaõ os dous o seguinte.

M I N U E T E.

eband. Inda não creyo
O bem, que gozo:
Serey ditoso,
No meu amar?

Fedra. Estas a voltas
São da fortuna:
Sórte opportuna
Amor te dá

eband. Serás amante?

Fedra. Serás constante?

Ambos Esta constancia
Firme será

Fedra. A' manhã à noite te espero na sala
dos

dos enganos do Labyrintho. *à p. para Tebe*
Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo
 me mate o gosto de possuillas. *à part.*

Rey. Quem dançou com Fedra, sem du-
 vida foy Tebandro, e o fez galharda-
 mente. *à part.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a
 dançar; sem duvida he Ariadna, que
 me conheceo pela banda. Oh que va-
 garosos são os passos de hum acelerado
 desejo! Formosa Ninfa, para que me
 não perca no Labyrintho da dança, per-
 mitti, que o norte de vossas luzes seja o
 indice de meus acertos. *à p. para Ariad.*

Ariad. Bem he, que aprendais acertos nes-
 te Labyrintho, para que no de amor
 não vos percais. *à part. para Tezeo.*

Dançaõ, e cantaõ os deus o seguinte

M I N U E T E.

Tezeo. Na pura neve
 De teus candores
 Os meus ardores
 Se ateaõ mais.

Se essa ventura
 Feliz alcanças,
 Nessas mudanças
 Temo o meu mal.

Tezeo. Serás amante?

Ariad.

Ariad. Serás constante?
Andos. Esta constancia
 Firme será.

Ariad. Na Sala dos enganos espera-me à
 manhã a estas horas. *à parte para Tezeo.*

Tezeo. Ao meu desejo , e ao teu preceito
 obedecerey.

Rey. O que dançou agora com Ariadna,
 seria Lidoro. Quem me dera ver já con-
 cluidas estas ditosas nupcias. *à part.*

Esfuz. Aquella das ancas roliças he Tara-
 mella , e ainda que o não seja , como
imaginatio facit causam , supponho , que
 he ella ; e já que he menina do açafate,
 dançarey com ella huma giga. Senhora
 mascarada , aqui todos somos huns , er-
 ga o rabete , e vamos dançando.

Aram. Bem condizem as palavras com o
 gesto ; tenho entendido , que em tudo
 he ridiculo.

Esfuz. Ella he sem duvida , que agora a
 conheço melhor pelo falso metal da voz :
 ora entiricemonos em fórma dançatriz.

ARIA A DUO

Em fórma de Minuetè.

Esfuz. Inda que gaste
 Duzentas folas,
 Mil cabriolas

Por

Por ti farey.

Taram. Ay que bichancro!

Que horrenda cara!

Quem lhe cascara

Hum cambapé. *Faz Esf. que tropeça*

Esfuz. Dame essa mão,

Para me erguer.

Taram. Va-se dahi,

Quem he vossé?

Esfuz. Sou quem por ti

Mil cabriolas

Juntas farey,

Quercs tu ver?

Ora la vay,

Huma, duas, e tres, e quatro, e cinco,
e seis. *Em pulos.*

Amb. Muy buliçoso

Tens esse pé!

Rey. Basta, demos por acabado o saráo.

Olá, preparem-se as mesas, pois quero
banquetear esta noite aos Principes.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes
querem cear. Ah falso Tezeo, eu me
vingarey de ti. *à part. vai-se.*

Sang. E que se passasse a noite, sem haver
hum Embaixador, que comigo danças-
se, para mostrar minhas habilidades!
Paciencia, vamos a codear. *à part. vai-se.*

Cor.

*Corre-se a corrediça do meyo , apparece huma
mefa , e tiraõ todos as mascaras , excepto*

Tezeo , e Tebandro.

Rey. Principes, tiray as mascaras, que naõ
haveis de comer com ellas.

Tezeo. Estou perdido, se ElRey teima,
em que nos descubramos, pois já me
naõ posso retirar, sem que me veja, e se
me for à sua vista, tal vez que mo naõ
consinta. Quem já mais se vio em taõ
apertado lance!

à part.

Fedra. Ay de mim, que se Tezeo tira a
mascara, ElRey o conhece! Naõ tires
a mascara, que nisso está a tua vida.

à parte para Teband.

Teband. A minha vida? Naõ entendo a
Fedra.

à part.

Ariad. Que será de Tezeo, se ElRey por-
fiar em que tire a mascara? Tezeo, naõ
tires a mascara, que primeiro está a tua
conservação.

à parte para Tezeo.

Tezeo. Bem sey, mas que hey de fazer?

Rey. Que he isso Lidoro? Que he isso Te-
bandro? naõ tirais as mascaras? Recu-
lais o meu convite?

Esfuz. Eu por mim, Senhor, sem precei-
to de Vossa Magestade já tirey a masc-
arilha, se bem que para taes funcões ain-
da com mascara mascára.

Teband.

Teband. Fedra me diz, que não tire a máscara, e ElRey ordena o contrario, como ha de isto ser? *à parte*

Tezeo. Hoje será a minha total ruina. *à parte*

Esfuz. Não te disse eu, Senhor, que te metias nesta dança algum contra tempo. *à parte para Tezeo*

Rey. Essa desobediencia he ludibrio do meu decóro. Que receyo tendes em vos descomobrires? Alguma traição indica esse recato, e esse rebuço. Olá da minha guarda.

Fedra. Ay infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejaõ tal desgraça. Quem nunca te mandara chamar! *à parte. e vai-se.*

Ariad. Que infelicidade! *à parte*

Esfuz. Eis-aqui os bailes! Coufa de pé sempre dá na cabeça. *à parte.*

Tanto que ElRey chama a guarda, virão dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com máscara, pela parte donde está Tezeo, e este se irá logo, e ElRey estará virado com as costas para elle, e Tebandro tira a máscara.

Tezeo. Agora neste tropel, e confusão, me irey. *Vai-se.*

Lidor. Não pude acabar comigo deixar de vir ao farão; mas cuido, que já venho tarde. *à parte.* *Ariad.*

Ariad. Já se foy Tezeo : já respiro com
socego. *à part.*

Rey. Agora fará o rigor, o que não póde
o respeito.

Teband. Aqui não ha mais, que obedecer.
Senhor, Vossa Magestade não accuse
de remissa a minha obediencia, pois eu . .
eu

Tira a mascara.

Rey. Está bem, Tebandro. E vós Lidoro
nem o exemplo de Tebandro, nem o
meu preceito he bastante, para que aca-
beis de tirar a mascara? Porém não de-
veis de ser Lidoro, que a ser, fericis mais
attento; e nessa supposiçãõ : Olá, ti-
ray a mascara a esse homem, para que
depois de conhecido, pague com a vida
o seu atrevimento.

Lidoro. Senhor, que diz Vossa Magestade,
se eu ainda agora entro, sem que em
nenhum tempo fosse inobediente a teu
preceito?

Tira a mascara.

Rey. He boa desculpa esta, Lidoro, que-
rer contradizer huma ocular evidencia.

Lidoro. Hum Principe de Epyro não sabe
mentir; e para que me acredites, per-
gunta-o a esses Soldados, que comigo
vieraõ.

Sold. Assim he, Senhor, que o Princi-
pe Lidoro comnosco entrou.

Esfuz.

Esfuz. Isso está muito bem , mas o caldo
estará de neve. *à part*

Ariad. Estimo , que fosse Lidoro lo culpa
do. *à part*

Rey. Lidoro , eu creyo o que me dizeis
porém deixay que creya tambem ao
meus olhos , que viraõ hum mascara dan-
çar com Ariadna , a quem mandey se des-
cobrisse , cuja desobediencia foy tal , que
para seu castigo me obrigou a chamar
a estes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois , Senhor , eu não dancey com
Ariadna , que a minha fortuna sempre
adversa me privou desse bem , por não
querer conseguir favores no disfarce de
quem na realidade me despreza ; e assim
peço-te , Senhor , me dês licença para
retirarme à minha Corte , que como ha
em palacio quem dance com Ariadna ,
e ha nella repudios , que me desenganaõ ,
bastante motivo , parece , que abona o
meu retiro. *Quer irse.*

Rey. Não vos ausenteis , Lidoro , levando
hum escrupulo taõ indecente ao meu de-
coro. Eu vos prometto averiguar quem
foy o que dançou com Ariadna , para o
que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Isso assim ferá ; porém a sopa es-
friata est.

Ariad.

Ariad. Lidoro , se pelos meus desvios vós ausentais , digo , que tendes razão ; porém sempre andastes descomedido em dizer , que ha em palacio quem dance comigo , quando não póde haver tão atrevido pensamento , que intentasse com o dissimulo do disfarce aproveitarse do contacto da minha mão ; pois só com a permittida faculdade delRey cometerias , com esse indulto , esse delicto.

Lidor. De tão ditoso crime desejava ser o culpado.

Esfuz. Senhores , guardem isso para sobre mesa , pois naquella babilonia de payos não faltaõ linguas , para deslindar esse novo caso da consciencia.

Rey. Eu confesso , que estou perplexo , e ainda não posso crer , que não dançastes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo vestido pudestes distinguir , se me parecia eu com esse mascara , que dançou ?

Rey. Como já os annos me vão privando da perspicacia do melhor sentido , não fiz apprehensão no vestido ; diga-o Ariadna , e Tebandro.

Teband. Não ha duvida , que o vestido era diferente a este de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differen-

ça tinha; e para que Lidoro se não atreva em minha presença a proferir taes inauditas offensas, Vossa Magestade me permitta licença, pois que não posso castigar o seu atrevimento, ao menos me retire de ouvir taes loucas palavras

Vai-se

Esfuz. Ora isto já se não póde aturar; eu não hey de ser Tantaló, ainda que esteja no Inferno; valhaõ-me as minhas rampantes habilidades, que com a disputa-sinha em nada reparaõ a estas horas.

Esconde-se Esfuziote debaixo da mesa, e de quando em quando deita a mão em hum prato.

Rey. O caso está duvidoso.

Esfuz. Por isso vou commentando.

Deita a mão.

Rey. Lidoro, descançaçay, que vos prometto averiguar, quem foy, o que dançou com Ariadna; pois a não feres vós, como dizeis, e não vermos retirar-se o outro, que se suppoem, não sey quem possa ser, salvo se for o vivo morto, que o Oraculo predisse para total extincção do Minoutaro.

Vai-se.

Esfuz. Isso dizem todos à boca cheya.

Comendo

Teband. Vou confuso, sem saber, porque cau-

cau-

causa me diria Fedra , quẽ me não descobriſſe.

à part. e vai-ſe.

Lidor. Quem vio mayor confuſão !

Esfuz. Pregunte-mo a mim , que eu porey iſto em pratos limpos.

à part.

Lidor. Que enleyo ſerá eſte ? Tudo em Creta ſão Labyrinthos , e enigmas ! Pois afirmar ElRey , que eu dancey com Ariadna , quando vinha para eſſe effeito , e o que mais he , não apparecer , nem ſaberſe quem com ella dançou , não ſey o que preſumo !

Esfuz. O ſupino de preſumo he preſunto , e eſte que não he máo !

à part.

Lidor. Preſumir em Ariadna , que admite outro amante , he defacerto , por não haver em Creta , quem a mereça : eu , vacilante no Oceano tempeſtuoso de tanta confuſão , não ſey discernir o que ſerá iſſo.

Esfuz. He chouriço , que ſabẽ como gaitas.

à part.

Lidor. Oh nunca caprichara em não vir ao baile , que ſe a tempo chegaffe , nunca haveria quem tanta fortuna conſeguir ! Oh que tormento me penetra o intimo do coração , pois em tanta duvida não poſſo deſcifrar a cauſa de minhas penas !

Esfuz. Na verdade, que isto he hũm bo-
cado, que se não pôde tragar : valha o
diabo ao cosinheiro, que deixou o gal-
lo com esporões.

Repete Lidoro o seguinte

SONETO.

Se este mal, que padeço, hey de mostrallo
Perifrazis não acho a definillo ;
Pois quando dentro d'alma sey sentillo
Balbuciente he o gemido a declarallo :
Por mais que intento em vözes descifrallo
Me soffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém este mal hum tal sigillo,
Que parece he delicto o publicallo :
Se o tormento, que n'alma se resume
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, dõnde finto hum vivo lume
Sómente caberá seu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na boca voraz do mesmo Inferno.

Esfuz. Já que deu o mote, cá vay a glo-
fa. *Comendo.*

Sabe Taramella.

Taram. Já que o falso Tezeo corresponde:
Ariadna, pois com a banda, que lhe
dey em seu nome, veyo ao saráo, e
com ella dançou com notorio desprezo
de minha pessõa, que espero, que me
nãõ

naõ vingo estorvando os intentos do seu amor?

Esfuz. Lá vem Taramella, se me naõ engano; e como vem comefinha!

Taram. Senhor Lidoro, taõ só por aqui a estas horas? Já me naõ pergunta por Ariadna?

Lidor. Já se acabou esse cuidado, que como Ariadna tem, quem dance com ella, naõ he muito, que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razaõ Vossa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Esfuz. Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *à part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu sabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas segredo, eu to direy. Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *à part.*

Esfuz. Vejaõ lá, se assim como me deu a banda no Labyrintho, se a dèsse a Tezeo, que tal seria?

Lidor. Dize-mo, Taramella; e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens nesta joya o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joya.*

Taram. Ay Senhor, para mim naõ ha mais joya,

joya, que o seu bom modo, e cortezia :
que o modo, com que se dá, augmen-
ta o valor da dadiva.

Esfuz. Porém sempre lambendo. *à part.*

Lidor. Dize, não tenhas pejo.

Esfuz. Eu cuido, que ella está pejada,
pois a vejo em termos de vomitar. *à p.*

Taram. Vigie não venha Ariadna, que se
me acha fallando com Vossa Alteza só
por só, me matará certamente; pois
diz, que nem cousa sua quer que com
Vossa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella não vem ago-
ra.

Taram. Pois, Senhor, faberá, que quem
dançou com Ariadna ay Senhor,
veja por sua vida não venha ella.

Lidor. Dize, que não vem; pois quem foy?

Taram. Foy Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como póde
fer, se elle morreo no Labyrintho? Vai-
te, e deixa-me com essas quimeras.

Esfuz. A mulher he capaz de detenterrar
mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo não mor-
reo; Ariadna se corresponde com elle,
e veyo ao baile, e por final.

Lidor. Espera, que ahi vem Ariadna por
aquella Sala.

Taram.

Taram. Ay desgraçada de mim , se aqui me vê ! Esconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna , que veyo ; nunca to pé dôa. *à part.*

Lidor. Em quanto ella passa , esconde-te debaixo daquella mesa , que de outra fórte não pôdes ir , sem que te veja.

Taram. Pois eu me escondo , e avize-me , quando se vay.

Esfuz. Anda para cá , que eu te perguntarey. *à part.*

Esconde-se Taramella debaixo da mesa , donde está Esfuziote , e brigaõ de fórte , que virá a mesa ao chaõ.

Taram. Ainda estou sem pinga de sangue no corpo.

Esfuz. Aqui se pagaõ ellas , velhaca , embusteira.

Taram. Ay , que não sey , quem aqui está !

Esfuz. Cal-te , marafona.

Taram. Aque delRey , acuda-me Senhor Lidoro ; acuda-me Vossa Alteza. *Vai-se.*

Cabe a mesa.

Esfuz. Antes que te vejaõ , Esfuziote , vay-te esfuziando. *Vai-se.*

Lidor. Quem vay ahi ? Quem he , Taramella ?

Taram. Elle ahi vay , veja se eu fallo verdade ?

Lidor.

Lidor. Irei em teu seguimento. *Quer ir-se.*
Sabe Ariadna.

Ariad. Em seguimento de quem? Que foy isto, Taramella? Que disturbio he este?

Taram. Vindó levantar a mesa, estava hum caõ roendo hum osso; foy elle, que me queira levar a carne da perna por amor do osso, que para ambos foy de correr; eu para fugir, e o caõ para morderme; e com o medo tropecey na mesa, e veyo tudo ao chaõ.

Lidor. Que não pudesse distinguir, quem era o que fugio! Mas quem havia de ser, fenaõ quem disse Taramella; que talvez por esse respeito viesse Ariadna a este lugar, estorvando-me o seguillo?

à part.

Ariad. Vay chamar quem levante a mesa. Ouves, dirás a Tezéo, que se por acaso me não ouvio no baile, que o espero na Sala dos enganos à manhã à noite. *à p.*

Taram. Eu vou, Senhora. Olhe o negro caõ o fusto que me meteo!

Lidor. Cuido, Senhora, quê já vindes tarde; mas quem he vivo sempre apparece.

Ariad. Não entendo essa nova fraze de fallarme.

Lidor.

Lidor. Não sem causa eraõ os teus desvios, ingrata; pois desprezando a viva confiança, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coração na realidade.

Ariad. Ay desgraçada! Que he o que ouço?
à part.

Lidor. Agora morrerey com mais suavidade, conhecendo a causa de teus desvios; mas não desesperado na incerteza da causa de teu desdem.

Ariad. Como desattento a meu decóro fabricais em vosso pensamento esses temerarios conceitos, indignos de minha soberania?

Lidor. Que offensa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foy quem contigo dançou disfarçado? E se hum Principe como Tezeo he o teu emprego, em que se póde offender o teu decoro?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem se vê, que todas as maquinas, que fabricas, são fundadas em aereas desconfianças; pois ainda que Tezeo podesse resuscitar agora, nem vós, nem elle, nem ninguem, podia contrastar a minha isenção: ide-vos, idevos, barbaro, temerario, que essas fingidas idéas não podem escurecer as purezas do Sol.

Lidor.

Lidor. Adverti , que o Sol com ser puro ,
naõ deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos , tenho dito.

Lidor. Eu me vou ; porẽm naõ sey , se me
tornarás a ver ; que os zelos , em que
me abração , naõ cabendo dentro do co-
ração , talvez fação mayor estrago , do
que imaginas.

Vai-se.

Ariad. Ay de mim , que Lidoro zeloso ,
sabendo que Tezeo he vivo , o irá com-
municay a ElRey ! Qué farey ? Amor ,
influe acertos a meus intentos , para que
Tezeo naõ fique opprimido a violencias
de hum cego ciume.

Canta Ariadna a seguinte

ARIA.

Confusa , e perdida ,
Sem alma , e sem vida ,
Alivio em meus males
Aonde acharey ?

Se a infiel tyrannia
De hum cego me guia ,
Em tantos enleyos
Que acertos terey ?

Vai-se.

SCE-

S C E N A IV.

Gabinete, e espelho no fim delle. Sabem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. **N**otavel foy a traça, com que te sabiste do faráo ! E pois entáo lografte effa fortuna, não he juf-to entendas, que sempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em taõ evidente perigo; porém por mayor, que seja, nunca deixarey de ver a Ariadna; que hum espiririto armado de amor não teme as iras de Marte.

Dedal. Effas palavras são effeitos de hum juvenil ardor; algum dia reputarás ignorancia o mesmo, que agora julgas discricião; diga-o eu, quando fabriquey este Labyrintho, especialmente este gabinete, no qual empenhey com particularidade a minha sciencia; porém o que naquelle tempo foy vangloria da idéa, hoje vejo, que foy erro da fantasia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio, que não sey discernir qual he o melhor; este não ha duvida que admira; mas não excede.

Dedal.

Dedal. Se tu , Senhor, souberas a virtude, que tem aquelle espelho , verias o quanto este gabinete he digno de estimação.

Tezeo. Não me dilates o gosto de sabello.

Dedal. Aquelle espelho, que alli vês, fica fronteiro àquella janella, da qual, ainda que muito distante, se vêm os jardins de palacio; e sem embargo da sua distancia, he tal o artificio, com que fabricquey esse espelho, que aquelle objecto remoto o avishna tanto aos olhos, que nelle se distingue a minima flor daquelle jardim: repara, e vê.

Tezeo. Não ha duvida: que ameno pensil! Mas que muito, se Ariadna ostentando-se Flora desse jardim, veste de purpuras as rosas, e de candores as affucenas.

Dedal. Conheces quem he aquelle, que lá vem?

Tezeo. Já vejo, que he Lidoro, e taõ distinctamente, como se estivesse aqui com nosco.

Por detraz do espelho apparece Lidoro.

Lidor. Ainda me não posso capacitar, que Tezeo he vivo, só pelo leve informe de Taramella; he necessario mayor averiguação, para que com mais certeza o com-

communique a ElRey em vingança dos meus zelos : bem sey, que as conjecturas são efficazes ; porque haver quem com Ariadna dançasse, sem que se visse, quem foy, e logo sahir hum homem de baixo da mesa com arrebatada fuga ; isto argúe huma quasi verosimilidade, de que Tezeo he vivo ; porém para condemnar não bastão indicios.

Dedal. Muy triste, e pensativo está Lidoro!

Tezeo. Sem duvida os desvios de Ariadna, são a causa de seus pezares.

Dedal. Lá vem Ariadna ; vê que mais queres!

Apparece Ariadna por detraz do espelho.

Tezeo. E como vem galharda ! Ay Dedalo, que considero naquelle espelho as propriedades de Ustorio ; pois na esfera de seus rayos me abraço Salamandra de suas luzes, se já não he Telescopio, em que diviso a bella grandeza daquelle astro.

Ariad. Aqui está Lidoro ; quanto temo, que dos seus zelos a furia finta Tezeo ! Queró desvanecellos, mostrando-me amante ; que nas guerras de amor, vencer com enganõs he o melhor systema. *à p.*

Lidor. Vossa Alteza, Senhora, tão só por este

este jardim , podendo estar acompanhada no Labyrintho ?

Ariad. Lidoro , ainda se vos não desvanecio essa fantasia ? Pois sabey , que a feiçõ possivel viver Tezeo , e eu capaz de amar , nunca por Tezeo vos desprezara.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir , o que fallaõ Ariadna , e Lidoro !

Dedal. A tanto não póde chegar a sciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaste o ver , se me havias negar o ouvir ?!

Lidor. Se até aqui , cruel , me matavas com defenganos , agora com enganos me queres tyrannizar ? Não me desvanças com possiveis carinhos a isençaõ do teu peito , que bem informado estou , que adoras a Tezeo vivo , ou ao menos as memorias de Tezeo morto ; pois de toda a fórte sey , que o amas.

Ariad. Para desvanecer esse errado projecto do teu ciume , quero , violentando a minha natural isençaõ , obedecer a teu rogo : vay , Lidoro , dize a ElRey meu pay , que abrevie os nossos desposorios , para que vejas , que o meu desvio não se origina de occultos affectos. Perdoa , Tezeo , estas fingidas vozes de minha cautella , que todas são dirigidas à tua liberdade. *à p.*

Tezeo.

Tezeo. Que estará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

Lidor. Belissima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes. Porém quando não foraõ indiscretos os zelos? E pois com tantos favores premeyas os meus delictos, deixa que, prostrado, novamente a minha liberdade te sacrifique.

Poem-se Lidoro de Joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ay de mim, Dedalo! Que importa estar aqui ocioso o ouvido, se os olhos como testemunhas de vista me informaõ dos meus zelos? Não viste a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de suas adorações?

Dedal. Póde ser, que não seja de amor o motivo desse rendimento, mayormente quando não podes ouvir, o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que assumpto podia ter para as suas vozes, senão expressões de seu amor? Ay infeliz, que como basilisco dos zelos a mim mesmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle espelho!

Lidor.

Lidor. Porém já que o suave espirito de tua fineza communica novos alentos minha esperança, permite-me algum signal externo de tua constancia.

Ariad. Cresça o engano; augmente-se a industria. Supposto que o abono de minha palavra para me acreditares bastava, com tudo, este retrato meu será cfiador, para que creas mais à copia, que ao original. *Dá-lhe o retrato.*

Lidor. Com o favor deste retrato alentas ao meu coração de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganar-se a vista? Não viste dar Ariadna hum retrato seu, que no peito trazia, a Lidoro? Que mais clara evidencia de sua falsidade? Ah ingrata! Ah falsa Ariadna! Essas eraõ as tuas isenções? Porém se es mulher, que muito sejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a este lugar!

Lidor. Para que me possa vangloriar de ditoso, só falta, que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Cantaõ Lidoro, Ariadna, e Tezoo a seguinte

A R I A.

- Lidor. Se ostentas no pintado
 Constante o teu agrado,
 Oh peço-te não seja
 Pintado o teu favor.
- Ariad. S o vario dessas cores
 Adoras por favores,
 Nas sombras da pintura
 Mitiga o teu ardor.
- Tezoo. Falsa, cruel, avára,
 Na duvida repara,
 Verás nesse retrato
 Copiada a minha dor.
- Lidor. Dize, serás constante?
- Ariad. A mim não mo perguntes,
 O tempo to dirá.
- Tezoo. Tyranna, eu desespero,
 Eu me abraço, eu enloqueço.
 Quem vio tormento igual!
- Lidor. A copia, que me anima,
- Ariad. A gloria, que me alenta,
- Tezoo. A dor, que me atormenta,
 Se intenta eternizar.
- Lidor. Mas ay, que essa fortuna
 Não posso acreditar!
- Ariad. Mas ay, que a tua idéa
 Se póde allucinar!
- Tezoo. Mas ay, que o meu ciu-me

Me quer precipitar!

Lidor. Ar. Pois que ouço,

Tezeo. Pois que vejo,

Todos. Que nada no Orbe constante será.

Vão-se Lidoro, e Ariadna.

Dedal. Principe, não te entregues todo ao sentimento, deixa loucuras de amor.

Tezeo. Nada me digas; deixa-me seguir a huma inimiga, que na fragancia daquelle jardim se ostenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em sanguinolenta metamorfose escreverá nas folhas das brancas rosas as rubricas de minha vingança. *Quebra o espelho.*

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de seu amante.

Dedal. Que culpa teve o crystal, para experimentar o teu rigor, quando nelle só por reflexo viste a causa de tuas penas?

Tezeo. Ainda que errey o tiro, sempre acertey o golpe; porque espelho, que foy theatro dos meus zelos, he bem que em atomos desfalleça, para que no estrago de seus crystaes se represente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, não sabe liquidar no espelho de meus olhos o crystal de meu pranto.

Dedal,

Dedal. Em hum instante desvaneceste o
trabalho de tantos annos.

Zeo. Dedalo , guíame à Sala dos enga-
nos , aonde me disse Ariadna a esperasse
esta noite ; pois já o Delio Planeta em
mal distinctas luzes quasi toca a diafana
méta do ultimo horizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna , se a
viste seguir a Lidoro ?

Zeo. Por isso mesmo , para que na Sala
dos enganos encontre o ultimo desenga-
no. Ay Dedalo , que ha no Mundo mais
Labyrinthos , do que cuidas !

Dedal. Não sey , que atéqui haja outro ,
fóra deste.

Zeo. Pois sabe , que dentro deste Laby-
rintho existe outro Labyrintho.

Dedal. Não entendo.

Zeo. Para que me entendas , attende , e
verás.

S O N E T O .

Labyrintho mayor , mais intrincado ,
Tem amor em meu peito construido ;
De quem se ostêta aos golpes do gemido ,
Pinzel a magoa , artifice o cuidado :
memoria se vê delineado .
O tormento de hum gosto amortecido ;
Na confusão da dor o bem perdido

Nunca se encôtra, ainda quando achad
 A' maquina mental desta estructure
 Adornaõ, em funestos parallelos,
 Lamina o susto, sombras a pintura;
 Columnas são os miseros desvélos
 Estatua o desengano se affigura,
 Fio a esperança he, monstros os zelos

Vai-
Dedal. Quem duvida, que amor he
 mayor Labyrintho? *Vai-*

S C E N A V.

*Sala de columnas, 'que a seu tempo cabiraõ
 ficará tudo em outra vista, e no fim da Sa
 baverá huma Vaca.*

Sabe Esfuziote.

Esfuz. **A** Gora que a boca da noite v
 engolindo o manjar branco
 dia: não digo bem; agora, que a ling
 do Sol se vay encolhendo na boca
 noite, a quem o cadeado do silencio l
 fura os beiços da escuridade, venho
 gunda vez ao Labyrintho; que se a p
 meira vim, porque nella me perdi, ag
 ra venho, porque fóra delle me quero
 deitar a perder. Fiai-vos lá, em mull
 res, que em tendo zelos são peyoro

que caens damnado ! Tomara perguntar a Taramella , para que foy dizer a Lidoro pá pé , tudo quanto lhe disse , e por hum triz , que me não apanha com o rabo na ratoeira : não lhe perdo o máo cozimento , que me causou com os sustos ; porém para me livrar delles , e della , irey buscar a Tezeo ; que antes quero viver no Labyrintho , que morrer em palacio ; que póde fer , que se lhes meta em cabeça , que eu sou Tezeo de verdade , e me torção o pescoço , assim como quem não quer a coufa ; pois çafão daqui fóra. Oh , esta sem duvida he a Vaca , que disse Dedalo fabricara para Pazife ! Cá está a escotilha , por onde a tal Rainha vio os touros de palanque ! Mas eu , se me não engano , aqui vem gente ; seja quem for , escotilha aberta , justo pecca ; eu me escondo dentro da Vaquinha feito Rainho , até que passe quem quer que he.

Esconde-se Esfuziote na Vaca , e sabe Taramella.

Taram. Outro recado temos de Ariadna para Tezeo. He para ver se se namoraõ à chucha callada ! Bem fiz eu em dizello a Lidoro. Esta he a Sala dos enganos para onde hey de dizer a Tezeo , que

que venha : mas isto he quasi noite para ir ao centro do Labyrintho, e tem que me anoiteça no caminho ; o melhor será ir-me embora , que assim como assim já não tenho mais, que saber , que certos são os touros.

Esfuz. Mais certa he a vaca : esta he Taramella ; não sey se lhe falle, pois quando a sua falsidade me esconde, a sua beleza me escancarea?

Taram. Ay ! Ainda aqui está esta negra Vacca ? Não sey como se consente este tratado em ser !

Esfuz. Bom traste es tu.

Taram. Só de a ver me tremem as carnes.

Esfuz. A rapariga tem tremendas carnicas.

Taram. Oh maldito seja Dedalo , que te fez para occasião de tanta ruina !

Esfuz. Oh maldita sejas tu , que tão lambareira és !

Taram. Ella sem duvida parece coufa viva.

Esfuz. Ora viva quem se chega.

Taram. Para que mais, até a pelle tem cabellos.

Esfuz. A occasião pelos cabellos. Espera cabelluda Deidade, que hoje o pente do meu carinho te tirará as lendeas de tua desconfiança.

Sabe da Vacca

Taram

Taram. Ay! Quem me acode, que a Vaca sabe fallar?

Esfuz. Ha cousa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia sal, e pimenta.

Taram. Uy! Vossa Alteza cá está na Sala dos enganos? Naõ quiz deixar de obedecer a seus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Esfuz. Quem he essa ella, Taramella?

Taram. Já lhe esquece? He aquella, com quem dançou a noite passada.

Esfuz. A noite passada dancey comtigo.

Taram. Naõ me queira desesperar; eu naõ o vi dançar com Ariadna com a mesma banda azul, que lhe levey ao Labyrintho, e por final que dançou melhor, que ninguem?

Esfuz. A'gora, já estou muy pezado; isto he chaõ, que já foy vinha.

Taram. Logo naõ nega, que dançou com Ariadna?

Esfuz. Naõ, filha, que eu naõ podia dançar bem, senaõ comtigo.

Taram. E a banda azul?

Esfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cego; quem anda cego, naõ vê; e quem naõ vê, naõ póde julgar de cores.

Taram.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido que Vossa Alteza faz zombaria de mim.

Esfuz. Já te disse, que me não altezees que o amor, e a Magestade, sempre se assentaraõ em iguaes tripeças.

Taram. Senhor, com que estamos? Vossa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

Esfuz. Assim foy, que a verdade manda Deos, que se diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aqui nesta Sala dos enganos, na qual me disse Ariadna a esperasse Vossa Alteza, por se acaso não tivesse ouvido bem, o que ella lhe disse? He isto verdade?

Esfuz. Verdade he, que eu estou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

Esfuz. Isso he mentira.

Taram. Como póde ser verdade, e mentira ao mesmo tempo?

Esfuz. Porque neste tempo tudo saõ mentiras, e verdades.

Taram. Se isso he conceito, não o entendendo.

Esfuz. Pois eu era tão descortez, que disse conceitos na tua presença?

Taram. E para mais prova, diga, que faz

zia debaixo da mesa escondido , sendo hum Principe?

Esfuz. Estava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Esfuz. Da tua falsidade , pois foste taõ linguatriz , que disseste a Lidoro , que eu estava vivo. Dize , tyranna , assim desempenhas a catarata do teu nome? Se es Taramella , porque te naõ fechas? Mas se es Taramella devassa , por isso te abriste , desenterrando mortos , para enterrar vivos : que dizes agora?

Taram. Digo , que fiz muito bem ; pois já que eu o naõ hey de lograr , naõ quero que me logre tambem ; já que eu choro o seu desvio , finta Ariadna o que eu padeço ; mas diga-me : porventura quando se meteo debaixo da mesa , já sabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

Esfuz. Cal-te , tolla , mecanica , naõ sabes , que nós os Principes temos o dom de adivinhar ? E para que o vejas , essa joya , que trazes no peito , te deu Lidoro , naõ he verdade?

Taram. He verdade , pois que temos?

Esfuz. Temos embargos a isso : dize-me , insolente , leviana , fragil , pois tu accitas joyas de Lidoro , estando para casar com hum Principe de Athenas?

Taram.

Taram. Elle não ma deu por mal.

Esfuz. Pois eu por mal a tomo; lar- *Tiramella*
ga essa joya, indigna futura Prin- *joya*
ceza, que não he decente à minha hon-
ra, que adorne teu peito falso diamantes finos. He boa graça! Estou ardendo!
E quando nada, saquey a joya por bom modo. *à part.*

Taram. Com que Vossa Alteza me leva a joya, ainda em cima de me ser desleal?

Esfuz. Olha, filha, aqui ninguem nos ouve; eu bem sey, que Lidoro te não deu por mal essa joya; mas não he brio meu, que tu tragas diches desse sevandija.

Taram. Senhor, estava muito bem, se Vossa Alteza não amasse a Ariadna?

Esfuz. Olha, permitta Deos, que se eu casar com Ariadna, que berrando vá a minha alma parar aos quintos infernos a fazer filhozes com Plutaõ.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo perca eu esta tolá! Ora vem cá, minha Taramella, façamos as pazes, tem lastima deste amante coração, que por ti chora pelas barbas abaixo como huma criança. Não te compadecem os soluços de hum Principe, que assoando o monco da magoa no lenço da ingraticidão, des-tila

tila o nariz da fineza o estylicido do soffrimento? Digo alguma cousa?

Taram. Ay, deixe-me, não seja impo-
rtuno, antes que lhe perca o respeito.

Esfuz. Perde-o muito embora, que nisso
pouco se perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça
com o devido respeito.

Canta Taramella a seguinte

A R I A.

Que tremulo marres,

Que estatico morras,

Que estitico mirres,

Que morras, que marres, que mirres,

E a mim que se me dá?

Por mais que em teus males

Em ancias te estales

E em prantos te estiles,

De balde será.

Quer irse, e sabe Sanguixuga.

Sang. Esfuz. Espera, aonde vás, Taramel-
la?

Taram. Deixe-me, que vou desesperada.

Esfuz. Oh quanto folgo, que viesse tua
tia!

Sang. He possível, rapariga, que me fa-
ças vir tropeçando por esses Labyrin-
thos, vendo que nelle entraste a estas
ho-

horas? Que loucura foy essa?

Taram. He vir segunda vez verificar os meus zelos, para que com duas testemunhas de vista sentencee a este falso Principe a perpetuo desterro de meus carinhos.

Esfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que viesse vossa Sanguixuguisse, só para ver a insolencia, com que sua sobrinha trata ao segundo filho primogenito del Rey de Athenas, só porque a Infanta se afeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ser querido?

Sang. Senhor, se minha sobrinha lhe não tivesse amor, não teria zelos: que fará se ella soubesse, que Fedra tambem o namora?

à part.

Esfuz. E foy taõ insolente, que em vilipendio da minha pessoa aceitou huma joya do Principe Lidoro.

Sang. Ay Senhor, não seja ciumento, que em Palacio he estylo darem os Principes joyas às criadas do Paço. Olhe, esta, que aqui vê, ma deu o Principe de Chypre.

Esfuz. Inda mais essa temos? Venha, tia, esta joya muito depressa.

Sang. Ay! A minha joya? Para que?

Esfuz. Para que sim, senão *à fortiori* lha vou

vou tirando. Arre lá , a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joyas do Principe de Chifre ! Iffo não , não , Senhora , em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joyas. *à p.*

Sang. De-me a minha joya , Senhor.

Esfuz. Nada , nada , não tem que se cançar. Que dirá o Embaixador , que he zelloso como os diabos , se lhe vir effa joya ? Não queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo , que iffo do Embaixador he palhada , pois ha muito , que o não vejo.

Esfuz. Como recusava o teu matrimonio , mandey-o degradado para a sua Patria ; mas logo virá deitar-se a teus pés.

Taram. Tia , não gastemos tempo ; vamos , que he tarde.

Esfuz. Digalhe primeiro , que faça as pazes comigo ; e para que não cuide , que amo a Ariadna , aqui mesmo neste lugar quero casar com sua sobrinha ; ande , leve o diabo quem não quer.

Sang. Ay menina , aproveita-te da occasião.

Taram. Ah falsario , não cuides , que me has de lograr. *à part.* Pois , Senhor Tezeo , meta-se outra vez na Vaca , e espere por mim , que eu vou buscar luzes , para celebrarmos o matrimonio com

lumi-

luminarias. Tu verás como me vingó.

à part. e vai-se.

Sang. He possível que hey de ver com estes olhos esbogalhados a minha sobrinha Princeza! Senhor, saiba Vossa Alteza, que por esta obra pia de amparar huma orfã sem mãy, haõ de os Deoses fazello victorioso de seus inimigos. *Vaise.*

Esfuz. Eu sou o noivo, e levo o dote em joyas: com esta casta de gente sou eu gente. Aparelha-te, Esfuziote, que hoje has he senhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ay, que já estou pulando! Ora sem duvida, que o fazerme Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos esconder na Vaca; comece a obedecer, quem principia a triunfar.

Mete-se Esfuziote na Vaca. Sabem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. Esta he a Sala dos enganos: nella naõ temas perigos, que no mayor, em que estiveres, te defenderey com hum certo artificio, que só para mim reservey.

Tezeo. Pois naõ te apartes nunca de mim, em quanto espero o sol de Ariadna, para clarificar a opáca sombra deste cáos; e quando naõ, o Cometa de meus zelos

los será luzido farol, que me allumie.

Esfuz. Frito seja eu ; se aquella voz par-
da não he de Tezo azul no seu ciume :
alguma cancaburrada temos !

Sabe Tebandro.

Teband. Muy valente he o amor, pois des-
prezando horrores , e confusões , me
conduz a este confuso abyfmo de en-
leyos , facilitando-me o caminho a esta
Sala dos enganos hum pratico deste La-
byrintho.

*Sabe Ariadna pela parte de Tebandro , e Fe-
dra pela de Tezeo.*

Ariad. Não disse bem , quem affirmou,
que o amor carecia de olhos , que a fer
cego, não me guiaria a esta Sala dos en-
ganos, só a buscar o bem, que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem disse, que o
amor era lince , (*Sabe*) que a não fer,
mal me conduziria a este pelago de hor-
rores , a procurar a causa de meu tor-
mento.

Tezeo. Passos ouço ; sem duvida he Ariad-
na.

Teband. Gente vem ; mas quem ha de ser,
senão Fedra ?

Tezeo. Vem , brilhante estrella de Venus,
a influir ; mas que digo ? Tu não es a
tyraña, que me offendeste ?

Esfuz.

Esfuz. Estrella de Venus he estrella Boeira , aqui deve de haver algum touro que vem namorar a esta Vaca.

Teband. Feliz mil vezes eu , que em anticipadas luzes vejo confundir os rayos da Aurora com os resplandores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos , claro está , que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaso aquelle ingrato , que não sabe corresponder à minha fineza?

Para Tezeo.

Tezeo. E tu , sem ser acaso , não es aquella mudavel , que grata , e carinhosa te ostentaste com Lidoro esta tarde no jardim?

Para Fedra.

Fedra. Vê , que te enganas.

Ariad. Oh quanto estimaras mais nesta occasião , que eu não fosse eu , senão minha irmã , a quem como agradecido faverás ser amante.

Para Tebandro.

Teband. Tu não sabes , galharda Fedra , que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado?

Para Ariadna.

Ariad. Tezeo cuida , que sou Fedra : ah cruel , que mal pagas hum constante amor!

à part.

Esfuz. Que diabo de sussurro ouço aqui ! Sem duvida isto he algum viveiro de cuchichos !

Fedra.

Fedra. Não sey, que motivos tenhas, para fabricar esse pensamento contra a lealdade, com que te adoro?

Tezeo. Se tu souberas o como te vi com Lidoro, tal vez que o não negasses; porém mal poderão as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já sey, que isso he maxima, que inventa a tua falsidade, para que me falte o tempo de dizerte, que só estimas os favores de minha irmã; mas se o teu amor não fora cego, tal vez que souberas avaliar as finezas, que me deves.

Tezeo. Tu bem sabes, Ariadna, que sempre foste primogenita de meu amor, sem que lograsse Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ay de mim, que Tezeo cuida, que sou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecera!

Esfuz. Muito tarda Taramella; eu confesso, que já não posso estar embezerado.

eband. Já não sey, formosa Fedra, quando me verey completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falsidades.

eband. Jupiter com seus rayos me abra-

ze, se algum dia quiz a Ariadna; pois só a ti formosa Fedra.

Ariad. Cala-te: ay de mim, que cada vez me offendes mais!

Fedra. Basta, que nunca idolatraste a Fedra?

Tezeo. Só tu, ingrata Ariadna, a pezar das tuas falsidades soubeste usurpar toda a liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Cala-te, desagradecido, que já te não posso escutar.

Tezeo. Eu nunca amey a Fedra, tu a Lidoro sim; deixa-me, ingrata, não te compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo, retira-te; ahi cuido, que está alguém.

Fedra. Retira-te por hum pouco, ingrato, que se me não engano, alli vem gente.

Tezeo. Será illusaõ; mas com tudo por amor de ti me retiro.

Esfuz. Ainda não vem esta maldita Taramella; pois o verde de minha esperança se vay mudando no amarello da desesperaçãõ.

Esconde-se Tezeo, e Dedalo. Sabe Lidoro com espada na mão, e Taramella.

Taram. Senhor Lidoro, esta he a Sala dos en-

enganos, busque-o na Vaca, que elle lá está esperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falsa cruel, hoje me vingarey de ti, e desse tyrano, que me offende. Mas quem está aqui? Ariadna he sem duvida.

Encontra-se com Fedra.

Fedra. Quem ha de ser? Já me desconhecetes? He a tua Ariadna.

Lidor. Não me enganou Taramella. *à p.*

Teband. Querida Fedra, cuido, que gente veyo.

Ariad. Não sou Fedra, falso, traidor, amante.

Teband. Ay de mim! Quem terá?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda não achaste nesta escuridade a luz de teus olhos?

Para Fedra.

Dedal. Espera, Tezeo; onde vás com essa espada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor: morra o traidor, que me offende.

Tezeo com espada, briga com *Lidoro*, e com a confusão se trocã as Damas, ficando Fedra ao lado de *Tebandro*, e *Ariadna* ao de *Lidoro*.

Lidor. Morra o aleivoso, que me opprime.

Fedra. Que desgraça! Ampara-me, Principe!

Ariad. Que infelicidade ! Sempre a teu lado morrerey constante.

Dedal. Que confusão !

Teband. Fedra , primeiro está a tua vida ; vem comigo.

Esfuz. Nesta arrenegada da confusão fahio o trunfo de espadas ; ainda bem , que estando o meu Sol em Tauro estou metido em hum sino.

Taram. Ay mofina de mim , que eu tive a culpa disto ! Irey chamar quem acuda. Acudaõ todos , acudaõ a estorvar a mayor desgraça , que já mais se viu : acudaõ , acudaõ. *Vai-se.*

Tezeo. Debalde resistes ao vigoroso impulso de meu braço.

Lidor. Por isso será mayor o meu triunfo : valente fois !

Tezeo. Tenho amor , e tenho zelos.

Esfuz. He hum regalo ver touros de palanque.

Teband. Fedra , segue-me.

Fedra. Como , se estou quasi mortal ?

Ariad. Senhor , ampara a minha vida.

Dentro ElRey.

Rey. Cercay todos o Labyrintho , para que se investigue a causa deste alboroto.

Dedal. Retiremo-nos , que vem ElRey.

Tezeo.

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua industria me valha.

Dedal. Anda comigo, que desta forte nos não poderão seguir. *Retiraõ-se.*

Sabe El Rey, e hum criado com luz; e depois que El Rey diz: Suspendey as armas, vaõ-se Tezeo, e Dedalo, o qual dará huma grande pancada, e cabem as columnas, e fica em vista de pateo.

Rey. Suspendey as armas. Mas ay de mim; que a Sala toda vem vindo sobre nós! Estranho successo!

Lidor. Isto he terremoto sem duvida!

Todos. Deoses clemencia!

Esfuz. Senhores, que diabo será isto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida isto he algum assougue!

Rey. Perplexo, e confuso, não sey o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo sem duvida se retirou, antes que o vissem. Oh quanto estimo, que o não encontrassem! *à part.*

Fedra. Adonde estará Tezeo? Tal vez se ausentou, vendo, que vinha gente. *à p.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, não estando aqui mais do que eu, e elle? *à p.*

Lidor. Tebandro foy sem duvida, o com quem briguey. *à part.*

Rey,

Rey. Ainda não estou em mim, confuso entre tanto assombro. Lidoro, Tebandro, que foy isto nesta Sala?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, isto não foy terremoto, seria algum artificio de Dedalo, que occulto estaria aqui; pois outro novo edificio se deixa ver, apezar da artificioza ruina das columnas.

Rey. Isso he sem duvida; porém como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle mesmo me poderey informar; mas por ora não me importa saber isto tanto, como a causa de vossos insultos, inquietando o silencio da noite, e o sagrado deste Labyrintho com desafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neste sitio, e a estas horas, e vós, Lidoro, com essa espada na mão.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como sempre, este Labyrintho, succedeo anoitecernos; e perdendo o tino na cunfusão da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acodisse, e os Principes, tal vez informados das nossas vozes, e clamores, se animaraõ a vir libertarnos deste enleyo; esta he a causa, Senhor, de nos achares aqui, e Vossa Magestade me permita licença, que a fadiga do susto
me

me obriga, a que me recolha. *Vai-se.*
Fedra. Bem fingio Ariadna. *à part.*
Esfuz. Tambem quem quer que he, men-
te que trezanda.

Eband. Como Vossa Magestade já está in-
formado da verdade, não tendo mais que
saber, não tenho eu mais que esperar;
mas sim a Fedra. Ay louco amor, quan-
do teraõ fim os meus males? *à p. e vai-se.*

Lidor. Por cuja eausa, Senhor, não havia-
vir desarmado, vindo a este lugar. Dis-
farce-mos ainda a falsidade de Ariadna.
à part.

Rey. Já tenho dito, que quando quizerem
vir ao Labyrintho, não venhaõ desacom-
panhadas; e já que se fez inutil o meu
preceito, agora inviolavelmente orde-
no tob pena de minhas iras, que nem vós,
nem Ariadna, venhaõ mais no Labyrin-
tho.

Fedra. Senhor, Vossa Magestade. . . eu
se

Esfuz. Aquella finge, que esta turbada.

Rey. Eu evitarey estes sustos: e vós, Li-
doro, já tendes visto, que não ha em
Creta, quem pudesse dançar com Ariad-
na; e assim satisfeito o vosso escrupulo,
podeis eleger, ou o irvos para Epyro,
como querieis, ou casar com Ariadna,
co-

como pertendo, por não fazer infructifera a vossa vinda.

Lidor. Como já sey quem foy, o que dançou com Ariadna, será justo, que eleja o irme para Epyro.

Rey. Pois que esperais, que o não dizeis?

Fedra. Que será isto?

Esfuz. Lá vay Tezeo com os diabos desta vez.

Rey. Vede, Lidoro, não seja isso delirio de vossos zelos.

Lidor. Não são delirios, são realidade, pois me atrevo a mostrallo neste mesmo lugar.

Esfuz. Agora isso tomara eu ver pelo buraco desta escotilha.

Rey. Neste mesmo lugar? Aonde, se aqui não está ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás, quem com Ariadna dançou.

Esfuz. Ay que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomara já ver, quem dançou com Ariadna.

Rey. O' lá, investigay essa Vaca, que segunda vez se conserva para a minha afronta, já que o meu descuido a não reduzio em cinzas, para que na minha lembrança só se conservasse esta memoria,

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarey de Ariadna. *à p.*

Soldad. Quem ahy está, faya para fóra.

Esfuz. Vaca não tem faya.

Soldad. Vá-se fahindo dahi.

Esfuz. A Vaca he de páo, e não pôde andar.

Rey. Quebrem essa Vaca. *Daõ na Vaca.*

Esfuz. Querem carne de chacina? Esperem, que eu me patentêo, antes que me metaõ os tampos dentro. Pois que he isto cá?

Sabe.

Lidor. Que he o que vejo! Este he Tezeo, que me disse Taramella?

à part.

Rey. Que he isto Lidoro? Este criado he o que dançou com Ariadna? Vês, que tudo foy delirio do teu ciume?

Lidor. Não sey o que responde: Senhor, já sey, que o meu ciume me pode allucinar, mas não foy sem fundamento: Estou corrido!

à part. e vaife.

Esfuz. E eu parado: Senhor, sirvo aqui de alguma coufa, senaõ quero buscar minha vida?

Rey. E tu, Esfuziote, que fazias dentro dessa Vaca? Dize?

Esfuz. He que eu sempre fuy muito amigo de vaca.

Rey. Responde a proposito.

Esfuz.

Esfuz. Senhor , como sou Filosofo natural, metime dentro da Vaca, por ver se se dava vaca *in rerum natura*.

Rey. Se não fallas a verdade, mando-te lancar ao Minotauro.

Esfuz. O Minotauro já me não mete medo, para dizer a verdade: saberá V. Real Magestade, que fuy criado de Tezeo, que o escuro Cocyto haja; quando de mim se apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro em quatro, que fizesse eu muito por lhe apanhar alguns ossos seus, que sobejassem ao Minotauro, e que os enviasse para Athenas para consolação de seu pay; pois não queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roesse os ossos. Eu por lhe cumprir a sua ultima vontade, entrey neste Labyrintho, e cuidando, que a Vaca era carneiro, entrey nella, para ver se achava algum osso, a tempo que se armou huma briga, e veyo Vossa Magestade, e acabou-se esta historia.

Rey. Por seres fiel a teu amo, te perdoo este excesso; porém te ordêno, que não venhas mais ao Labyrintho, aliás te matarey.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Vossa Magestade descansado.

Rey.

Rey. Folgo, que ficasse desvanecida a pre-
sumpção de Lidoro: vem, Fedra. *Vai-se.*

Fedra. Eu te obedeco. *Vai-se.*

Isfuz. Isto já anda muito bolido com en-
ganos, e chismes de Taramella; irey
avisar a Tezeo, que se çafe daqui para
fóra, pois se ElRey me aperta mais, eu
sem estar bebado, me esborracho, e lá
hia quanto Ariadna fiou. *Vai-se.*

Lidoro. Todos se foraõ, só comigo ficou o
meu cuidado, pois ainda que o que es-
tava escondido na Vaca, não era Tezeo,
como me disse Taramella, com tudo
póde ser, que a prevenção variasse o
successo, pois nem Taramella me havia
de enganar, nem podia desconhecer o
sujeito, que dentro na Vaca se escon-
deo. Oh funesto Labyrintho de amor,
aonde até os defenganõs são confusões!

Canta Lidoro a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Quem será, justos Deoses,

Esse feliz amante, que escondido

De Ariadna no Idolo elevado

Víctimas sacrifica?

Quem será (ay de mim!) esse gigante

Que a tanto Ceo de amor subir pertende?

Que supposto não veja esse incentivo

Que meus zelos fábrica,

Com

Com tudo o coração sempre preságo
 Não fey que vaticina;
 Pois timido, cobarde, e pensativo,
 Cada objecto, que vejo, he hum ciume
 E até do que não vejo, zelos formo.
 Que muito se eu de mim, em taes desvelos,
 Por amor de Ariadna tenho zelos!

A R I A.

Qual Leoa embravecida,
 Que se vê destituida
 Do filhinho tenro, e caro,
 Que com furias, e bramidos,
 Rompe a terra, e fere o ar.
 Assim eu em meu gemidos
 Bramo, peno, sinto, e choro,
 Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
 Noutros braços descansar.

S C E N A VI.

Labyrintho. Sabe Tezeo.

Tezeo. Grande confusão causaria a subita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos sahir, sem sermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum susto me redima, se de hum cuidado me não separo? Quem seria (oh duras penas!) aquelle, que apellidando

pellidando de ingrata a Ariadna, quiz com instrumento de Marte vingar offensas de amor? Mas quem havia ser, fenaõ Lidoro, tyranno ulurpador de minha fortuna.

Sabe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me deraõ azas para bufcarte.

Tezeo. Olha, que vens enganada, pois entendendo, que buscas a Lidoro.

Ariad. Deixa por ora essas loucuras, e falemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá cousa, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he esse?

Tezeo. Pergunta-o às flores do jardim, que testemunharaõ os reciprocos carinhos, com que atrahiste a Lidoro, que ao de pois na Sala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás, que mais te defendo, do que te offendo; e quanto à Sala dos enganos, ha mais que arguir na tua inconstancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu, que eu era Fedra, por quem tal vez esperavas, me disseste, que nunca Ariadna te mereço

reço

receo hum só cuidado. Vê agora se ach
desculpa a este delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua não tem mais vo
zes, que as que lhe dicta o coração, aon
de se conserva eterno o original de tu
belleza, melhor que a tua copia no pe
to de Lidoro; e assim não intentes re
compensar huma fingida offensa com
hum aggravado verdadeiro.

Ariad. Para que não formes esse conceit
contra a minha lealdade: saberás, qu
como a Lidoro aborreço a pezar de seu
extremos, me disse hum dia, que a cau
sa de meus desvios era, porque eu t
adorava, pois sabia, que tinhas triun
fado do Minotauro. Considera tu, que
fustos estes para hum coração amante
E para que zeloso o não communicasse
ElRey, fuy mantendo a sua esperança
com fingidos carinhos, até que te viesse
avisar, para que com a fuga nos isen
tassemos deste imminente perigo, que
nos espera. Vê agora se póde ser desleal,
quem tão finamente sabe ser amante?
Mas como vejo, que só Fedra te mere
ce cuidados, já não he licito, que eu
te acompanhe, mas sim avisarte do pe
rigo, por não faltar ao juramento, que
dey de defender a tua vida, em remun
neração

neração da que me dêste no bosque.

Quer irse.

Tezeo. Espera, Ariadna, que não he justo, que ao mesmo tempo, que me deixas agradecido, te ausentes queixosa. Já fey o extremo do teu amor; não te persuadas, que Fedra, sendo capaz para a minha veneração, o possa ser para a minha fineza; tu só, bellissima Ariadna, occupas ditosamente todo o meu coração; de sorte, que nelle não ha lugar, que possa accommodar outro objecto.

Ariad. Mal te posso acreditar, quando esta noite te ouvi diferentes expressões. Deixa-me, ingraeo, que esses affectos só são para Fedra.

Tezeo. Farás com que desesperê na incredulidade de meus extremos.

Cantaõ Tezeo, e Ariadna á seguinte

A R I A A D U O.

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctúa o meu amor.

Ariad. Tu dizes, que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu não te creyo, não.

Tezeo. Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre esta alma,
Verás nelle o meu ardor.

Ariad.

Ariad. Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharey?

Tezeo. Sómente firmezas,

Ariad. Nenhumas finezas

Ambos. Neste peito encontrarás.

Tezeo. Oh quem mostrar pudera!

Ariad. Oh quem te conhecera!

Ambos. Ingrat^o_a, mas tal vez

Que as chammas, que desprezas
Em cinza, acharás. *Quer ir-se Ariad*

Tezeo. Ariadna, não augmentes a minha
desgraça com a tua semrazão.

Ariad. Ay que lá vem Fedra! Considera,
ingrato, se ha motivos para a minha quei-
xa.

Tezeo. Se Fedra vem, não será, pois eu . . .

Ariad. Não he agora tempo de ouvir des-
culpas; só tomara esconderme, para que
me não visse.

Tezeo. No concavo dessa columna ha hum
limitado Gabinete, em que ápenas ca-
bem duas pessoas, esconde-te, já que
affim o queres.

Ariad. Observarey as tuas falsidades.

Esconde-se.

Tezeo. Qual será o intento de Fedra? Queira
amor não se encontre com o de Ariadna?

Sabe Fedra.

Fedra. Tezeo , parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades , a pezar de tuas ingratições ; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida não era justo desistisse deste nobre intento ; sabe , que já em Palacio ha claros indicios de que estás vivo ; e assim , antes que ElRey o chegue a saber , trata de ausentarte com a brevidade possível.

Tezeo. Será forçoso seguir o teu conselho.

Ariad. Não sey , que intenta Fedra com tantos extremos !

Fedra. E pois não ignoras , que eu fuy o instrumento da tua vida na morte do Minotauro , para que se não venha a saber , que eu deey armas contra esse monstro , e sinta a indignação delRey , será forçoso , que me leves comtigo para Athenas , se acaso o darte duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho ! Que responderey a Fedra , ouvindo-me Ariadna ! *à p.*

Ariad. E que viesse Fedra pôr o ultimo fim à minha desgraça ! *à part.*

Fedra. Não me respondes ? Porém nada me digas , que se eu tivera os meritos de

Ariadna, tal vez fosse venturosa a mimh
supplica.

Tezeo. Não crimineis a Ariadna, pois ne
la nunca encontrey huma só piedade
nem creyo que huma lembrança; po
he sem duvida, que imaginará, que es
tu morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra. Como póde ser, que Ariadna igno
re, que tu es vivo, se na Sala dos en
ganos esta noite, aonde te disse me es
perasses, estando tu comigo?

Tezeo. Espera, que estás enganada, poi
não indo eu à Sala dos enganos, mal te
podia fallar. Oh que incentivos para o
zelos de Ariadna! à part

Ariad. Por isso o traidor me chamava Fe
dra, cuidando, que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contra
dizer, já não tenho mais que te arguir;
e assim, Tezeo.

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, elconda-me por vida sua,
que ahi vem ElRey, e se me vê, cer
tamente me enlabyrinthha para sempre.
Ay desgraçado Esfuziote!

Tezeo. Que dizes? ElRey vem ahi?

Esfuz. Sim, Senhor, ElRey em pessoa:
escondamo-nos depressa.

Fedra.

Fedra. Ay de mim, se ElRey me vê; pois tenho inviolavel preceito para não vir ao Labyrintho ! Tezeo, esconde-me, antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel desgraça, se ElRey vir a Tezeo!

Tezeo. Este fim, que he verdadeiro Labyrintho, em que me vejo; pois não ha aonde esconder a Fedra, senão aonde está Ariadna ! Que farão, se se encontrão?

Fedra. Tezeo, esconde-me, e tu tambem, para que ElRey não nos veja.

Isfuz. Senhor, esconda-me a mim se quer.

Tezeo. Senhora, o lugar, que ha capaz para esse ministerio, apenas he sufficiente para occultar huma pessoa; e assim hum de nós ha de ficar exposto ao perigo de ElRey uos ver.

Isfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez disse, que alli cabião duas pessoas; e assim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conservar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto invejo aquella fineza de Fedra!

Tezeo. Não he razaõ , Senhora, que eu po
salvar a minha vida, exponha a vossa a
perigo ; occultay-vos , que o tropel j
vem perto. Perdoe Ariadna, que esta ac
çaõ he filha do meu brio , e não do me
amor.

à par

Fedra. E se fores visto delRey , que ser
de ti?

Tezeo. O mais que póde fazer , he matar
me ; anda , esconde-te já.

Esfuz. E eu, Senhor, aonde ? he boa graça

Fedra esconde-se aonde está Ariadna , e sabe esta

Ariad. Pois não ha de ser assim , que Teze
não ha de ficar exposto ao rigor delRey
Tezeo , se tu por salvar a Fedra ex
pões a tua vida ; eu por redemir a tu
offereço a minha : anda , esconde-te aon
de eu estava , que isto he saber conserva
a tua vida.

Tezeo. Ariadna , esse excessõ transcende
aos limites da mayor fineza ; torna a es
conderte, senão por Jupiter soberano t
juro , que ambos aqui ficaremos.

Esfuz. Melhor será , que nesse lugar me
escondaõ a mim.

Ariad. Primeiro está a tua vida.

Tezeo. A tua está primeiro.

Fedra. Aquella he Ariadna ; quem vio ma
yo

yor confusaõ? Ah traidor Tezeo!

Tezeo. Occulta-te , Ariadna , que eu buscarey iudustrias , que me defendaõ.

Esfuz. Senhor , que diabo he isto ? Naõ ouvem a estropeada já nessa casa visinha?

Ariad. Como te naõ queres occultar , quero conservar a minha vida , para defender a tuã.

Esconde-se Ariadna. Sabe ElRey sem olhar para Tezeo.

Esfuz. E agora , Senhor Tezeo ?

Tezeo. Poem-te atraz de mim , e segue os meus movimentos.

Rey. Já parece , que he tempo de perdoar a Dedalo o delicto de fabricar a Vaca para Pazife , pois bastante castigo he a dilatada , e horrorosa prizaõ , em que está , e com o motivo de sua liberdade podermeha declarar todos os artificios deste Labyrintho , que muitos ignoro , como o de cahirem as columnas na Sala dos enganõs.

Tezeo. Em grande perigo estou ! Valha-me todo o meu valor , e toda a minha industria.

Esfuz. Eu estou aqui taõ agarrado como piolho ladro em sovaco de almocreve.

Vai-se ElRey voltando para Tezeo.

Rey. Eu me resolvo ; eu vou a libertar a

De

Dedalo. Mas ay de mim ! Que he o que vejo ? Parece , que se me figura naquelle errada sombra a imagem de Tezeo.
Ay infeliz , que os cabellos se me ericão !

Tezeo. ElRey se affustou de verme ; pois o seu engano me valha. *à parte*

Esfuz. Ah Senhor , já que me leva ao reino do boque , não haja por ora vento em popa.

Rey. Palida sombra , vago horror da fantasia , que pretendes de mim ?

Tezeo. Barbaro Rey , esta , que vês em corporea fórma , he a alma de Tezeo , que errante por este Labyrintho vem á noticia da parte de Plutaõ , supremo Juiz do Cocyto , a tua málevolencia , e injustiça , com que tyrannamente me usurpaste a vida , para que vivas na certeza , que haõ de os Deoses vingar a minha morte com o eterno supplicio , que te espera.

Esfuz. Ninguem faz papel de defunto como meu amo ! Andar , se não somos duas almas em hum corpo , ao menos somos dous corpos em huma alma.

Rey. Não me horrorizes mais , tu este espectáculo ; já sey , que fuy cruel para contigo.

Esfuz.

Esfuz. Ay que nos vamos submergindo!
Naõ será a primeira vez, que os amos
levem consigo os criados ao Inferno.

*Tezeo com passos vagarosos se meterá na mina
com Esfuziote, de sorte, que a este não
veja ElRey.*

Ariad. Com bella industria se livrou Te-
zeo!

Pedra. Notavel idéa por certo!

Rey. Quasi que naõ tenho alentos para
respirar. O' lá da minha guarda, acudaõ
todos.

Sabe Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te succedeo? Que
tens, que taõ palido o teu semblante
nos informa de algum extraordinario suc-
cesso?

Rey. Naõ sey, se poderey dizer, o que vi,
que o susto me privou do uso de todos
os sentidos.

Teband. Conta-me, Senhor, a causa de
tanto excesso.

Rey. Tebandro, eu vi distinctamente nes-
te lugar huma agigantada, disforme, e
horrorosa visãõ, que caminhando para
mim com passos lentos, e vagarosos, me
disse com voz irada, e rouca, ser o es-
pirito de Tezeo, que da parte de Plu-
taõ me vinha notificar, que pela injusta
mor-

morte, que lhe dey, se me esper-
 hum eterno tormento; e com isto, abra-
 do-se a terra com espantoso bramido
 o sepultou em suas entranhas.

Ariad. Sempre o medo representa ma-
 res os objectos.

Teband. He caso verdadeiramente notav-
 Vem, Senhor, a prevenir algum ren-
 dio a esse susto.

Rey. Vamos, Tebandro; e vós outros c-
 ray as portas deste Labyrintho com tr-
 vellas, além das guardas, para que
 que inhabitavel para sempre este cac-
 falso, aonde ouvi a sentença de min-
 condemnação.

Teband. Senhor, e Dedalo, e o Minota-
 ro?

Rey. Morra Dedalo, pereça o Minotaur-
 pois hum, e outro, foraõ instrume-
 tos de meu precipicio.

Vão.
Sabem da columna Ariad, e Fedra.

Ariad. ElRey (ay desgraçada!) man-
 fechar o Labyrintho; como sahirem
 daqui?

Fedra. A que fim, Ariadna, vieste ao L-
 byrintho?

Ariad. A resposta, que tu me havias de da-
 se eu o mesmo te preguntara, servi-
 para a tua pergunta; mas agora não h-

tempo de averiguar zelos , quando mayor
causa nos afflige.

Fedra. Nunca me enganey , que Tezeo
amava a Ariadna. *à par.*

Ariad. Que dizes , Fedra , da nossa desgra-
ça?

Fedra. Deixa-me , que o coração dividido
a sentir tantos golpes , não sabe distin-
guir os sentimentos.

Ariad. Aonde estará Tezeo ? Tezeo ?

Sabem da mina Tezeo , e Esfuziote.

Tezeo. Apenas sayo de hum perigo , quan-
do logo me vejo em outro mayor !

Esfuz. Não ha cousa como servir a Prin-
cipes , que ainda depois de mortos am-
paraõ os criados.

Ariad. Não cuides , Tezeo , que quero ar-
guirte de tuas falsidades , vendo aqui a
Fedra ; só quero dizerte , que ElRey
mandou fechar o Labyrintho : vê co-
mo havemos daqui sahir , com tal bre-
vidade , que ElRey nos não ache me-
nos em Palacio ; e quando por mim o
não faças , faze-o por Fedra , que tanto
te merece.

Esfuz. Ainda mais essa temos ? Em boa
me vim eu meter !

Fedra. Não te perturbes , Tezeo , nem o
meu respeito te obrigue a ser menos ex-
tremoso

tremoso para com Ariadna, de cuja vida compadecido, vê como has de livrar-vralla, que pelo mesmo caminho, que a libertares, me salvarey à sua sombra só por te não merecer algum favor especial.

Tezeo. Que farey em taõ precipitado empenho?

Esfuz. Senhores, Vossas Altas Potencias deixem por ora cousas, que não vão, nem vem; cuidemos em materias de vir, e ir daqui para fóra, não tanto pelas Senhoras Infantas, quanto por mim, que tenho occupaçaõ no Paço, e não será razaõ, que falte às obrigações delRey meu amo.

Ariad. e Fed. Que dizes, Tezeo?

Esfuz. Senhor, diga alguma cousa, pois já se não póde livrar das ballas desta Infantaria.

Tezeo. Senhoras, não vos afflijais, que tudo terá remedio. Dedalo, Dedalo, podes subir sem susto.

Sabe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo! Aqui vossas Altezas?

Ariad. Dedalo, sabe que tambem viemos a fer companheiras na tua desgraça.

Fedra. Quem te dislera, que para nosso estrago

trago fabricavas este Labyrintho!

Dedal. São altas disposições dos Deoses,
que se não podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por successos de amor, e
fortuna, se achão aqui hoje as Infantas;
o Labyrintho por ordem delRey está
fechado, vê por onde havemos de sair?

Dedal. Por aquella mina, que vay ter às
ribeiras do mar, como sabes, pois não
ha outro caminho.

Tezeo. Bem advertiste.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabrica-
do este Labyrintho!

Esfuz. O certo he, que este Labyrintho,
em que estamos, não o fabricou o Sen-
hor Dedalo.

Ariad. Pois quem foy?

Esfuz. Foy o amor, que he mayor archi-
tecto, que quantos Dedalos ha no Mun-
do; e se o querem saber, demme atten-
ção a este Soneto.

S O N E T O.

Ser Labyrintho amor, ninguem duvida;
Que este rapaz cruel, cego frecheiro,
Fabricou, como quiz, mestre pedreiro,
Détro de huma alma hú beco sem sahida:
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, q es marralheiro,
Pois por dar cos parizes num fedeiro

No

No altuje de hum rigor lança huma vida
 Anda neste palacio , o mais diffuso ,
 O triste coração num corropio ,
 Porque todo o querer he paraíso :
 E por mais que da idéa arda o pavio ,
 Em torcicolos mil se vê confuso ,
 Pois sempre no melhor se quebra o fio .

Ariad. Na tua tosca fraze disseste verda-
 des puras.

Esfuz. Que me faça bom proveito.

Tezeo. E pois está determinado o fugirmos
 pêla mina , e para nos transportarmos
 para Athenas , será preciso , que vá Es-
 fuziote logo com joyas a fretar huma
 não , e que junto à mina tenha escale-
 res promptos para o embarque , sem que
 declare as pessoas , que haõ de ir nella ,
 e te esperemos na boca da mesma mi-
 na , ao dares senha , que será esta : *Ve-
 nhaõ Senhores* : e já que até o presente
 tens sido fiel , espero , que com esta ac-
 ção coroes a tua fidelidade.

Esfuz. Está muito bem , mas saibamos por
 onde hey de ir eu ?

Tezeo. Por aquella mina , que vay dar ao
 mar .

Esfuz. Qual mina ? Aquella aonde cahio
 semivivo o Senhor Minotauro ? De bur-
 ro , que eu tal vá !

Tezeo. Tu bem viste , que o Minotauro cahio morto , e já não podes ter medo , pois Dedalo , eu , e tu , estivemos agora nesta mina.

Esfuz. Eu com o medo não sey aonde me meti , e era eu capaz naquella hora de meterme pelo fundo de huma agulha , que tão pequeno me reduzio o pavor ; com que , Senhor , eu não vou pela mina , que o mesmo ferá lembrarme no caminho o Minotauro , que ficar tolhido sem poder dar hum passo.

Dedal. O' Esfuziote , parece mal dizer hum homem , que tem medo.

Esfuz. Pois os homens saõ os que tem medo , que quanto os animaes , effes investem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ser , que cada vez se difficulta mais a nossa liberdade ?

Dedal. Eu darey o remedio : como Esfuziote recusa ir pela mina , irá pelo ar com humas azas , que lhe hey de pôr , e com ellas voará tão seguro , como qualquer ave.

Tezeo. Agora não tens desculpa ; que dizes , Esfuziote ?

Esfuz. Isso tem que cuidar : vamos , que entendo , que para isto de voar não se-rey desazado : venha , Senhor Dedalo.

Vai-se.

Dedal.

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vai-se*

Fedra. Tezeo, espero de ti, que em Athenas faibas agradecer as finezas, que me deves. *à part. vai-se*

Tezeo. Tu verás a minha constancia. *à part. para Fedra*

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já sey, que vou experimentar ingrato, as tuas inconstancias. *Vai-se*

Tezeo. Não temas variedades no meu amor

Oh Deoses soberanos, se for ingrato:

Fedra, não me crimineis; pois não podendo ser esposo de ambas, e a ambas

devendo iguaes finezas, razão será, que

fique isenta a vontade para preferir a

Ariadna. *Vai-se.*

S C E N A VII.

Bosque, e marinha, como no principio, e a mesma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o seguinte.

Dentr. Rey. **B**Usquememos todos as Infantas, não fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o nosso cuidado não investigue.

Dentr. Lid. Ariadna, aonde te escondem os teus desvios?

Dentr.

Dentr. Teb. Querida Fedra , quem te aparta dos meus olhos?

Dentr. Todos. Busquemos as Infantas , que não apparecem.

Sabe Sanguixuga , e Taramella.

Sang. Ay desgraçada , que Fedra amolou as palanganas !

Taram. Que será de vossa merce , minha tia?

Sang. Que será de ti , minha sobrinha?

Ambas. Que será de nós?

Taram. E o peyor he , que o Senhor Tezeo entendo fugiria com Ariadna , e irá casar com ella. Ah cruel Tezeo , que me deixaste burlada !

Sang. Antes cuido , qui irá casar com Fedra , que por mim em certa occasião lhe mandou huma banda.

Taram. Ou case com huma , ou com outra , eu fiquey chuchando no dedo.

Sang. E eu sem Embaixador por meus peccados !

Taram. E sobre não casar comigo , levar-me a joya , que me deu Lidoro , que nella tinha o meu dote !

Sang. E a mim a joya , que me deu Tebandro !

Taram. Oh Principe de huma balla , os diabos te levem.

Sang.

Sang. Oh Principe de huma figa , má r
yos te partaõ.

Taram. Eu sem Ariadna , e sem joya !

Sang. Eu sem joya , e sem Fedra !

Ambas. Que será de mim ?

*Vai-se Sanguixuga ; e apparece Esfuziote co
as azas voando.*

Esfuz. Nenhum alcoviteiro se vio até
presente em mayores alturas ! Isto he
que he sobir de hum pullo ! Agora na
da me dá cuidaõ com ter tantas pena
pois nunca me vi taõ desfempennado
como agora , que me vejo com azas
eu em minha consciencia , se quizer
daqui posso mijar no Mundo.

Taram. Cada vez , que cuido naquelle in
solente , naõ sey como naõ desespero

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo
Muito grande he o mundo ! Ay que l
está Taramella feita mulher do Mundo
Pois eu quero debicar hum pouco con
ella : trás. *Chegando-se ao ouvido de Taram*

Taram. Ay ! Que bizouro me anda pelo
ouvidos ?

Esfuz. Trás , trís.

Taram. Xó daqui , maldito bizouro.

Esfuz. A Deos Taramella , trás.

Taram. Quem me falla ao ouvido , se aqu
naõ está ninguem ?

Esfuz

Esfuz. Taramella , Tezeo querte muito ,
mas he aqui para trás.

Taram. Quem he , que me falla ? Isto he
encanto.

Esfuz. Amor , que tem azas , he o que
falla.

Taram. Aonde estás ?

Esfuz. Aqui atrás.

Taram. Que he o que vejo ? Naõ es tu ,
fingido ingrato Tezeo , a quem sem du-
vida os Deoses , por castigo da tua fal-
sidade , em ave te converteraõ ? Anda
cá para baixo , que eu te abaterey os
voos.

Esfuz. A quem naõ attrahiráõ aquelles do-
ces reclamos ? *Desce.* Ay Taramella ,
que já preza a minha liberdade no vis-
go dos teus olhos , deixo por elles o
Ceo de Venus , em que me vi , pela
esféra de tua belleza , em que me abra-
zo.

Taram. Agora , que cahio no laço , naõ
me escapará. *à part.*

Esfuz. Vês , tyranna , que as tuas falsi-
dades me fazem aerio ?

Taram. Quem deu effas azas a Vossa Al-
teza ?

Esfuz. Das penas , que me dás , nasceraõ
as azas , que me vês.

Taram. Bem sey, que penas lhe causo, e
Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Naõ queiras, traidora, com esse
fingimento encobrir o engano de me ma-
dardes meter na Vaca, para tomar de go-
ladouros na espada de Lidoro, a que
duas vezes mixiriqueira intentaste entr-
garme; vay-te, que já contigo na-
quero nada, pois para fugir de ti,
tenho azas.

Taram. Quem me dera, que viesse a
guem, para o agarrar, e entregallo
ElRey; porém eu o deterey com ca-
rinhos. *à part.* Meu Senhor, meu es-
pofo, meu bem, meu, meu. . . .

Esfuz. Calte, calte Taramella, que está
taramellando?

Taram. Eu . . . porque foy o meu amcr . . .
porque os zelos . . . mas eu prometto . . .

Esfuz. Nada, nada, naõ admitto logra-
ações; já fou passaro çafaro, que naõ
cayo com essa facilidade.

Taram. Olhe, verá que nunca mais, nun-
ca mais.

Canta Esfuziote a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu naõ quero cahir nessa esparrella
Tu falsa, tu çruel, tu aleivosa,

Com

Com fucinho de gata langanhosa ,
Querias em taes penas
Que ficasse sem filho ElRey de Athenas?
Pois hum chuço amolado , que te passe,
Huma faca flamenga , que te espiche ,
E huma bomba de fogo , que te esguiche.

A R I A.

Naõ ha cousa como ver
Huma destas presumida ,
Muy lambida , e deslambida ,
Com mil chularias ,
Com caras de monos ,
Com unhas de arpias ,
Chupando-me o sangue ,
Roendo-me os ossos ,
Deixando-me em pelle ,
E depois de chuchado , roido , e lãbido ,
Me prega hum gatafio :
Isto he amor? Arrelá!
Hey de amarte ? Isso naõ.

Sabe Sanguixuga.

Sang. Ay raparigá , que quanto mais buscaõ as Infantas , menos se achaõ.

Taram. Tia , agora he tempo de recuperarmos as nossas joyas ; ajude-me a pegar neste traidor : venhaõ , Senhores.

Pegaõ em Esfuziote , e lhe tiraõ as azas.

Esfuz. Dessa me rio eu , pois tenho azas
ad volandum.

Taram. Arranquemós-lhe as azas , para
que não fuja.

Sang. Agora pagará tudo junto : venhaõ
todos.

Esfuz. Não me agarres, Sanguixuga ; olha
que deitò fangue.

Taram. Venhaõ , Senhores.

Esfuz. Calte , tolla , não digas taõ alto :
venhaõ Senhores.

Dentr. Tez. Alli disse Esfuziote , venhaõ
Senhores, vamos sahindo.

*Sabem El Rey, e Tebandro por huma parte , e
pela gruta iraõ sabindo diante Dedalo , Fe-
dra , e Ariadna , que ficará com as costas na
gruta.*

Rey. Teb. Que he isto aqui ?

Taram. Eis-aqui quem te póde dar conta
das Infantas.

Ariad. Ay de mim , que Esfuziote nos en-
tregou! à part.

Fedra. Fujamos outra vez.

Dedal. Oh que desgraça !

Esfuz. Desta ninguem se livra. à part.

Rey. Traidoras , aleivosas , viboras mal-
nascidas , como atropellando a minha
authoridade , e o vosso decoro , desta fór-
te Porém a minha vingança su-
primirá as minhas vozes. *Vay para ambas.*

Fed. Ariad. Não ha quem me ampere ?

Teband,

Teband. Senhor, Vossa Magestade advirta.

Tezeo. Anda, Ariadna, desvia-te da boca da mina; deixa-me fahir.

Ariad. Espera hum pouco.

Rey. E tu, aleivoso Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha, quando a tua insolencia. . . *Tambores dentro.*

Dentro. Arma, arma, guerra, guerra.

Sabe Lidoro.

Lidor. Senhor, estamos perdidos, pois de improvizo nos vemos cercados de huma poderosa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem desembarcado.

Rey. Pois vamos a resistir-lhes: ay de mim, quantos golpes penetraõ este afflicto coração!

Esfuz. Quanto folgo!

Dentr. Lic. Não fique pedra sobre pedra, que não prostrem as nossas armas.

Lidor. Senhor, he já quasi impossivel a defensa, pois os esquadrões tudo vem desbaratando.

Tezeo. Que he o que ouço? Desvia-te Ariadna.

Ariad. Espera, não te sobresaltes.

Teband. Vamos, Senhor, que o meu valor faberá castigar aos Athenienses.

Ao querer entrar, sabem Licas, e Soldados, tocaõ tambores.

Licas. Dá-te à prizão, barbaro Rey; pois já te não podes livrar de nosso furor.

Rey. Oh tyranna sorte! Para isto me dilataste a vida, supremo Jove?

Licas. Para que vejas, tyranno Rey, que Athenas sabe vingar a morte de seu Principe Tezeo, já que cruel, sem attenderes à seu regio sangue, o fizeste reo da mais affrontosa morte, em cuja vingança, destruido o teu Reino, serás com toda a tua familia levado para Athenas, a seres despojo de nossas armas.

Teb. Lid. Que desgraça!

Ariad. Fed. Que desventura!

Esfuz. Que requias folganças!

Rey. Oh quem tivera a Tezeo vivo! Mas em vão são os meus desejos.

Taram. Senhor, não se amofine, que Tezeo está vivo, que he este, que aqui está disfarçado em Esfuziote.

Sang. Sim, Senhor, eu, e minha sobrinha já sabiamos este segredo.

Rey. Deixay-me, tontas.

Esfuz. Calem-se, cavalgadas.

Licas. Anda, Minos.

Sabe Tezeo.

Tezeo. Espera, Licas, que ainda sou vivo,

vo , pela piedade de huns generosos affectos , que constantes me redimiraõ , livrando-me do Labyrintho , e matando o Minotauro , cessando a ruina da nossa Patria na extinçaõ desse monstro.

Licas. Deixa-me , Senhor , prostrarme a teus pés: que feliz nova para ElRey teu pay , que já te julgava morto aos impulsos dessa fera !

Lid. Teb. Que extraordinaria maravilha !

Rey. Tezeo , a teus pés rendido te peço perdaõ da inhumanidade , que ussey contigo ; e pois das tuas armas me vejo hoje prisioneiro , peço-te , te compadeças de huma desgraçada velhice.

Esfuz. Vejaõ como defandou a roda ; e o que vay de moer a ser moido , pois Minos de author veyo a ser reo !

Fed. Ariad. E se acaço , Senhor , as nossas lagrimas tem algum valimento na tua piedade , por ellas perdoa a nosso pay.

Tezeo. Senhoras , basta Minos ser vosso progenitor , para que não ló lhe restitua a liberdade , mas tambem o Reino ; e para completar a minha , e a sua fortuna , Ariadna ha de ser hoje minha esposa , em premio das finezas , que lhe devo , e por não faltar ao juramento , que lhe dey.

Ariad. Ditoso amor , que de tantos impossiveis se vê já triunfante !

Fedr.

Fedra. Infeliz eu, que malogrey tantas
nezas! à par

Rey. Venturosa bonança depois de tanta
tormenta! E agora em Tezeo, que r
putado por morto matou o Minotauro
se verifica o Oraculo de Venus, po
Tezeo foy o vivo morto na extinção d
Minotauro.

Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver
tua falsidade sustentaste de enganos
minha esperança! Logra tu esse Hym
nêo, que eu irey sentir a minha sôrte in
feliz.

Teband. Senhor, nesta occasião he justo
que os favores de Fedra premeem as m
nhas firmezas.

Rey. Fedra, reconhece a Tebandro p
teu esposo.

Fedra. Não posso resistir ao teu imperio
obedeçamos aos fados. à par

Licas. Oh quanto estimo esta concordia

Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo pa
Athenas a receber o premio de tua lea
dade.

Dedal. Não quero mais premio, que a tu
felicidade.

Sang. E que ficasse eu lograda sem joya
e sem Embaixador!

Taram. Basta, Esfuziote, que me engana

te , dizendo-me que eras Tezeo , para que tantas vezes enganasse a Lidoro ?

Esfuz. Não se perdeu mais , que o feitio ; porém posso affirmarte , que tẽ não enganey ; pois quem duvida , que quando eu era menino , era infante ? porém se só he Principe , quem faz acções generosas , eu quero fazer huma estupenda , que he casar contigo ; porque em sua casa cada hum he Rey , e senhor de seus narizes ; venha a mão , Taramella , com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos , vá feito.

Rey. Repitaõ todos os vivas desta soberana gloria.

Tezeo. Esperay , que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna , que fingidamente lhe deu.

Lidor. Razaõ tendes ; tomay-o , que não he bem , que conserve a verdadeira copia de hum falso original. *Dá o retrato.*

Tezeo. Agora sim , publiquem todos o mayor triumpho de Cupido , confessando , que só o amor he o verdadeiro Labyrintho.

Esfuz. Vá de festa , e folia , celebrando-se este desposorio com armoniosas vozes.

C O R O.

Num-a alma inflamada
De amor abrazada
Cruel Labyrintho
Fabríca o amor.

Porém quem espera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monstro favor?

F I M.

GUERRAS
 DO
 ALECRIM,
 E
 MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que se representou no Theatro do Bairro
 Alto de Lisboa, no Carneval de 1737.

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.

D. Fuas.

D. Tiburcio.

D. Lansarote, Velho.

D. Gloris. } *Sobrinhas de D. Lansarote.*

D. Nize. }

Sevadilha, *Graciosa, Criada.*

Fagundes, *Velha, Criada.*

Simicupio, *Gracioso, Criado de D. Gilvaz.*

SCE.

SCENAS DA I. PARTE.

- I. Prado, com casaria no fim.
- II. Camera.
- III. Praça.
- IV. Gabinete.

SCENAS DA II. PARTE.

- I. Praça.
 - II. Sala.
 - III. Camera.
 - IV. Praça.
 - V. Camera.
 - VI. Jardim.
 - VII. Sala.
-

P A R T E I.

S C E N A I.

Prado . com casaria no fim. Sabem D. Cloris, D. Nize, e Sevadilha com os rostos cubertos ; e D. Fuas, D. Gil, e Simicupio, seguindo-as.

D. G. **D**iana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando remora me suspendeis, sois iman, que me attrahis.
Para D. Clor.

D. F. Flora destes prados, suspendey a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga, com que me desenganais, he harmoniosa attracção de meus carinhos; pois nos passos desses retiros fórma compassos o meu amor.
Para D. Nize.

Simic. E tu, que vens atraz, ferás a Syringa destas brenhas; e para o feres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos esguichos de teu rigor, hey de ser conglutinado raboleva das tuas costas.
Para Sevad.

D. Clor. Cavalhero, se he que o sois, peçovos,

290 *Guerras do Alecrim,*

çovos , me não figais , que mal sabeis
perigo , a que me expõem a vossa por-
fia.

Para D. C.

D. G. Galhardo impossível , em cujas nu-
bladas esféras ardem occultos dous soes
e se abraza patente hum coração , per-
mitti , que esta vez seja fineza a desobe-
diencia ; porque seria agravo de vossa
reflexos negarlhe o inteiro culto na vi-
sualidade desse esplendor ; porque assim
formosa Ninfa , ou héy de vervos , ou
seguirvos , porque conheça , já que não
o sol desse oriente , ao menos o oriente
te desse sol.

D. Clor. Que será de mim , se este homem
me seguir ?

à part.

D. Niz. Já parece teima esta porfia : ve-
de , Senhor , que se me seguis , que im-
possibilitais o meyo , para verme outra
vez.

D. F. Para que são , bellissimo encanto ,
esses avaros melindres do repudio ? Se
já comecey a querervos , como posso
deixar de seguirvos ? Pois até não sa-
ber , ou quem sois , ou aonde habitais ,
ferey eterno gyrafol de vossas luzes.

Sevad. Ora basta já de porfia , senão vou
revirando.

Para Simicupio.

Simic. Tem maõ , Sargeta encantadora ,
que

que com embiocadas denguiffes , feita papaõ das almas , encobres olho , e meyo , para matares gente de meyo olho : faõ efcufados effes eiconderelos , pois pela unha deffe melindre conheço o leaõ deffa cara.

D. Clor. Iffo já parece teima.

D. G. Iffo he querervos.

D. Niz. Iffo he porfia.

D. F. He adorarvos.

Sevad. Iffo he empurraçaõ.

Simic. A'gora , ifto he bichancrear , pouco mais , ou menos.

D. G. Senhoras , para que nos cansamos? Ainda que pareça grossaria naõ obedecer , entendey , que a noffa curiosidade , e amor naõ permittirá , que vos ausenteis , fem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver , dandonos tambem o feguro de onde morais , para que possa o noffo amor multiplicar os votos na peregrinaçaõ deffes animados templos da formofura.

D. F. Eis-alli , Senhora , o que queremos.

Sevad. Em termos , fem tirar , nem pôr.

D. Clor. Pois , Senhor , fe só por iffo esperais , bafstará , que effe criado nos figa ; porque de outra fôrte destruis o meffmo , que edificais.

D. G.

192 *Guerras do Alecrim,*

D. G. E admittireis a minha fineza ?

D. Clor. Sendo verdadeira, porque não ?

D. F. Admittireis os repetidos sacrificio
de meu amor ?

D. Niz. Sim, se for amor constante.

D. G. e D. F. Quem essa dita me abona ?

D. Niz. Este ramo de Mangerona. *Para D. F.*

D. F. Na minha alma o disporey, para qu
sempre em virentes pompas se ostent
troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para segu
rança da vossa palavra.

D. Clor. Este ramo de Alecrim, que tem
as raizes no meu coração, seja o fiador,
que me abone.

D. C. Por unico na minha estimação será
este Alecrim o Fenix das plantas, que
abrazando-se nos incendios de meu pei-
to, se eternizará no seu mesmo ardor.

Simic. Isso he bom, segurar o barco; mas
a tacita hypotheca não me cheira mui-
to, digaõ o que quizerem os Jardineiros.

D. Clor. Cada huma de nós estima tanto
qualquer dessas plantas, que mais facil
será perder a vida, do que ellas percaõ
o credito de verdadeiras.

Simic. Ay! Basta, basta, já aqui não está
quem fallou : vossas merces perdoem,
que eu não sabia, que eraõ do rancho do

Ale-

Alecrim , e Mangerona : resta-me tam-
bem , que tu cosinheirafinha vivas arran-
chada com alguma ervinha , que me dê
porprenda , pois tambem me quero se-
gurar.

Sevad. Eis-ahi tem esse malmequer , que
este he o meu rancho ; estime-o bem ,
naõ o deixe murchar.

Simic. Ditoso seria eu , se o teu malme-
quer se murchasse.

D. Glor. Pois , Senhor ; como estais satis-
feito , desejarey estimasseis esse ramo ,
naõ tanto como prenda minha , mas por
fer de Alecrim.

D. Niz. O mesmo vos recomendo da Man-
gerona.

D. Glor. Advertindo , que aquelle , que
mais extremos fizer a nosso respeito ,
coroará de triunfos a Mangerona , ou
Alecrim , para que se veja qual destas
duas plantas tem mais poderosos influ-
xos para vencer impossiveis.

D. Niz. Desejara , que triunfasse a Man-
gerona.

Vai-se.

D. Glor. E eu o Alecrim.

Vai-se.

Sevad. Cuidado no malmequer.

Vai-se.

Simic. Cuidado no bemmequer.

D. G. O' Simicupio , vay seguindo-as , pa-

194 *Guerras do Alecrim,*

ra sabermos aonde morão; anda, não a
percas de vista.

Simic. Ellas já la vão a perder de vista
mas eu pelo faro as encontrarey, qu
sou lindo perdigueiro para estas caçadas.

Vai-f

D. F. Quem seraõ, amigo D. Gilvaz, essa
duas mulheres?

D. G. Essa pergunta não têm resposta, poi
bem vistes o cuidado, com que vend
raõ o rosto, para ferir os corações co
mo Cupido; mas pelo bom tratamento
e aceyo, indicaõ ser gente abastada.

D. F. Oxalá, que assim fora; porque en
tal caso, admittindo os meus carinhos
poderey com a fortuna de esposo se
meçiro no cabedal.

D. G. Ay, amigo D. Fuas, que direy eu
que ando pingando, pois já não morr
de fome, por não ter sobre que cahir
morto?

D. F. Ellas foraõ atordidas com palanfro
rios.

D. G. Já que do mais somos famintos, a
menos sejamos fartos de palavras.

Sabe Simicupio.

Simic. Já fica assinalada na carta de marea
toda a Costa de Leste a Oeste, con
seus cachopos, e baixios.

D. G.

D. G. Aonde moraõ?

Simic. Saõ as nossas visinhas, sobrinhas de D. Lanferote, aquelle mineiro velho, que veyo das minas o anno passado.

D. F. Basta que saõ ellas? Por isso ellas cobriraõ o rosto.

Simic. Isso tem ellas, que naõ saõ desca-
radas; antes saõ taõ sizudas, que nunca encararaõ para ninguem.

D. G. Huma dellas sey eu, que se chama D. Cloris.

Simic. E a outra D. Nize, isso sabia eu ha muito tempo.

D. F. E como saberey eu, qual dellas he a da Mangerona?

Simic. Isso he facil, em sabendo-se qual he a do Alecrim, logo se sabe qual he a da Mangerona?

D. F. Grande subtileza! Vamos D. Gil.

Simic. Já que se vaõ, advirtaõ de caminho, que segundo as noticias, que tenho, bem pódem desistir da empreza; porque o velho he taõ cioso das sobrinhas, como do dinheiro; a casa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as frestas saõ oculos de ver ao longe, que nem ao perto se vem; as tra-
peiras saõ zimbórios taõ altos, que nem as nuvens lhe passaõ por alto; as pare-

196 *Guerras do Alecrim;*

des do jardim são mestras, e as chaves das portas discipulas, porque ainda não sabem abrir; mas só hum bem ha, e he que tendo tudo tão forte, só o telhado he de vidro; com que, Senhores meus, outro officio, contentem-se com chegar a sua Mangerona, e o seu Alecrim que entra pelo nariz, não he bem que chegue ao coração.

D. G. Simicupio, não temo impossiveis tendo da minha parte a tua industria que espero de ti apures toda a força do teu engenho para os combates dessa muralha.

Simic. Ah Senhor *D. Gilvaz*, o meu Arie te já se acha muy cansado com tanto vai-vém, pois nem todo o artificio de minhas maquinas póde abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se difficulta aos meus merecimentos.

D. G. Simicupio amigo, tem animo, que se montamos a burra de *D. Lanferote*, saltaremos de contentes.

Simic. Tal he a minha desgraça, e sua miseria, que ainda com essa burra me dará dous couces.

D. G. *D. Fuas*, ficaivos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

D. F.

D. F. D. Gil; vamos a forro, e a partido pois que Simicupio he taõ déstro na materia.

D. G. Por ora não póde ainda ser; deixay-me primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

D. F. Isso não merece a nossa amisade.

D. G. Se vós sois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dous ser contrarios, mal poderey foccorrervos; e assim; ficayvos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim.

Vay-se.

Simic. E viva o malmequer.

Vay-se.

D. F. Vivirá a Mangerona a pezar do mais intensivo ardor de oppostos Planetas.

Sabe Fagundes com manto, e capello.

Fag. He bom sumiço! Adonde estaráõ estas meninas, que ha mais de quatro horas, que foraõ à Missa, e ainda não ha fumo dellas? Meu Senhor, vossa mercê acaço veria por aqui duas mulheres com huma criada?

D. F. Que sinaes tinhaõ?

Fag. Tinha huma dellas huns sinaes pretos no rosto, e a outra huns sinaes de bexigas.

D. F.

198 *Guerras do Alecrim ;*

D. F. E que mais?

Fag. Huma dellas tem os olhos verdes cor de pimentaõ, que naõ está maduro e a outra olhos pardos, como raiz de Oliveira ; huma tem cova na barba, e a outra barba na cova ; huma tem a espinhela cahida, e a outra hum leifento num braço.

D. F. Com esses sinaes, nunca vi mulher nesta vida.

Fag. Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outra de Mangerona.

D. F. Vi muito bem, que saõ as sobrinhas de D. Lanferote.

Fag. Essas mesmas saõ : ora diga-me aonde as vio?

D. F. Promette vossa merce fazerme quando lhe eu pedir?

Fag. Ay, que cousa me pedirá vossa merce, que lhe naõ faça, dizendo-me aonde estaõ as minhas meninas?

D. F. Pois descanse, que ellas aqui estive-raõ, e agora foraõ para casa.

Fag. Ay, boas novas tenha.

D. F. Ora pois em alviçaras dessa boa nova quero me diga, como se chama. . . .

Fag. Eu? Ambrosia Fagundes para servir a vossa merce,

D. F.

D. F. Digo como se chama a que trazia a Mangerona no peito?

Ag. Chhama-se D. Nize.

D. F. Pois, Senhora Ambrosia Fagundés, saiba, que eu adoro taõ excessivamente a D. Nize, que em prremio do meu extremo me franqueou este ramo de Mangerona.

Ag. He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o mesmo.

D. F. E como me dizem os impossiveis, que ha de a poder communicar, quizera deverlhe a galantaria de ser minha proctetora nesta amorosa pertençaõ; e fie de mim, que o premio ha de ser igual ao meu desejo.

Ag. Meu Senhor, difficil empreza toma vossa merce; porque além da excessiva cautella do tio, que nisso não se falla, huma dellas está para casar com hum primo, que hoje se espera de fóra da terra, e a outra qualquer dia váy a ser freira; com que, meu Senhor, desengana-se, que alli não ha que arranhar.

D. F. E qual dellas he a que casa?

Ag. Ainda senão sabe; porque o noivo vem à escolha daquella, que lhe mais agradar.

D. F. Como o vencer impossiveis he proprio

prio de hum verdadeiro amante, nós ha-
vemos intentar esta empreza, saya o que
fahir; que a diligencia he máy de boa
ventura; favoreça-me vossa merce, Se-
nhora Fagundes, com o seu voto, que
eu terey bom despacho no tribunal de
Cupido; tenho dinheiro, e resolução,
e tendo a vossa merce da minha parte,
certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fag. Pois por mim não se desmanche a fes-
ta, que eu não sou desmancha prazeres;
esta noite o espero debaixo da janella da
cozinha; sabe aonde he?

D.F. Bem sey.

Fag. Pois espere-me ahi, que eu lhe direy
o que ha na materia.

D.F. Deixe-me beijar-lhe os pés, ò insig-
ne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fag. Ay! Levante-se, Senhor, não me
beije os pés, que os tenho agora muy
suados, e hum tanto fétidos; descanse,
Senhor, que D. Nize ha de ser sua a pe-
zar das cantellas do tio, e das caricias do
noivo.

D.F. Se tal consigo, não tenho mais, que
desejar.

Canta D. Fuas a seguinte

A R I A.

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De gosto morrer
Voslé me verá.

Porém se hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vida terá.

Vay-se.

Fag. Estes homens, tanto que são amantes, logo são musicos; e eu neste entendendo terey boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hey de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

S C E N A II.

Camera. Sabem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.

Sevad. **A**Y, Senhora, que ainda não creyo, que estamos em casa, pois se vimos mais tarde, não nos acha o Senhor velho!

D. Clor. Em boa nos metemos!

D. Niz. Nunca tal nos succedeo: que te parece, D. Cloris, a porfia daquelles ho-

202 *Guerras do Alecrim*;

homens em nós querer conhecer?

Sevad. Sim, Senhora, como se nós fôsse-
mos suas conhecidas.

D. Clor. E a facilidade, com que se na-
moraõ logo estes homens, he o que mais
me admira!

Sevad. Pois o maldito do criado, que tan-
to se meteo comigo, como piolho por
costura!

D. Clor. Que te veyo dizendo?

Sevad. Mil despropósitos misturados com
varias finezas esfarrapadas.

Sabe Fagundes com manto apanhado no braço.

Fag. Ainda esses Alecrins, e Mangero-
nas haõ de dar nos narizes a muita gen-
te.

D. Niz. Que diz, Fagundes?

Fag. Digo, que bem escusados eraõ estes
fustos; ora digaõ-me, Senhoras, se seu
tio viesse, e as naõ achasse em casa,
que seria de mim?

D. Clor. Naõ fallemos nisso, que ainda
estou a trêmer.

Fag. Apostemos, que isto foraõ conselhos
desta Senhora, que aqui está?

Sevad. Apello eu, que testemunho! Olhe
o diabo da mulher, parecê, que me
tem tomado à lua conta!

Fag. Coitada, como se desconfura!

Sevad.

Sevad. Ainda por amor della me hey de hir desta casa.

Sabe D. Lanferote.

D. L. Fagundes , depressa vá deitar mais hum ovo nos espinafres , que ahi vem meu sobrinho *D. Tiburcio* , já que sou taõ desgraçado , que por mais meya hora não chega depois de jantar.

Fag. Eu vou , meu Senhor ; mas cuido , que o noivo a estas horas comerá novilhinho.

Vay-se.

D. L. Agora , minhas sobrinhas , he chegado o voffo esposo ; não tenho , que encomendarvos o modo , com que o haveis de tratar.

D. Clor. Já vem tarde. *à part.*

D. Niz. Veremos a cara a este noivo. *à p.*

Sevad. Pois dizem , que he hum galante lapuz, *à part.*

Sabe D. Tiburcio com botas vestido ridiculamente.

D. L. Amado sobrinho , dá-me os braços : he possível , que vejo a hum filho de meu irmão !

D. T. Sim , Senhor ; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquellas choiriças , que vem no alforje , não as dizime o Arrieiro , que tem em cada maõ cinco aguias rapantes.

D. L.

204 *Guerras do Alecrim;*

D. L. Isso me parece bem, feres poupando; eu vou a isso. *Vay-se.*

D. Clor. Que te parece, Nize, a discrição do noivo?

D. Niz. Muito bom principio leva.

Sevad. Parece, que o seu genio mais se cafa com o Alforje. *à part.*

D. T. As primas não são más; porém a moça me toa mais. *à part.*

Sabe D. Lanferote.

D. L. Socegay, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

D. T. Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permitti, que os meus sequiosos labios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. L. Levantay-vos; fois discreto, meu sobrinho: pois vossó pay era hum pedaço d'asno, Deos lhe perdoe.

D. T. Não está mais na minha mão, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. L. Fallay a vossas primas, e minhas sobrinhas, *D. Nize,* e *D. Cloris.*

D. T. Eu vou a isso.

S O N E T O.

Primas, que na guitarra da constancia
Taõ iguaes retinís no contraponto,
Que naõ ha contraprima nesse ponto,
Nem nos porpontos noto difsonancia:
Oh falsas naõ sejas nesta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos cõto,
Nessa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina consonancia:
já que primas me sois, sede terceiras,
De meu amor, por mais que vos agaste
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvirme, õ primas, baste
De dar à escaravelha em taes asneiras,
Que é fim isto de amor he hũ lindo traſte.

- D. L.* Tambem sois Poeta, meu sobrinho?
D. T. Tambem temos nosso entuziasmo,
Senhor tio; isto cá he vea capilar, e natural.
D. L. Oh quanto me peza, que sejas Poeta,
ta, pois por força haveis de ser pobre.
D. T. A'gora, Senhor, eu sou hum rico
Poeta; pois, primas, que dizeis da minha eloquencia? Naõ me respondeis?
D. Clor. Os Anjos lhe respondeão.
D. Niz. Ahi naõ ha mais que dizer.
D. T. Ah Senhor tio, esta rapariga he cá da obrigaçã de casa?

D. L.

206 *Guerras do Alecrim,*

D. L. He moça da almofada.

D. T. Não he mal estreada ; e que olho
que tem ! Benza-te Deos !

Sevãd. Quer Deos , que trago hum cor-
ninho por amor do quebranto.

D. L. Eu cuido , sobrinho , que mais vos
agrada a criada , do que a noiva.

D. T. Tudo , o que he desta casa , me agra-
da muito.

D. L. Agora vamos ao intento : sabereis ,
minhas sobrinhas , que vosso primo D.
Tiburcio , filho de meu irmão D. Tri-
fonio , e de Dona Pantaleoa Reboldan ,
o qual tambem era irmão de vosso pay ,
e meu irmão D. Blianís , vem a eleger
hum de vós outras para esposa , pela
mercê , que me faz ; que a ser possível
casar com ambas , o fizera sem ceremo-
nia , que para mais he o seu primor.

D. T. Por certo que sim ; e não só com
ambas , mas até com a criada ; pois , co-
mo digo , desejo meter no coração tu-
do o que for desta casa.

D. L. Eu o creyo , meu sobrinho : nisso fa-
his a vosso pay.

D. Clor. Não vi mayor asno ! *à part.*

D. Niz. Nem eu mayor simplez ! *à part.*

Diz dentro Simicupio.

Simic. Quem merça o Alecrim ?

D. Clor.

D. Clor. O' Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevad. Entrou no tadarío! *à part.*

D. L. Sobrinho, não estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se mataráo humas às outras.

D. T. E vossa mercê consente, que minhas primas sigaõ effas parcialidades?

D. L. Não vedes, que he móda, e como não custa dinheiro, bem se póde permittir?

D. T. Bem sey, que isso são verduras da mocidade, mas com tudo não approvo.

D. L. E a razão?

D. T. Não sey.

D. Clor. Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estylos da Corte.

D. Niz. Callay-vos, mana, que elle ha de ser o mayor apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. T. Se eu enlouquecer, não duvido.

Sabe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.

Simic. Quem quer o Alecrim?

D. Clor,

208 *Guerras do Alecrim;*

D. Glor. Anda para cá : tem maõ , não ponhas no chaõ.

Simic. Pois aonde o hey de pôr?

D. Glor. Aqui no meu colo ; ay , no chaõ o meu Alecrim? Isso não.

Simic. Pois não só o ponha no colo , mas no pescoco.

D. Glor. A quanto he o mólho.

Simic. A real e meyo , por ser para vossa mercê.

D. Glor. Poem ahi cincoenta mólhos.

Simic. Pelo que vejo , esta he *D. Cloris.*
à part. Eisahi tem todos os mólhos , re-
parta lá com a Senhora , que supponho
tambem quererá o seu raminho.

D. Niz. Ay , tira-te para lá , homem , com esse máo cheiró.

Simic. Já sey , que esta he a da Mangerona de *D. Fuas.*
à part.

D. T. Bem haja minha prima , que não he destas invenções.

D. L. Porque he da Mangerona , por isso aborrece o Alecrim.

D. T. Resta-me , que vossa merce tambem tenha algum rancho.

D. L. Olhay vós , não deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simic. Ora demos principio à tramoya. *à p.*
Ay Senhores , quem me acode?

D. L.

D. L. Que tens, hemem?

Simic. Ay, ay, confissão.

*Cabe Simicupio estrabuxando, fingindo hum
accidente.*

D. Clor. Coitado do homem! Que tens?
Que te deu?

D. Niz. Taó venenoso he o teu Alecrim,
que mata a quem o traz?

D. L. Olá, tragaõ agua.

Sabe Fagundes, e Sevadilha com hum a quarta.

Sevad. Ay, Senhores, que isto he acci-
dente de gota coral!

Simic. O coral de teus labios, que acciden-
tes não fará? *à part.*

D. L. A unha de graõ besta he boa para
isto.

D. T. Puxem-lhe pelos dedos, que tam-
bem he bom remedio.

D. Lanferote D. Tiburcio, Sevadilha, e Fa-
gundes pegaõ em Simicupio, e este com o
estrabuxamento fará cabir a todos.

D. L. Mostra cá o dedo.

Simic. Agradeço o anel. *à part.*

D. T. E a força que tem o salvaje!

Sevad. Eu não posso com elle.

Simic. Lá vay o dedo polegar cos diabos!
Eu estou capaz de tornar a mim, antes
que me deixem despedaçado.

D. L. Borrifa-o Fagundes.

210 *Guerras do Alecrim,*

Fag. Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o*

Simic. Pó diabo ! E o que fedem os bor-
rifos da velha ! A maldita parece , que
tem apóstema no bofe.

D. Niz. Não se cansem , que elle não tor-
na a si tão cedo.

Simic. Essa he a verdade.

Fag. Mas pelo fim pelo não , eu lhe vazo
esta quarta ; que quando Deos quer
agua fria he méfinha.

Simic. Valha-te o diabo , que me deitaste
agua na fervura ! Eu não tenho mais
remedio , que aquietarme , senão virá
como remedio algum páo santo sobre
mim. *à part.*

Fag. Senhores , elle está mais focegado
depois da gua ; venhão jantar , que a
mesa está posta.

D. L. Vay buscar o meu capote , e co-
bre-o , que está tremendo o miseravel.

Simic. He maravilha , que hum miseravel
cubra outro. *à part.*

D. T. Aquillo são convulsões , mas bom
he cobrillo por amor do ar.

Sabe Fagundes com hum capote.

Fag. Eis-ahi o capote ; se elle o babar , ba-
bado ficará.

Simic. Anda , tolla , que não me babo. *à p.*

D. L. Tu , Sevadilha , tem sentido neste
ho-

- homem , em quanto jantamos : vinde ,
Sobrinho. *Vay-se.*
- D. T. Vamos , que tenho huma fome hor-
renda. *Vay-se.*
- D. Niz. He galante figura o tal meu pri-
mo! *Vay-se.*
- D. Clor. Fagundes , agazalha effe alecrim.
Fag. Tanto me importa ; se fora Mange-
rona , ainda ainda. *Vay-se.*
- Sevad.* Só isto me faltava , ficar eu guar-
dando a este defunto !
- Simic.* Vejamos quem he esta Sevadilha ,
que ficou por minha enfermeira ; ay , que
supponho , que he a menina do malme-
quer , que lá traz hum no cabello ! Va-
mo-nos erguendo , por ver se nos quer
bem. *Vay-se erguendo.*
- Sevad.* Deite-se , deite-se ; ay , que o ho-
mem tem frenesis ! Acudaõ cá.
- Simic.* Calte , Sevadilha , naõ perturbes
esta primeira occasiaõ de meu amor.
- Sevad.* Deixe-se estar cuberto.
- Simic.* Bem sey , que o calafrio de meu
amor he taõ grande , que se póde cobrir
diante delRey ; mas confesso-te , que
já naõ posso aturar o gravamen deste ca-
pote.
- Sevad.* Ay , que o homem está louco , e
furioso !

212 *Guerras do Alecrim,*

Simic. A furia , com que te ausentas ,
faz enlouquecer : não fujas , Sevadilla
que eu sou aquelle sujeito do maln
quer , e tão sujeito aos teus imperio
que sou hum criado de vossa mercê.

Sevad. Eu te arrenego , maldito home
Tu es o desta manhã?

Simic. Cuidavas , que não havia faber b
car modo para verte?

Sevad. Queres , que vá chamar a D. Cl
ris , ou D. Nize?

Simic. Logo irás chamar a D. Cloris ; m
primeiro attende à chamma de meu amo
que se o fogo tem linguas , e as par
des tem ouvidos , bem póde a dura p
rede de teu rigor escutar a lavareda , e
que me abraço : muita cousinha te p
dera eu dizer ; porém a occasião não
para isso.

Sevad. Nem eu estou para effoutro.

Simic. Eu o disiera , que o teu malmequ
não he para menos.

Sevad. Nem a tua pessoã he para mais.

Simic. Pois isso he de veras ? Olha , qu
desconfio.

Sevad. Bem aviada estou eu ! Bom amar
te tenho ! Bonito eras tu para atura
vinte annos de desprezos , como ha mu
tos que aturaõ , levando com as janell
no

nos narizes , dormindo pelas escadas , aturando calmas , soffrendo geadas , apurando-se em Romances , dando descantes , feitos estatuas de amor no templo de Venus , e com tudo estaõ muy contentes da sua vida ; e assim para que me buscas ?

Simic. Para que me defenganes , se me queres , ou não.

Sevad. Pergunta-o ao malmequer , que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui , fizera essa experiencia.

Sevad. E aonde está , o que eu te dey ?

Simic. Lá o tenho empapelado , que cuida que o ar mo leva.

Sevad. Assim te leve o diabo.

Simic. Levará que he muito capaz disso.

Pois em que ficamos ? Bem me queres , ou mal me queres ?

Sevad. Apanha aquelle malmequer , que está junto àquella porta , e pergunta-lho , que elle to dirá.

Simic. Pois acafo nas folhas do malmequer estaõ escritos os teus amores , ou os teus desdens ?

Sevad. Da mesma sorte que a buena dicha na palma da mão.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer.

Vay-se.

Sevad.

214 *Guerras do Alecrim;*

Sevad. Quem me dera, que ficasse em malmequer, para o fazer andar à pratica!

Sabe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eis-aqui o malmequer; ora vamos a isso; que se ha flores, que são defengano da vida, esta o será do amor. Sevadilha, toma sentido, vê se fica no bemmequer.

Sevad. Isto he como huma sorte.

Simic. Queira Deos não se converta o malmequer em azar. Tem sentido, Sevadilha: amor, se sahe a cousa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a seguinte

A R I A.

Oraculo de amor

Propicio me responde

Nas ancias deste ardor

Bem me queres, mal me queres

Bem me queres, mal me queres;

Mal me queres, disse a flor.

Ay de mim, que me quer mal

Teu ingrato malmequer!

Acabou-se o meu cuidado,

Que mais tenho, que esperar?

Vou-me agora a regalar

Levar boa vida, comer, e beber.

Sabe

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Oh quanto folgo , que já estejas bom !

imic. E tão bom , que parece que nunca tive nada.

D. Clor. Com que saraste ?

imic. Com o mesmo mal ; porque tambem ha males , que vem por bem.

D. Clor. Que dizes , que te não entendo ?
Estás louco ?

imic. Meu amo ainda o está mais , do que eu , desde que te vio assim por mayor , esta manhã ; e assim para significarte a tremendissima efficacia de seu amor , aquí me manda a teus pés , minto aos teus atomos , para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agradós.

D. Clor. Sevadilha , poem-te a cipeitar não venha alguem.

evad. Sim, Senhora. Arrelá com o ardil do homem ! *Vay-se.*

D. Clor. E quem he esse teu amo , que tanto me adora ?

imic. He o Senhor D. Gilvaz , cavalheiro de tão lindas prendas , como *verbi gratia* Londres , e Pariz.

D. Clor. Que officio tem ?

imic. Ha de ter hum de defuntos , quando morrer.

D. Clor.

216 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. E em quanto vivo, em que se occupa?

Simic. Em morrer por vossa merce.

D. Clor. Falla a proposito.

Simic. Senhora, meu amo não necessita de officios para manter os seus estados, porque tem varias propriedades comfige muito boas; além disso tem huma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande, que he necessario vinte e quatro horas, para se correr toda.

D. Clor. Quanto fará toda de renda?

Simic. Não se póde saber ao certo; sey que tem varias rendas em Flandes, e outras em Peniche, e estas bem grossas; tambem tem hum foro de fidalgo, e hum juro de nobreza.

D. Clor. Basta que he fidalgo?

Simic. Como as estrellas, que as vê ao meyo dia, e a estas horas não vê outra cousa; e certamente lhe posso dizer que he tão antiga a sua descendencia, que diz muita gente, que descende de Adão.

D. Clor. Se isso he assim, tal vez, que me incline a querello para meu esposo.

Simic. Venha a reposta, Senhora, que meu amo está esperando com lingua de palmo.

D. Clor. Pois ouve o que lhe has de dizer

Canta D. Cloris a seguinte

A R I A.

Dirás ao meu bem,
Que não desconfie,
Que adore, que espere,
Que não desespere,
Que á sua firmeza
Constante ferey.

Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, constante
Extremos farey.

Vay-se.

Simic. Vencido está o negocio; mas o capote do velho cá não ha de ficar por vida de Simicupio; que se a occasião faz o ladrao, hey de fello por não perder a occasião. *Vay-se. com o capote.*

Sabe Sevadilha.

Sevad. Espera, homem, onde levas o capote? E foy-se como hum cesto rosto! Ay mofina desgraçada, que ha de fer de mim, se meu amo não achar o seu rico capote?

Sabe D. Lanferote.

D. L. Já sarou o homem, Sevadilha?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Já se foy?

Sevad. Sim Senhor.

D. L. Guardaste o capote?

Sevad.

218 *Guerras do Alecrim* ;

Sevad. Ahi he ella.

D. L. Naõ ouves? Guardaste o capote? *à part*

Sevad. Qual capote?

D. L. O meu.

Sevad. Qual meu?

D. L. O meu de C,aragoça.

Sevad. Ah sim , o capote do homem do Alecrim?

D. L. Qual homem?

Sevad. O do accidente.

D. L. Tu zombas?

Sevad. Zombaria fóra , o homem levou o capote.

D. L. O meu capote?

Sevad. Eu naõ sey , se elle era de vossa merce ; o que sey he , que o homem do Alecrim levou hum capote , com que estava cuberto.

D. L. E como o levou?

Sevad. Nos hombros.

D. L. O meu capote furtado?

Sevad. Pois nunca se vio furtar hum capote?

D. L. Naõ , bribantona , que era hum capote aquelle , que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz , dia aziago , dia indigno de que o Sol te visite com os seus rayos!

Sevad. Santa Barbara!

D. L.

D. L. Tu, descuidada, has de pôr para alli
o meu capote, ou do corpo to hey de
tirar.

Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, se
meu o não tenho?

D. L. Desta fórte.

Antão D. Lanferote, e Sevadilha a seguinte.

A R I A A D U O.

D. L. Moça tonta, descuidada,

Sevad. Ha mulher mais desgraçada
Neste Mundo? Não, não ha.

D. L. Se não dás o meu capote,
Tua capa hey de rasgar.

Sevad. Não me rasgue a minha capa.

D. L. Dá-me, moça, o meu capote

Sevad. Minha capa.

D. L. Meu capote.

Ambos. Trata logo de pagar.

D. L. Meu capote assim furtado!

Sevad. Meu adorno assim rasgado!

Ambos. Que desgraça!

D. L. Contra a moça

Sevad. Contra o velho

Ambos. A justiça hey de chamar:
Meu capote donde está? *Vão-se.*

S C E N A III.

Praça : no fim haverá huma janella. Sa

D. Gil embuçado.

DG. **D**isse a Simicupio , que aqui esperava ; mas tarda tanto , que não entendo o apanharaõ na empreza. Mas quem se será aquelle , que alli vem ? Não é Simicupio , que elle não tem capote quem será ?

Sabe Simicupio embuçado com hum capote.

Simic. Lá está hum vulto embuçado no meyo do caminho ; queira Deos não me cheguem ao vulto ; não sey se tornará para traz , mas peyor he mostrar cobardia ; eu faço das tripas coração ; vou chegando , mas sempre de longe.

D. G. Elle se vem chegando , e eu confesso , que não estou todo trigo.

Simic. Este homem não está aqui para bonfim ; eu finjo-me valente : afaste-se lá deixe-me passar , aliás o passarey.

D. G. Vossa merce póde passar.

Simic. Ay , que he D. Gil ! Pois agora farey , com que me tenha por valeroso. Quem está ahi ? Falle , quando não detença-se desta vida , que o mando para a outra.

D. G.

D. G. Primeiro perderá a sua , quem me intenta reconhecer.

Simic. Tenha maõ , Senhor D. Gilvaz , que sou Simicupio.

D. G. Se naõ fallas , talvez que a graça te sahisse cara.

Simic. Igual vossa merce , que se o naõ coheco pela voz , sem duvida , Senhor D. Gilvaz , lhe prego com o seu nome na cara.

D. G. Deixemos isso , dá-me novas de Dona Cloris ; dize , podeste darlhe o recado ?

Simic. Naõ sabe , que sou o Cesar dos alcoviteiros ? Fuy , vi , e venci.

D. G. Dá-me hum abraço , meu Simicupio !

Simic. Naõ quero abraços , venhaõ as alviceras , senaõ emmudeci como Oraculo.

D. G. Em casa tas darey : conta-me primeiro , que fazia Dona Cloris ?

Simic. Isso saõ contos largos , estava toda rodeada de brazeiros de Alecrim , com hum grande mólho delle no peito , cheirando a Rainha de Hungria , mascando Alecrim , como quem masca tabaco de fumo ; e como acabava de jantar , vinha palitando com hum palito de Alecrim ; e finalmente , Senhor , com o Alecrim anda toda taõ verde , como se tivera tirícia.

D. G.

222 *Guerras do Alecrim,*

D. G. E do mais, que passaste?

Simic. Isso he para mais de vagar, basta que saiba por ora, que apenas lancey o anzol no mar da simplicidade de Dona Cloris, picando logo na minhoca do engodo, ficou engasgallhada com o engodo de mil patranhas, que lhe encaixey à manente.

D. G. Incriveis são as tuas habilidades: que capote he esse?

Simic. Este he o despojo de meu triumpho joguey com o velho os centos, e ganhey lhe este capote; e se vossa merce soubera a virtude, que elle tem, pasmaria.

D. G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para sara accidentes de gota coral.

D. G. Conta-me isso.

Sabe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de mantão, que ahi ven hum homem.

D. F. Esta he a janella da cosinha de Dona Nize, que a pezar da escuridade da noite, a conhece o meu instincto pelos effluvios odoriferos, que exhala a Pancaya daquella Fenix.

D. G. Simicupio, hum homem ao pé da janella de Dona Cloris? Isto não me cheira bem.

Simic.

Simic. Como lhe ha de cheirar bem, se isto aqui he hum monturo?

Apparece Fagundes à janella.

Mag. Cé, he vossa merce mesmo?

D. F. Sou eu mesmo, e naõ outro, que impaciente espero novas de meu bem.

D. G. Naõ ouviste aquillo, Simicupio?

Simic. Aquillo he, que naõ cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

Mag. Naõ basta que vossa merce diga, que he mesmo necessario a senha, e a contra-senha.

D. G. Pois attenda.

Canta D. Fuas o seguinte

M I N U E T E.

Já que a fortuna.

Hoje me abona,

A Mangerona

Quero exaltar.

No seu triunfo

Que a fama entoa,

Palma, e coroa

Ha de levar.

Ha de por certo,

Que a sua rama

Na voz da fama

Sempre andará.

D. G. Este he D. Fuas, pela senha da Mangerona; que te parece, Simicupio, o quan-

224 *Guerras do Alecrim,*

quanto tem adiantado o seu amor?

Simic. *Quidquid sit*, o primeiro milho dos passaros, o segundo he cá para os melros.

Fag. Suba por essa escada. *Lança a escada*

D. F. Segure bem. *Sobe*

Simic. Senhor D. Gil, agora he tempo de subir tambem, pois estamos em era de atrepar; não perca a occasião.

D. G. Vem tu tambem. *Sobe*

Simic. Eu tambem vou a render à escada vista esse castello de Cupido.

Fag. Tenha mão, Senhor, que he o que quer?

D. G. Mangerona.

Fag. Vossa merce, fidalgo, quem procura?

Simic. Tambem Mangerona em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fag. Isto cá está por estaque, não entra quem quer.

Simic. Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

Fag. Vá-se dahi, que não conheço Frangos à meya noite.

Simic. Tem mão, não me empurres.

Fag. Não ha de entrar.

Simic. O' mulher, não me precipites, que sou capaz de te escallar.

Fag.

ag. Vá-se cos diabos, seja quem for.

Empurra a escada, e cabe com Simicupio.

mic. Ay, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o fimicupio, que me fizeste tomar. Estes são os ossos do officio; mas para que tudo não sejaõ ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma cousa; ao menos se não morri da quéda, vou para casa em huma escada.

Vay-se Simicupio, e leva a escada.

S C E N A IV.

abinete. Sabe Fagundes trazendo pela mão a D. Fuas, e de traz virá D. Gil embuçado.

ag. **P**ize de manfinho; que se acorda, será para nos enforcar.

. F. Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

ag. Não me ficou nada no tinteiro; meu Senhor, nessa materia tenho tanta elegancia, que sou outra Marca Tulia Cicerona.

. F. Ay Fagundes, se casará Dona Nize com o primo! Mas quem está aqui atraz de nós?

. G. Não quero dar-me a conhecer a D.

Tom. II.

P

Fuas,

226 *Guerras do Alecrim*,

Fuas, por ver se com os zelos definhada a empreza, para que só triunfe o Alecrim.

D. F. Cavalhero, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizerme primeiro, o que buscaes nesta casa?

D. G. O mesmo, que vós buscais.

D. F. O que eu busco, não vos pôde pertencer.

D. G. Nem o que me pertence, podereis vós buscar.

Fag. Senhores meus, accomodem-se, que pôde acordar o Senhor D. Lanferote, o damno será de todos.

D. F. Queres que me calle à vida dos meus zelos?

Sabe D. Nize.

D. Niz. Que ruido he este, Fagundes?

D. F. Sinto, Senhora Dona Nize, que pela primeira vez, que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

D. Niz. Não sey, que motivo haja para os haver.

D. F. Este Senhor embuçado, que agora me vem seguindo, e diz, que procura o mesmo, que eu busco.

D. Niz. Sabe elle por ventura, o que vós procurais?

D.

D. F. Elle , que diz que fim , certo he ,
que o sabe.

D. Niz. Senhor , vos acafo vindes aqui a
meu respeito? *Para D. Gil.*

D. G. Nada hey de responder. *à part.*

D. F. Quem calla consente : não averiguo-
mos mais , Senhora Dona Nize , só fin-
to , que a suas Mangerona admitta en-
xertos de outras planta.

D. Niz. Esse he o pago , que me dais , de
admittir a vossa correspondencia , de
obrar este excessso a vosso respeito , e de
me expor a este perigo por vossa causa?

D. F. Melhor fora desenganarme , que essa
era a melhor fineza , que vos podia me-
recer.

D. Niz. Pois eu digo-vos , que estou in-
nocente , que não conheço este homem ;
e me parece , que basta dizello , para
me acreditares.

D. F. E bastava ver eu o contrario , para
não acreditar essas desculpas.

D. Niz. Pois visto isso , fiquemos como
dantes.

D. F. De que sorte?

D. Niz. Desta sorte.

Canta D. Nize a seguinte

A R I A.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceo,
E logo murchou.

Pois tanto me dá
De seu pertender,
Que firme supponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou.

Vay-

D. F. Nize cruel, isso ainda he mayor rannia; escuta-me. *Vay-*

Fag. Vá lá darlhe satisfações, que ella bonita para essas graças. E vossa mer Senhor rebuçado, a que fim quiz p fanar o sagrado desta casa?

D. G. A ver o bem, que adoro.

Fag. Vossa merce está zombando? A não ha quem possa ser amante de vo merce; pois bem vê o recato, e hon desta casa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra de ta casa. Que? Aquillo de subir hu homem por huma janella, e hirse pa dentro atraz de huma mulher, não he n da?

Fa

ag. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

.G. Pois eu tambem quero ser muito conjunto da Senhora D. Cloris : ora faça-me o favor de a hir chamar.

ag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris não te enganes ; sim, a outra, que anda cuberta de cilícios, jejuando a pão, e agua ; tire dahi o sentido, meu Senhor.

.G. Se a não fores chamar, a hirey eu buscar.

ag. Ay Senhor, vossa merce tem alguma legião de diabos no corpo? E que remedio tenho, senão chamalla, antes que o homem faça alguma asneira, que elle tem cara de arremeter. *Vaise.*

.G. Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria correтажe : basta, que lha dê D. Fuas.

Sabe D. Cloris.

.Clor. Senhor, vossa merce, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

.G. Eu, Senhora D. Cloris, sou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impossiveis vem, qual Salamandra de amor, a abrazarse nas chammadas do seu Alecrim, como victima da mesma chamma. *D.*

230 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao último fim de ser meu esposo, por isso facilito os meus agrados, mas não francamente, que primeiro não haja experimentar no crisol da constancia rayos do seu amor.

D. G. Muy pouco conceito fazeis da vossa belleza; pois se antes de admirar essa formosura em occultas sympathias soube estes attrahir todos os meus affectos, como depois de admirar o mayor portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorarvocom tão immovel constancia, que primeiro se moverão as estrellas fixas, que sejaõ errantes as minhas adorações?

D. Clor. Isso he de veras, Senhor D. G.

D. G. Se eu morro de veras, como hey fallar zombando?

S O N E T O.

Tanto te quero, ò Clori, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tento,
Que em cuidar, q te perco, me espavento
E em cuidar, que me deixas, me ataranto
Senão sabes (ay Clori!) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digaõ-to os meus suspiros cento a cento
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto

Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquisitos modos de adorarte
Que amor soube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas não, que hey de affustarte;
Porque he tal o meu incendio, q̃ ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D. Clor. Senhor *D. Gil*, as suas finezas
por encarecidas perdem a estimação de
verdadeiras; que quem tem a lingua taõ
folta para os encarecimentos, terá pre-
za a vontade para os extremos.

D. G. Como ha de haver experiencias na
minha constancia, seraõ os successos de
minhas finezas os chronistas de meu
amor.

Canta D. Gil a seguinte

A R I A.

Viste, ò Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmayos,
Sol, que gyra, saõ teus rayos,
E meu peito gyrafol.

Mas ay, Clori, que a luz pura
De teus rayos mais se apura
De meu peito no crisol.

D. Clor. Cessa, meu bem de encarecerme
o teu amor; já sey saõ verdadeiras as
tuas

232 *Guerras do Alecrim,*

tuas expressões. Oh se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento, para augmentar com ellas a força da sua inconstancia!

Sabe Sevadilha.

Sevad. He bem feito! He bem empregado

D. Clor. O que, Sevadilha?

Sevad. O Senhor, que está acordado.

D. Clor. Não póde ser a estas horas; não te creyo, que es huma medrosa.

Sevad. Fallo verdade, e não minto.

Canta Sevadilha seguinte

A R I A.

Senhora, que o velho,

Se quer levantar!

Mofina de mim,

Que ouvi escarrar,

Fallar, e tossir!

Senhor, vá-se embora, *Para D. Clor.*

Vá já para fóra,

Senaõ o papaõ

Nos ha de engolir.

Fag. Uy Senhores, isto he cousa de brincar? O Senhor seu tio está com tamanho olho aberto, que parece hum leão que está dormindo; deite fóra esse homem, e venha-se agazalhar, que já vem amanhecendo.

D. Clor.

D. Clor. Pois deitem fóra a D. Gil : meu bem , estimarey , que as suas obras correspondão às suas palavras. *Vay-se.*

Sabe D. Niz. e D. Fuas.

D. Niz. Fagundes , encaminha a D. Fuas , que meu tio está acordado.

D. F. Ainda o embuçado aqui está ? He para ver ! Ah cruel ! *à part.*

D. Niz. Anda , Fagundes.

Fag. Senhora , que não ha escada , para descerem .

D. Niz. E aquella por donde subio , aonde está ?

Fag. Empurrey-a com hum homem , que tambem queria subir .

D. G. Devia ser Simicupio. *à part.*

D. F. Pois como ha de ser ?

Sevad. Não ha mais remedio que saltar pela janella .

Fag. Mas vejaõ , não cayaõ no alfuje .

D. G. Em boa estou metido ! *à part.*

D. F. Donde está a chave da porta ?

Sevad. A chave tem guardas , e está agazalhada no traveßeiro do velho , por não dormir n'uma porta .

Dentr. D. L. Fagundes , venha abrir esta janella , que já vem amanhecendo .

Fag. Eis-aqui vossas mercês o que quizerão !

Dentr.

234 *Guerras do Alecrim,*

Dentr. D. L. Fagundes, que faz, que nam vem?

Fag. Estou enxotando o gato da visinha çape gato; Senhores, escondaõ-se aonde for.

D. Niz. Ay, que desgraça!

Dentr. D. L. Sevadilha que he isso lá?

Dentr. Sevad. He o grato da visinha: çape gato.

Dentr. Simic. Abraõ a porta, que se queima a casa: fogo, fogo.

Fag. Ay, que ha fogo na casa! Saõ Marçal.

D. Niz. Eu estou morta!

D. Clor. Ay, que se queima a casa, que desgraça!

Sabe

D. F. Peyor he esta!

D. G. Ha horas minguadas!

Dentr. Simic. Abraõ a porta, que ha fogo, fogo.

Sevad. Mofina de mim, que lá vaõ os meus tarecos!

Dentr. Simic. Naõ ouvem? Pois la vay a porta pela porta fóra.

Sabe

Sabe Simicupio .com huma quarta às costas , e
ao mesmo tempo sabe D. Lanferote em fral-
da de camiza , e D. Tiburcio embrulhado
em hum lançol , com huma candeya de gara-
vato na mão.

Simic. Fogo, fogo.

Fag. Adonde he , meu Senhor.

D. T. Que he isto cá?

D. L. Fogo aonde , se eu não vejo fumo?

Simic. Como ha de ver o fumo , se o fumo
faz não ver?

D. T. Aqui me cheira a Alecrim queima-
do.

D. L. Dizes bem : Cloris, accendeste al-
gum Alecrim?

D. Clor. Eu, Senhor, não foy
porque sempre

D. L. Calte, que eu porey o Alecrim com
dono; ha mais mofino hom em ! Lá vay
o suor de tantos annos.

Simic. Com elle podiã vossa merce apagar
este fogo.

D. G. Estou admirado de ver a traça de Si-
micupio ! à part.

D. T. Senhores , acudamos a isto , que se
acaba a torcida.

D. L. Vede, sobrinho , ainda assim não se
entorne o azeite.

D. Niz. Ay os meus craveiros de Mange-
rona ! D. Clor.

236 *Guerras do Alecrim,*

D. Clor. Ay os meus olhos de Alecrim!

Fag. Ay a minha canastra!

Sevad. Ay os meus tarequinhos!

D. L. Ay a minha burra!

D. T. Ay o meu alforje!

Simic. Ay com tanto ay! Senhores, aonde he o fogo?

D. L. Vejaõ vossas mercê bem por essas casas aonde será.

Simic. Entremos, Senhores, antes que se atee o incendio.

D. G. e D. F. Vamos.

Entraõ Simicupio, D. Fuas, e D. Gil, e logo tornaraõ a sabir.

D. L. Vereis vós, trampofinha, que fim leva o Alecrim.

D. Clor. O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

Sabem os tres.

D. G. Não se affustem, que não he nada.

D. F. Já se apagou Deos louvado.

D. L. Aonde foy?

Simic. Foy no almofariz, que estava ao pé da isca.

Sevad. Pois eu não fuy, o que petisquey.

Fag. Pois eu nem no ferrolho.

Simic. Pois eu ainda estou em jejum.

D. L. Ora, meus Senhores, vossas mercês me vivaõ muitos annos pela honra, que me fizeraõ.

D. G.

e Mangerona. 237

D. G. Sempre buscarey occasiões de servir a esta casa. *Vay-se.*

D. F. E eu não menos. *Vay-se.*

Simic. Agradeça-nos a boa vontade não mais.

Fag. Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

D. Clor. Eu estou pasmado do successo! *à part.*

D. Niz. E eu não estou em mim! *à part.*

D. T. Ora com licença, meus Senhores, que me vou pôr em fresco. *à part.*

D. L. Eu todavia ainda não estou socegado. Vio vossa merce bem na chaminé?

Simic. Para que vossa merce descanse de todo, vazarey esta quarta nos narizes daquella velha, que são duas chaminés.

Fag. Ay que me enfopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simic. He darlhe a molhadura de certa obra.

D. L. Que fez vossa merce?

Simic. Deixe, Senhor; isto he para que se lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente se póde atear por hum accidente.

Fag. Vou mudar de camisa. *Vay-se.*

D. Niz. Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona. *D. L.*

238 *Guerras do Alecrim,*

D. L. Esta advertencia merece esta moça
que he huma descuidada, que por seu
desmazellos me deixou furtar hum capoto

Cantaõ D. Lanferote, Sevadilha, Simicupi

D. Cloris, e D. Nize a seguinte

A R I A A 5.

D. L. Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senaõ tu verás.

Sevad. Debalde he o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

Simic. Que linda pilhaje.
Num fogo salvaje,
Que lambe voraz.

D. Clor. Naõ sente, quem ama.

D. Niz. Naõ temo essa chamma.

Ambas. Que he fogo de amor.

D. L. Cuidado no fogo.

Sevad. Debalde he o seu rogo.

D. L. e *Sev.* Que fogo sem fumo
Naõ he bom final.

D. L. Sentido, cuidado,

Simic. Que fogo salvaje

Todos excepto D. L. Que he fogo de amor

Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

Fim da primeira parte.

PAR-

P A R T E II.

S C E N A I.

Praça. Sabe D. Gil, e Simicupio.

D. G. **A** Inda não sey cabalmente applaudir a tua industria, ò insigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas são tão impossiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio he diminuto, e todo o louvor limitado.

Simic. Visto isso, eu mesmo tenho a culpa de não ser premiado; porque se eu não servira tão bem, estaria mais bem servido. Senhor meu, eu nunca fuy amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero, que me ajuste a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para porme no olho da rua, que se-rey mais bem visto.

D. G. Simicupio, nem sempre o diabo ha de estar atrás da porta.

Simic.

240 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Sim, porque entrará para dentro de casa.

D. G. Calte, que se configo a Dona Cloris com seu dote, e arras, eu te prometto, que andes n'uma boléa.

Simic. Senhor, não me ande com a cabeça à roda com essas promessas; era melhor, que os premios andassem a rodo.

Sabe Fagundes.

Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'uma caixa, para o introduzir com Dona Nize em casa sem sustos, como da outra vez; tomara achar hum homem, que ma carregasse.

D. G. Lá vem a velha, criada de Dona Cloris.

Simic. Retire-se vossa merce, e deixe-me com ella.

D. G. Pois eu aqui te espero. *Vay-se*

Fag. O' filho, por vida vossa quereis levarme huma caixa?

Simic. Com que achou-me vossa merce com hombros de mariola?

Fag. Pois perdoe-me, que cuidey, que era homem de ganhar.

Simic. Todos nesta vida somos homens de ganhar; porém o modo he, que desautoriza.

Fag. Isto não era mais, que levar hum caixa às costas. *Simic*

mic. Pois se não he mais do que isso, entendo que não estará mal à minha pessoa.

ag. Qual mal? Antes lhe estará muito bem.

mic. Mas advirta, que isto em mim não he officio; he huma méra curiosidade.

ag. Ora Deos lhe dê saúde; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para casa de D. Lanferote.

mic. E de quem he a caixa?

ag. He minha, que a que eu tinha, toda se desfaz em caruncho.

mic. Pois esta não se livrará da traça, que intento usar com ella. *à part.* Vamos, Senhora.

Vaise.

ag. Ande, meu filho.

Vaise.

Sabe D. Gil.

G. Aonde hirá Simicupio com a velha? O maldito não perde occasião: com semelhante jardineiro não murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa às costas.

he Simicupio com huma caixa às costas; e logo a poem no chão.

mic. Dezencontreime da velha, que andarà tonta por mim.

G. Que he isto, Simicupio?

mic. Não lhe importe, vá-se enrolando,

242 *Guerras do Alecrim,*

que se ha de meter aqui dentro, e hey q
levar esse corpinho a casa de Dona Cl
ris.

D. G. Isso he quiméra; como posso e
caber ahi?

Simic. Isso não me importa a mim; aba
as presumpções, que logo caberá e
toda a parte.

D. G. E como havemos abrilla, que é
fechada?

Simic. Não sabe, que a irmã gazúa sen
pre me acompanha? Eu a abro. *abr*

D. G. Esta tramoya he muy arriscada: qu
tem dentro?

Simic. Eu vejo huns trapos estendidos. A
de ande, que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a isso: ay Cloris, quan
to me custas!

*Mete-se D. Gil na caixa, e a fecha Simic
pio, e logo a poem às costas, e dentro
tambem virá D. Fuas.*

Simic. Não ha de ser má esta encaixaça
Arre o que peza a criança!

D. F. Ay, que me esmagaõ os narizes!

D. G. Quem está aqui? Espera, vejamos
o que he.

Simic. O que for lá se achará.

D. G. Espera, que isto he traicão.

D. F. Homem dos diabos, não me esbor
raches. *D. G.*

D. G. Aque delRey , não ha quem me acuda?

Simic. Calle-se , tamanhaõ , que para boa casa vay. *Vão-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabe D. Tiburcio , e Sevadilha.

D. T. **S**Evadilha , agora , que estamos sós , quero-te pedir hum conselho.

Sevad. Se vossa merce acha , que lhos posso dar , proponha , que eu resolverey.

D. T. Tu bem sabes , que eu vim para casar com huma destas duas primas minhas : ambas são bellas , ao que entendo ; só me resta saber as manhas de cada huma , para que escolha do mal o menos.

Sevad. Senhor , ambas são muy bastantes moças , a Senhora Dona Cloris he muy perfeita , sabe fazer os ovos moles muito bem ; a Senhora Dona Nize tem melhor juizo : muito assento , quando não está de levante ; grande capacidade ; e tanto , que sendo taõ rapariga , já lhe nasceu o dente do fizo ; porém na condição he huma vibora asanhada.

D. T. Não sey , Sevadilha , o que faça neste caso. *Q ii* *Sevad.*

244 *Guerras do Alecrim,*

Sevad. Não casar com nenhuma.

D. T. Pois eu vim cá por besta de páo?

Sevad. Eu digo o que entendo em minha consciencia.

D. T. Oh se pudera eu casar contigo, *Sevadilha*, porque só tu me cahiste em graça!

Sevad. Ay, que graça! Diga-me isso outra vez.

D. T. Não zombo, que não está sóra de fazer eu huma parvoisse.

Sevad. Não será a primeira.

D. T. Queres tu, que fuçamos? Olha que estou com minhas tentações de fazer dona de minha casa.

Sevad. Diga-me dessas, que gosto disso.

D. T. *Sevadilha*, não percas esta fortuna.

Sevad. Quem he a fortuna?

D. T. Sou eu, que te quero.

Sevad. Se he fortuna, será inconstante.

D. T. Ay, que a moça me falla por equívocos! Es discreta.

Sevad. Ora vá-se com a fortuna.

Sabe Simicupio com a caixa às costas.

Simic. Quem toma conta deste arcaç?

D. T. Quem a manda?

Simic. Huma mulher já de dias grandes porque era bastantemente velha.

D. T. A mim me mellem, se isto não he

já alguma preparação para o casamento.

Simic. Vossa merce parece, que adivinha, pois para casamento he, segundo ouvi dizer a hum terceiro.

D. T. Sabes, o que virá ahi dentro?

Simic. Cuido, que he hum vestido.

D. T. E que tal?

Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores taõ vivas, que estaõ saltando.

D. T. He de mulher, ou de homem?

Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.

D. T. Cuidey, que era para mim.

Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, naõ he sem causa. *à p.*

Simic. Sevadilha lá me está deitando huns olhos, que se vão os meus traz delles.

à part.

D. T. Já te pagaraõ?

Simic. Naõ Senhor; mas eu esperarey pela velha.

D. T. Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajustemos o negocio?

Sevad. He boa esta, ouvindo-me Simicupio!

à part.

D. T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharey os olhos a tudo, só por casar comtigo.

Simic.

246 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Tome-se lá, o que estavaõ ajustando os dous ! Eu lho estorvarey. *à part*

D. T. Que dizes, rapariga ?

Simic. Ah Senhor, pague-me o carroto da caixa.

D. T. Espera, que logo vem a velha.

Simic. Sim pois a moça logo vay. *à part*

D. T. Tu ainda es menina, não sabes, o que te convem.

Sevad. Eu não necessito de tutores.

D. T. Olha, que eu sou Morgado na minha terra; e terás tantos, e quantos.

Simic. Senhor, pagueme o carroto da caixa, que não posso esperar.

D. T. Logo, espera: ora, Sevadilha, isso ha de ser, dá-me hum abraço.

Simic. Venha o carroto da caixa; he boa effa!

Sevad. He boa teima!

D. T. Pois dá-me ao menos esse malmequer por prenda tua.

Simic. Ora venha já esse carroto, fenaõ tudo vay cos diabos.

D. T. Espera homem, ouve mulher.

Sevad. Vá-se dahi, mal creado, aleivoso, maligno; he o que me faltava!

Canta Sevadilha a seguinte

A R I A.

Que hum tonto jarreta,

Que hum nescio pateta,

Me falle em amor,

Ou he para rir,

Ou para chorar.

Naõ cuide em amores,

Que nesses ardores,

Se póde fregir, ,

Se póde abraçar.

Vaise.

Simic. Regalou-me esta Aria : you dizer a Sevadilha , diga a Dona Cloris , que alli está meu amo , e finjo , que me vou. Senhor , a Deos : eu virey n'outra occasião.

Vaise.

Sabe D. Lanferote com hum castiçal , e vela acesa , e a porá em cima da caixa , donde ao depois se assentaráõ.

D. L. Sobrinho , vós bem sabeis , que hum hospede , passados os tres dias logo fede , como cavallo morto ; isto não he dizer , que fedeis , mas vos affirmo , que me não cheira bem esta vossa irresolução , vendo que indeciso ainda não elegestes qual de vossas primas ha de ser vossa consorte.

D. T. Senhor as perfeições de cada huma

248 *Guerras do Alcrim*,

ma são tão peregrinas, que vacilla
vontade na eleição dos fugeitos; po
quando me vejo entre Cloris, e Nize
me parece, que estou entre Scylla,
Caribdis.

D. L. Pois, Sobrinho, resolver, resolver
logo, e já.

D. T. Pois, Senhor, se a hum enforcad
se daõ tres dias, eu que no casar noto
mesma propriedade, pois bem se enfor
ca, quem mal se casa, peço tres dia
tambem para me resolver.

D. L. Tres dias premtorios concedo;
para que não hajaõ duvidas no dote
assentay-vos, e sabereis o que haveis de
levar. *Assentaõ-se.*

D. T. Isso he santo, e bom, para que não
seja a noiva de contado, e o dote de pro
mettido.

D. L. Eu, meu sobrinho, supposto tenha
corrido muito mundo, com tudo me
acho alcançado.

D. T. Isso he bonito!

D. L. Primeiramente cada huma de minhas
sobrinhas tem muito boa limpeza.

D. T. Sim, Senhor, são muito assedadas,
nisso não ha duvida.

D. L. A'lem disso: estay attento, meu
sobrinho, não deis salabancos com a cai-

xa, que isso he manha de bestas.

Bole a caixa.

. T. Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.

. L. Como digo, sabereis, que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Não estareis quieto? *Bole a caixa.*

. T. Não sou eu por vida minha.

. L. Não vedes a caixa a saltar?

. T. He verdade; será de contente.

Cabe a caixa com os dous.

. L. Isto agora he mais comprido.

. T. E isto he mais estirado.

. L. Ay, quem me acode com huma luz!
*abem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes,
e Sevadilha com luz.*

. T. Que succedeo?

. T. O mayor caso, que viraõ as idades.

. L. Eu, que na mayor idade vi o mayor caso.

. Niz. Pois que foy?

. Clor. Que succedeo, Senhores?

. Sevad. Que he isto?

. T. Que foy? Que succedeo? Que he isto?

. T. Esta caixa.

. L. Esta arca.

. T. Que em torcicolos.

. L. Que em bamboleyos.

D. T.

250 *Guerras do Alecrim,*

D. T. Com pulos.

D. L. Com saltos.

D. T. Deitou-me no chaõ.

D. L. No chaõ me estendeo.

D. Niz. He raro caso!

D. Clor. He caso raro!

Sevad. He , naõ ha duvida : ay , que el
torna a bolir ! Fugamos , Senhores.

Fag. Valha-te o diabo , *D.* Fuas , que ta
inquieta es ! *à par*

D. L. Esta caixa tem algum encanto , abra
mo-la.

D. T. Diz bem ; abra-se a caixa.

D. Niz. Ay de mim , que será de *D.* Fuas *à par*

D. Clor. Que será de *D.* Gil ! *à par*

D. T. Vá o tampo dentro.

Sevad. Tenhaõ maõ , que póde vir dentro
algum diamante , que nos mate aqui
todos.

Fag. Ay tanto breve da marca !

D. Niz. Senhor , se se abre a caixa , de
mayamos todos aqui.

D. L. Vamo-nos , que a prudencia he me
lhor , que o valor. *Vais*

D. T. Pois só naõ quero ser valente.

Vay-se , e leva a luz.

Sevad. Ay ! Naõ sey , que pés me haõ de
levar ? Ande , Senhora.

D. Clor.

Clor. Fazes bem em disfarçar até ao
depois. *Vaise.*

g. A caixa parece, que tocou a reco-
lher.

Niz. E, não foy o peyor o ficarmos às
escuras, que assim teráõ todos medo de
vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D.
Fuas, que faya.

g. Ay a caixa está aberta! Seria com os
salabancos: faya, meu Senhor, e per-
doe o discommodo.

Abre a caixa, e sabe D. Gil.

G. O' tu nocturna deidade, que no ca-
liginoso bosque destas sombras brillhas
carbunculo da formosura, aqui tens se-
gunda vez no Theatro de tua belleza
representante a minha constancia na Tra-
gicomedia de meu amor.

g. Senhora, quem às escuras he taõ dis-
creto, que fará às claras?

Niz. Já vou acreditando, meu bem,
as tuas finezas; porém....

Sabe D. Fuas da caixa.

F. Porém o teu engano, falsa, inimi-
ga, segunda vez se repete para meu des-
engano, e tua afronta.

Niz. Que he isto, Fagundes? Que
tramoyas são estas?

g. Eu estou besta, pois só a D. Fuas
meti na caixa!

D. Niz.

D. Niz. Pois como ha aqui outro, fóra Fuas?

Fag. Eu não, em minha consciencia, e não he má.

D. F. Senhora *D. Nize*, para que são esses fingimentos? Peleije agora com *Fagundes*, para se mostrar innocente.

D. G. Esta he *Dona Nize*; eu me refugio ao vestuario, até que venha *Dona Cloris*.

Mete-se D. Gil na caixa.

D. Niz. Já disse, Senhor *D. Fuas*, que minha constancia vive isenta dessas lumnias.

D. F. A que delRey, Senhora, quer que dê com a cabeça por essas paredes? He possivel, que ainda intentais nesto que tão repetidas vezes tenho experimentado?

D. Niz. Senhor, he pouca fortuna de minha firmeza encontrar sempre com incidentes de falsidade.

Fag. Senhor *D. Fuas*, não cuide vossa mãe que tômos cá nenhuma mulheres cacaracá: mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-se outra vez, que eu tanto aqui me retiro; anda, *Fagundes*.

Fag. Senhor, nós já tornamos.

D. G.

Va

Va

D.

F. Mais à minha conservação, que ao teu respeito, obedeço.

Esconde-se D. Fuas na caixa, e sabe D. Cloris

Clor. Que se expozeffe D. Gil ao perigo, de vir em huma caixa a meu respeito! Ora o certo he, que não ha mais extremofo amante; porém os fumos de Alecrim tem a mesma virtude, que o incenso nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde estará aqui a caixa? Esta supponho que he; já meu bem podes sahir sem susto.

Sabe D. Fuas da caixa.

F. Sim, tyranna, pois já me não affustão as tuas falsidades.

Clor. Que falsidades? Que dizes? Enloqueceste, ou ignoras com quem fallas?

F. Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

Clor. Cuido, que não são tantos os encontros, que temos tido.

G. Aquella voz he de Dona Cloris: estou ardendo com zelos!

F. Já estou desenganado da tua falsidade; Já sey, que est'outro amante, que vive encerrado nessa caixa, he o que só merece os teus agrados.

D. G.

254 *Guerras do Alecrim*,

D. G. E como que o merece; pois só e
he digno desse favor; e a quem o imp
dir, lhe meterey esta espada até as gua
nições. *Vai*

D. F. Vês, ingrata, se he certa a min
suspeita?

D. Clor. Eu estou confusa, e não sey
quem satisfaça!

D. G. Ainda continúa, insolente? Não f
be que esta Dama he cousa minha?

D. F. Já agora por capricho, a pezar d
suas alcivossias, hey de dar a vida por r
dama.

D. Clor. Senhores, que desgraça!

D. G. Se não estivera às escuras, tu feri
o alvo de minhas iras.

D. F. Pois se não fora a escuridade, eu t
fizera ver o meu brio; mas ainda assim
eu vou dando, dê donde der.

D. Clor. Senhores, dem demanso, não
ouça meu tio.

Cantaõ D. Fuas, D. Gil, e Dona Cloris a
seguinte

A R R I A A 3.

D. G. Se não fora por não sey que,
Te matara mesmo aqui.

D. F. Se não fora o velho alli,
Te fizera hum não sey que.

D. Clor. De mansinho, pouca bulha,

Cal

Calte gralha, calté grulha,
Porque o velho ha de acordar.

G. Pois aqui muy mansamente
Matarey este insolente.

F. Tambem eu pela callada
Meterey a minha espada.

Clor. De vagar, naõ dem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.

dos. Quem pudera em tanta luta
Sua dor desabafar!

F.D.G. Senaõ grito neste caso,
Sou capaz de rebentar.

Clor. Mais que estallem, e arreentem,
Naõ se ha de aqui fallar.

dos. Naõ se póde isto aturar! *Vaõ-se.*
Sabe Simicupio pela maõ de Sevadilha.

mic. Donde me levas, Sevadilha?

vad. Ande, naõ me faça perguntas.

mic. Naõ ha huma candeya nesta casa,
que se me meta na maõ, que estou mor-
rendo por te ver?

vad. Melhor fineza he amar por fé.

mic. Como, se eu naõ dou fé de ti?

vad. Ande, que o amor se pinta cego.

mic. Muito vay do vivo ao pintado.

vad. Assim estamos mais à nossa vanta-
de.

mic. Andar, supponho, que tenho o
meu amor na Noroega: mas ainda assim
isto

256 *Guerras do Alecrim*,

isto de estar às escuras, não he grand
coufa para hum homem dizer à lua Da
ma quatro hyperboles, pois se não ve
jo, como poderey dizerte, que es esta
tua de alabastro sobre plintos de jaspe
neve vivente, e racional forvete, ma
fó carapinhada, pois negra te considero
nesta Ethiopia: oh negregada occasião
em que por falta de huma candeya não
fahe à luz a tua formosura!

Sevad. Pois o fogo de teu amor não basta
para allumiar esta casa?

Simic. Se a luz excessiva faz cegar, tam
bem a minha chamma por excessiva não
allumia; mas com tudo isto não nos me
tamos no escuro; fallemos claro: como
estamos nós daquillo, que chamamos
amor?

Sevad. E como estamos nós do malme
quer; què esse he o ponto?

Simic. Cada vez está mais viçoso com a
copiosa inundaçãõ de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim?

Simic. Isso são contos largos, o homem an
da doido; tudo quanto vê, lhe parece
que he Alecrim; est'outro dia estava tei
moso, em que havia de cear sellada de
Alecrim, mais que o levasse o diabo.
Olha, para contarte as loucuras, que
faz,

faz, assentomo-nos, que isto se não pôde levar de pé.

ffenta-se Simicupio na caixa, que estará com o tempo levantado, e cabe dentro da caixa, que se fechará com a dita quêda

mic. Mas ay Sevadilha, que cahi n'um poço sem fundo!

evad. Aonde estás, Simicupio?

mic. Não sey aonde estou; só sey, que estou aqui.

evad. Aonde he aqui?

mic. He aqui.

evad. Aqui aonde?

mic. He boa pergunta! Eu sey cá donde são os aquis na casa alheya? Sey, que estou aqui n'um fole como criança, que nasce implicada, mas sem ventura.

evad. Pois sahe dahi, e anda para aqui.

mic. Isso he, se eu soubera ir daqui para ahi.

evad. Quem te impede?

mic. Estou entupido.

evad. Dá dous espirros.

mic. Falta-me a Sevadilha, que a não acho, por mais que ando ao cheiro della. Ora filha, tira-me daqui, tu não ouves?

evad. Eu bem ouço; porém não vejo aonde estás.

258 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Busca-me fóra de mim, porque não estou dentro em mim, metido nesta sepultura, donde só campa por infelizes a minha desventura.

Sevad. Calte, Simicupio, que ahí ve gente com luzes; a Deos até logo. *Vai.*

Simic. Estou no mais apertado lance, que ninguém se vio!

Sabe D. Lanferote com huma luz, e D. Tiburcio.

D. L. Apuremos este encanto. Sobrinho, nós havemos ver, o que se encerra nella caixa, ainda que o cabello se arripie.

D. T. Se for cousa desta vida, ficará se ella, e se for da outra, a mandarey para o outro mundo.

D. L. Pois sobrinho, abri essa caixa com intrepido valor.

D. T. Abra vossa merce, que he mais valioso, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixay cumprimentos, que a occasião não he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo; não tem que se cançar, que lhe não quero tirar gloria desta empreza.

D. L. O magano contralogrou-me; por eu confesso, que estou tremendo de medo. *à par*

D. T. Queria arrumarme o gigante? He bem esperto. *à p.* *D. L.*

D. L. Ora pois, hey de hir eu, ou haveis de hir vós?

D. T. Vá, não haja cumprimentos, que eu sou de casa.

D. L. Não ha mais remedio, que hir eu em corpo, e alma, a ver esta alma sem corpo, ou este corpo sem alma. Deos vá comigo, Anjo do minha guarda, e todo o Flos Sanctorum me defenda.

D. T. Ande tio, não tenha medo, que eu estou aqui.

D. L. Pois se não fora isso, já eu deitava a correr.

à part.

imic. Ay! Que sem duvida estou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e segundo o que aqui ouço dizer, me intentaõ reconhecer: eu lhes tocarey a caixa.

hega-se D. Lanferote a caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio à cabeça de fóra, e dá hum assopro na véla

D. L. O' tu quem quer que es, que estás nesta caixa: mas ay, que me apagaraõ a véla com hum assopro!

D. T. Assopra!

imic. Muy fraca era aquella luz, pois de hum assopro a derribey.

D. L. Sobrinho, vós estais ahi?

D. T. Como se não estivera.

D. L. Quem seria o cruel, que taõ alei-

260 *Guerras do Alecrim,*

vofamente matou huma innocente luz
assopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma luz
a todas as luzes boa : mas eu quero q
farme daqui, e temo marrar de nariz
com alguém; mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, co
barde Sobrinho? Hide, que por voss
culpa não acabey de defencantar este en
canto.

D. T. Veja vossa merce como chama co
barde?

D. L. Calaivos, abobora, que degene
rais de quem fois.

D. T. A mim abobora?

Simic. Agora he boa occasião de hirme
porque ainda que encontre com algum
cuidaraõ que são murros: lá vay o pri
meiro. Dá

D. L. O' mal ensinado, pondez mãos vio
lentas em vossõ tio?

Simic. Eu abrirey caminho desta fórte
dando atroxex moxe. Dá

D. T. He boa essa, Senhor tio, assim s
dá n'um barbado?

D. L. Calaivos, maganaõ, que não ha
veis de casar; mas ay, que me deste
huma bofetada com a maõ aberta! A
que delRey sobre este magano de me
sobrinho! *Vaise.* D. T

D. T. A que delRey sobre este caduco de
meu tio! *Vaise.*

imic. A que delRey que já me deixaraõ!
Vaise.

S C E N A III.

Camera. Sabe D. Gil, e D. Nize.

D. G. **S**enhora Dona Nize, se acafo
em vossa piedade póde achar am-
paro hum desgraçado, peço-vos, que
me occulteis; pois já a rubicunda Au-
rorra em risonhas vozes nos avisa da che-
gada do Sol, assim a vossa Mangerona
se veja coroada de louro no Capitolio do
amor.

D. *Niz.* Já o Alecrim pede favores à Man-
gerona?

D. G. Se Dona Cloris não apparece, que
quereis que faça?

D. *Niz.* Pois escondeivos nessa alcova,
em quanto a vou chamar.

Esconde-se D. Gil, e sabe D. Fuas.

D. F. Aonde vás, tyranna? Procuras aca-
fo o teu amante? Oh murcha seja a tua
Mangerona, que como planta veneno-
sa me tem morto.

D. *Niz.* Homem do demonio, ou quem
quer

262 *Guerras do Alecrim,*

quer que es , que em negra hora te vi
e amey , que desconfanças são essas
Que amante he esse , com quem me an-
das aqui apurando a paciencia , e sem
que , nem para que , descompondo a
minha Mangerona?

D. F. Pois quem era aquelle , que sahio
da caixa a dizerte mil colloquios?

D. Niz. Que sey eu quem era ; salvo fof-
se mas retira-te , que ahi vem
gente.

D. F. Escondermehey adonde for.

Quer esconderse onde está D. Fuas.

D. Niz. Não te escondas ahi. Ay de mim
que se D. Fuas vê a D. Gil , fará o seu
ciume verdadeiro! *à part.*

D. F. Não queres , que me esconda ahi?
Agora por isso mesmo.

D. Niz. Tem maõ , adverte

D. F. Qual adverte ? Tens ahi acafo es-
condido o teu amante?

D. Niz. Não , D. Fuas , porque só tu

D. F. Que he isso ? Mudas de cor ?

D. Niz. Se a cor he accidente , estou pa-
ra desfmayar , vendo a femrazaõ , com
que me criminas.

Sabe D. Cloris.

D. Clor. Nize , que alarido he esse ? Que-
res , que venha o tio , e ache aqui este
estafermo ? D. Niz.

- D. *Niz.* São loucuras de hum zeloso sem causa.
- D. *F.* São zelos de huma causa sem loucura. E senão diga-me, Senhora Dona Cloris, por vida do Senhor seu Alecrim, não he para ter zelos ver repetidas vezes a hum sujeito procurar a D. Nize com tão repetidos extremos, que huma cousa he vello, e outra dizello; e supponho o tem agora escondido naquella alcova de donde me desvia para esconderme?
- D. *Clor.* Isso verey eu, que tambem me importa essa averiguação.
- D. *Niz.* Cloris, não te canfes, que não has de ver quem ahi está. Estou perdida!
à part.
- D. *F.* He para que veja, Senhora, a razão, que tenho. Ah tyranna!
- D. *Clor.* Já agora por capricho hey de ver quem ahi está. Vossa merce he, Senhor D. Gilvaz? Que he isso? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.
- D. *G.* Ha caso semelhante!
- D. *F.* Falso, traidor amigo, como sabendo que eu pertendo a D. Nize, te expoens a embaraçar o meu emprego?
- D. *G.* D. Cloris, D. Fuas, para que saõ esses

264 *Guerras do Alecrim,*

esses extremos, quando a Senhora D. Nize nem a vós vos offende, nem a mim me corresponde?

D. F. Ninguem se esconde sem delicto.

D. Clor. Ninguem se occulta sem motivo.

D. Niz. Ora agora não quero dar satisfações, nem a huma louca, nem a hum te-merario: he muita verdade; escondi

D. Gil, porque lhe quero bem; pois qu-temos?

D. F. Que isto soffra a minha paciencia
Ah ingrata!

D. Clor. Que isto tolerem os meus zelos
Ah falso amante!

D. G. A Senhora D. Nize está zomban-do, e aquillo nella he galantaria.

D. Niz. Não he sennaõ realidade, e tenho
dito.

Vaise

D. F. Não se vio mais descarado rigor
Espera, cruel, e verás com teus olhos
os ultrajes, que faço à tua Mangerona

Vaise

D. Clor. Senhor D. Gil, venha depressa o
meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inseparavel de
meu peito.

D. Clor. Deixemos graças, que eu não
zombo.

D. G. Pois entendes, que D. Nize falla
de veras?

D. Clor.

D. Clor. Quer fallasse de veras, quer naõ,
venha, venha o meu Alecrim.

D. G. De que fórte queres, que te fatif-
faça? Ignoras acafo as firmezas de meu
amor?

Canta D. Gil a seguinte

A R I A.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicita o mesmo ardor.

Tal, ò Clori, me imagino
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

Sabe Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicu-
pio se vio em calças mais pardas.

D. G. Porque?

Sevad. Porque o velho já ahi vem cami-
nhando como huma centopeya.

D. Clor. Anda, D. Gil, para dentro, até
que haja occasião para sahirem.

D. G. Vãs ainda com escrupulos na mi-
nha constancia?

D. Clor. Cá dentro apuraremos essas fine-
zas.

Vaise.

D. G. O' Simicupio, vê como havemos
sahir

266 *Guerras do Alecrim,*

fahir daqui, que bem sabes, que tent
de escrever hoje para o correyo. *Vay*

Simic. Tomara, que o fizessem em po
tas, e o levasse barzabú às vinte.

Sevad. E se lhes não dizemos, que vinh
o velho, ainda se não hiaõ.

Simic. E hia-se a historia, sem nós faze
mos nosso papel de Alfazema por cau
sa do Alecrim.

Sevad. Não me dirás, Simicupio, em qu
ha de parar toda esta barafunda?

Simic. Em algum casamento, isso já se fa
be; tomara eu tambem, que me differ
se, em que havemos nós parar?

Sevad. Em correr, que se paramos aqui
talvez que nos envidem o resto.

Simic. Não embaralhes o sentido, em qu
te fallo. Ay Sevadilha, que não só m
chegaste ao coração, mas tambem ao
narizes! E assim não ponhas por estan
que os teus favores: antes affavel, dá
me alguma amostrinha de tua inclinação

Sevad. Quem te meteo esses fumos na ca
beça!

Simic. O dó, que tenho de te ver taõ mata
dora.

Sevad. Vaite dahi, que tenho nojo de che
garme a ti.

Simic. Eu não te mereço, que me descom
ponha

ponhas o carinho, com que te trato.
Ay Sevadilha, que sinto affarme nos
espetos quentes de teus olhos, aonde os
repetidos espirros de meu incendio . . .

evad. Se me differas isso em dous dedos
de papel, ainda te crera.

imic. Não só em dous dedos, mas em to-
da a mão da solfa, donde verás de teu
Simicupio as finas clausulas de tuas fimi-
copadas.

*anta Simicupio, espirrando no fim de cada
verso, a seguinte*

A R I A.

Não posso, ò Sevadî

Dizerte, o que padê

Que o meu amor travê

Chegando-me aos narî

N'um moto continuo me faz espirrar.

Mas se he tafullaria

Este vicio de quererte,

Toda inteira hey de forverte,

Por mais que me veja morrer, e estallar.

Vaise.

evad. Ora Deos o ajude com tanto espir-
rar.

Sabe D. Lanferote, e D. Tiburcio.

D. L. Basta, sobrinho, que não fostes vós,
o que me derreastes?

D. T. Pois acha vossa merce, que havia
pôr

268 *Guerras do Alecrim,*

pôr as mãos violentas nas reverendas basbas de vossa merce? Igual eu me podi com mais razaõ queixar de vossa merce que me fez em estilhas.

D. L. Eu, sobrinho? Isso he engano; e havia erguer a mão para vós, quando fô as devo levantar ao Ceo, para darlh graças, por dar-me para humã de minhas sobrinhas hum noivo taõ gentil-homem

D. T. Não vay a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he muy bello. *à parte*

D. T. Pois se nenhum de nós reciproca mente deu hum no outro, quem seria

D. L. Eu tambem não posso atinar; o que sey he, que a caixa para nós foy de guerra.

Sevad. E para o noivo de tartaruga do Alentejo. *à parte*

D. L. Sevadilha, anda cá, não o negues quem andarã desta casa, ha hum par de noites, que finto grande reboliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim, que esta casa às escuras he assombrada.

D. L. Tens visto alguma cousa?

Sevad. Ay Senhor, tenho visto tantas cousas, que não me atrevo a dizellas.

D. L. Dize, rapariga.

Sevad. Só em cuidar no que vi, estou para me desfayar.

D. L.

D. L. Era cousa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, se eu a vi neste?

D. L. Era fantasma?

Sevad. O que he fantasma?

D. L. He huma cousa branca, que poem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu não sey o que he; sey sómente, que vi fahir de huma caixa huma cousa como furacão de vento, que me deu muita pancada.

D. L. Vedes, sobrinho? He o mesmo, que nos succede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. L. Aqui não ha outro remedio mais, que çafares logo, e já, e lewares vossa mulher com vosco, que eu ponho escritos nas casas, e mudo-me às carreiras.

D. T. Isso he o verdadeiro.

D. L. Sevadilha, vay chamar as raparigas, que venhaõ cá depressa.

Sevad. Genro, e sogro não os vi mais bestas!
à part. e vai se.

D. T. Para que manda vossa merce chamar a minhas primas taõ depressa?

D. L. Logo vereis.

Sabem Dona Gloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi estaõ, escolhey hu-

270 *Guerras do Alecrim,*

huma das duas para vossa esposa.

D. Clor. Eu fiz voto de ser freira, e assim não posso casar.

D. L. Pois case *D. Nize*.

D. Niz. Eu menos, que quero ser donzella.

D. L. Isso já não póde ser, que deya a minha palavra, que val mais que tudo.

D. T. Eu já me resolvera a aturar a respeito da condição de *Dona Nize*, mas sem receber o dote, não me recebo.

D. L. Anday, que sois hum impolitico algum homem, que tem brio, fallar em dote?

D. T. E algum homem, que quer dote attenta em brio?

Sabem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vestidos de mulher com mantos.

Simic. Senhor esta industria nos valha, que para sahir, sempre foy boa huma sayar.

D. G. Quem serve a Cupido, não he muito que se afemine. *à part.*

D. F. Até nisto mostra o amor, que he covarde. *à part.*

D. L. Que mulheres são essas, que sahem da nossa alcova?

D. Clor. Estou tremendo não se descubra a tramoya. *à part.*

Simic. Senhor *D. Tiburcio*, as mulheres honradas, como eu, se não tratao desta sorte. *D. T.*

D. T. Senhora , vossa merce vem enganada.

D. L. Que he isto , sobrinho?

D. T. Eu o naõ sey em minha consciencia.

D. L. Senhoras , como entrastes nesta casa ?

Simic. Este senhor Sobrinho de vossa merce merecia , que lhe deffem duas facadas , pois sem alma , nem consciencia ; depois de o introduzir na minha casa , para casar com huma de minhas filhas , que vossa merce aqui vê ; teve taes ardis , que enganou a ambas , e de ambas triunfou ; e para mais penas sentir , esta madrugada nos mandou vieffe-mos a esta casa , que disse era sua , e no cabo sey , que naõ he , e está para casar com huma sobrinha de vossa merce. Ah traidor , ladraõ , naõ sey como te naõ esgadanho , e te arranco essas goellas.

D. L. He notavel caso ! Sobrinho defalmado , que he o que fizestes ?

D. T. Senhor , eu estou tollo de ver mentir esta mulher !

D. G. Ah falso D. Tiburcio , o Ceo me vingue de tuas falsidades.

D. F. Ainda nega o magano ? Tal estou , que lhe arrancara essas barbas.

Simic. Deixay , filhas , deixay , que ainda

272 *Guerras do Alecrim*,

da no Ceo ha rayos, e no Inferno a c
deira de Pero Botelho para castigo
velhacos. Vamos, meninas. *Vaõ-*

D. Clor. Já estamos livres deste susto. *à*

D. Niz. O criado val hum milhaõ. *à*

D. L. Senhor sobrinho, vossa merce a te
feito como os seus narizes ; basta , q
vossa merce he useiro , e viseiro a e
ganar moças ?

D. T. Senhor , eu não conheço taes mulh
res.

D. L. Se não tendes outra desculpa , ef
não me satisfaz, e agora vejo , que p
isso dilataveis o casar com vossas prima
fingindo irresoluções , e regateando
dote.

D. T. Senhor, permitta Deos, que se eu .

D. L. Não jureis falso ; dizey-me , e t
vestes atrevimento de meteres mulher
em casa , sem attenção ao decóro d
vossas primas ?

D. T. Primas do meu coração , eu esto
para enlouquecer , pois estou tão inno
cente

D. Clor. Calle-se , tenha juizo ; basta , qu
com esse feitio nos queria lograr ?

D. Niz. He o Senhor fizudo , que não ap
provava os ranchos de Alecrim, e Man
gerona !

D. T.

. T. Ora basta , que diga eu , que não
conheço taes mulheres.

. Clor. Calle-se , tonto.

. Niz. Calle-se , simplez.

. Clor. Basbaque.

. Niz. Insolente.

mbas. Que ? Agora casar ? Aqui para
traz. *Vão-se.*

. T. Senhor tio , deme attençaõ , senão
desesperarey.

Canta D. Lanferote a seguinte

A R I A.

Eis-aqui : eu estou perdido ,
Gasto feito , noiva prompta ,
Porta aberta , e casa tonta ;
Ah sobrinho ! Mas que digo ?
Emprestai-me a vossa espada ,
Que me quero degollar.

Oh prudencia desgraçada ,
Pois não faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

. T. Que isto a mim me succeda ? Não
ha homem mais infeliz !

S C E N A IV.

Praça. Sabem D. Gil, e Simicupio.

D. G. **H**Uma, e muitas vezes te confidero, Simicupio, prodigioso artifice de meu amor, pois com as tuas máquinas vás erigindo o retocado thalamo, que ha de ser throno mais ditoso Hymenêo.

Simic. Já disse a vossa merce, que muitas obras, e menos palavras: Simicupio Senhor, já se acha muy cansado, temo, que me aposentasse com meu soldo, que este officio de alcofa he muy perigoso; que supposto tenha azas para fugir, tambem as azas tem penas para sentir.

D. G. Simicupio, já o peyor he passado, acabemos de deitar esta não ao mar, que então teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes teremos do nada.

D. G. Anda, não desmayes, que hoje he o dia, que veremos mostrar ao Mundo os triunfos do Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia não me parece muito viçosa com os borrifos de Fagundes.

D.

.G. Mas a galantaria he , que todas as suas idéas redundão em nosso proveito.
mic. Ahí he que está a filagrana do jogo , Fagundes a semear , e nós a colher.

Sabe Sevadilha com mantilha.

.G. Aquella , que lá vem , não he Sevadilha?

nic. Pelo cheiro assim me parece.

.G. Que novidade he essa , Sevadilha?

Tu só por aqui?

vad. Que ha de ser ? A mayor desgraça do Mundo.

.G. Que ? Morreo o velho!

vad. Isso então seria fortuna.

.G. Pois que foy?

vad. Foy , que D. Tiburcio com a pena de se ver accommettido de tres mulheres , como vossa mercê sabe , à vista das noivas , e do sogro , tomou tal paixão , que lhe deu esta noite huma colica , e está quasi hindo-se por hum fio , e assim eu por huma parte , Fagundes , e o galego por ambas , vamos a chamar o Medico. A Deos , que me não posso deter.

.G. Espera.

vad. Não posso , que D. Tiburcio está morrendo por instantes.

276 *Guerras do Alecrim*,

Simic. Não te canfes, que já o achas morto : ande cá , tenha feição , e faça palestra com os amigos.

D. G. Que faz Dona Cloris?

Sevad. Não me detenha , a Deos.

Simic. Dize-me primeiro , que tal te recei em trages de mulher?

Sevad. Não estou para isso , deixe-me que estou depressa.

Simic. Ha tal pressa ! Como se estivera quem para morrer?

Sevad. Não vê , que vou acodir a grande necessidade.

Simic. Vaite , filha ; vaite , não te fras.

Sevad. Bem puderas tu pouparme e passadas , e ir chamar hum Medico carreiras.

Simic. Vay descansada , que eu chamar o Medico.

D. G. Sim com muito gofsto.

Sevad. Ora faça-me esse favor , e a De
Va

D. G. Anda depressa , vay chamar o Medico.

Simic. Que Medico ? Cuide n'outra coisa.

D. G. Isto he zombaria ? Não permittas Deos , que o homem morra por negligencia e omiffão.
Sim

nic. Vamos , que eu , e vossa merce
havemos ser os Medicos na enfermida-
de de D. Tiburcio.

G. Estás louco ? Pois nós sabemos Me-
dicina ?

nic. Assim como ha Filosofia natural ,
porque não haverá natural Medicina ?

G. E se o doente morrer por falta de
remedio ?

nic. Mais depressa morrerá por muitos
remedios.

G. E que lhe havemos applicar ?

nic. Tudo o que não for veneno ; por-
que o que não mata , engorda.

G. Isto he temeridade.

nic. Vamos , Senhor , e Deos sobre tu-
do.

Sabe D. Fuas.

F. Espera , traidor D. Gil.

nic. Ay , que isto he alguma espera !

G. Que me quereis , D. Fuas ?

F. Que metais a mão a esta espada.

G. Para que ?

nic. He boa pergunta ! Para que será ?

He para fazer afeioa magana.

F. Vereis , que sabe o meu valor cas-
tigar offensas de hum amigo desleal ;
eis sabendo vós , que Dona Nize era
idolo da minha veneração , chegastes
a pro-

a profanar o meu culto com os sacrosantos votos de vossos sacrificios, a que suavizarão os odoríferos halitos da Megerona.

Simic. Ahi cos diabos!

D. F. E assim metey a mão a essa espada para que se conserve Dona Nize, ou guarde no templo de meu peito, ou de vosso coração.

Simic. Senhor, aqui não he lugar de dous, vamos para val de cavallinho jogar os couces.

D. G. D. Fuas, estais louco? Vede, sem causa he a vossa queixa.

D. F. Não quero satisfações, vamos andando.

Simic. Este homem vem puxado.

D. G. Pois para que vejais, que o satisfazervos não he temervos . . .

Sabe Fagundes com mantilha.

Fag. Cé, ah Senhor D. Fuas, humalavrinha depressa, que importa.

D. F. Aquella he Fagundes, que me querá? Esperay, D. Gil, em qual fallo a esta mulher.

Simic. Senhor, não consinto, ou fallo ou brigar.

D. G. Deixay mulheres, e brigay, estou prompto a satisfazervos por esse modo.

ag. Senhor , venha já de depressa.

mic. Já vay , que quer aqui primeiro metter a espada pelo olho a hum amigo.

ag. Ande senão voume.

F. Espera , que eu vou.

G. Briguemos , D Fuas.

mic. Vamos a isso , antes que se acabe a colera.

F. D. Gil , se tendes brio , esperay ; que eu venho já. *Vay para Fag.*

mic. Ora vá de seu vagar , que esta pendencia não he de cerimonia. Senhor D. Gil , abalemos com os cachimbos , que brigar com loucos he ser mais louco. *Vaise.*

G. Tomo o teu conselho. *Vaise.*

ag. Sim Senhor , a casa está revolta ; D. Tiburcio nos articulos da morte , e quasi moribundo ; o velho banzando , e tudo banzeiro ; e à vista disto póde vossa merce introduzir-se em casa o mais depressa , que puder , em alguma fórma , que inventar a sua industria , e a Deos.

F. Ouça cá.

ag. Não posso , que vou à botica.

F. Pois essa ingrata de Dona Nize ainda

ag. Não estou para ouvir nada.

F. Espere , tome lá esses vintens pelo trabalho. *Fag.*

Fag. Mostre cá depressa.

D. F. Ora diga-me, pois Dona Nize.

Fag. N'outra occasião fallaremos, ven
isso depressa.

D. F. Tome lá : mas diga-me, em qua
to tiro a bolsa, essa falla, essa cruel.

Fag. Ay, mostre cá, não me detenha.

D. F. Elpere, que tenho o boldrié po
cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, se a sua bolsa está afe
rolhada, a minha lingua está ferrugen
ta.

Vais

D. F. Muito interessseira he esta velha
Mas adonde está D. Gil? D. Gil? Foy
se o cobarde; mas à fé de quem sou
que as não ha de perder comigo; e tu
ingrata Nize, hoje hirey a verte disfar
çadado; que à vista das tuas falsidade
he justo, que me revista não só de ou
tro habito, mas tambem de outro affecto

Canta D. Fuas a seguinte

A R I A.

De hum amigo, e de huma ingrata
Offendido, e ultrajado?

Quem me dera ver vingado!

Oh não sey como ainda cabe

No meu peito tanta dor?

Mas fim cabe, porque as penas

Nos estragos repartidas

Pe-

Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor.

Vaise.

S C E N A V.

*Camera. Haverá huma cama, e nella estará
D. Tiburcio deitado, assistido de D. Lan-
serote, Dona Cloris, D. Nize, e Seva-
dilha.*

L. O Que tarda este Medico!
Mad. Não póde tardar muito; pois
me disse, que já vinha.

L. Como estais agora, meu sobrinho?

T. Depois que arrotey, acho-me mais
aliviado.

D. Niz. Vaso máo não quebra. *à part.*

D. Clor. Se fora cousa boa, não havia de
escapar. *à part.*

L. Não sabeis quanto folgo com a vos-
sa melhora, pois me estava dando cui-
dado o enterro, e me podeis agradecer
a boa vontade, pois vos seguro, que
havia ser luzido; vós o verieis.

T. Outro tanto desejo eu fazer a v. m.

abe D. Gil, e Simicupio vestidos de Medico.

Simic. Deo gratias.

D. L. Entrem, meus Senhores Doutores.

D. G. Em boa me meteo Simicupio! Eu
não

282 *Guerras do Alecrim,*

naõ sey, o que hey de dizer. . . *à part*
Simic. Qual de vossas merces he aqui doente?

D. L. He este, que aqui está de cama.

Simic. Logo me pareceo pelos sintomas.

Sevad. Senhora, que saõ Simicupio,

D. Gil. *Para Dona Cloris*

D. Clor. Bem os vejo : Nize, que te parece?

D. Niz. Que faz melhor effeito o teu Alecrim, que a minha Mangerona.

Sabe D. Fuas, e Fagundes.

Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem este Senhor, que tambem se entende muito bem.

D. F. Neste instante chego de fóra da terra, quando logo me chamou esta mulher, que viesse ver a hum enfermo.

D. L. Já era escuzado ; porém entre, e sente-se.

D. Clor. Nize, D. Fuas compete nas finanças com D. Gil.

D. Niz. Naõ me peza.

D. F. Aquelles saõ D. Gil, e Simicupio, estou ardendo! *à part*

Simic. Ah Senhor, não vês a D. Fuas tambem como gente? *Para D. Gil*

D. G. Já sey.

D. T. Ay minha barriga, que morro! Acuda-me, Senhor Doutor. *Si*

Simic. Agora vou a isso : ora diga-me, que lhe doe?

D. T. Tenho na barriga humas dores muy finas.

Simic. Logo as engrossaremos : e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. T. Alguma cousa.

Simic. Vossa merce he casada, ou solteira?

D. T. Porque, Senhor Doutor?

Simic. Porque os finaes são de prenhe.

D. L. Não Senhor, que meu sobrinho he macho.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro?

D. L. Uy Senhor Doutor ! Digo, que meu sobrinho he varaõ.

Simic. De aço, ou de ferro?

D. L. He homem, não me entende?

Simic. Ora acabe com isso : eis-aqui como por falta de informaçã morrem os doentes, pois se eu não especulara isso com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e se fosse varaõ, humas limas ; e como já sey, que he homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

D. L. Eis-aqui como gosto de ver os Medicos assim especulativos.

Simic. Pois o mais he asneira : diga-me mais,

284 *Guerras do Alecrim,*

mais, ceou demasiadamente a noite passada?

D. T. Tanto como a futura ; porque de que se me acabaraõ as chouriças, que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a paõ, e laranja.

D. L. Aquillo saõ delirios, Senhor Doutor.

Simic. Assim deve ser por força, ainda que não queira, pois conforme ao aforismo
Cùm barriga dolet, cætera membra dolent

D. T. Não saõ delirios, Senhor Doutor, que eu estou em meu juizo perfeito.

Simic. Peyor, pois quem diz, que tem juizo, não o tem.

D. L. Senhor Doutor, o homem está alucinado, depois que huma fantasma, que sahio de huma caixa, o desancou; e sobre isso a grande pena, que tem tomado de humas moças, que aqui introduzio em casa, enganando-as, de cuja insolencia se me veyo aqui a máy queixar, que era mulher de bem, ao que parecia.

Simic. Ella he muito criada de vossa merce.

D. T. Deixemos isso; o caso he, que a minha barriga não está boa.

Simic. Cale-se, que ainda ha de ter huma

ma boa barrigada : deite a lingua fóra.

D. T. Ei-la aqui.

Simic. Deite mais , mais.

D. T. Não ha mais.

Simic. Essa bastará : he forte linguado !

Tem muy boa ponta de lingua ! Vejaõ
vossas merces , Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida está bastantemente.

Simic. Venha o pulso : está intermitente ,
languido , e convulsivo : ò menina to-
mou as aguas ?

Sevad. Ainda não veyo o aguadeiro.

Simic. Pergunto se o doente fez a mija?

D. T. Nesta casa não ha ourinol.

Simic. Pois tome-as , ainda que seja n' u-
ma frigideira em todo o caso , *quia per
orinis optime cognoscitur morbus.*

D. L. Ah Senhores , grande Medico !

D. Niz. E D. Fuas como está melancoli-
co!

Para D. Cloris.

D. Clor. E stará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores , capitulemos a quei-
xa. Este Fidalgo (se he que o he , que
isto não pertence à Medicina) teve hu-
ma colorica procedida de paixões inter-
nas ; porque o espirito agitado da repre-
sentação fantasmal , e da investida fe-
minil , retrahindo-se o sangue aos va-
fos

fos linfaticos, deixando exauridas as matrizes sanguinarias, fez huma revolução no intestino recto; e como a materia crassa, e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico, pela sua turgencia se achasse destituída do vigor por falta do appetite famelico, degenerou em liquidos: estes pela sua virulente acre, e mordaz, vilicando, e punhando as tunicas, e membranas do ventriculo, exaltaraõ-se os saes fixos, volateis, por virtude do acido alcalino, de sorte, que fez com que o Senhor andasse com as calças na mão toda esta noite: *in calsis andatur, qui ventre evacuatur*, disse Galeno.

D. L. Eu não lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, sem saber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu, como mais antigo, votarey em ultimo lugar.

D. G. Eu sou de parecer, que o sangrem

D. F. Eu, que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz he, que tome humas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

D. T. Como he isso de bichas nas meninas dos olhos?

Simic.

Simic. He hum remedio topico ; não se affuste , que não he nada.

D. T. Vossa merce me quer cegar ?

Simic. Calle-se abi ; quantas meninas to-
maõ bichas , e mais não cegaõ.

D. L. Callaivos , sobrinho , que elle Me-
dico he , e bem o entende.

D. T. Por vida de *D. Tiburcio* , que pri-
meiro ha de levar o diabo ao Medico , e
a receita , que eu em tal confinta.

Ergue-se

Simic. Deite-se , deite-se : o homem está
maniaco , e furioso.

D. L. Aquietaivos , fois alguma criança ?

D. Niz. Ora Senhores Doutores , já que
vossas merces aqui se achaõ , bêm he ,
que os informemos , eu , e minha irmã ,
de varias queixas , que padecemos.

Simic. Inda mais essa ? Ora digaõ.

D. Clor. Senhor , o nosso achaque he tão
semelhante ; que com huma só receita
se pôdem curar ambos os males.

D. Niz. Não ha duvida , que o meu acha-
que he o mesmo em carne , que o de
minha irmã.

Simic. Achaque em carne pertence à Ci-
rurgia.

D. Clor. Que como dormimos ambas , se
nos communicou o mesmo achaque ; e
assim ,

assim, Senhor, padecemos humas
 cias no coração, humas melancolias
 ma, huma inquietação nos sentidos,
 ma travessura nas potencias; e finalm
 te, Senhor Doutor, he tal este m
 que se sente, sem se sentir; que do
 sem doer; que abraza, sem queimar
 que alegre entristecendo, e entriste
 alegrando.

Simic. Basta, já sey, isso he mal Cupidista.

D. L. O que he mal Cupidista, que nunca tal ouvi?

Simic. He hum mal da moda.

D. Niz. Que remedio nos daõ vossas medicines?

D. F. Eu differa, que o oleo de Mangerona era excellente remedio.

D. G. O verdadeiro para essa queixa são as fumaças do Alecrim.

D. F. Uy Senhor Doutor, a Mangerona he hum excelente remedio.

D. G. Nada chega ao Alecrim, cujas excellentes virtudes são tantas, que para numerallas não acha numero o algarrimo; e não faltou quem discretamente lhe chamasse planta bemdita.

D. F. Se entrarmos a especular virtudes das da Mangerona são mais, que as da erva santa.

Simic.

mic. Daqui a polla ño altar ño vay nada.
D. F. A Mangerona he planta de Venus ;
de cujos ramos se corôa Cupido ; e pa-
ra o mal Cupidista ño póde haver me-
lhor remedio , que huma planta de Ve-
nus ; pois se notarmos a perfeiçãõ , com
que a natureza a revestio da quellas mi-
mosas folhinhas , para que todo o anno
sejaõ jeroglifico da immortalidade ; a-
quelle suavissimo aroma , de cuja fragran-
cia he hidropico o olfato , ella he a de-
licia de Flora ; o mimo de Abril , e a
esmeralda ño annel da primavera.

mic. He verdete ; ño ha duvida.

Niz. Estou taõ contente ! *à part.*

G. O Alecrim , Senhor , pela sua ex-
cellencia he titular na republica das plan-
tas ; cujas flores , depois de serem bel-
la imitaçãõ dos ceruleos globos , saõ a
doçura do Mundo nos melifluos osculos
das abelhas.

mic. Toda via a materia he de *apicibus!*

G. Elle he a coroa dos jardins ; o len-
ço vegetavel das lagrimas da Aurora ;
nas chammas he Fenix ; nas aguas Rai-
nha ; e finalmente he o antidoto univer-
sal de todos os males , e a mais segura ta-
boa da vida , quando no mar das quei-
xas affopraõ os ventos inficionados ; e

290 *Guerras do Alecrim,*

para prova deste systema repetirey
duzido em Portuguez hum Epigram
do Proto-Medico Avicena, Poeta A
bico.

S O N E T O.

Hum dia para Siques quiz amor
Huma grinalda bella fabricar,
E por mais que buscou, não pode ac
Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candos,
E a rosa não quiz por se espinhar,
Ao gyrasol mostrou não se inclinar,
E ao jacintho deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
Entre virentes pompas o Alecrim,
Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
Por ti desprezo, só por te querer,
Jacintho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. *Clor.* Viva o Senhor Doutor, eu q
ro as fumaças do Alecrim.

D. *T.* E morra o Senhor doente: ay r
nha barriga!

D. *F.* Se versos pódem servir de texto
escute huns de hum Antegonista de
Author a favor da Mangerona pelos m
mos consoantes.

S

S O N E T O.

Para vencer as flores quiz amor
Settas da Mangerona fabricar:
Foy discreta eleiçãõ , pois soube achar
Quem soubesse vencer a toda a flor:
O jasmim desmayou no seu candor,
A rosa começou-se a espinhar,
No gyrafol foy culto o inclinar,
Ays o jacintho deu de inveja , e dor!
Entre as vencidas flores pôde ver
Retirarse fugido o Alecrim,
Que amor para vingarse o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo , em fim,
Nem os despojos quiz , por naõ querer
Jacintho , gyrafol , rosa , e jasmim.

D. Niz. Viva o Senhor Doutor , eu quero
o remedio da Mangerona.

D. L. Naõ cuidey , que a Mangerona , e
Alecrim tinhaõ taes virtudes. Vejamos
agora o que diz o Senhor Doutor.

D. T. Que tenho eu com isso? Senhores ,
vossas merces me vieraõ curar a mim ,
ou às raparigas? Ay minhas barrigas!

Simic. Callado estive ouvindo a estes Se-
nhores da Escola moderna , encarecen-
do a Mangerona , e Alecrim. Naõ ha
duvida que *pro utraque parte* ha muy ner-
vosos argumentos , em que os Douto-

292 *Guerras do Alecrim* ;

res Alecrinistas, e Mangeronistas se fundão ; e tratando Dioscorides do Mangeronismo, e Alecrinismo, assenta de pedra, e cal, que para o mal Cupidista são remedios inanes ; porque tratando Ouidio do remedio *amoris*, não achou outro mais genuino contra o mal Cupidista, que o Malmequer, por virtude sympatica, magnetica, diaforetica, e dioretica, com a qual *curatur amorem*. Repetirey as palavras do mesmo Ouidio.

S O N E T O.

Essa, que em cacos velhos se produz
 Mangerona miserrima sem flor,
 Esse pobre Alecrim, que em seu ador
 Todo se abraza por sahir a luz :
 Ainda que se vejaõ hoje a fluz
 Desbancar nas baralhas do amor,
 Cuido, que ellas o bõllo haõ de repor,
 Senaõ negro seja eu como hum lupuz :
 O Malmequer, Senhores, isso fim,
 Que he flor, que defengana, sem fazer
 No verde da esperança amor sem fim ;
 Deixem correr o tempo ; e quem viver
 Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
 As plantas beijaráõ do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor,
 e já

e já que he taõ bom Medico , peço-lhe me cure de humas dores taõ grandes , que parecem feitiços.

Simic. Dá cá as pulseiras. Ah perra , que agora te agarrey ! Tu estás marasmódica , e impiamática. Ah Senhor , logo , logo , antes que se perpetue huma febre podre , he necessario , que esta rapariga tome huns Simicupios.

Sevad. Simicupios eu ? He cousa , que abomino.

Simic. Eu desencarrego a minha consciencia , e não sou mais obrigado.

D. L. Ella não tem querer , ha de fazer o que vossa merce mandar.

Fag. Eu tambem sou de carne , tenho annos , e tenho achaques.

Simic. Pois cure-se primeiro dos annos , logo se curará dos achaques.

Fag. Não Senhor , que este achaque não he annual , he diario.

Simic. Se fora nocturno , não era máo. Pois que achaque he o seu , Senhora velha ?

Fag. Que ha de ser ? He esta madre , que me persegue.

Simic. Uy , vossê com esses annos ainda tem madre ? E o que será de velha a senhora sua madre ! Filha , isso não he madre , he avó.

Fag.

294 *Guerras do Alecrim* ;

Fag. Talvez que por isso taõ rabujenta
perfiga. E que lhe farey , Senhor Do
tor ?

Simic. A huma madre velha , que se l
ha de fazer ? Andar , ponha-lhe oc
los , e muletas , e deixe-a andar.

D. L. Isto aqui he hum hospital , graça
Deos : só eu nesta casa sou saõ con
hum pero , a pezar de duas fontes , e h
ma funda.

Simic. Oh ditoso homem , que vives se
males !

D. T. Senhores , o meu mal devia ser co
tagioso ; porque depois da minha doer
ça todos adoceraõ. Ay minha barrig

D. L. Pois em que ficamos ?

Simic. Senhor meu , fallando em termo
o doente sangre-se no pé ; vossa merc
na bolsa ; às senhoras suas sobrinhas tr
banhos ; à moça Simicupios ; e a vell
lancem-na às ondas , que está damnad

Fag. Ay que galante coufa !

D. Clor. Eu não quero mais remedio , qu
os fumos do Alecrim.

D. Niz. E eu os da Mangerona.

Simic. Não seja essa a duvida , ainda qu
não sou desse voto , com tudo cada hu
he senhor da sua vida , e se póde cura
como quizer ; lá vay a receita.

Canta Simicupio a seguinte

A R I A.

Si in medicinis
Te visitamus,
Non asniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná.*

Credite mihi,
Qui sum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. L. Esperem, Senhores, vossas merces perdoem, lá repartaõ essa ninharia entre todos, que eu não estou apatelhado senão para hum.

Simic. Venha embora, que só este he o verdadeiro symptoma da Medicina. *Vaise.*

D. G. Ay Cloris, que quando o mal he de amor, só o morrer he remedio! *Vaise.*

D. F. Finjo, que me vou, por ver se posso apurar a falsidade de Dona Nize. *Vaise.*

D. T. Mande-me cerrar este miombo, que vou entrando em hum suor copioso, abafem-me bem,

D. L. Aqui servia o meu capote: paciencia!

cia! vamo-nos, e deixemo-lo suar, nin-
guem lhe falle à mão. *Vai se*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar os ex-
tremos destes amantes. *Vai se*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a re-
gar os nossos craveiros. *Vai se*

Fag. O diabo de Simicupio temo, que m-
meta em hum chichello com seus ardís
Vai se

Sevad. He para ver, se o meu Malme-
quer tambem entra em restea. *Vai se*

Sabe D. Fuas.

D. F. Já todos se foraõ. Quem me der-
encontrar a esta tyranna, cruel, falsa,
inimiga.

Sabe Fagundes.

Fag. D. Tiburbio fica a suar como hum
cavallo. Mas ay! Quem está aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, não se
assuste.

Fag. Senhor, que temeridade he esta? Vos-
sa merce não vê, que ainda he luzque-
fusque? Como sem deixar anoitecer pe-
netra estas paredes, aonde até o Sol en-
tra às furtadellas?

D. F. Não reparey, que ainda era dia;
pois no abysmo de meu ciume sempre
estou às escuras. Aonde está esta cruel
Dona Nize?

Fag.

ag. Estará no jardim.

D. F. Pois vamos lá , e de caminho quero me vá dizendo de meterme na caixa a mim, e a D. Gil.

ag. Vamos , que eu lhe contarey o que foy ; ande por aqui com pés de lá. Ay Senhor D. Fuas quanto me deye!

S C E N A VI.

Ista de quintal , em que haverão alguns alegretes ; e huma capocira , e vem D. Gil , e Semicupio descendo por huma corda.

D. G. **S**emicupio , deixa-me descer eu primeiro , para que se não quebre a corda com o pezo de ambos. *Desce.*
mic. Agarre-se bem à corda , deixe-se escorregar.

D. G. Ora já cá estou ; mas eu não paro aqui , até encontrar com Dona Cloris.
Vaise.

Sabe D. Lanferote.

D. L. Este quintal he o meu divertimento , e encanto ; hum homem aqui assentado , e tomando o freico , não ha mayor regalo.

mic. Agora já poderey descer afoitamente.

D. L.

298 *Guerras do Alecrim,*

D. L. Que he isto, que cahe sobre mi
Quem me acode!

Ao descer Simicupio cabe sobre D. Lanfero

Simic. Naõ he nada, escarranchei-me
velho cuidando era poyal; estou b
aviado!

D. L. Mas que vejo? Aque delRey,
drões!

Simic. Naõ o disse eu?

D. L. Ladraõ, velhacaõ, tu descendo p
huma corda os altos muros de meu qu
tal? Pois com essa mesma corda te a
rey de pés, e mãos, até que amanheç
para entregarte à justiça.

Simic. He bem feito, já que eu mesm
dey a corda, para me enforcar.

D. L. Dá cá os braços.

Simic. Já está meu amigo? Querme abra
çar?

D. L. Anda cá, ladraõ, mostra cá os pu
fos.

Simic. Naõ tenho febre.

D. L. Anda, que atado has de ficar.

Simic. Senhor, por sua vida, que me nã
ate; basta o enleyo, em que me vejo

D. L. Dize, a que viste a este quintal?

Simic. Ora Senhor, até-me muito embor
mas não me aperte por isso.

D. L. Por isso he, que eu te aperto; h
de confessar a que viste.

Simic.

vic. Eu estou atado , não sey , o que lhe
responda.

à part.

L. Qual foy o fim , que aqui te trou-
xe ?

vic. A dar fim à minha vida , por dar
principio à minha morte por meyos des-
ta corda , que falsa me entregou nas
mãos de vossa merce.

L. Vieste roubar-me , não he verdade ?

vic. Sim Senhor , mas foy a roubar-lhe
as attensões.

L. Anda , ladraõzinho , para a capoei-
ra donde ficarás atado.

vic. Para onde , Senhor ?

L. Para a capoeira , até que venha o
Sol a ser testemunha do teu latrocínio.

vic. Pois vossa merce quer encapoeirar-
me ? Graças a Deos , que não sou cá ne-
nhuma gallinha , mas sabe porque falla ?
Porque me acha atado , quando não ha-
viamos jogar as cristas.

L. Anda , ladraõ , que aqui ficarás até
amanhecer.

Vaise.

vic. Ora criado Senhor Simicupio : já
sabemos , que isto he meyo caminho
andado para a forca ; mas he bem feito ,
que isto a mim me succeda. Que tinha
eu cá com D. Gil ? Pois para que elle
fosse gallo , me vejo eu feito gallinha ,
se

se bem que já podia ser frango pelo e frangalhado ; o magano estará a estas horas entre glorias , e eu entre penas ; eu voando na esfera de amor , e eu de acahida na gema dos ovos.

Sabe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer ? Eu fiz a cama a todos ; já fiz a sellada de rabos para cearmos ; já tempercy as galinhas para o gallego ; já assey o fricassé já cozi hum guardanapo ; agora me falta deitar os arenques de molho , para friccar com as mãos lavadas. Ora sou hum ma tonta , esquecia-me o melhor , que he matar huma galinha para o doente e mais trazia a faca na mão para isso.

Simic. Eu o estava dizendo ; grande desgraca he ser hum homem galinha , porque até de huma mulher tem medo.

Fag. Mas confesso , que não sou para ver sangue , que logo desmayo ; porém e fecho os olhos , e meto a faca , que alguma ficará espichada.

Simic. Oh mulher ! Deos te tire isso do pensamento.

Fag. Qual ! Eu sou muito melindrosa , fuzilanima ; não tenho valor para mata huma formiga. Ora lá vay a Deos , e ventura.

Simic

nic. Sem fallencia eu morro de morte gallinhal : não ha mais remedio , que fallar à velha ; mas se lhe fallo , he capaz de acordar o caõ do velho , que está dormindo , e encerrarme em parte mais apertada : não sey o que faça ; pois tal estou , que se a velha me mata , não tenho no corpo pinga de sangue para deitar.

g. Para que he caçar , eu não sou sanguinolenta.

Sabe Sevadilha.

pad. Fagundes , o Senhor está defespado por vossê ; que faz ahi ?

g. Já que vieste , matarás huma galinha , que eu não me atrevo.

Vaisê.

nic. Lá vem a Sevadilha : ora o certo he , que donde a galinha tem os ovos , thi se lhe vão os olhos.

pad. Aborrece-me gente melindrosa ; veãõ agora , que dó póde haver de matar hum animal ? Veraõ como eu faço isto brincando.

nic. Não são bons brincos esses , Sevadilha ; mas se tu já me tens morto , para que me queres tornar a matar ?

pad. Ay que estamos em tempo , que fallão os animaes ! Este pela voz he Simicupio.

Simic.

Simic. Eu sou, que te fallo de papo;
o teu Simicupio, que está feito fi
gallo.

Sevad. Quem te meteu ahí?

Simic. O velho, por eu ser metedisso.

Sevad. Pois como foy?

Simic. Já me não lembra, que eu te
memoria de gallo.

Sevad. Anda cá para fóra.

Simic. Não posso, sem tu me enxota
daqui.

Sevad. Como não podes, se eu sey, o
muito póde o gallo no seu poleiro?

Simic. Isso seria, se o velho me não c
azara.

Sevad. Não fabes o bem, que me pare
nessa capoeira! Estás guapo! Estás fr
ça!

Simic. Sim, estou frança, porque est
feito gallo.

Sevad. Pois dáme das tuas pennas para h
regalo.

Simic. Pois tu te regalias com as min
penas?

Sevad. Não, mas folgo de verte feito
ma em pena.

Simic. Que fará, se souberas, que est
todo coberto de penas vivas? Ora a
da, Sevadilha, tira-me de mais pen

Cantaõ Simicupio , e Sevadilha a seguinte

ARIA A DUO.

evad. Meu franguinho

Tupetudo

Como he galantinho!

Que lindo , que está!

imic. Minha bella

Malfazeja,

Cahi na esparrella,

Liberta-me já.

evad. Coitada da pila,

Pila, pila, pila,

Que te haõ de pilar.

imic. Acode-me , filha,

Que estou há meya hora

A cacarejar.

mbos. Que triste cantar

He o cacarejar!

evad. Mas naõ te agastes,

Que eu vou-te a soltar.

imic. Vem já , que naõ posso

Mais tempo penar.

mbos. Que he pena, que he magoa,

Que huma ave de pena

Naõ possa voar.

imic. Anda , deita-me pela porta fóra,

ainda que seja aos coices.

Vaise.

evad. Ora vamos.

Vaise.

Sabe

Sabe D. Fuas.

D. F. Para este quintal, où jardim, o
 que for, me disse Fagundes viera Do
 Nize a regar a sua Mangerona; mas e
 quanto ella não vem, me esconder
 atrás deste canteiro de Alecrim, po
 da Mangerona não quero auxilios, pa
 encobrirme dos argentados esplendor
 da Lua, que tão clara se ostenta e
 noite, talvez avisando-me ita clara i
 constancia de seus rayos a variedade
 Dona Nize.

*Esconde-se da banda do Alecrim.**Sabe D. Gil.*

D. G. Grande temeridade foy a minha
 pois sem avisar a Dona Cloris, me ex
 puz a penetrar os quartos desta casa, com
 o perigo de me encontrar D. Lanferote
 mas sem duvida Cloris virá a este se
 jardim a namorar o feu Alecrim; e a
 fim escondido nas sombras destas plan
 tas. . . . Mas ay que he Mangerona
 Perdoa, Cloris, que esta acção foy hum
 acalór; e não eleição. *Esconde-se da band
 da Mangerona.*

abem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma
pela sua parte com aguadores na mão, re-
gando, e cantando o seguinte

- D. Niz.* Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Naõ ló verde estrella;
Mas luzida flor.
- D. Clor.* Alecrim florido,
Que de Abril na esfera
Sois na primavera
Fragrante primor.
- ambas.* Esta pura neve;
Que tributa Flora;
São rizados da Aurora;
E lagrimas de amor.

R E C I T A D O.

- (rogante)
- N.* Mas q' vejo? (Ay de mim!) Quem ar-
Da Mangerona usurpa o ser fragrante?
- G.* Que, ò Nize, escondido amãte espera
O Sol, q' adoro nesta verde esfera? *Sabe.*
- F.* Pois traidor, como assim tyrãno intetas,
Roubarme a Nize, q' meu peito adora?
Sabe.
- E tu falsa inimiga. Mas ay triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!
- Cl.* E tu falso D. Gil, q' em torpe insulto
Tom. II. U Buf.

306 *Guerras do Alecrim,*

Buscas a Mangerona amante occulto
Deixa-me, fementido

D.G. Attende, ò Clori,
Que sem causa fulminas teus rigores
Quando em puros ardores. (abra
Nas chammas do Alecrim feliz r

D. Niz. Sem motivo, *D. Fuas,* me crimina
Porque eu firme

D.G. E eu constante

D.G. D. Niz. Fiel te adoro, e te busco
amante.

A R I A 4.

D. Gil. Attende, ò Clori, attende,
Verdades, de quem sabe
Ser firme em te adorar.

D. Clor. Suspende, infiel, suspende
Injurias, de quem sabe
Já mais te acreditar.

D. Fuas. Nize ingrata, infiel amigo,
Cesse a barbara indecencia,
Que a evidencia
Não se póde equivocar.

D.G. e D.N. Pois tu só querida prenda,

D.F. e D.C. Já não creyó os teus enganos,

D.G. e D.N. Nas purezas de meu peito
Felizmente vivirás,

D.F. e D.C. Nos rigores de meu peito
Teu castigo encontrarás.

Todo.

dos. Mas, ò cego amor tyranno,
Como posso em tanto damno
Teu estrago idolatrar?

Sabe Fagundes.

ag. Já acabaraõ de cantar? Pois agora
entrem a chorar.

.Glor. Porque, Fagundes?

ag. Porque o Senhor seu tio diz, que lo-
go vem ao quintal, affirmando, que ha
ladrões em casa, e diz, que se não ha
de deitar esta noite, ainda que faça rosa
divina.

.G. Aonde estará Simicupio?

ag. Não apparece; Senhores, escondaõ-
le, e não digaõ ao depois, que duro foy,
e mal se cozeu.

.Niz. Metaõ-se nesta capoeira entre tan-
to.

.G. E que remedio, já que Simicupio
não apparece?

.F. A necessidade sabe unir, a quem se
deseja separar. Nize cruel, eu me es-
condo na capoeira, que só o lugar das
penas he o centro de hum amante infe-
liz.

Meta-se na capoeira.

.G. Quem serve a Cupido, às vezes he
leão, às vezes gallinha.

Meta-se.

U ii

Fag.

308 *Guerras do Alecrim ;*

Fag. Ah Senhores não me esmaguem ovos de huma gallinha, que ahí está chocô.

Sabe D. Tiburcio, e Sevadilha.

Sevad. Senhor, não me persiga : olhen diabo do homem !

D. T. Ahí no quintal te quero. Mas a está Cloris, e Nize, remediarey o negocio. Esta moça faz zombaria de mim deixame tu casar, que eu te porey a minhô.

D. Clor. Que he isso, Primo ? Como tando doente, e tão perigoso, vem a estas horas ao sereno ?

D. T. Que ha de ser, se vossés não sabens ensinar esta rapariga, pois nada lhe go, que não faça as avessas ? De sorte que me fez vestir, e sahir atrás del como desesperado das perrices, que faz.

D. Niz. Tu não queres, Sevadilha, ser fer descortez a meu Primo ?

Fag. Vossas merces não querem crer, que se ha de fazer desta moça a peste, fome e guerra.

Sevad. Para que estamos com arcas encerradas ? O Senhor D. Tiburcio anda ao fucario, e não me deixa huma honra nem instante.

D.

T. Calte, mentirosa.

g. Isso tem ella, que levanta hum testemunho, como quem levanta huma palha.

Clor. Não nos importa essa averiguação, só digo Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa merce aqui com nosco a estas horas, e que pôde vir meu Tio, e acharnos com vossa merce; que supposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

vad. Ande, vá despejando o beco.

T. Nem eu quizera, que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo; mas coitado de mim, que elle lá vem! Tomara, que me não visse.

vad. Pois esconda-se nessa capoeira.

T. Dizes bem.

Clor. Estás louca, Sevadilha? Meu Primo ha de se lá meter n'uma capoeira? Isso não.

T. Não importa, que para conservar o teu recato me meterey na parte mais imunda.

Entra na capoeira.

Niz. Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, mal-lita?

Sevad,

310 *Guerras do Alecrim,*

Sevad. Eu bem sey o que fiz: veraõ, qu
peça lhe prego.

D. G. Este deve ser Simicupio. Es tu Si
micupio?

D. T. Qual Simicupio? Sou huma Simi
bala, para elle: quem está aqui? O' Se
vadhilha, abre-me a porta, que eu que
ro fahir; corra a agua por onde correr,

Sevad. Calle-se, que ahi vem o velho.

D. F. Que tal me succeda!

D. G. Estou tremendo!

D. Niz. e D. Clor. Estamos perdidas!

Sabe D. Lanferote com huma luz na maõ,
Simicupio vestido de Ministro com vara
na maõ.

Simio. Naõ se assustem, minhas Senhoras
- que isto naõ he mais, que huma diligen
- cia.

D. L. Vossa merce poupeme o trabalho
de o hir procurar de-manhã para lhe en
tregar hum ladraõ, que tenho prezo na
- quella capoeira.

Simic. A isso mesmo venho, que já tive
quem disso me avizasse.

D. Niz. Que será isto? *à part*

D. Clor. Saõ infortunios meus. *à part*

Fag. Dêmos com o pé na peya. *à part*

Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio *à part*

Simic.

mic. Hoje todos haõ de mamar o chasco, que a ninguem me hey de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foy este caso?

L. Supponha vossa merce, que acabada huma junta de Medicos, que vieraõ afflittir a meu sobrinho, sendo já quasi noite, estando eu assentado junto daquelle Mangerona, que naõ me deixará mentir, veyo descendo hum homem por huma corda, e cuidando, que eu era poyal, me poz o pé no cachaço.

mic. Isso foy o mesmo, que porlhe o pé no pescoco: naõ ha mayor desaforo!

L. Assustei-me, naõ ha duvida, quando me vi daquella sorte opprimido; mas tornando a mim, fuy sobre elle, e conhecendo, que era ladraõ, o prendi nessa capoeira, donde a perspicaz diligencia de vossa merce saberá melhor obrar, do que eu fallar.

mic. E como conhecco vossa merce, que era ladraõ?

L. Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viraõ.

mic. Estou já desenganado, que sou feyto

L. Ande vossa merce, e verá. *à part.*

mic. Ah sô ladraõ, sayã cá para fóra.

312 *Guerras do Alecrim,*

D. F. Vossa merce vem enganado, porque eu (*Sabe ha mayor desgraça!*) sou hu homem bem nascido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver D. Gil, que he o que cá me traz. *à pari*

D. L. Senhor, este não he o ladraõ, que eu encerrey.

Simic. Já se vê, que este não he tão feyo como vossa merce diz; vejamos se est lá mais algum? Oh cá está mais outro *venite ad cam para fóram.* Ay que he D. Gil! Já estou descançado. *à pari*

D. L. Tambem não he este o ladraõ, que eu aqui encerrey.

D. G. Claro está, que não sou eu, pois e graças a Deos não necessito de furtar.

D. L. E que faziaõ vossas mercês aqui se não eraõ ladrões?

Simic. Esta inquiriçaõ me pertence a mim, que sou juiz priyativo desta causa; e vossa merce, meu amo, não se costu me a mentir aos Ministros de vara grossa, dizendo-me, que o ladraõ era feyo e horrendo, quando vemos, que este Senhores são muy bem estreados.

D. L. Senhor Juiz, por vida minha, que era o mais feyo homem, que vi em meus dias.

Simic. Calle-se, não minta, que o hey de mandar carregar de ferros. D. L.

D. L. Ora Senhor , torne vossa merce a ver a capoeira , que assim como achou dous , que eu não meti , talvez , que ache o que eu encerrey.

Simic. Já não tenho mais , que buscar.

D. L. Faça-me esse gosto , que póde lá estar ainda mais algum.

Sevad. Isso , que se perde ? Veja , Senhor Doutor.

Simic. Bem sey , que vou de balde , mas eu vou : mas não entre vossa merce , que me não quero encher de piolhos ; ande , que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. L. Eu vou , que quero agora apurar este enigma. Ay , que elle aqui está ! Não o disse eu ?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Ei-lo aqui. Mas que vejo ! Não fois vós , meu sobrinho ?

D. T. Eu sou por meus peccados.

D. L. Eu estou besta em besta.

Simic. Este sim , que he o ladraõ , que tem horrendissima cara ; todos tres venhaõ comigo.

D. Niz. Ay D. Fuas , que estou sem alma !

à part.

D. Clor. Ay D. Gil , que estou sem vida !

D. L. Senhor , advirta , que este he meu sobrinho.

Simic.

314 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Por ser seu sobrinho, não pôde ladrão?

D. L. Senhor, elle mal podia descer pe corda, pois estava doente de cama.

Simic. Pois acaso elle dorme na capoeira

D. L. Não, Senhor.

Simic. Se não dorme, que fazia nella fe to *socius criminis* destes dous machacazes

D. L. Sobrinho, a que viestes à capoeira

D. T. Eu Senhor estando

Simic. Chiton, não me usurpe a jurisdicção; já disse, que estas averiguações só a mim me pertencem: vamos andar do *ad cagarronem*.

D. L. Não importa; ide sobrinho, que Deos he grande.

D. T. A minha innocencia me livrará.

D. L. Como he a sua graça, meu Senhor

Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Juiz de fóra daqui com alçada na vara até o ar.

D. L. Pois Senhor Bacharel *Petrus in cunctis*, saiba vossa merce de caminho, que tambem me furtaraõ hum capote de Caragoça em muito bom uso.

Simic. Capote de Caragoça he caso de devassa: notificados vossas merces todos para que em amanhecendo venhaõ jurar à minha casa sobre este furto.

D. L.

D. L. E aonde mora vossa merce?

Simic. Junto a hum D. Gilvás, que mora

D. L. Já sey, eu perguntarey.

Simic. Pois lá estará, quem lhe responde.

D. G. Ay, que he Simicupio! Agora reparo, já estou sem susto.

à part.

Simic. Vamos: amanhã todos à minha casa sobpena de prizaõ.

Vaise.

D. F. Ay Nize, que as tuas falsidades me pozeraõ neste estado!

à part. e vaise.

D. T. Tio, trate logo de foltarme.

Vaise.

D. G. Quem não deve, não teme.

Vaise.

D. L. Que mal socegarey esta noite, indo prezo meu sobrinho, e não apparecer o ladraõ, que eu prendi: não ha homem mais desgraçado!

Vaise.

D. Niz. Tal estou de sentimento, que até me faltaõ as lagrimas para o alivio.

Vaise.

Fag. Eis-aqui os Alecrins, e Mangeronas: cousas de ervas he para bestas.

Vaise.

Sevad. E de que escapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle.

Vaise.

D. Clor. Ay D. Gil, que a tua desgraça será a causa de minha morte!

Vaise.

S C E N A VII.

Sala, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e sabem D. Gil e Simicupio vestido ainda de Juiz.

D. G. **N** Aõ te perdoo o fusto, que me fizeste levar.

Simic. Nêm eu o chasco da capoeira, que me fez soffrer.

D. G. E agora, que determinas com essa devassa, que queres tirar?

Simic. Logo verá.

D. F. E porque não soltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio; que estão fechados naquelle quarto escuro?

Simic. Não poderey tambem ter meus segredos, sem que ninguem o saiba? O certo he, que como os trouxemos às escuras, entendem fixamente; que estão em rigorosa prizaõ. Mas ahi vem gente, e vossa merce faça vezes de Escrivaõ.

D. G. Ahi parou huma sege: se seraõ ellas?

Simic. Lá está quem as ha de encaminhar; *sedete*, que ahi vem subindo a primeira testemunha.

e Mangerona. 317

Sabe D. Lanferote.

D. L. Senhor, aqui estamos todos a ordem de vossa merce.

Simic. Venhaõ entrando hum a hum.

D. L. Pois , Senhor , lembre-se do meu capote.

Simic. Eu já tenho tomado isso a mim ; vá descansado , que eu puxarey bem pela justiça , e farey quanto ella der de si.

D. L. Não tenho mais , que dizer. *Vaise.*

D. G. Homem , tu me tens attonito com as tuas industrias !

Simic. Bem he , que asreconheças : ah Senhor , esteja de meyo perfil , para que o não conheça Dona Nize , que lá vem.

Sabe Dona Nize.

D. Niz. Venho morta : nunca em tal me vi !

Simic. Huma vez he a primeira : fente-se minha Senhora , desabafe-se , supponha , que está em sua casa.

D. Niz. Ay Senhor , não sey , que respeito infunde a cara de hum Juiz , que faz titubear o mais valente coração !

Simic. E mais eu , que pareço hum Papi-niano affanhado ! Diga o seu nome ; vá lá escrevendo , Senhor Escrivaõ.

D. Niz. Chamo-me D. Nize Sylvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda , e

Simic.

318 *Guerras do Alecrim;*

Simic. Basta, Senhora; e póde vossa me
ce com todos esses nomes?

D. Niz. Ainda faltaõ quatorze.

Simic. Visto isso hé vossa merce a mulhe
mais nomeada, que ha no Mundo. Qu
idade tem?

D. Niz. Quinze annos escassos.

Simic. Liberal andou a natureza: em ta
poucos annos tanta perfeiçãõ! E do cos
tume?

D. Niz. Não entendo.

Simic. Ponha lá, que do costume jejua
Sabe quem furtou aquelle capote ao Se
nhor seu tio?

D. Niz. Presumo, que foy hum criado de
D. Gil, que entrou disfarçado a vender
Alecrim.

Simic. Tenho largas nôticias desse criado,
e me dizem, que he ardiloso *quantum*
satis.

D. Niz. Isso he pasmar!

Simic. E sabe, se aquelles homens da ca
poeira serião ladrões?

D. Niz. Não, Senhor, porque hum era
D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Simic. Diga, não se faça rubicunda.

D. Niz. Senhor, 'os ditos homens vieraõ
por causa de amor; e como veyo meu
tio, se esconderaõ na capoeira.

Simic.

mic. Rapaziadas. Ora ande , vá-te ahi para dentro , e não faça outra : seja fizada , e virtuosa , que assim manda o direito , *honestè vivere.*

Niz. A' obediencia de vossa merce.

Vaise.

G. Homem , acabemos com isso , venha Dona Cloris , por quem estou suspirando.

Sabe Fagundes.

ag. Muito bons dias , meu Senhor.

mic. Chegue-se para cá ; olhe para mim , vossa merce a meu ver tem cara de testemunha falsa , ou eu me enganarey.

ag. Serey o que vossa merce quizer.

mic. Como se chama?

ag. Ambrosia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

mic. Isso são nomes , ou alcunhas?

ag. Será o que vossa merce for servido.

mic. Casada , ou solteira?

ag. Nem casada , nem solteira , assim , assim.

mic. Assim como?

ag. He que tenho o marido no Brasil ha quarenta e sete annos.

mic. De que annos casou?

ag. De quarenta justos , que os fuy fazer à porta da Igreja.

Simic.

320 *Guerras do Alecrim,*

Simic. Que annos têm?

Fag. Vinte e cinco bem puxados.

Simic. Não he nada, casou de quarenta e tem o marido no Brasil ha quarenta e te annos, e diz que tem vinte e cinco de idade! Vá-se dahi bebada, falsar que a hey de amarrar a huma escada e deitalla por essa janella fóra.

Fag. Eu não sey contar, senão pelos dedos: ouça vossa merce, que eu que dar a minha quartada.

Simic. A quartada dey eu; ande, não crede, que se ha de lavar com huma buchecha d'agua; vá-se para dentro.

Fag. Eu vou reboliñdo.

D.G. Acaba já com isso.

Sabe Sevadilha.

Sevad. Sou criada de vossa merce.

Simic. Ay, que já a justiça começa a abrir os olhos para ver a Sevadilha! Eu e custo a vara, que estou varado. Menina, como he o seu nome?

Sevad. Sevadilha sem mais nada.

Simic. Que annos têm?

Sevad. Sete muy fanados.

Simic. Só sete? Não fois má cartinha para hum sete levar. Casada, ou solteira?

Sevad. Estou para casar com hum criado daqui do seu yifinho D. Gil, que ain

da que feyo , he muy carinhoso.

Simic. Esse foy o que furtou o capote a seu amo?

Sevad. Esse mesmo.

Simic. Logo he ladraõ?

Sevad. He o vicio , que tem , que se naõ fora isso , era hum moço perfeito.

Simic. Ay Sevadilha , que esse ladraõ

Sevad. Que tem , meu Senhor?

Simic. Nada , nada : e por hum triz , que naõ deponho a Judicatura , e perco o juizo : affina-te aqui em branco , que eu estou pelo que differes.

Sevad. Eu naõ sey escrever.

Simic. Porém sabes muita letra : vaite ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar testemunhas

Sevad. Eu já vi huma cara , que se parecia com a deste Juiz. *Vaise.*

Simic. Entre quem falta.

G. Resta Dõna Cloris; Simicupio, perdo-a que hey de fallarlhe.

Simic. Faça o que lhe digo , e naõ tenha graças comigo.

G. Como estás inchado!

Simic. Se queres ver o villaõ , metelhe a vara na mão.

Sabe Dona Cloris.

Clor. Senhor Juiz , logo declaro , que

322 *Guerras do Alecrim;*

eu de furtos não sey nada, e só que
Gil foy hum dos da capoeira, e está
nocente, porque.

D. G. Por que foy preciso obedecerte, qu
rida Cloris. *Levanta-*

D. Clor. Que vejo! D. Gil? Cobre ale
tos o meu coração.

D. G. Não te admires dos successos
meu amor, que os influxos do teu Al
crim sabem triunfar dos mayores impo
siveis.

Simic. Aliás, que hum Simicupio sabe f
zer possiveis as mayores difficuldade
Ahi tem, Senhor D. Gilvás, o seu ber
de portas a dentro: tenho cumprido
minha palavra, e se não está bém serv
do, busque quem o faça melhor.

D. Clor. Huma vez, que me vejo em tu
casa, não porey mais em contingenci
a minha fortuna.

Simic. Isso mesmo; quem disse casa, cas
Sabe D. Lanferote.

D. L. Que he isto, Senhor Doutor? A
testemunhas vem, e não tornaõ?

Simic. Já está concluida, e sentenciad a
devassa.

D. L. Quem são os culpados?

Simic. As Senhoras suas sobrin has, que sa
humas finas ladras.

D. L.

D. L. Minhas sobrinhas ladras ? De que forte ?

Simic. Desta forte ; vamos sahindo cá para fora :

Tay Simicupio trazendo a todos para fóra , e é diz o seguinte.

Porque vistos estes successos, consta, que a Senhora Dona Nize furtou o coração do Senhor D. Fuas, e a Senhora Dona Cloris o de D. Gil ; e assim he de razão, que lho restituão, casando com elles ; porque no matrimonio se entregão os corações com as vontades.

D. F. Em cumprimento da sentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado desta rara invectiva de Simicupio.

D. Niz. He de justiça esta acção : que alegria !

D. G. Dona Cloris, dame o coração, que me tens na mão, que te peço.

imic. Isso he fallar com o coração nas mãos. Senhora Dona Cloris, case-se, mas não se arrependa.

D. Clor. Senhor D. Gil, o meu coração lhe entrego, em recompensa do que lhe roubey, se acaso he furto, o que se dá por vontade.

mic. D. Tiburcio tenha paciencia, e

324 *Guerras do Alecrim,*

pague as custas de permeyo com o
nhor D. Lanferote, já que foraõ
basbaques, que se deixaraõ enganar

mim. Simicupio, tantos de tal mez, &
D. T. Senhor tio, seja-lhe para bem, q
aqui já naõ ha para onde appellar.

D. L. Nem eu me posso aggravar, qua
do o matrimonio he o ditoso fim def
excessos.

Sevad. Quem casa a tantos, porque
naõ casa a si?

Simic. Naõ me falles em remoque; já se
Sevadilha, que queres casar comigo;
pois a sentença passou em coufa julg
da, demos as mãos, e a boa vontade.

Sevad. Oh discreta mão, que escreveo
sentença!

Fag. E que ha de ser de mim, Simicupio,
que neste negocio tambem dey minha
penada?

Sevad. Em vindo a frota, virá teu marido

D. G. E pois te consegui, galharda Cl
ris, publique a fama os vivas do Ale
crim, que triunfou de tantos impossivei

D. F. Tênde mão, que naõ he justo, qu
roubeis à Mangeronã a parte, que lh
toca no applauso, que merece; pois
sombra de suas folhas conseguistes mu
ta parte da dita, que possuis.

Fa

Ag. Isso he verdade, senão diga-o a escada, e a caixa.

D. T. Foy boa caixa.

D. G. Que importa, que a Mangerona abrisse os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleyos?

imic. E senão diga-o tambem o fogo salvaje, a Medicina, a Ministrisse, e a mãy de duas filhas.

D. T. Pois que vay, Senhor tio? He bico, ou cabeça?

D. L. Paciencia por força.

D. Clor. Não se póde negar, que venceo o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a nossos desejos.

D. Niz. A Mangerona só merece applausos, porque deu principio a esse fim.

imic. Então, visto isso, venceo o Malmequer, pois elle foy o meyo entre o principio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

evad. Pois viva o Malmequer.

D. G. Tenho dito, venceo o Alecrim.

D. T. Se a efficacia das razões não basta a convencervos, esta espada fará confessar o triunfo da Mangerona.

imic. Deixe estar a folha, que as da Mangerona não são o Alcorão de Mafoma, para

326 *Guerras do Alecrim,*

para que se defendão à ponta da espada e pois estou feito Juiz, pela authoridade de, que tenho, declaro, que ambas plantas venceraõ o pleito, pois cada uma fez quanto pode; e para que se acabem essas guerras do Alecrim, e Mangerona, mando, que os dous ranchos fação as pazes, e se ponha perpetuo silencio nesta materia, sobpena de serem assumptos de minuets, e andarem pela boca de Poetas, que he peyor que pelas bocas do mundo.

Todos. Pois viva o Alecrim, e viva a Mangerona.

Simic. E viva todo o bicho vivo.

D. L. Vivamos todos, meu sobrinho.

D. T. Essa he a verdade.

Simic. E como não ha triumpho sem acclamação; em quanto o Coro não principia a festejar este applauso, coroemo esta obra, com as ramas da Mangerona, e Alecrim.

C O R O.

D. Niz. e D. F. Viva a Mangerona
Perpetua no durar.

D. Clor. e D. G. Viva o Alecrim
Feliz no florecer.

Todos

e Mangerona. 327

odos. Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.
Niz.e D.F. No templo de Cupido,
Troféo de amor será.
Clor.e D.F. Nas aras da fineza
Em chammas arderá.
odos. Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum soube vencer,
E a outra triunfar.

F I M.

AS VARIÉDADES
 D E
 P R O T E O

OPERA QUE SE REPRESENTOU
 no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
 no mez de Mayo de 1737.

ARGUMENTO.

*S*endo Polibio cabeça de huma parcialidade
 que em Egypto se fúlmintou, sobre a depo-
 sição de hum Monarca daquella Coroa; preva-
 lecendo o poder contrario, foy preciso a Poli-
 bio retirar-se com huma filha unica chamada Cy-
 rene, e chegando a Beocia, por caminhar ma-
 occulto, deixou em huma rustica Aldea daquel-
 le Paiz a Cyrene, até que achasse seguro port-
 a sua errante fortuna. Chegando a Flegra, Ci-
 dade do Archipelago, foy recebido del Rey Pon-
 to, com distincão nas estimações; mandando-
 outra vez a Beocia, para Conduetor da filha
 daquelle Monarca, tambem chamada Cyrene
 par

ra a Esposa de Nerco seu filho. Em Beocia sou-
Polibio ser fallecida de pouco aquella Prin-
za, por cujo motivo, incitado Polibio da am-
ção de ver coroada sua filha, dissimulando a
baixada, a conduzio a Plegra para esposa de
ereco, affirmando ser a filha del Rey de Beocia.

No mesmo tempo chegou Dorida, ou Doris,
ka del Rey de Egnido, para esposa de Proteo,
mbem filho del Rey Ponto; porém inflamma-
o Proteo excessivamente na formosura de Cy-
ne, valendo-se das variedades da sua fórma
privilegio, que lhe concederaõ es Deoses) in-
ntou com extremos persuadir-lhe o seu amor,
ue impedindolhe Polibio na brevidade, que in-
entava do Hyminéo de sua filha, Proteo o quiz
atar, cujo golpe casualmente recebeu Cyrene,
ocurando impedillo; e sendo achado o punkal
a mão de Polibio, foy condemnado ao sacrifi-
io de Astréa; e para mostrar a sua innocen-
ia, e evitar a victima da sua vida, foy pre-
iso a Cyrene declarar, que Polibio era seu pay.
endo Neréo o engano, levado da altivez do
eu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeu
Proteo, estimando como fortuna o mesmo enga-
o; ficando Dorida para esposa de Neréo, e
mbos satisfeitos na mudança das esposas.

Servem de Episodio a esta obra as Va-
riedades, e transformações de Proteo, pa-
ra conseguir os favores de Cyrene.

INTERLOCUTORES.

<i>Cyrene,</i>	<i>Reputada Princeza de Beocia</i>
	<i>destinada para esposa de Nereo</i>
<i>Dorida,</i>	<i>Princeza de Egnido, destinada</i>
	<i>esposa de Proteo.</i>
<i>Proteo.</i>	} <i>Filhos del Rey Ponto.</i>
<i>Nereo.</i>	
<i>Ponto,</i>	<i>Monarca de todo o Archipelago</i>
<i>Polibio,</i>	<i>Pay encuberto de Cyrene.</i>
<i>Maresia,</i>	<i>Criada de Dorida.</i>
<i>Caranguejo,</i>	<i>Criado de Proteo.</i>

A Scena se representa em Flegra.

SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Selva, e mar, com ponte.*
- II. *Gabinete.*
- III. *Bosque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Sala.*
- II. *Gabinete.*

SCENAS DO III. ACTO.

Jardim.

I. *Sala.*

I. *Templo de Astrea.*

ACTO

PARTE I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte, aonde chegarão escaleres para o desembarque de Dorida, que o fará pela ponte acompanhada de Proteo, e nella estará Ponto, Caranquejo, e mais criados; e antes disto apparecerá huma Náo à vela: e ao mesmo tempo passará hum coche pelo Proscenio do Theatro, que será de Selva, e nelle virá Cyrene e Polibio, e recolhendo-se, sabiráõ os mesmos. Tudo se executará em quanto se toca a Sinfonia, e cantãõ alternadamente os Coros.

C O R O.

1. Coro. **E**M hora ditosa
Venha Cyrene,
2. Coro. **E**M hora festiva
Dorida venha.
1. Coro. A ser de Nereo,
2. Coro. A ser de Proteo,
- Ambos. Esposa feliz.
1. Coro. Os Prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares,

Ambos.

ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

ey. Huma, e muitas vezes repetiã as Na-
yades dos bosques, e as Ninfas do mar
o suave Melibee de alternados vivas, pa-
ra que se eternizem os applausos no mar,
e na terra, ao mesmo tempo que se
multiplicaõ as felicidades em ambos os
elementos. Em hora festiva, e ditosa,
tornem a repetir, que sejaõ bem vin-
das à minha Corte de Flegra as illustres
Princezas de Egnido, e Beocia, para
que nas regias nupcias de meus filhos
Proteo, e Nereo, se perpetue a Semi-
dea estirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a sorte me destinou, ò ex-
celsõ Ponto Monarca do Archipelago,
às fortunas de esposa de Nereo, com a
gloria de filha tua, não invejo o thro-
no de Juno, nem os domínios de The-
tis.

Nereo. Nem eu, ò Cyrene, com essa bel-
leza o Solio de Jove, e o liquido Im-
perio de Neptuno.

Rey. Cyrene, quando em hum só dia se
encontraõ tantas felicidades, sejaõ mu-
dos intrepetes de meu alvoroço os inter-
nos jubilos do coração. E tu, soberana
Dori-

Dorida, vem a meus braços, em quanto nos de Proteo te não enlaça amor mais ditoso Hymenêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me enlaça em Proteo, primeiro seraõ cada de minha escravidão, que voluntaria fereço a Vossa Magestade, a quem respeito como pay, e venero como Senhor.

Proteo. Ay de mim, que só eu na minha ventura sou o mais infeliz! à parte

Rey. Proteo, sem duvida, que o prazer deste dia se faz inexplicavel nas tuas palavras, notando no teu silencio a tua situação.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem destinada para esposa minha, e Cyrene para meu irmão Nerêo?

Rey. Essa pergunta parece ociosa, pois a disposição do transporte das Princezas já estava destinada Cyrene para Nereo, e Dorida para esposa tua.

Proteo. Não tem remedio o meu tormento. à parte. Poderia ser, Senhor, que mudasses o primeiro intento; achando que as riquezas de Egnido seriaõ mais convenientes a Nereo, como mais moço; e que a mim me sobrava o pequeno patrimonio de Beocia; que a minha

vontade não se rege por outro imperio,
que o de teu preceito.

arang. A Deos minhas encomendas: Proteo, não he nada, ora escutemos. *à p.*
ereo. Enganas-te, Proteo, na ambição, que me suppoens nas riquezas de Egnido, pois estimo tanto a Cyrene Princeza de Beocia, que a julgo inseparavel do seu estado; que o regio sangue de seus progenitores a faz digna de mayor Imperio, e a mim me inhabilita para outro desejo; e tanto que a ser menos regia, e mais opulento o seu estado, a não recebera esposa.

olibio. Que ouço! Grande arrojo foy o meu!

arang. Proteo toda via parece, que deseja alborcar a nôiva; pois eu não trocarey huma cousinha, que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *à p.*
ey. Principes, a forte está lançada: Cyrene he de Nereo, Dorida de Proteo; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as estimações, que se devem à sua pessoa: e pois toda a Corte impaciente nos espera com festivos applausos, não dilatemos a nossa entrada.

Nereo. Vamos, formosa Cyrene.

Vaise.

Vaise.

Cyren.

Cyren. Polibio, não te apartes de mim hum instante. *Vais*

Proteo! Vamos, Dorida, vamos! Oh quem pudera trocar a sorte, se he forte, a quem me acompanha! *à parte, e vais*

Dorid. O coração preságo não sey, que me vaticina. *à parte, e vais*

Mares. Vou cambaleando, pois me parece, que ainda estou no navio. *Quer irse*

Carang. Espere, menina; donde se vai meter entre a barafunda das carroças

Deixe-se estar, quem em vazando a maré se embarcára na sua carruaje.

Mares. A mim me farão lugar em toda parte.

Carang. Não vê a encangalhação, que levay? Vá, mas veja, que ha de suar bem para se meter na tua esufa.

Mares. Parece, que assim he: ora vossa merce viva mil annos pela advertencia

Carang. Como poderey viver annos mil se encontro mil mortes em cada olhadura de vossa merce?

Mares. Taõ máos olhos tenho eu, que deo quebranto?

Carang. Não são máos, pelo que são em vossa merce; mas sim pelo que sinto em mim.

Mares. Pois que sente?

Carang

Carang. Sinto-me muy aquebrantado.

Mares. Nunca ví dar quebranto em cousa má.

Carang. Se as almas são cousa má, bem má cousa sou eu; não pelo que tenho de desfaldado, mas porque toda a alma desfaldada formosura a tenho transferida em mim amante Pythagorico de tua belleza.

Mares. Insolente, descomedido, que fraze he essa de fallarme?

Carang. Não sey frazeoar melhor; e se cada hum enterra seu pay, como póde, eu resuscito o meu amor, como sey.

Mares. Para que se lhe desvaneça essa tentação, saiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto solemne de perpetua castidade.

Carang. Não por meu voto.

Mares. E assim espero, que esta seja a ultima vez, que tal cousa ouça; porque o meu voto não he cousa de brinco.

Carang. E quem votou nisso?

Mares. A minha devoção.

Carang. Pois antes queres ser casta, que castiça?

Mares. Hey de ser solteira, para que em mim se acabe a minha geração.

Carang. Vejaõ lá de que casta he ella? Pois eu te armarey huma trempe, que tu te ve-

verás em sayas pardas : Ora diga , e não póde annullar esse voto ?

Mares. Está revalidado com trezentos juramentos.

Carang. Pois , filha , se não desfazes esse voto , terás todos a froxo para te sacrificarem.

Tocaõ os instrumentos do Coro.

Mares. Como he isso ?

Carang. Não he tempo agora de o saberes pois a comitiva já se vay pondo em marcha.

Mares. Dize mais duas palavras ; como he isso do sacrificio ?

Carang. Tu o saberás , anda depressa para o teu carrinho , que em Palacio to do rey.

Canta o Coro.

S C E N A II.

Gabinete. Sabem Proteo , e Caranguejo.

Proteo. **D**Eixa-me , não me perfigas que não ha mayor tormento para hum infeliz , que a privação do retiro.

Carang. Senhor Proteo , que mania he essa ? Ao mesmo tempo , que te vês propin-

pinquo a casar , te vejo proximo a enlouquecer ? Naõ esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido ? Naõ dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar : (se he que o mar tem costas) vem querida Dorida , e se por falta de aguas encalhou o teu navio , as dos meus olhos te traraõ ao reboque ? Naõ andavas fazendo Sonetos a huma ausencia , e cantando minuets a huma faude ? Pois como agora depois de possuir o que desejavas , parece que naõ desejas o que possues ?

Proteo. Tudo isso assim he ; porẽm às vezes ha incidentes taõ fortes , que destroem o mais firme pensamento.

Carang. Por ventura , ou por desgraça , naõ he Dorida muito bella , e senhora de hum Reino ?

Proteo. Assim he.

Carang. Pois que mais desejas ? O certo he , que dá Deos nozes a quem naõ tem dentes.

Proteo. Sabes tu o que he amor ?

Carang. Oxalá que o naõ soubera tanto ! Amor , ainda que mal pergunte , nos homens he o mesmo , que querer bem ; nas bestas muares mormo ; e nos outros animaes appetite.

Proteo. Pois como queres que não enlouqueça , se eu tenho amor?

Carang. Para que são esses terremotos quando estás quasi propinquo a ter em teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ay , se souberas que . . . não ; sepulte-se comigo a causa do meu tormento.

Carang. Se he por isso , diga-mo , que em mim ficará sepultado esse segredo.

Proteo. Bem sey , que não desmereces a estimação , que de ti faço ; porém . . .

Carang. Porém que ? Com que estamos ?
Queres que to diga?

Proteo. Não , não me prives da gloria de o pronunciar.

Carang. Isso he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a causa do meu tormento.

Carang. Não o disse eu ? Oh como he certo o ditado da gallinha da minha visinha!

Proteo. Confesso-te , que tal foy a violencia , com que me arrebatou a sua em tudo pègrina belleza , que não tive accordo para desmentir a inclinação : viste aquella perfeição , que immortalizando-se nas suas galhardias se fez adorar como Deidade ? Viste aquelles olhos , que se adoptaraõ outros para adornar a esfe-

ra da sua formosura ? Viste aquella neve, que derretida de melhor estrella, soube congelar os corações ? Viste aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria não se lembra de outra igual maravilha ? Viste.

Carang. Espere, Senhor, com quem falla ? Isto he comigo ?

Proteo. Sim, porque vejas se tem desculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo, que isso he loucura refinada. Eu por ventura vi nada d'isso, que dizes ? Eu vi astros, estrellas, Deidades, nem luzes ? Eu vi mais, que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formosa sim, porém não agora lá cousa do sete estrello ?

Proteo. Calte, nescio, que o teu genio grosseiro não sabe distinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor figo outra filosofia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel, que todos a entendaõ, como as pastoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto invejo a fortuna de Ne-reo, e quanto temo, que este incendio, em que me abraço, consuma sacrilegamente os sacrificios de ambos os Hymeneos !

Carang.

Carang. E que determinas com essa desordenada inclinação?

Proteo. Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene a pezar de todos os impossiveis

Carang. E Nereo teu irmão, que dirá neste caso?

Proteo. Perdoe Nereo, que eu não posso reger a violencia de minha inclinação; Numen superior parece que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo, já não he a duvida; porém Cyrene como ha de corresponderte, se he noiva, e Princeza? E o fallarlhe em amor será crime de leza magestade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E se faltar o tempo?

Proteo. Não faltaraõ os extremos, pois sou Proteo, que me saberey transformar em varias fórmãs, para possuir os favores de Cyrene.

Carang. Senão fora Cyrene Princeza, te dissera, que te transformasses sempre em ouro, que he a melhor fórmula para atrahir.

Proteo. E não será de acerto participarte a mesma virtude de transformar, pelo que póde succeder.

Carang. Eu, Senhor?

Proteo. Sim, tu.

Carang.

Carang. Se eu sou capaz disso , já me começo a transformar na tua vontade , e me verás não só transformado , mas formado na faculdade amatoria ; e ainda que sou Caranguejo , farey muito , que ande para diande o teu amor. *Vaise.*
Sabe Cyrene , e estará Proteo voltado com as costas para ella.

Cyren. Principe?

Proteo. Que ordenas , ò Princeza ,

Cyren. Cuidey , que era Nereo.

Proteo. Já sey , que não ha mayor infelicidade , que ser Proteo.

Cyren. Porque?

Proteo. Porque sendo Nereo , tiyera a fortuna de merecerte esse cuidado.

Cyren. Nereo , em quanto Nereo , não merece mais , que Proteo , em quanto Proteo ; a qualidade de esposo , que está para conseguir , he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

Proteo. Essa qualidade , ò Cyrene , he a que mais qualifica a minha desventura.

Cyren. Se a formosura de Dorida não pudesse fazer ditoso ao mais desgraçado , poderia queixarse de infeliz a tua sorte ; mas como na sua belleza , estão vinculadas as fortunas , mal podes appetecer as de Nereo por inferiores.

Proteo.

Proteo. Mas com tudo a ser possível, que os astros mudassem de aspecto, e que os Planetas, que influirão no meu horoscopo, pudessem commutar os seus influxos entre mim, e Nereo, eu formo mais ditoso não sendo Proteo, do que o mesmo Nereo com a dita, que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras

Proteo. Se Nereo soubera, Senhora. . .

Sabe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço, Cyrene, que divirtas as melancolias de Proteo; mas cuido, que será estylo em Flegras receberem-se as esposas com pompa funebre.

Proteo. Sempre as causas intensas produzem effeitos contrarios; pois assim como ha lagrimas de gosto, porque não haverá tristeza, que seja alegria?

Dorid. Nem sempre são continuos esses sinais no excessivo affecto.

Cyren. Dorida, porque o não será o affecto, se o amor for excessivo?

Dorid. Porque affecto, que não sabe mudar de affecto, he affectada demonstração da vontade. Proteo, bem sey que as tuas prendas mereciaõ mais bella Princeza, e mais digna esposa; a tua tristeza me persuade o desgosto de nosso Hymenêo;

menêo ; e porque não perigue a realidade na conjectura, defengana-me (que ainda he tempo) se acaso eu motivo os teus pezares ?

Proteo. Tu , Dorida , tu és a causa de minhas penas.

Dorid. Infeliz fuy ; porém

Proteo. Não te affuste esta expressão , que como na gloria do amor ha sombras de inferno , que muito me entristeça o mesmo , que me alegra ? Pois quando contigo vejo a gloria , que me eleva , vejo tambem em ti o abyfmo , que me penaliza.

Dorid. Que bem expressado extremo !

Proteo. Que mal fingida fineza !

Dorid. Que mal entendido affecto ! *à part.*

Canta Proteo a seguinte

A R I A.

Em ti mesma confidero
De meus males o motivo,
Por ti morro , por ti vivo,
Tu me matas , tu me alentas,
Pois contigo está meu mal,
E contigo está meu bem.

Deixa , pois , que triste viva,
Quem alegre busca a morte ,
E verás , que dessa forte

Esta

Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convem. *Vaij*

Dorid. Que te parece, Cyrene, este novo modo de querer?

Cyren. He que o seu amor não he vulgar.

Dorid. Achas acaso em Nereo semelhantes expressões?

Cyren. Ainda não houve occasião para experiencia.

Sabe Caranguejo.

Carang. Se eu desta me fayto bem, tenho muito que contar: lá estão as duas Princesas, Cyrenes, e Doridas, eu darei o recado de forte, que Cyrene me entenda, e Dorida fique em jejum: finjo-me patéta, e mentecapto. Ainda que me matem não hey de casar.

Cyren. Que homem he este?

Dorid. Será algum tonto, com quem os Principes se divertem.

Carang. Tenho dito: contra minha vontade não se cansem.

Dorid. Não sey, que graça achão nestes tontos? Vaite daqui.

Cyren. Deixa-o, que gósto de o ouvir.

Carang. He boa teima! Digo que não quero casar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher à queima roupa!

Cyren.

ren. Que tens, tonto?

rang. Digo, que não quero, vá-se a noiva para a sua terra.

rid. Que noiva?

rang. Tu, cruel, vaite com Satanás.

rid. Arrebatado no seu frenesí imagina, que falla com alguém.

ren. No casar he a sua teima.

rang. Ay adorado impossivel, que só tu me regalas esta alma!

ren. Com quem fallas?

rang. Comtigo, comtigo hey de morrer a pés juntos: espera, não fujas, que dos braços de teu amante te arran-carey.

Vaise.

rid. As palavras deste louco não sey, que ecco formaraõ na idéa, que me penetraraõ o coração.

ren. Não faças caso de hum simples.

rid. Se o coração não estivera ferido com as tristezas de Proteo, desprezara aquellas vagas loucuras; porém às vezes são presagios as casualidades; pois temo

ren. Que temes?

rid. Ay Cyrene, que os temores não se sabem tanto explicar como sentir!

Canta Dorida á seguinte

A R I A.

Não tenhas por delirios
 Meus temores,
 Que em amores
 Em duvida he melhor
 Temer, que confiar.
 Oh credula não sejas
 De amor no cego engano,
 Que em tal damno
 Dos males, o peyor
 Devemos esperar.

Vaij

Cyren. A' vista daquellas expressões de Proteo venho a entender, que não são fundamento os temores de Dorida, nem verdadeira a simplicidade do criado. O cego amor, que de absurdos vás fulminando, e que de horrores vás produzindo!

Sabe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, não sey se me pezo do engano, que tenho fabricado, trazendote para esposa de Nereo, em lugar de outra Cyrene, verdadeira Princeza de Beocia, querendo-me aproveitar do seu obito, e do teu nome semelhante ao della; pois já com as estimulações de verdadeira Princeza se me difficul

cul

culta o verte as vezes, que o meu paternal amor deseja.

Cyron. Pay, e Senhor, senão houvera outro mal que temer, esse com facilidade se podia remediar.

Polib. Pois que receyas, levando taõ bom principio a nossa industria?

Cyren. Temo, que se chegue a descobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he falecida, e que tu es meu pay, e eu intrusa Princeza; e póde ser, que se converta em luto toda esta pompa festiva, e nupcial apparatus.

Polib. As empresas difficultosas não se intentão sem perigo, e sem sustos não se adquire huma Coroa. Bem sey expinho a minha vida pela tua elevação; porém considerando a brevidade, com que se ha de effectuar este Hymenêo, e que quando se descubra o engano, te acharás Senhora do alvedrio de Nereo prezo nos laços de tua formosura, e estimando como fortuna o seu engano, terá ditoso fim o nosso premeditado intento.

Cyren. Oh queiraõ os Deoses prosperallo!

Sabe Nereo.

Nereo. Cyrene, como sey estimas o exercicio da caça, por te dar esse alivio, tem ElRey meu pay determinado divertirte

virte em huma caçada real, donde ve
a destreza, e valor dos nossos monteiros

Cyren. Impulsos são da benignidade do
Rey, a quem agradeço, e a vossa A
teza o cuidado de meu divertimento.

Nereo. A tão alta Princeza todo o excel
he devido.

Polib. Parece, Senhor, que apostarão
fados a fazerte ditoso, unindo na espos
que possues, a ultima perfeição da fo
mosura.

Nereo. Polibio, huma formosura não fa
ditoso a hum Principe: os illustres He
roes, de quem descende Cyrene, a fa
zem digna de minha veneração: a bel
leza he vulgar atractivo de hum animo
plebeo: a regia ascendencia he digna es
timação de hum Principe: a formosura
caduca com o tempo: a nobreza se im
mortaliza na posteridade. E assim, Po
libio, podes entender; que a ser Cyre
ne menos regia, abandonara o thalamo.
e desprezara a formosura, não tendo
adornada da Magestade. *Vaise.*

Cyren. E que dizes agora, Senhor? Esti
mará Nereo com a fortuna de possuir a
minha belleza o seu engano? Vês cahida
por terra a base, aonde erigias as tuas
maquinas? Ay de mim, Senhor, quan
to

to melhor me fora viver occulta, como estava, nas rusticas aldeas de Beocia, que verme quasi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyfmo de tua ambição!

Polib. Não me afflijas com effa ponderação: porém não foy pequena fortuna, poder no anticipado defengano de Nereo buscar o remedio deste imminente damno; e no em tanto procura desvanecerlhe com porfiados carinhos a violencia de fua inclinação.

Canta Polibio a seguinte

A R I A.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido cristal.

Se pois a clara espuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mundança
Na instancia dos carinhos
Do genio feu fatal.

Vaise.

Sabe Marefia.

Maref. Dorida te espera, Senhora, para irem à montaria.

Cyreu. Eu vou. Oh louca ambição a quantos precipitas!

Vaise.

Maref

Mares. Tomara, que Caranguejo me a
basse de explicar aquella arenga do
crifício, que lhe não pude perceber co
a bulha das cantarolas; porém se tal h
antes hey de dar hum olho ao dem
que huma mão ao amor.

Sabe Caranguejo.

Carang. Eu assim como tollo dey a ente
der a Cyrene o intento de Proteo, e c
la a meu ver me não deixaria de ente
der, que tem olhos de grande tuberc
la.

Mares. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Maresia minha Senhora

Mares. Ha muito, que nos não vemos

Carang. Que ha de ser? Esta occupaça
de Sota-Ministro de Venus não me de
xa huma hora livre para ter o meu reg
bofe.

Mares. Bom officio deve elle ser.

Carang. Bom he; mas para o meu geni
não he muito cousa; esta tarde sacrifi
cámos quatro moças, como quatro tor
res, por não quererem casar; e con
fesso-te, que quando levantey a macha
dinha para descarregar o golpe, que m
fugio o sangue do corpo.

Mares. Ay de mim coitada! Diga-me
Senhor Caranguejo.

Carang.

arang. O que, Senhora Caranguejola?

Mares. Essa ley se cumpre tanto a risca, que todas, que não casaõ, morrem?

arang. Uy, como dous, e tres saõ nove; saiba, (se he que o não sabe) que toda aquella mulher, que se mostra esquivada, e desdenhosa, como v. g. aquella, que tudo me fede, se não abrandar condição, ha de ser sacrificio de Venus^a como Deosa dos amores.

Mares. Não ha ley mais barbara do que essa, querer violentar a vontade!

arang. Bem se póde casar sem vontade, pois quantos se casaõ contra vontade?

Mares. Casamento sem vontade não he casamento.

arang. A'gora não; olha, a vontade he cousa que se não vê, e vendo hum homem a noiva, não lhe abre o coração para lhe ver a vontade, pois basta saber, que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade: porque isso de casar sempre vay na fé dos padrinhos.

Mares. E quem seria o magano, que tal ley inventou?

arang. Calte, não sejas blasfemia; olha; que foy Apollo em despique do rigor de Daphne.

Mares. Bem haja ella ; o mesmo fizera eu por força? Isso não, ainda que seja hu Sol ; e além disso tenho feito voto de castidade a Diana , que me impossibilita o casar , e hey de cumprillo , mas que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres , que isto não he mais que insinuar ; que supposto não sejas minha proxima , pois o teu carinho vivo apartado , com tud es criada de Dorida , e tenho dó dos teus poucos annos. Coitadinha , que lastimo tenho de ti ! Não olhes para mim , que cada vez que te vejo , se me parte o coração.

Mares. Não te compadeças de mim.

Carang. Não pôde ser , que sou muy mais vioio ; em apertando os olhos logo choro.

Mares. Isso vay de ter bom coração.

Carang. Antes vay de ter bons olhos , que a mim nunca me chorou o coração no corpo , como as crianças na barriga.

Mares. Pois , Senhor Caranguejo , Maresia não ha de descer da burra , ainda que a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarey a cavallo , e ire dar parte à justiça ; e sómente por des cargo de minha consciencia te torno

lem

lembrar a rigorosa, severa, e fulminante ley de Apollo, a qual de cabo a rabo he a seguinte *per formalia verba*, *ibi*.

D E C I M A.

Toda a mulher, que não for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a não levar o amor:
Trate logo de depôr
Seu tyranno desdenhar;
Porém se não abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por não morrer,
Ou morrer, por não casar. *Vaise.*

Mares. Ha entaladura semelhante! Não sey o que hey de fazer neste caso! Se caso, he matarme; se não caso, he morrer: oh que apertado caso! Pois se tudo he morrer, escolherey a morte, que me for mais suave.

Canta Maresa a seguinte

A R I A.

Naõ ha quem me diga
Por esta Cidade
Se devo casar,
Se não, ou se sim?
Porém que verdade
Me pódem dizer,

Se eu hey de morrer
Assim como assim?

S C E N A III.

*Bosque. Haverá hum Monte matizado de
res, e ao som de huma Sinfonia de trom-
biraõ sabindo varios monteiros com instrum-
tos venatorios, e se veraõ cruzar o The-
varios animaes sylvestres, e sabiraõ en-
trados Cyrene, e Nereo.*

Nereo. **C**Yrene, não te empenhes t-
to no seguimento dessas fêr-
nem por hum divertimento aventure-
tua vida: espera, e verás, que app-
fento nas aras de tua formosura o m-
feroz javalí, que occultaõ estes bosqu-
Cyren. Não, Principe; suspende o exc-
so de teu valor, que temo em ti a t-
gedia de Adonis.

Nereo. Tendo a ventura de morrer nos b-
ços desta melhor Venus, ambicioso b-
carey a morte.

Cyren. Se me comparas a Venus, já t-
será fingida essa fineza.

Nereo. Fingida, porque?

Cyren. Porque a formosura per si não
póde obrigar a nenhum excesso, r
f

fendo animada do Regio fangue.

ereco. Assim he ; mas quando à Magefta-
de fe une a belleza , faõ mais venerados
os Idolos da formofura : mais formofa ,
ao que parece , he a Lua , mas por fer
taõ baixa a lua esfêra não merece tantos
elogios de bella , como a minima estrel-
la , pelo eievado folio , em que fe osten-
ta galharda maravilha dos Ceos.

cyren. Visto isso , a não ser eu Princeza ,
não seria objecto de teu amor?

ereco. Não supponhas hum impossivel ,
quando alcanço a fortuna de possuirte
Princeza , e formofa.

cyren. Pois adverte , (já que me appelli-
das de Venus) que como Deidade esti-
marey mais os cultos de formofa , que
os tributos de Princeza.

ereco. Para mim não ha mais formofura ,
que a nobreza , e amando-te como Prin-
ceza , te adoro como bella.

cyren. Dêssa fórte impossibilitas o Hyme-
nêo , que desejas ; e para o consegui-
res , has de imaginarme sem qualidade
de Princeza , aliás

ereco. Que?

Sabe ElRey.

cyren. Que te afflige , Cyrene?

ereco. Achar , Senhor , hum espofo , que
me

me adora por politica , mas não por feyto.

Rey. Espera.

Sabe huma féra correndo.

Cyren. Mal poderey , até não vingar nada féra as offensas de outra.

Rey. Que foy ilto , Nereo?

Nereo. Senhor , permite-me , que evite em Cyrene algum perigo no seguimento daquella féra.

Rey. Esta condição de Nereo austéra , e vada , e soberba , sem duvida motivo em Cyrene algum desgosto ; não he assim Proteo , cujo genio mais docil he attractivo dos corações. Feliz Dorida será com tal esposo : mas ella alli verá

Sabe Dorida.

Rey. Dorida , estimarey aches alivio e divertimento da caça.

Dorid. Antes me penaliza , por não achar a féra , que busco.

Rey. Se esconderia talvez temerosa do teu valor.

Dorid. Antes pudera eu esconderme temerosa de sua ferocidade.

Rey. Se a temes , como a buscas?

Dorid. Para defenganarme da qualidade de sua especie , pois tendo-a visto varias vezes , não sey distinguir a tua natureza.

ey. Declara-me esse enigma ; ou diz-me aonde habita essa féra?

orid. Em Palacio.

ey. Em Palacio que féra póde haver como essa que dizes?

orid. Quem ? Proteo.

ey. Proteo ? Como ? Declara-te , não me tenhas confuso.

orid. Proteo , Senhor , cujo genio indomito nem a politica o persuade a ser mais attento , nem a razão de esposo o obriga a ser mais amante.

ey. Proteo ? Não me persuado.

orid. Vês por ventura aqui a Proteo , ao menos para lifongearme com as assistencias de esposo ? Ao mesmo tempo , que Nereo seguindo a Cyrene , adora os seus vestigios.

ey. Não imagines em Proteo menos attenção à tua pessoa ; a casualidade de seu desvio nesta occasião não seja argumento de seu defamor. Ah se fouberas a suave indole de Proteo , verias , que não cabem em seu peito as ferocidades , que lhe imaginas !

orid. Ah se fouberas , que ainda lhe não mereci hum só agrado !

ey. A não serem tão dignas de fé as tuas palavras , as duvidara por incriveis. Proteo,

teo, ou mudou a natureza, ou perdeu o juizo; porém, antes que se accumulem novos incentivos à queixa, na brevidade do Hymenêo remediarey as desordens da mocidade. *à parte*

Sabe Maresia.

Mares. Senhores, que huma fêra muy feroza vem correndo atrás de mim! Ay que ella alli vem! Acudaõ-me todos.

Rey. Seguilla será forçoso. Dorida, retira-te, que cedo darey providencia ao teu sentimento. *Vai*

Dorid. Segue-me tu, que os instantes, que aqui me dilato sem Proteo, são contínuas offensas do meu decoro. *Vai*

Mares. Tomara-me já daqui cem legoas *Ao querer ir-se Maresia, lhe sabe ao encontro Caranguejo transformado em porco montez.*

Carang. Não será facil.

Mares. Ay de mim, que porco taõ porco

Carang. Queira amor, que a faça limpa.

Mares. Ay, que o porco me investe! Vay-te daqui, não me emporcalhes.

Carang. Não fujas, que eu sou o maior aceado porcalhaõ, que tem o Mundo.

Mares. Nem alentos tenho para fugir. Senhor porco montez, por vida de seu bacorinhos, que não fuje o seu dente com o meu sangue.

Carang

arang. Attende primeiro a esta amante porcaria, senão fico entendendo, que te não passa da garganta esta alporca.

refle, e cabe Maresia desmayada, e torna

Caranguejo na sua fôrma.

aresf. Ay de mim! Quem me acode, que morri?

arang. Ora eu a fiz como os meus narizes! Desmayou-se Maresia, sem dizer aqui estou. O' Maresia, ó rapariga, defacidenta-te, desmorre-te, olha que sou eu Caranguejo, que em esquálida fôrma quiz comer a bolota de tua formosura. Mas ay de mim, que ella já está fria! Se estará morta? Mas não, que ella mesma he huma neve; porém ella não respira, morta está; mas não, que importa, que não respire, se ella he o meu alento? Mas ay, que agora me defengano, que está morta de todo, que já me fede o seu desdem! Anda cá para os meus braços, que te quero receber à hora da morte. (*Toma-a nos braços.*) Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade, pois sendo tu a defunta, eu sou o que tenho o jazigo quando te tenho!

aresf. Ay de mim!

arang. Meus peccados, que se vay acabando

- bando o prazo, que amor me concede
- Mares.* Ay Caranguejo, que foy isto?
- Carang.* Foy ilto mesmo.
- Mares.* Aonde está o porco?
- Carang.* Aqui torce a porca o rabo.
- Mares.* Ora dize, aonde está o porco, que me queria engolir?
- Carang.* Ainda não está fóra de te paparricar?
- Mares.* Mataste-o?
- Carang.* Morto está elle ha bem tempo.
- Mares.* E agora donde estou eu?
- Carang.* Nos meus braços.
- Mares.* Nos teus braços? Ay de mim degraçada mulher! Não sey te quebrey o voto, que fiz a Diana.
- Carang.* Taõ videntro he o teu voto, que com hum abraço se quebre?
- Mares.* Sou muy escrupulosa nessa materia. Dize, Caranguejo, por tua vida, achas que quebrey o voto, estando em teus braços?
- Carang.* Não estou bem certo; deita-te outra vez nos meus braços, para veres com mais circunspecção se quebraste o voto.
- Mares.* Desgraçada de mim! Eu nos braços de hum homem! Que me fará Diana, se o souber?
- Carang.* E quem lho ha de dizer? Eu posso mim livre estás.
- Mares.*

Mares. Antes o javali me emporcalhara,
que verme em teus braços.

Carang. Para que tanto rigor?

Mares. Por não querer, que Diana me mate.

Carang. Pois porque fugias da fera?

Mares. Por não perder a vida.

Carang. Pois tolla, se fugias por querer
viver, porque não fóges da morte, que
te espera no sacrificio de Venus, pela
rebelia do teu desdem?

Mares. Porque assim como es de segredo,
para não dizeres a Diana, que estive em
teus braços, tambem o serás para não
contares a Venus, que sou desdenhosa.

Carang. A Diana poderey ser desleal, mas
não a Venus, que sou seu sacerdote; e
assim, Maresia, deixa-te dessas lou-
curas; trata de buscar marido, não
queiras experimentar o rigoroso golpe
do sacrificio.

Mares. Pois tu, que es o verdugo, não
has de ter dó de me matar?

Carang. Dó terey, mas ha de ser depois
da tua morte. Maresia, não zombemos,
olha, que se te não resolves, que eu
mesmo hey de ser o beleguim, que te
leve às aras de Venus.

Mares. Que tens tu, que eu morra?

Carang.

Carang. Porque quem te avisa, bem quer.

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Quando vires o duro cutello
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: basta, basta, cu me caso;
Porém sem remedio, que entaõ grogotó.
Busca amante o ditoso conjugio,
E dize a Diana, que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hymenêo,
Do que na garganta te aperte outro nó

Vaise

Mares. Oh desgraçada Maresia! Para isto vim eu cá acompanhando a Dorida? Na me fora melhor ser no mar alimento de hum tubaraõ, que ser em terra despojo de Caranguejo? Oh voto, quem nunca te fizera! Mas que digo? Ainda que morra, não hey de casar.

Vaise

Sabe Cyrene.

Cyren. Que loucura será esta, com quem andaõ estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém para a fadiga da caça parece, que este virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me está persuadindo com vegetantes linguas, que nelle descance, em quanto não chega a comitiva.

Sen-

Senta-se, e reclinase no monte.

Oh deliciosa habitação dos bosques, ditosa quem logra a tranquillidade de tua delicia, onde mais segura vive a innocencia nas pelles dos pastores, que nas purpuras dos Principes!

aise insensivelmente desfazendo o monte, em que estava Proteo transformado, em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes, sem ver a Proteo.

Aqui as settas do amor, tendo mais por onde voar, não ferem com tanta violencia.

roteo. Te enganas!, Cyrene, pois até este monte se sente abraçar em amorosas chammas.

cyren. Quem he, o que me responde?

Levantaõ-se:

roteo. Quem eternamente fora monte, a não ficar em duvida, se as penhas sabem amar.

cyren. Proteo, que arrojio he este? Mas aonde está o monte adonde me recliney?

roteo. Não te admires, que desappareça hum monte de flores, quando em seu lugar estás vendo hum vesuvio de fogo, donde se fraguaõ, não as armas de Marte, mas sim as settas de Cupido.

Cyren:

Cyren. Ainda não posso comprehender teu insulto.

Proteo. Qual he o amor, que não te por azas o atrevimento? Se amor se tivera só na extensaõ de seus limites, não seria excessivo; remontar-se à esfê do Empyreo he timbre de seu poder; assim não me crimines, Cyrene, que violando as leys do decóro, da politica e do sangue, rompa o meu amor nestes excessos, que o sobrenatural affecto, que em ti me arrebatã, póde desculpar meu arrojo, e contrastar a tua isençaõ.

Cyren. Louco Principe, que intentas com teus extremos?

Proteo. Amarte.

Cyren. Para que, se sabes, que não posso corresponderte?

Proteo. Para quererte não necessito da tua correspondencia; que seria menos pura a chamma de meu amor, se para arder necessitasse de teus favores.

Cyren. Pois se amas independente, para que me buscas amante?

Proteo. Para que não ignores o meu sacrificio.

Cyren. E que importava deixar de o saber?

Proteo. Seria usurparte a gloria desse triumpho, occultando-te o despojo da victoria.

Cyren

en. Visto isso , como estás satisfeito ,
fica-te embora.

Proteo. Espera.

en. Que mais queres , se satisfeito estás ?

Proteo. Que te lembres de meu amor.

en. Para que , se não hey de premiarte ?

Proteo. Por não ser preciso tornarte a sig-
nificar o quanto te adoro.

en. Por evitar esta occasião , só por isso
me lembrarey.

Proteo. Adverte , que se te disse , que não
esperava favores , não he justo , que ex-
perimente despezos.

en. Não sey , que meyo haja entre amar ,
e aborrecer.

Proteo. Huma inclinação , que nem he
amor , nem deixa de o ser.

en. Mas poderá ser amor.

Proteo. Se o for , será benignidade tua ,
mas não que eu o espere.

en. Oh , que se esta chamma ardesse em
Nereo , sem sustos conseguiria a coroa !

*ata Proteo o Recitado , que se segue , e de-
pois cantão os dous a Aria a duo.*

R E C I T A D O .

Illissimo prodigio , amado encanto ,

te eu dissera o quanto

amente te adoro ,

garas fabulosa a realidade ,

Com

Com que me abraço amante
 Mariposa de amor nesses teus olhos,
 Que animadas estrellas
 Nortes luzidos são de hum peregrino,
 Que em votivos ardores
 Offerece lacrimoso em teus altares
 Dous liquidos incendios em dous mares.

A R I A A D U O.

Proteo. Se acaso te esqueceres
 Das lagrimas, que choro,
 A fé, com que te adoro,
 Lembrarte saberá.

Cyren. Não cabe na memoria
 Teu louco desvario,
 Pois de teu pranto o rio
 Do Averno só será.

Proteo. Ah, lembra-te de mim,
 Que terno te adorey.

Cyren. Esquece-te de mim,
 Que tua não ferey.

Proteo. Mal poderey esquecerme,

Cyren. Mal poderey lembrarme,

Ambos. De taõ violento ardor.

Proteo. Porque tanta impiedade,
 Cyrene infiel, porque?

Cyren. Porque faltar não devo
 De esposa à sacra fé.

Ambos. Oh falte o meu alento,
 Mas não o meu amor.

Fim do primeiro Acto.

ACT

A C T O II.

S C E N A I.

Salá. Sabe ElRey, e Polibio.

ey. J A que as Princezas vivem estimuladas das defatensões de Nereo, e Proteo, abreviar as nupcias será o unico remedio, para que cesse o seu estímulo. Polibio, tenho determinado, que hoje se conclua o regio Hymenêo de meus filhos: espero da tua diligencia, que no exterior apparatus conheção as Princezas a estimação, que dellas faço.

lib. A teus pés prostrado, Senhor, rendendo as graças por taõ grande mercê, pois tambem me competem as glorias deste dia.

ey. A ti, porque?

lib. Por ter a fortuna de ver coroada a Cyrene, já que tive a dita de ser seu conductor.

ey. Com isto se atalharão as defordens dos Principes, que a dilação às vezes he causa de grandes ruínas.

Tom. II.

Aa

Polib.

Polib. Acertos são da tua prudencia : e brevidade consiste a minha fortuna.

à part. Vai

Sabe Dorida.

Dorid. Vossa Magestade, Senhor, me permitta a licença de embarcar-me para Egypdo na armada, que me trouxe infaultamente a Flegra, porque se não augmente mayor injúria a minha pessoa; por quem antes de ser esposo, me desfortuna, que posso esperar depois, quando as fidelidades de marido ignorarem totalmente os estylos do carinho?

Rey. Dorida, a essa desconfiança brevemente satisfarey; e adverte, que Proteo he meu filho, e não faltará às obrigações de stu sangue.

Sabe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nereo não busco honras, nem estados, por estes, e aquellas me deu a fortuna, e natureza, ainda que feudataria a teu vasto imperio; e como na doce união do Hymenêo deve só reger a vontade as leis do amor, e não as da razão de estado, e em Nereo tudo são politicas no seu amor; digo, Senhor, que quero ir para Beocia, por não soffrer o meu genio, que haja de se amar em mim, ou

po st

posteridade, ou a ascendencia, ficando vacilante na divisaõ do culto a independencia do amor.

y. Rigorosos Deoses, como assim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas esperanças? Princezas, essas desconfianças são demasiados escrupulos de huma fantasia indiscreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he sem fundamento o estimulo; pois não posso comprehender essa metafizica de amor. Em fim, Senhoras, porque não suspeite o Mundo nesses regressos mayor causa do que essa, hoje se completará esse Hymenêo, e entã vereis desvanecidos os vossos temores.

Dorida, e Cyrene, com o lenço nos olhos.

Dorid. Já não ha tempo de esperar esse desengano; e quando não me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarey para Egnido.

Cyren. E, eu voarey para Beocia nas azas de minhas penas.

y. Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

Canta El Rey a seguinte

A R I A.

Refrea o pranto, Dorida,
Cyrene, não lamentos,
Não mais, não me atormentes,
Que pôde ser que troques
As magoas em prazer.

Desterra o medo panico, *Para Cyrene*
Alenta no receyo, *Para Dorida*
Alenta, pois, que creyo,
Que contra o meu imperio
O mal não tem poder. *Vai*

Cyrene. E que desgraça foy a nossa, Dorida,
ou para melhor dizer a minha, pois tu
nho hum espolo, que adora mais os meus
progenitores, do que a mim; porqu
tudo he encarecerme a minha ascende
cia, amando mais o passado, do que
presente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum tem
po sou amada; vê tu qual he mayor in
felicidade?

Cyrene. Em Proteo será respeito esse desvio
pois me consta he extremoso amante.

Dorid. Sabes mais, do que eu.

abem Caranguejo , e Maresia , cada hum por sua parte , sem verem as Princezas , como fallando só consigo.

Mares. Por mais que me matem , não hey de casar.

arang. Não hey de casar , ainda que me matem.

orid. Ha loucura semelhante ! O peyor he' que esta criada está com o mesmo delirio ! Maresia , que tens ? Comunicou-te esse simplez a tua loucura ?

arang. Aqui se descobre a patranha. á p.

Mares. Minha Senhora , quero embarcar-me para a minha terra ; porque nesta , ou hey de morrer , ou hey de casar ; e eu nem quero casar , nem morrer.

orid. Ainda mais essa pena tenho , que sentir , vendo-te nesse estado ! Está tambem louca confirmada ! Que te parece , Cyrene ?

ren. Será força de astro , que influa neste hemisferio.

Mares. Senhora , eu me quero embarcar por não morrer.

orid. Ha caso igual !

arang. Senhoras , digaõ-lhe que sim , que se lhe contradizem , he capaz de se matar.

Mares. De fórte que eu fiz voto de castidade

dade a Diana ; e assim

Carang. Sim, fim, o que tu quizeres.

Maref. Não me deixarás, Caranguejo?

Carang. Muy doidinha estás! Vay-te dáh
não vês, que estás diante das pessô
Reacs?

Maref. Pois eu aqui não hey de dar a off
da, isso não. *Vai*

Cyren. E a ti louco, quem te ha de repr
hender?

Carang. Eu louco? He muy boa casta
louco este! Louco seria eu, se por am
de meu irmaõ me casasse contra vont
de: isso não; ainda que meu pay r
lançasse a maldiçaõ com a maõ dir
ta.

Dorid. Calte, nescio, que te aborreço.

Cyren. Muito se declara o fingido simple
à part. Quem he teu amo?

Carang. Eu sou huma virgula delRey Po
to, e quando estamos juntos fazem
ponto, e virgula.

Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco
que eu vou sentir meus males. *Vai*

Cyren. Anda cá, fingido; cuidas, que nã
penetro as tuas simuladas frases?

Carang. Isso mesmo he o que eu queria.

Cyren. Quem taõ atrevidamente te indu
triu?

arang. Hum louco de amor.

cyren. Quem he esse louco?

arang. He cá huma creatura, que por mais que lhe disse, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que assim se falla em ausencia, he esposa de seu irmão Nereo, e que não póde casar com ella; porém ainda que queiraõ os contrahentes, haõ de haver grandes impedimentos: mas elle, afferrando os dentes, bateu o pé na casa, e pondo a mão no peito disse: ou Cyrene ha de ser minha, ou eu não hey de ser eu.

cyren. Com que Proteo, concebeo taõ atrevido pensamento?

arang. Não Senhora, não foy Proteo, foy cá huma creatura.

cyren. Adverte que a não querer fazer publica essa temeridade, experimentarias o castigo de teu arrojio. Vay-te daqui insolente, antes que a colera domine a prudencia.

arang. Tudo isso lhe disse eu: parece que adevinhava, pois lhe disse: olhe creatura, que a Senhora Cyrene se ha de enfadar: vay a creatura, e dizme: Bom remedio, quando vires, que se agasta, dize, que estás louco: com que, Senhora, não faça caso, do que diz hum lou-

louco ; e assim tornando ao meu lucido
intervallo , digo , que não hey de castigo
ainda que me matem. *Var.*

Cyren. Quem se vio em mayor enleymen-
to Mas já que a ambição de meu pay
bricou este engano , porque não quiz
tes , injustos fados , que viesse destruy-
da esposa de Proteo , no qual a cegu-
ra de feu amor não distinguiria qualid-
des para amar , como em Nereo , que .

Sabe Nereo.

Nereo. Venturoso Nereo , que ouvio pro-
nunciar o seu nome nesse vivo Oraculo
de Venus!

Cyren. Ay de mim ! Se me ouviria ? Não
ouveiste mais , que o teu nome ?

Nereo. Essa foy a ultima clausula , que
ouvi.

Cyren. Bem estou . à p. Pois se não ouviste
mais , ouve agora , o que não ouviste.

Sabe Proteo ao bastidor.

Proteo. Buscando venho o prodigio , que
adoro : mas com Nereo está ; ay infeliz

Nereo. Não dilates o venturoso discurso
de quem foy assumpto à minha felicidade .

Cyren. Dizia , pois : que seja possível , que
não encontre em Nereo hum verdadeiro
ro amor , que deslustre o luzido da sua
chamma

chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o sangue do que as veas! Que venere o pincel, e não estime a copia! Oh que indigno amor! Isto dizia, Nereo; e se queres destruir este conceito, muda o systema do teu amor.

Nereo. Essa divisaõ, que intentas fazer da formosura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e senão dize-me: seria decente, que para esposa minha escolheffe outro sujeito, menos que huma Princeza?

Cyren. Ay de mim!

à part.

Nereo. Responde.

Cyren. Assim he.

Nereo. Responde-me mais: seria licito, que inflammado em huma vulgar formosura, abateffe o esplendor da Magestade, antepoñdo o meu ardor ao meu decoro? Como se conservaria a nobreza, se só o amor fosse o director dos Hymeneos? Em fim, Cyrene, não imagines, que desestimo a tua formosura, por estimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, não sey distinguir a causa de meu amor.

Proteo. Que ouça isto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ser distincto,

sto, e não indifferente; que quanto maior he a causa, donde se origina, tanto mais efficaç he o seu effeito: a qualidade de póde infundir venerações, mas não amor; a formosura he aquelle vinculo mais forte, que prende a vontade; como só a chamma do amor ha de arder na sacra tea de Hymeneo, faltando-te occasião desse amor, não será luzido teu Hymeneo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Ensina-me a fazer essa differença para saber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginarme, não Princeza porém huma particular formosura, quem só como amante tributes adorações.

Nereo. E para que he essa differença?

Cyren. Porque se algum dia perturbarem os fados esta prosperidade, que gozamos; arruinado o throno, quebrado sceptro, e murcho o laurel, não me desfestimes, porque já não sou Princeza.

Nereo. Quando tal aconteça, contentar-me-hey, com que tenhas sido Princeza e porque te não canstes com máis explicações de amor, este he o ultimo delengano, que te dou.

anta Nerro a Aria, que se segue, e o seguinte

R E C I T A D O.

Deixa, Cyrene, deixa esse exquisito
modo de amar, que em meus ardores
não distingo outro modo de quererte
este extremo de amarte,
mais que hum puro adorarte,
com tão cega violencia,
que confundo em meu peito o requisito,
que em enigmas propoens a meus sentidos,
pois que essa formosura me persuade
que belleza não ha sem Magestade.

A R I A.

Se em Mayo ostenta a rosa
Os timbres de formosa,
Não deve à formosura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veste,
Lhe deu a investidura
De bella Imperatriz.

Pois só, se na belleza
Amor se vinculára,
Que cedo se acabara
Do tempo nos estragos
A pompa dos Abrís.

Vaise.

Sabe Proteo.

Proteo. Acafo, bellissima Cyrene, vive
ainda na tua memoria aquelle efficaz ex-
tremo de meu amor?

Cyren.

Cyren. Não me lembres tanto, que às vezes o muito lembrar faz esquecer.

Proteo. Pois nem queres, que te lembre a minha constancia?

Cyren. Para que, se me não esquece? Queres mais queres?

Proteo. Nada mais; eu me retiro. *Quer ir?*

Cyren. Ouves? Não tornes mais a lembrar-me. *Faz que se vá.*

Proteo. Adverte, que te não has de esquecer.

Cyren. De que?

Proteo. Que desejara, se possível fosse, não seres quem es.

Cyren. Para que?

Proteo. Para amarte independente da tua grandeza, pois bastava para fazerme feliz, possuir a tua belleza em qualquer estado da fortuna.

Cyren. Que ouço? Apurarey a sua fineza à part. Não vês, que não estaria bem a teu caracter menos esposa, que hum Princeza?

Proteo. Em hum Principe sem amor affirme; mas quando se sente abraçar o coração na formosura, rompem-se as ley da politica, e se promulgaão as de Cupido.

Cyren. Pois a não ser eu quem sou, me ado-

adoraras com o mesmo extremo?

Proteo. Eu não adoro em ti mais, que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioso dera, pelo conseguir, quanto possuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a mesma vida, se tudo já não tivera consagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

Cyrene. Como sabes ser impossivel deixar de ser quem sou, por isso affectas esta fineza.

Proteo. O' Cyrene, pelos Deoses do imperio do mar, e do abyssmo te juro, que as expressões, que me ouves, não são fantasticas, senão verdadeiros effeitos de meu amor.

Cyrene. Basta, Principe, que isso he mais, que lembrarme o teu querer.

Proteo. He lembrarte com as circumstancias, com que te adoro.

Cyrene. Mas já sabes, que sem a esperança do premio.

Proteo. Basta-me não viver ignorado na tua idéa, por não haver premio, que corresponda a meu amor, nem merecimento, que contraste a tua isençaõ.

S O N E T O.

Não intento favores merecete,
 Cyrene, quando chego a idolatrarte,
 Que excedendo os limites, só de amarte,
 Nunca os principios toco de quererte:
 Com razão poderias offenderte,
 Se ambicioso chegara a desejar-te,
 Que para ser mais fino no adorarte,
 Sem premio o sacrificio hey de incenderte
 Amar, não he querer, que impura ard
 A chamma de Cupido, se esperara
 Frutos, adonde tudo he Primavera;
 E se acaso, ò Cyrene, imaginara,
 Que na tua belleza premio houvera,
 Pelo premio a belleza desprezara. *Var*

Cyren. Se direy a Proteo quem sou, pa
 estabelecer melhor a minha fortuna? M
 como, se Dorida, e Nereo embarac
 a minha prosperidade? Em Nereo vaci
 a Coroa; em Proteo tenho constan
 Sceptro: oh desgraçada Cyrene! A t
 felicidade te faz mais infeliz.

Sabe Polibio.

Polib. Chegou o venturoso dia, em que
 haõ de coroar as nossas esperanças co
 o diadema da posse; pois ordenou ElRe
 que hoje se concluaõ os hymeneos de
 Principes.

Yren. Mas, Senhor, não te lembraõ as
palavras de Nereo?

Polib. Nem tudo o que se diz, se execu-
ta.

Yren. E se o executar?

Polib. E que remedio, senão obedecer aos
fados? Que se todos os successos se pre-
meditasssem, nenhuma acção extraordi-
naria se intentaria. Vamos, que na bre-
vidade consiste muita parte da nossa for-
tuna.

Yren. Espera, Senhor, que pôde ser, que
sem sultos a consigamos.

Polib. Dize.

Yren. Proteo me adora taõ excessivamen-
te, que chegou a publicar entre varias
expressões do seu amor, que ainda a não
fer eu Princeza, como suppoem, me
faria esposa sua, e revalidou com taes
juramentos, que me fez persuadir a sua
realidade.

Polib. Saberá acaso, que tu es minha filha?

Yren. Não Senhor: e pareciame, que se
pudesse eu ser de Proteo, e . . .

Polib. Calate, não pronuncies tal, que para
isso assim ser, dependia do consentimen-
to delRey, da vontade de Nereo, e do
beneplacito de Dorida; quanto mais,
que pretexto decoroso para isso poderia
haver?

haver? Sigamos o premeditado desígnio
 que os Deoses nos serãõ propicios. *Vai*
Cyren. Já nem esperanças tenho de ser
 liz, pois vejo frustrados todos os meyo
 que podião fazerme ditosa.

Canta Cyrene a seguinte

A R I A.

Misera já não posso
 Fugir à crueldade,
 Se hum pay me persuade
 Que figa o vil destino
 De hum barbaro furor.
 Parece-me, que vejo
 Nos braços de Nereo
 A morte por trofeo
 Do seu cruel amor. *Vai*

S C E N A II.

*Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogio
 e sabe Maresia.*

Mares. SE Dorida me não manda para
 minha terra, sou capaz de m
 enforcar pelas minhas mãos; pois ante
 quero ser eu a carrasca de mim mesma
 que dar esse goſto a Caranguejo. Mas a
 de mim, que me não posso ter em pé
 que de continuo considerar na materia
 cay

cayo com vertiges! Ay, ay, que tenho o miolo fofó! Se me não sento, cayo de narizes. Que seria de mim, se não fora o balsamo apopletico, que me corrobora o cerebro?

Senta-se em hum cadeira, que subitamente se transforma em Caranguejo, em quem ficará assentada Maresia, cuidando, que está na cadeira.

Carang. Já que Maresia está de assento, verey se posso surrepticiamente aproveitarme de seus culatraes favores, já que tão atrazado estou no seu amor.

Mares. Se não fora este voto de castidade, que me dera a mim de casar?

Carang. Agora, que amor navega vento em popa, verey quanto peza este Indico planeta.

Mares. Se eu tivera a certeza, que Diana se não havia enfadar, já me casara rebo-lindo: mas eu peccadora, como o hey de saber? Bem podia Diana, vendo a barafunda, em que me acho, não digo cara a cara, mas dizerme ao ouvido o que neste caso devo obrar.

Carang. Casar.

Mares. Que ouço! Ditosa orelha, que tal ouviuste! Logo posso sem offenderte casar?

Carang. Até rebentar.

Mares. Bem : visto isso o voto não val nada ?

Carang. Nada.

Mares. E a promessa val de pouco ?

Carang. Como hum coco.

Mares. Não tenho mais , que ouvir : v
me depressa a dar ordem a namorar
para casar , antes que Diana se arrepe
da.

Quer levantar-se , e a detem Caranguejo

Carang. Suspenda.

Mares. Quem me agarra ?

Carang. A minha garra.

Mares. Es tu Caranguejo ? Ha mayor
solencia ! Eu assentada em ti ! Como
isto ?

Carang. Eu o não direy : o que sey
que estando assentado em hum tambor
te , vieste tu , e te sentaste nas min
cadeiras.

Mares. Tal estava com as vertiges ,
não reparey donde me assentava : e
porque te não desviafte ?

Carang. Estava dormindo , e não te senti

Mares. Por isso eu dizia comigo : valha
Deos , que duro he este assento !

Carang. Por isso eu tambem dizia : valha
amor , que molle he esta assentada !

logo assentey comigo fazer disso hum
assento no canhenho de minha memoria.

Caraf. Ouvirias tambem o que eu ouvi?

Carang. Que ouviste tu?

Caraf. Naõ, dize tu primeiro.

Carang. Naõ quero, dize tu.

Caraf. Eu naõ hey de dizer, sem tu dizeres.

Carang. Com que estamos aqui dize tu, di-

rey eu? O que eu ouvi foy huma voz,

ou hum ecco suspirante, que dizia azar,

azar:

Caraf. Casar, he, que dizia.

Carang. Casar diria, ainda que eu naõ ouvi

mais, do que azar; porẽm casar, e azar

tudo he o mesmo.

Caraf. Já sey, que naõ foy fantasia, nem

me enganey no que ouvi.

Carang. Pois que era?

Caraf. Naõ era nada: que te importa?

Carang. A mim, dous caracoos; nunca ti-

ve genio de inqueredor; o que me im-

porta saber he, se ainda estás com es-

tomago de ser sacrificada, que o tempo

se vay acabando, e Venus já me pregun-

tou: esta moça casa, ou naõ casa? E eu

fiz, que a naõ ouvia, por ouvirte o ul-

timo desengano: pois que dizes?

Caraf. Senhor Caranguejo, eu já estou re-

soluta a casar.

Carang. Eu sempre disse , que tu mor
por casar.

Mares. Quero casar , que hey de fazer ?

Carang. Que dizes , minha Maresia ?
cá hum abraço em alviçaras dessa
nova.

Mares. Abraço ? Huma balla.

Carang. Que desaballado rigor !

Mares. Quero , que Venus me deva essa
neza.

Carang. Ella te agradecerá ; porém ag
he necessario escolher marido logo , e

Mares. Ahi com tanta pressa ! Hey de
colher muito de meu vagar.

Carang. Qual vagar ? Venus he muy e
cutiva , que se todas dissessem , ai
naõ escolhi marido , com esse prete
nunca casariaõ : naõ Senhora , escol
logo , ou psra melhor dizer , naõ es
lher , senaõ fechar os olhos , e casar ,
ja com quem for.

Mares. Isso agora he mais apertado.

Carang. Naõ tem remedio.

Mares. Com quem hey de casar , senaõ
nheço ninguem ?

Carang. Lança os olhos por esta casa ;
vê , se achas aqui , com quem te emp
gues.

Mares. Aqui , fóra elle , naõ está ninguem

Carang.

arang. Pois casa com esse elle.
ares. Que? Comtigo!
arang. Comtigo não, comigo.
ares. Pois hey de casar comigo.
arang. Não, com eu.
ares. Ora isso he o que me faltava; antes morrer, que casar comtigo.
arang. Pois eu sou mais feyo, do que a morte?
ares. Sim, que podes ser morte da morte.
arang. Não me mortifiques com esse elogio funebre.
ares. Era o que me faltava.
arang. Talvez que te falte, quando me buscares.
ares. Se for para isso, nunca tu appareças.

Canta Maresia a seguinte

A R I A.

Naõ vem o meu noivo
Como he galantinko?
Com esse fucinho
Queria mulher?
Que tolo, q̃ simples, q̃ necio he vossê?
Bem sey não mereço
Taõ lindos amores;
Porém taes favores
Os lanço de mim co-a ponta do pé.

Vaise.

Carang.

Carang. Ora, Senhores; digaõ o que c
zerem; a tal Marefia se naõ federa,
huma galante mocetona; porque ain
que me naõ quer, disseme quanto qu

Sabe Cyrene.

Cyren. Louco, que fazes ahi?

Carang. Estava vendo este relógio, que
huma galante pessa; e me disseraõ, q
dava horas por minuetes, que pare
gentê, que canta.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang. Naõ Senhora, agora naõ tenho
relógio desconcertado: mas espere, q
elle começa a dar horas.

Canta Proteo o seguinte

M I N U E T E.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada instante
Morrendo está.

Mais que os minutos
Saõ meus ardores,
Nos teus rigores
Conta naõ ha.

Mas ay, tyrana,
Se a quem te adora
Fosse esta hora
Hora de amar!

Cyren

ren. Isto he mais, que artificio humano!
Confusa estou!

arang. Estou vendo, que ha de vir tempo,
em que os relogios comaõ, e casem,
e tenhaõ filhos.

ren. Quem me dera, que tornasse a re-
petir esta suavissima consonancia.

arang. O relógio he de repetição; se o
quer tornar a ouvir, toque-lhe naquel-
le ferrinho, e verá.

ren. Tu, parece, que sabes o segredo
deste relógio.

arang. Sim, Senhora, o segredo deste re-
lógio só eu, e elle o sabemos.

ren. Pois faze, com que repita.

arang. Para que? Toque Vossa Alteza
mesmo com o seu altissimo dedo; que
tem mais galantaria a mão de huma Se-
nhora no mostrador de hum relógio.

ren. Pois eu toco. Mas ay de mim! Pro-
teo, como assim

*Cyrene no relógio, e este se transfórma
em Proteo.*

Proteo. Não te admire, Cyrene, que bus-
que o meu amor artificios, para commu-
nicarte; que donde não vence a força
dos carinhos, venção as subtilezas da in-
dustria. Tu sabes o quanto te adoro;
não ignoras o extremo, com que te ido-
latro;

latro; e quantos mais impossiveis encontro para possuirte, mais incentivos me arrastaõ para quererte.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu delirio não pôde ter recompensa: não sabes, que estou destinada esposa de teu irmão, e que estás eleito consorte de Darda? Como poderá huma paixão vencer tantos impossiveis, e difficuldades?

Proteo. Logo se as não houvera, conseguiria a tua belleza?

Cyren. Para que, se tu amas independentemente do premio?

Carang. Se dá corda ao relógio, não para de ir hum instante. *à parte*

Proteo. Ainda que ame sem esperança, não desmereço o premio.

Cyren. Isso mesmo he esperar o premio de merecimento.

Proteo. Não, que bem posso merecer sem esperar.

Carang. Se espero que isto se acabe, tenho muito mais a esperar, *à parte, e vai se*

Proteo. Só huma supplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que não busques os braços de teu irmão, que não sefãõ tão firmes, como os meus.

Sabe Polibio ao bastidor.

lib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Observarey o que dizem.

ren. Não sey se me declare com Proteo, que aquella fineza não he para desprezar.

à part.

oteo. Que te suspendeo, Cyrene? Imaginas nos obstaculos, que propozeste? Pois sabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para consumir a mais forte opposição.

ren. Ay, Proteo, quem pudera experimentar a tua constancia! Mas temo declarararte

lib. Ay de mim, que Cyrene se declara!

oteo. Não recees, que defestime a occasião de possuir essa ventura, que me negas tyranna.

ren. Promettes, Proteo? Ay de mim! Não sey o que digo! Se acaso souberes . . . Que enleyo me embarça?

lib. Estou perdido, te lhe declara o segredo!

oteo. Que receas? Não sabes o meu amor?

ren. Pois, Proteo, já que o teu extremo me segura o receyo, saberás que eu

Sabe

Sabe Polibio.

Polib. Eulho estorvarey. *à part.* Senhor
ElRey ordena, que venhas já, para q
se effitue hoje o Hymeneo.

Cyren. Ay de mim!

Proteo. Hoje mesmo?

Polib. He vontade delRey.

Proteo. Não póde haver dilação?

Polib. Nenhuma: vem, Senhora.

Proteo. Espera, Polibio, que celeridade
essa?

Polib. He obedecer aos imperios do Sob
rano.

Proteo. Obedece, mas não excedas; qu
isso mais parece violencia, que obedie
cia.

Polib. Mais val o excesso em hum vassallo
que a desobediencia em hum filho.

Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, f
raffeiro? Não te lembra, que vieste d
Beocia a mendigar favores em Flegra
Se não fora

Cyren. Senhor, Polibio nos seus annos ter
a desculpa de seu excesso.

Polib. Senhor, como ElRey manda, qu
não vá sem a Princeza, todo o excess
he louvavel. Senhora, não te dilates.

Cyren. Principe, he força obedecer.

Proteo. Pois vás com effeito ao Hymeneo

Polib.

Polib. Infallivelmente.

Proteo. Não te pergunto a ti ; com Cyrene fallo.

Polib. Pois eu por ella respondo , que deixar de ir será impossivel.

Proteo. E eu tambem por ella respondo , que ir não póde.

Polib. Eu sem ella não hey de ir.

Proteo. E eu mando , que vás sem ella.

Polib. Cyrene não he Dorida.

Proteo. É eu sou Proteo , que huma vez empenhado em impedirte , que leves a Cyrene , o não has de conseguir.

Cyren. Principe , que te perdes ! Polibio , que fazes ?

Polib. Obedecer a ElRey.

Cyren. Principe , a Deos ; vou sem alma !

à part.

Proteo. Espera. Ay de mim , que a vida , e o coração me levas !

à part.

Polib. Venha vossa Alteza , que assim importa.

Proteo. Pois barbaro instrumento de minha morte , roubarey a tua vida , em recompensa da que me levas.

Nota Proteo hum punhal contra Polibio , e fere a Cyrene ; que se mete de permeyo , e cabe desmayada.

Polib. Que intentas ?

Cyren.

Cyren. Suspende, Senhor : mas ay que me feriste, e o sangue ay de mim !

Proteo. Que vejo ! Cyrene (ay infeliz !) ensanguentada ! Ah cruel, que tu foy a causa

Polib. A tua imprudencia Ha tormento igual ! Senhora ? Cyrene ?

Proteo. O sangue he copioso. Mas eu vivo, e Cyrene desmayada ! Eu me tirey a vida para castigo de meu innocente delicto : morre, infeliz Proteo.

Ao querer ferirse Proteo, Polibio o detem, tirando-lhe o punhal, e fica com elle na mão.

Polib. Senhor, que fazes ? Não sejas homicida de ti mesmo.

Proteo. De que me serve a vida, vendida sem vida a Cyrene ?

Polib. Larga o punhal ; não te mates.

Proteo. Não he necessario mais instrumento para a minha morte, que a minha pena.

Sabem El Rey, Nereo, Dorida, e Marefia.

Rey. Que excessõ he este ?

Nereo. Ay de mim ! Cyrene ensanguentada !

Dorid. Sem alentos Cyrene !

Rey. Que foy isto, Polibio ?

Polib. Quem se vio em mayor afflicção

à part.

Rey.

ey. Emmudeces? Não respondes?

ereo. Queres mais reposta, que aquelle punhal, e aquelle fangue?

ey. Retirem a Princeza, e cuide-se exactamente na sua saude.

aresf. Vamos: coitadinha! Ainda assim o fangue real he vermelho como os outros fangues. *Leva a Cyrene.*

ey. Dize, infame, temerario, que espirito sacrilego animou esse braço para tanto insulto?

ereo. Não perguntes, castiga sem dilação.

olib. Senhor, que direy? Este braço não se armou contra Cyrene, porque.....

ey. Pois quem, se esse punhal te contradiz?

ereo. Aquella ferida te condemna.

orid. E aquelle fangue te accusa.

olib. E esta vida me falte, se eu....

ereo. Em vão negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrené o golpe.

olib. Oh Deoses! Quem se vio em mayor consternação? Pois se crimino a Proteo, ha de prevalecer a sua defeza, e a minha innocencia perecerá. *à part.*

ey. Nenhuma desculpa dás?

olib. Cyrene o dirá.

ey. Pois em quanto o não diz, levem-no à tor-

à torre de Palacio, aonde se apure o f
delicto, e da sua culpa o castigo fiq
ao arbitrio de Nereo, como parte m
offendida.

Polib. Não póde haver castigo, aonde n
ha culpa.

*Canta Polibio o seguinte Recitado, depois
qual cantão El Rey, Dorida, Nereo, e o
mesmo Polibio a Aria a quatro.*

R E C I T A D O.

Naõ me affusta, ò Monarca, esse castigo
Que me inrimas irado,
Que o sangue de Cyrene idolatrado
Derramar não procura, quem o estima,
Qual outro pay; porém se a sorte impia
Pertende assim, que eu morra,
Morrerey satisfeito; mas adverte,
Se acaço a minha vida
A sua duplicara hoje no throno,
Eu seria homicida de mim mesmo,
E já na morte exangue
Lhe servirá de purpura o meu sangue.

A R I A A 4.

Polib. Sem culpa ao supplicio
Me leva hum rigor.

Rey. Infame, traidor,
Sem culpa não he.

Nereo. Não he; porque a culpa
Bem clara se vê.

- lib.* Teu rogo propicio *Para Dor.*
Senhora interceda
Por este infeliz.
- orid.* Não posso, que a culpa
Desculpa não tem.
- lib.* Não ha quem acuda
Por este infeliz?
- or. Rey. Ner.* Não ha; porque a culpa
Bem clara se vê.
- lib.* Que eu morro innocente
Vós Deoses sabeis.
- or. Rev Ner.* Da justa vingança
O exemplo fereis.
- lib.* Da injusta vingança
Aos Ceos clamarey.
- or. Rey. Ner.* Os Deoses fulminem
Hum grave castigo,
Que a hum barbaro dê,

Fim do segundo acto.

A C T O III.

S C E N A I.

*Jardim , em que estará sobre huma pila,
hum vaso de amor perfeito , e em outra m
inferior , outro de cravos amarellos , e s
El Rey Ponto.*

Rey. **Q**uem me aconselhará em tan
combates de duvidas , quan
assaltaõ a este afflicto coraçã
Deixo as imprudencias dos Principes
defatençaõ das Princezas , como n
que pôde ter remedio ; mas a ferida
Cyrene não tem cura na minha mag
Que furor fulminado do cavernoso Ab
mo impellio o peito de Polibio para tã
to excessõ? Não cabe na imaginaçaõ
seu atrevimento.

Sabe Cyrene.

Cyren. Senhor , a teus pés

Rey. Que excessõ he este , Cyrene ? C
mo te vejo neste lugar ainda mal co
valecida ?

Cyren. A ferida não foy tão grave , com

se imaginou, pois apenas penetrou a região da cutis; porém, ainda que fora mortal, nem por isso deixaria de vir a teus pés.

y. Que causa pôde obrigarte a tanto excesso?

ren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e se o meu valimento pôde merecerte alguma attenção, espero da tua benignidade, satisfaças ao empenho do meu desejo.

y. Quando eu cuidava, que vinhas a fomentiar o seu castigo, vens interceder pela sua liberdade?

ren. Por isso mesmo, porque a vingança não cabe em peitos generosos.

y. E que diria o Mundo, vendo impunido hum tão grave delicto?

ren. Melhor he, que o Mundo ignore, que houve atrevimento em hum vassallo para crime tão execrando; que ha casos as vezes, em que he melhor dissimular a culpa, que castigar o delicto.

y. E não podes penetrar o designio desta temeridade de Polibio, ou que interesse buscava na tua morte?

ren. Não sey mais, que pedirte a sua liberdade.

y. A Nereo, como parte mais offendida,

da, entreguey a culpa de Polibio ; a elle depende a sentença ; a elle podes correr.

Cyren. Ay de mim ! Que sendo Proteo que me ferisse , seja Polibio o culpado. Mas Polibio , que se naõ desculpou com Proteo , mostrando a sua innocencia , tã duvida que o quer conservar para o bem de seus intentos. Ay amado pay , que os extremos te devo , pois pela minha fortuna offereces a tua vida ! Mas por que neste oceano de confusões saibas o norte , que devo seguir , lhe enviey hum aviso occulto nas flores de hum milhete , para que com esta cautella encubra o meu designio. Este amor perfeito seja o instrumento de minha fortuna.

Ao tirar hum ramo de amor perfeito , de se parece a pilastra , e o vaso , ficando em Proteo , em cuja mão se une a de Cyrene , dando que pega na flor.

Ay de mim ! Que vejo ? Atrevio Proteo , soltame a mão , naõ queiras com os disfarces de flor encubrir os venenos de aspide , que tu naõ es o amor perfeito , que eu busco.

Canta Proteo o seguinte Recitado, e Aria

R E C I T A D O.

Amor perfeito sou, Cyrene bella,
 Que inundado da copia de meu pranto
 O Empyreo se estende a minha rama;
 Que só no Ceo de fogo busco a chamma;
 Como centro feliz de meu incendio;
 Se aquella ferida,
 Mellissima homicida,
 Augmenta teu rigor nessa impiedade,
 Uma casualidade
 Ay de mim!) destruir não póde aquella
 Oce esperança, que me promettias;
 Mas se a innocente culpa, que não tenho;
 Teus rigores augmenta,
 Serás (oh impia sórte!
 Buscar na minha dor, a minha morte

A R I A.

Se Amor, se a Parca irada
 Qualquer tirarme intenta
 A vida, que me alenta;
 Mais val que eu seja, (ó bella)
 Triunfo, não da morte;
 Despojo, sim do amor.

Pois quando afflicto intento
 Buscar mayor tormento,
 Morrendo só de amante,
 Será o penar mayor. *Quer irse.*

Cyren. Espera, Proteo, que não te crino, para te castigares: bem sey, que mesma me entreguey ao golpe, que intentava ferir a Polibio.

Proteo. Tambem sey, que eu, ainda innocente, fuy o instrumento de eclipse; e ainda que no sagrado de belleza acha immundade a minha culpa, permite-me, Cyrene, que a satis morrendo.

Cyren. Não he tempo agora de ouvir fofeas; sabe que Polibio...

Proteo. Já sey, que a Polibio se imputo delicto de ferirte, e que prezo está a torre de Palacio.

Cyren. E sabe, que por te não criminoso consentio mudamente no crime, que lhe impoz: agora Proteo, he escusado lembrarte a obrigação, em que estás a libertares, como Principe, e como generoso; que he razão te empenharem defender huma innocente vida, e pela tua tranquillidade se expõem a mais funebre cadafalso.

Proteo. Supposto seja Polibio o instrumento de minha ruina na celeridade de te Hymeneo; com tudo, como te empenhas na sua liberdade, por ella expõem a minha vida; que morrer por ti, ò C

rene, não he novidade no meu amor.

ren. Não he necessario por ora tocar o ultimo extremo da fineza ; vença a industria primeiro , e depois a desesperação ; e só essa acção poderá persuadir-me a tua constancia.

Proteo. Pois ainda della duvidas ?

ren. Sim ; pois até o presente não experimentey em ti mais , que variedades na tua fórma , deixa pois o mudavel , e sê firme na efficacia de tua fineza.

Proteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel , isso he quanto ao exterior , pois todas essas mudanças ; são demonstrativos de minha firmeza.

ren. Pois , Principe , na liberdade de Polibio a experimentarey.

Proteo. Na liberdade de Polibio o verás.

Virgem-se , sabem ao encontro Nereo a Cyrene , e Dorida a Proteo.

Virid. O que ha de ver , Cyrene ?

Proteo. Na vida de Polibio o castigo de tua temeridade.

Vaise.

Nereo. Que intentas experimentar ?

ren. A tua fineza na liberdade de Polibio , a pesar dos empenhos de Proteo.

Nereo. Ah tyranna , que bem percebo a tua industria !

à part.

ren. E assim , Nereo , espero da tua genero-

nero-

nerosidade, que libertes a Polibio ;
 com este premio lhe satisfaço o ser o
 tolo instrumento de eu possuir a feli-
 dade de esposa tua, na conducção
 Beocia para Flegra.

Nereo. Parece, que algum susto, ou pe-
 plexidade te fez mudar a intenção
 tua supplica. . . . Ah tyranna! à pa-

Cyren. A ancia, que tenho de libertar
 Polibio, quando me afflige o coração
 não me perturba o accordo, para ped-
 te a sua liberdade.

Nereo. Para te ostentares generosa ; ba-
 saberse, que intercedeste por Polibio
 mas eu como duas vezes offendido na s-
 vida vingarey as minhas offensas. *Vai*

Cyren. Que se falte ao respeito a huma e-
 posa, e a huma Princeza ! Dorida, i-
 tercede tambem por Polibio, que ta-
 vez seja mais venturosa a tua supplica.

Dorid. Pede a Proteo, que não deixará
 satisfazer ao teu empenho ; que eu n-
 embarco para Egnido sem dilacão, po-
 já conheço a causa, donde nascem
 desvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida ?

Dorid. Donde não imaginava, Cyrene.

Cyren. Ay infeliz, que Proteo me inten-

Vai
 pr

precipitar com seus extremos , pois do
semblante de Nereo , e das palavras de
Dorida infiro os zelos , em que se abra-
zaõ ! Ah Proteo , já que tu es a causa de
todos os meus males , sê algum dia instru-
mento de minha fortuna.

Canta Cyrene a seguinte

A R I A.

Fortuna , que inconstante
Te ostentas rigorosa ,
Quando serey ditosa ?
Quando serey feliz ?
Suspende por hum pouco
Teu moto acelerado ,
Naõ seja sempre o fado.
Cruel a huma infeliz.

Vaise.

Sabe Maresia.

Mares. Agora me disse Dorida , que me
preparasse , que nos haviamos embarcar
para a nossa terra ; isso já havia ser há
mais tempo ; e sem dizer nada a Caran-
guejo , me hey de despedir em Grego ;
que inda he peyor , que em Latim ; e
quantos trastes , e cacaréos tiver , tudo
hey de levar comigo. E para sacrificar
a Diana Deosa dos bosques , levarey este
craveiro de cravos amarellos , em me-
moria da desesperaçãõ , em que me poz
o sacerdotiso Caranguejo ; e assim já o

vou

vou levando, ainda que seja ao collo:
*Ao tomar Maresia o craveiro nos braços,
 transforma este em a figura de Carangue-
 jo, e diz Maresia o seguinte.*

Mares. Mas ay! Que diabo he isto?

Carang. Não he diabo; sou eu mesm
 que sou endiabrado.

Mares. Es tu? Deixa-me negro mofino

Carang. Mofina es tu, que nenhum fav
 me dás.

Mares. Larga-me, senão hey de chamar
 que delRey.

Carang. E eu hey de chamar a que de V
 nus.

Mares. Tu não queres?

Carang. Quero, quero.

Mares. Pois toma. *Atira com elle ao cha*

Carang. Só isso me podes dar; mas cahinc
 a teus pés, não quero mayor fortuna.

Mares. He muito atrevido: com engan
 comigo?

Carang. Deixemos isso, Maresia, que
 não estamos nesses termos, pois só a te
 pés prostrado poem a boca hum C
 ranguejo amante; e te pede com lagr
 mas de sangue, que se has de escolhe
 marido, que seja este pobre mendigo c
 teus favores, pois nisso farás huma obr
 pia; porque sou hum moço orfão ser
 pay, nem máy.

Mare,

Mares. Já não se me dá de Venus ; porque hoje me embarco , e mais Dorida , e nos vamos desta maldita terra.

Arang. Isso he fallar.

Mares. Quando o vires , ou quando me não vires , então o crerás.

Arang. Não poderas ter feito isso ha mais tempo , e escusara de andar dando tratos ao juizo , empenhando-me com Venus , pedindo-lhe amatorias para te esperar , ficando eu por teu fiador , abonando a tua pessoa ? Isto tudo tenho obrado a teu respeito , e agora , que ha de ser de mim ?

Mares. Cada qual forra a sua pelle.

Arang. E a minha ha de ficar cativa , para Venus me tirar do coiro a fiança ?

Mares. Que tenho eu com isso ?

Arang. He boa essa ! Não Senhora , que eu fiquey por vossê , que havia de casar mais dia , menos dia ; e agora quer escapolar ? Nada : mandado de segurança no caso.

Mares. Eu não vou por minha vontade , que Dorida me leva.

Arang. Pois casa primeiro , antes que te vás , ainda que seja comigo , e vay-te depois muito embora , que isso basta para eu ficar liberto no forro interno.

Mares.

Mares. Qual casar? Se eu por amor diff
me vou; e contigo muito menos.

Carang. Esse menos, he que he o mais.

Mares. O que posso fazer, he despedirm
de ti: se queres, direy que te fique
embora.

Carang. Eu sempre ouvi dizer, que quem
se despede, se abraça, e se me has d
abraçar, despeçamo-nos já.

Mares. Hum abraço Francez não se neg
a ninguem. *Abraça-o*

Carang. Ora seja pela vida, e saude do Se
nhor seu pay: abraçada seja a tua alm
todos os dias da tua vida.

Cantaõ. *Caranguejo, e Maresia a seguinte*

A R I A.

Mares. Senhor Caranguejo,
A Deos, que me vou:

Carang. Lá vay o meu bem,
Meu mal me matou.

Mares. Não chore, barbado,
Vossê he rapaz?

Carang. Amor he que chora,
Que amor he rapaz.

Mares. A Deos, que me vou

Carang. Não digas tyranna,

Ambos. A Deos, que me vou.

Mares. Oh quanto me custa
Deixarte sem mim!

Carang.

rang. Oh quanto me affusta
Ficarme sem ti!
mbos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor se affogou.

Vai se.

S C E N A II.

Sala. Sabem Nereo , e Cyrene.

ren. H E possível , Nereo , que os
rogos de huma esposa não te-
nhaõ valimento na tua attençãõ ?

Nereo. Por isso mesmo , que para que se
saiba , o quanto estimo a minha esposa ,
hey de mostrar , o quanto sey vingar a
sua offensa.

ren. Se eu demitto de mim essa offensa,
já te não fica acção para a castigar.

Nereo. As offensas da esposa são reciprocas
ao esposo ; e se da tua parte demittes a
injuria , da minha não perdoo a offensa :
ó lá , tragaõ aqui a Polibio , para que
veja Cyrene no seu castigo o meu amor.

ren. Barbara fineza he essa , Nereo : quem
vio mayor desgraça !

à part.

Sabe Polibio com cadeas , e Guardas.

Polib. A' tua presença chega o infeliz Po-
libio , e tão infeliz , que pela mesma ac-
ção ,

ção, que devera ser premiado, se na consternação de perder a vida.

Cyren. Mal posso conter as lagrimas.

Nereo. Polibio, já sabes, que sou o Fisco de tua culpa; do castigo não duvide porém para que seja menos horroroso espectáculo, quero me digas, qual fo o fim de tão enorme delicto?

Polib. Que delicto?

Nereo. Ainda te atreves a negar, ou imaginas, que não delinquiste?

Polib. Sim, porque não offendi a Cyrene.

Nereo. Não intentes negar hum delicto que não tem defeza, que quasi aos nossos olhos foy comettido; só quero me digas quem te impellio a tanto excessso.

Polib. Senhor, eu não offendi a Cyrene ella sabe a minha innocencia.

Nereo. Pois quem?

Polib. Cyrene o dirá.

Nereo. Cyrene, se queres a vida de Polibio, porque não declaras o offensor?

Cyren. Ay infeliz! Que farey entre hum pay, e hum amante? à part

Nereo. Que dizes? Mas nada digas, que o teu silencio eloquente me diz, que foy Polibio; que se não fosse, quando lhe desejas a liberdade, accusarias o delinquente: não tenho mais, que averiguar:

guardar : seja Polibio conduzido ao Templo de Altréa , aonde no rigor da justiça pague com a vida o seu delicto.

Chegaõ os guardas a levar a Polibio.

ren. Esperay , que Polibio não he o delinquente.

ereo. Pois quem , Cyrene?

ren. Que direy ! Oh abyssmo de confusões !

à part.

ereo. Levay a Polibio , que Cyrene o condemna.

lib. Vamos , que hum respeito me crimina.

Vay andando.

ren. Vença ao amor a natureza : suspendey , que eu declaro quem foy o delinquente.

ereo. São escusados effes artificios para suspender a execuçaõ : levem a Polibio , que elle he o delinquente.

ren. Não he , Nereo ; não he : eu he , que fuy a delinquente.

ereo. De que sôrte ?

ren. Desta sôrte : como determinava El-Rey a brevidade do nosso Hymenêo . . .

he Proteo com espada , e Soldados tambem com ellas , e Caranguejo armado.

ereo. Que he isto , Proteo ?

oteo. Libertar a Polibio , para que a supplica de Cyrene não fique sem satisfação decente à sua pessoa.

Nereo.

Nereo. Pois tu intentas despicar as injurias de minha esposa?

Proteo. Não : mas as injurias de huma dama offendida , sim.

Cyren. Mayor damno se vay originando. à

Polib. Proteo obra como Principe. *à parte*

Carang. Hoje ha de ir tudo com Berzab

Nereo. Proteo, enlouqueceste? Não sabes o perigo a que te expoens?

Proteo. Já sey.

Nereo. Pois que intentas , se o sabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Desta sorte.

Carang. Ay que aqui está o homem! *Briga*
he isso lá? *Qu*

Nereo. Insolente Proteo , saberey castiga-la tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo , Proteo , que intentas? A
de mim ! Polibio , retira-te.

Polib. Não posso , que as prizões me embaraçaõ.

Proteo. Polibio , segue-me.

Nereo. Não em quanto esta espada se uniu a este braço.

Carang. Ah cobardes , hoje ha de sentir o Mundo as mordeduras deste Caranguejo

Sabem ElRey, e Dorida.

Rey. Que insulto he este? Que he isso, Principes? Suspendey as armas.

Proteo. Frustrou-se o meu intento. *à part.*

Dorid. Que lastimosa tragedia!

Crang. Bom padrinho tiveraõ.

Rey. Nereo, que excessõ foy este?

Nereo. Arrojo de Proteo, que com esta violencia intentou libertar a Polibio, por satisfazer aos empenhos de Cyrene.

Rey. Temerario Proteo, como sem attençaõ ao decoro deste Palacio com maõ armada assim o profanas?

Crang. Ponto de interrogaçaõ.

Proteo. Senhor, hum precipitado empenho naõ repara em attenções; que a cega paixãõ, que predõmina em meu peito, naõ sabe distinguir a purpura, mais que a do sangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

Rey. Barbaro, louco, imprudente, assim me respondes? Naõ sabes, que sou teu pay, e teu Rey? Levem-no prezo, e junto com Polibio seraõ ambos victimas de Astréa. Quem vio mayor insulto!

Crang. Ponto de admiraçaõ.

Proteo. Mais me vanglorias com esse castigo, pois quando naõ posso defender a Polibio, ao menos me servirá de desculpa

pa

pa o não ter vida para libertallo.

Cyren. Espirou a minha esperança , e e
com ella. *à par*

Dorid. Sem embargo das ingratições d
Proteo , por elle supplico , Senhor.

Rey. Não peças por hum ingrato.

Dorid. Basta-lhe ter o nome de esposo meu

Rey. Deixa , Dorida ; deixa , que se vin
guem em hum só castigo tantas offen
sas : sejaõ levados , como digo , ao Tem
plo da Justiça , aonde no seu sangue se
purifiquem as suas culpas.

Polib. Não val a minha innocencia contr
esse rigor ?

Cyren. Não póde o meu pranto abranda
essa dureza ?

Proteo. Não se attende ao meu caracter ?

Rey. Não póde , não val , não se attende
levay-os. *Vaise*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel esposo , porque não te jactes
que triunfas de minhas lagrimas , não has
de ter o prazer , de que eu veja a exe
cução de tua vingança : pois desespera
da buscarey quem me vingue desta in
juria. *Vaise*

Polib. Os Ceos mostrarão a minha innocen
cia. *Vá com os guardas.*

Nereo. Vá tambem esse tyranno irmão per
tur.

turbador do socego de meus sentidos.

Proteo. Não ha de ter essa jactancia. *à part.*

Dorid. Vê Nereo, que contra hum irmão
he indigno esse procedimento.

Nereo. Se souberas, Dorida, o que eu não
ignoro, não intercederas por elle.

Dorid. Quem nunca o soubera! *à part.*

Rang. São boa casta de irmãos estes! Por
elles se póde dizer: *quando fratres sunt bo-
ni, sunt bonifrates.*

Nereo. Em que vós detendes, que o não
levais?

Proteo. Na fórma delRey me transforma-
rey. *à part.*

Transforma-se Proteo na figura delRey.

Nereo. Levay-o: não me obedeceis?

Dorid. A quem, Senhor?

Nereo. A Proteo.

Dorid. Proteo não está aqui.

Nereo. E esse quem he? Mas que vejo!
Senhor, Vossa Magestade como aqui,
e Proteo? Estou confuso! Que illusão
he esta?

Proteo. Se Proteo não apparece, busquem-
no, que importa não ficar sem castigo.

Vai-se.

Rang. Ficaraõ pasmados: o certo he,
que eu, e meu amo, somos dous.

Nereo. Dorida, não viste a Proteo ficar

entre os guardas, quando se ausentou E
Rey?

Dorid. Não ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo, sem que o vi
femos, desapparecco? e ElRey esta
entre os guardas?

Carang. He que foy preciso fazer dous por
tos na oraçãõ.

Dorid. He caso maravilhoso!

Nereo. Que fugisse Proteo, sem que del
pudessẽ os meus zelos vingarse! O
toda essa comitiva, que armada vey
com Proteo na sublevaçãõ, seja condu
zida ao mais escuro carcere.

Carang. Boas noites tenhaõ vossas mercê

Nereo. E haja particular vigilancia nest
criado.

Carang. Sempre obrigado: cá para nós na
he necessario ceremonias. He bem fe
to!

Dorid. Nereo, esse criado he louco.

Carang. He verdade; nem tal me lembr
va.

Nereo. E como sabes, que he louco?

Dorid. Pelo ter visto varias vezes.

Carang. Essa ainda he melhor! Que
Prenderme para casar? Pois desenganen
se, que ainda que me matem, não he
de casar.

Dori

orid. Com aquella teima anda sempre.

Nereo. Esse por louco ; pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.

Levaõ os guardas, os que vierã com Proteo.

Arang. De boa escapey ! Vi a morte diante dos olhos ! O certo he, que a vida dos nescios, e loucos he mayor, que a dos entendidos ! *à parte, e vai-se.*

orid. Nereo, não te afflijas com tanto excessso, buscando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.

Nereo. Ay Dorida, que o meu sentimento por inexplicavel he mais sensível !

orid. Aprende de meu soffrimento, pois sentindo o mesmo mal, que tu padeces, procuro suavizallo com o retiro. *Vai-se.*

Nereo. Dorida com prudencia me deu a entender os seus zelos : ay infeliz, que já com duplicado indicio póde dazafogar publicamente a minha dor nos zelos de Cyrene ! Ah Princeza indigna de taõ soberano epitheto ! Oh Proteo aleivosso, digno de eterna infamia nos annaes da memoria ! Huma contra as soberanias do caracter, outro contra as leys da lealdade, e da natureza, se armaraõ instrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

*As Variedades**Canta Nereo a seguinte*

A R I A.

Selvatica fera
 Da brenha mais tosca
 Se encrespa , se enrosca,
 Se a cara conforte
 Nos braços encontra
 De amante rival.
 Se o rustico instincto
 De hum bruto padece ,
 Desculpa merece
 Huma alma abrazada
 Dós zelos no mal. *Vai*

S C E N A III.

Templo de Astréa , com o simulacro da Justiça
Sabe Maresia.

Mare. **C**OM estas embrulhadas de Palcio anda tudo taõ mexido , remexido ; que estou vendo como se de fahir desta mexuda : o que mais finto , he dilatar-se o nosso embarque por causa das traições do Senhor Polibio que sem alma , nem consciencia , quer tirar sangue donde o não havia ; por hey de regalarme de o ver pernear.

Sa

Sabe Caranguejo.

Carang. Aqui se pagão ellas : vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miserando supplicio no Templo de Venus?

Vires. Que dizes ? Este he de Venus o Templo ?

Carang. Assim dizem os contemplativos.

Vires. Pois a Estatua de Venus he daquelle sorte ?

Carang. Sim Senhora ; mas não me admira , que não conheça a Venus , quem não quer casar.

Vires. Venus com os olhos tapados , mais me parece Cupido , do que Venus.

Carang. He que a formosura tem o amor nos olhos.

Vires. Mas se he mulher , porque traz escapada ?

Carang. Por amor dos virotes , que dá na gente.

Vires. E as balanças , que significão ?

Carang. He para pezar as finezas ; mas advertete , que aquellas balanças não tem niel , porque todas as Venus são falsas.

Vires. Ora muito me contas.

Carang. E tu nada me dizes do casamento ?

Vires. Verdade he , que já fazia tenção de casar.

Carang.

Carang. Filha, as tenções livraõ as alma
mas naõ os corpos.

Mares. Eu fim casara comtigo ; porém na
sey que te diga.

Carang. Naõ sey como a Maresia te na
faz vomitar tudo quanto tens no b
cho.

Mares. Naõ sey como es ; naõ sey , qu
te falta , para seres de meu gosto.

Carang. Nada me falta , porque o teu r
gor me tem acabado.

Mares. Acabado fim , mas naõ perfeito.

Carang. E plusquam perfeito : ora dize
leve o diabo paixões , aonde havias t
achar , quem mais te quizesse ? Por
sendo muito limpo , me fiz hum porco
por ti me fiz cadeira de braços , para t
pé de te possuir ; e finalmente por
me amortalhey em hum craveiro de cr
vos de defuntos , para renalcer como b
cho de seda no capulho de teu agrado
e se tudo isto te naõ move , vê de qu
fórte me queres , que para tudo sou c
cera.

Canta Caranguejo a seguinte

A R I A.

Tomara fazerme

Em mil pedacinhos,

Por ver se os carinhos

Te posso colher :
 Se queres me ver
 Gigante, aqui estou : *Faz-se Gigante.*
 Vê lá como sou
 Assim tamanhaõ?
 Se ques, que me abaixe
 Serey hum Anaõ. *Faz-se Anaõ.*
 Mas naõ, Anaõ naõ,
 Que Anaõ he agoiro,
 Serey tamanhaõ. *Faz-se Gigante.*
 Se assim naõ te agrado,
 Serey desgraçado,
 Mas naõ feanchaõ.

Nares. Basta com tanto desengonçamento.
 Mas ay, espera, deixa-me esconder na-
 quelle cantinho, que lá vem hum ho-
 mem correndo a quatro pés, muito afro-
 turado com huma faca na maõ. *Esconde-se.*
Arang. Espera, aonde te vás esconder?

Sabe Proteo com hum punhal na maõ.
Proteo. Junto à ara do sacrificio de Astréa,
 me occultarey, e cõm este punhal ma-
 tarey o barbaro executor da justiça,
 quando intente tirar a vida a Polibio.
Arang. Ah caso igual ! Senhor, vens-te
 meter na boca do lobo ? Já que te transf-
 ormaste em Ponto taõ pontualmente,
 para escapar das garras de Nereo, como
 lhe

lhe queres agora cahir nas unhas ? Pa-
que, Senhor ?

Proteo. Ou para matar , ou para morrer
que se hey de perder a Cyrene , que in-
porta que perca a vida ?

Carang. Ainda assim , aquillo de viver l-
bom para a faude .

Proteo. E tu como pudeste escapar , acon-
panhando-me tambem ?

Carang. Pelo privilegio de louco , que h-
muy grande , que se eu tivera entend-
mento , donde estaria a estas horas ?

Proteo. E Cyrene , (ay de mim !) que diz

Carang. Ella alli vem , e Dorida .

Proteo. Occultarme quero , como disse
Amor , se es Deidade , favorece os meu-
intentos .

*Esconde-se Proteo junto à Estatua da Justiça
e sabem Cyrene acelerada , e Dorida de-
tendo-a.*

Dorid. Cyrene , que excessõ he este ? Não
attendes ao teu decoro ? Onde caminha
pécipitada ?

Cyren. Dorida , não estou em mim , que
queres que faça huma dezesperada , huma
afflicta , e huma infeliz ?

Dorid. Retiremo-nos , antes que se horro-
rise a vista com o funesto espectaculo de
Polibio , que já caminha para este Tem-
plo de Astréa ,

Cyren.

ren. A isso mesmo he que venho , naõ
por ver a sua tragedia , mas por impe-
dir a sua morte.

orid. Para que te empenhas em hum im-
possivel , quando Nereo impellido , naõ
sey de que occulto sentimento , intenta
vingarse na sua vida? Porém já occupa-
dõs os porticõs de huma immensa turba ,
mal nos poderemos retirar,

Tocaõ tambores.

arang. Grande trovoada se vay armando!

ren. Ay que a vida se me vay acabando!

Nem Proteo apparece para mayor pena
minha ! Que farey só , e afflicto , em
tanta multidaõ de pezares?

*abem El Rey Ponto , Nereo , e depois Poli-
bio com guardas ; e sabe Marefia donde
estava escondida.*

ey. Com effeito , naõ tem apparecido
Proteo?

ereo. Parece que a terra o tragou por
castigo de seu delicto.

ey. Ay Proteo ! Quem pudera . . . Mas
naõ , naõ merece piedade hum filho in-
grato.

ereo. Agora verá Proteo , se póde liber-
tar a Polibio , que nas Aras de Astréa,
hoje ha de ser victima de seu rigor.

Canta

Canta Polibio a Aria, e o seguinte

R E C I T A D O.

Astréa Soberana,
 Sagrada filha do brilhante Olimpo,
 Como assim consentes, que huma innocencia
 Profane teus altares
 No impuro sacrificio,
 Que incender hoje intenta huma impiedade
 Mas já sey, infeliz, que como es cega
 Não verás da sentença a iniquidade;
 Ouve ao menos os miseròs clamores
 Desta inculpavel vida,
 Pois não pede a Justiça,
 Ver no Templo de Astréa huma injustiça.

A R I A.

Se o recto instrumento,
 Que vibras ingente
 De huma alma innocente
 Castigo não he:
 Ao duro supplicio
 Impávido vou.

Não fujo, não temo
 Da morte os horrores,
 Que a rigida espada
 Em vida inculpada
 Já mais penetrou.

*Querendo Polibio caminhar para a Estatua de**Astréa, o impede Cyrene.**Cyren. Aonde vás, Polibio? Espera.**Polibio*

Polib. Quem me defende?

Cyrene. Cyrene te ampara.

Rey. Tu não podes impedir a execução da justiça.

Jereo. Execute-se a sentença.

Arang. Embargos temos. *à part.*

Cyrene. Não pôde executar-se a sentença; porque sendo falsa a culpa, não pôde ser a pena verdadeira.

Jereo. Se elle a não contradiz, que mais evidencia pôde haver? Morra Polibio.

Cyrene. Polibio está innocente; affirmo, que me não podia offender.

Rey. Porque?

Cyrene. Rompa-se o silencio por huma vez.

à part. Porque he meu pay.

Jereo. *Rey.* Teu pay Polibio? Que dizes?

Polib. Cahio a machina de minha idéa. *à p.*

Cyrene. Senhor, meu pay he Polibio, não o duvides.

Polib. Não sou pay de Cyrene: não dilates, Senhora, com esse engano o teu Hymenêo; deixa, que eu morra; que pouco preço he huma vida, para comprar hum Reino.

Rey. Que mais podia excogitar a tua industria, para libertar a Polibio?

Jereo. A sentença se execute sem dilação.

Cyrene. Soberano Monarca, não são industrias

trias da idéa, são realidades da natureza.
Polibio he meu pay.

Rey. Como pôde isso ser, se tu es filha de
Rey de Beocia?

Cyren. Attende-me, e saberás: Não igno-
ras as revoluções, e guerras, que hou-
ve em Egypto, aonde Polibio fo-
cabeça de huma parcialidade; e com
esta ficasse superada, se retirou a Beoc-
comigo, e ahi me deixou occulta em
rustica montanha de huma Aldea, par-
que o furor inimigo não triunfasse de
minha innocencia: passou Polibio a Fle-
gra a servirte, como sabes, a quem dé-
te o caracter de Embaixador para Beoc-
cia a conduzir a sua Princeza para espo-
sa de Nereo: chegando Polibio a Beoc-
cia, achou ser falecida aquella Prince-
za tambem chamada Cyrene; e dissimu-
lando o motivo, me trouxe a mim par-
Nereo; querendo com esta indus-
verme coroada Princeza.

Proteo. Se será illusão o que ouço? à parti

Cyren. E já que este impensado acaso des-
cobrio este engano, a teus pés, Senhor
eu, e Polibio, pedimos perdao desta te-
meridade, para que hum delicto verda-
deiro seja indulto de outro, que o não
he.

Rey

ey. Ha caso mais extraordinario!

Tereo. Nem alentos tenho para respirar.

orid. Prodigioso successo!

laresf. Quando eu vi, que tinha o sangue vermelho como o meu, logo duvidey, que fosse de sangue Real. *à part.*

wrang. E o que mamou de Altezas à chucha calada! *à part.*

olib. Desta sorte, Senhor, conhecido quem sou, bem se vê, que não podia intentar a morte de Cyrene.

ey. Pois como tinhas o punhal na mão?

olib. Porque querendo matarme Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, se meteo de permeyo, e casualmente a ferio Proteo; ficando o seu punhal por outro semelhante incidente na minha mão.

ey. Quanto desse crime estás perdoado; mas não ficará sem castigo esse, que maquinaste para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Politico, como fabricaste tão pernicioso engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua causa Proteo a Patria, e eu a sua companhia?

Tereo. Deixa, Senhor, que eu vingue essa offensa, pois eu era o alvo de seu engano; e assim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços *10*

Ao acometter Nereo a Polibio, sabe Proteo

Polib. Não ha quem me soccorra?

Proteo. Proteo te defenderá; suspende furor, Nereo.

Cyren. Oh extremofo amante! *à par*

Key. Proteo, es tu, ou he engano da fantasia, o que vejo?

Nereo. Ainda intentas amparar a hum tra-
dor?

Cyren. Nereo, se acaso aquelle apparente nome de esposa póde conciliar no te-
peito algum affecto; rogote, que re-
leves os excessos de huma indiscreta am-
bição.

Nereo. Ainda te atreves, fementida, ty-
ranna, a lembrarme o nome de esposa.
Por isso intentavas com cautellas, que
te adorasse como bella, e não como Prin-
ceza? Pois agora, que não variey de sy-
tema, não sendo tu quem eu imagina-
va, desprezo a tua formosura, por na-
ser adornada de Magestade.

Carang. Eppo mismo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha estimacão tanto va-
a formosura de Cyrene, como a mai-
egregia Princeza; e assim, Rey, Pay
e Senhor, a teus pés prostrado te peço
me dês a Cyrene por esposa, que sup-
posto não seja filha delRey de Beocia

o nobre sangue de Polibio, e a sua belleza, pódem compenſar hum incidente da fortuna.

Py. Que dizes, Proteo? Enlouqueceſte acaſo?

Proteo. Se me negas eſta ventura, com eſte punhal me tirarey a vida, pois ſem Cyrene tudo he morrer.

Py. E a Dorida, como ſe ha de ſatisfazer?

Dorid. A' viſta daquelle extremo de amor, que poſſo eſperar? Logre Cyrene eſſa fortuna.

Py. Como Dorida conſente no deſejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, não poſſo difficuldar a tua ſupplica: Cyrene he tua, Proteo.

Proteo. Amada Cyrene, na tua belleza conſigo o mayor imperio.

Dorid. E eu no teu amor a mayor fortuna.

Polib. Sempre ſe logrou o meu intento: ditosa idéa!

Py. Dorida, ſe acaſo quizeres, que Nereo ſeja teu feliz eſpoſo, com eſſa dita ſe alcançará hum completo prazer.

Dorid. Não poſſo reſiſtir ao teu preceito.

Nereo. Nem eu deixar de agradecer eſſa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que ſó adoro unida à tua belleza.

Carang.

Carang. Maresia, queres tu agora sacrificarte a casar comigo por descargo de consciencia?

Mares. Mais val hum ruim concerto, e huma boa demanda; anda, casemos, e ao menos em hum marido tenho hum escravo.

Carang. Pois entãõ leve o diabo paixõõs todos ficãõ accomodados, e satisfeitos com as suas confortes, e Proteo me que nenhum, pois com as suas variedades, e mudanças, mostrou a mayor firmeza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os Fados prospera raõõs meus intentos, repita outra vez o alto e nado accento em festivos jubilos.

C O R O.

1. *Coro.* Em hora ditosa
Venha Cyrene.
2. *Coro.* Em hora festiva
Dorida venha,
1. *Coro.* A ser de Proteo,
2. *Coro.* A ser de Nereo,
- Ambos.* Espõsa feliz.
1. *Coro.* Os prados com flores,
2. *Coro.* Com perlas os mares
- Ambos.* Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

F I M.

PRE

PRECIPICIO
DE
FAETONTE,

OPERA QUE SE REPRESENTOU
no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

Ages, irmão de Tirreno, Rey de Italia, usurpa este Reino, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirre-Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Pastor de Theffalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o seu amor; para melhor o dar a conhecer a Egeria, sabe Theffalia, e se occupa na Italia em acções agrado desta Ninfa; por cuja causa sabe de Theffalia o Magico Fiton em seguimento de Faetonte, para o desviar deste amor, por quanto da neste tempo ignorava Faetonte o seu verdadeiro pay, e Fiton lhe receava a ruina; quan-

Tom. II.

Ec

do

do o chegasse a conhecer. Estabelecido Faeton nos agrados de Egeria, esta para restaurar o Reino pelas acções daquelles, que a pretendia para este fim usa occultamente prometter a me de esposa a Mecenas, e a Faetonte, em q consistem os mayores lances desta Historia. Albano, Principe de Liguria, pretende ser esposo de Ismene, filha de Tages. Este, quando Faetonte se declara filho do Sol, o pretende para esposo de Ismene, e para o de Egeria a Albano; os quaes fingidamente se declarão amantes com a ferida dos zelos. Apparece Apollo, declara a Faetonte por seu filho: este lhe peo faculdade para gyra na carroça do Sol. Resiste Apollo; porém instando Faetonte, lho concede; e este depois à vista de Egeria se vé precipitado no Eridano. O mais se verá no conto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Faetonte, Filho do Sol.

Albano, Principe de Liguria.

Mecenas.

Tages, Rey.

Fiton, Barbas, Magico.

Chichisbeo, Criado de Faetonte.

Eg

- Egeria, Primeira Dama, sobrinha de Tazes.
 Hymeneo, Segunda Dama, filha de Tazes.
 Chirinda, Criada de Egeria.
-

SCENAS DO I. ACTO.

- I. Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano.
 II. Sala.
 II. Camera.

SCENAS DO II. ACTO.

- I. Sala.
 II. Selva.
 III. Gabinete bem adornado.
 IV. Templo de Hymeneo.

SCENAS DO III. ACTO.

- I. Camera.
 II. Sala.
 II. Bosque, como no principio.

A C T O I.

S C E N A I.

*Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridano
Em quanto Faetonte canta o seguinte Ro-
citado , irá sabindo Egeria em huma con-
cha tirada por dous Delfins.*

R E C I T A D O.

Faet. **E**geria peregrina,
Do sagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago
Em que habitas Deidade;
Que se aguas procuras em taes magoas
Vem a meus olhos, q̃ tãbem tem agoas
Canta o Coro.

Alenta, respira,
Galhardo Pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o crystal
Se abrazaõ as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italia esféra
Tutelar Divindade te appellidas,
Am

Ampara hum peregrino,
Que a teu sacro Eridano sacrifica
Outro rio em feu prâto : oh quanto temo,
Que unido o sacrificio à Divindade,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade!

C O R O.

Alenta , respira,
Galhardo Pastor , &c.

et. Outra vez , e mil vezes
Te busco impaciente,
Por ver se o rigoroso meu destino
Nos influxos brilhantes de teus rayos
Acha seguro asylo , e o passo errante
De hum animo constante
Encaminha propicia , porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos , quantos os suspiros.

C O R O.

Alenta , respira,
Galhardo Pastor , &c.

*esta ultima clausula do Coro , desembarca
Egeria , e canta a seguinte Aria , e*

R E C I T A D O.

Um peregrino affecto
e occupa o coração , quando inquieto ;
em as aguas do mar , ou meus suspiros,
cando em dous mil gyros

Me

Me deixaõ respirar , porque em meu peito
 Me abraza o cego ardor de amor perfeito

A R I A.

Naõ sey que novo affecto
 Sinto no amante peito ;
 Só sey , que o seu effeito
 Me obriga a te adorar.

Do teu doce attractivo
 Já sente o amante peito ;
 E à vida naõ compete
 Gosto mais singular.

Eger. Errante peregrino , a cuja vista com
 movido o Eridano divide o crystal de suas
 aguas , para multiplicar a tua fórma no
 seus espelhos ; que incognito attractivo
 occultas em ti , pois até eu , como Dei
 dáde destas aguas , te estou amando , sen
 saber a causa , porque te quero ?

Faet. Naõ sey , Egeria , naõ sey ; pergun
 ta aos Astros , de cujos influxos se ori
 ginaõ as sympathias : só sey , que haver
 tres dias , que occulto me tens neste fron
 doso bosque , verdes o beliscos do Eri
 dano , mais como foragido , que como
 habitante.

Eger. Tambem sabes , que em todo esse
 tempo naõ mereceraõ os meus agras
 dos arrancar do profundo silencio de teu
 peito

peito quem es, e a causa de tua peregrina-
nação.

et. Não sey mais de mim, que ser hum
Pastor, com espiritos taõ altamente nas-
cidos, que intentaõ competir com os
Deoses mais brilhantes do Firmamento.

er. Como pôdem em hum Pastor caber
taõ altos pensamentos?

et. Porque a alma, que me anima, ou
naõ he deste corpo, ou este corpo naõ
he daquella alma.

er. Dize-me ao menos teu nome, e a
tua Patria?

et. Faetonte he o meu nome, e a mi-
nha...

er. Espera: Faetonte te chamas? Ay
de mim!

et. Que tens, Egeria? Assustou-te o
meu nome?

er. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pro-
nunciar, me senti abrazar em hum vivo
incendio.

et. Em fim, Senhora, para que te obe-
deça em tudo, Thessalia he a minha
Patria.

er. E porque della te apartaste?

et. Ay de mim!! Quem pudera decla-
rarse!

er. Emmudécês?

Faet.

Faet. Como queres se contivesse em Thalia hum coração, que não cabe em do o Mundo ; pois só nas ethereas Regiões terá limite a minha ambição ?

Eger. Agora entendo , Faetonte , que a quem algum propicio numen te conduzio a Thalia , para feres venturoso instrumento das minhas idéas ; pois só o teu valor e a tua ambição , poderão suspender a roda de minha infaulta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas ? Propoem a galharda Ninfa , que a teu respeito (se necessario for) roubarey as luzes ao Sol , e a Neptuno o tridente , e os rayos a Jupiter , para que com rayos , tridente , e luzes ; possas triunfar do Sol , do Mar e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus pensamentos me persuade a minha ventura , sabo que eu sou a infeliz Egeria , filha do Tirreno , Rey que foy desta Região o qual deixando-me pupilla debaixo da tutela de Tages , seu irmão , e meu tio este tyrannamente me tem usurpado o sceptro , intentando perpetuar a minha Coroa na sua descendencia , fazendo com que Ismene sua filha seja herdeira de minha fortuna , casando-a com Albano seu sobrinho , Príncipe da Liguria. Ah cru-

Albano ! Ah falso amante ! *à part.*
et. Que soffraõ os Deoses semelhantes
injustiças !

ger. Albano pois , com as armas da Li-
guria intenta segurar o throno de Is-
mene ; e assim desvalida , e sem ampa-
ro , consinto esta violencia , este atten-
tado , e esta injuria , até que o teu va-
lor , animado de taõ altos espiritos , fai-
ba segurarme o throno , que me usurpa
huma tyrannia , para que ambos confi-
gamos , eu a minha Coroa , e tu a mi-
nha mão.

aet. Pois eu , Egeria , hey de ser Rey
de Italia ?

ger. Cuidey , que perguntavas , se havias
de ser meu esposo ?

aet. Sem o caracter de Rey , teu esposo
como poderey ser ?

ger. Sim poderias , pela violencia , com
que me attrahe o teu nome , e a tua pes-
soa ; e pois da minha parte está o amor ,
esteja da tua a fortuna.

aet. E para que a tua se estabaleça , dis-
corramos o meyo para a conseguires.

ger. Não acho outro mais efficaç , que
seres tu homicida de Imene , e eu de
Albano , para que de huma vez se cor-
tem as esperanças de reverdecer o lau-
rel

rel nas suas cabeças; pois extincta affi
a estirpe Real, por força me acclama
raõ Princeza hereditaria.

Faet. Naõ seria melhor, que Albano
casse ao arbitrio de minhas iras, e Ism
ne ao das tuas, para que na igualda
dos sexos ficasse sem perigo a resoluçãõ

Eger. Naõ; porque se naõ ha de presumir
que huma mulher haja de ser homicida
de hum homem; e assim no mayor di
farce se encobrirá o mayor veneno:
pois nesta quinta visinha ao Eridano vi
ve ElRey, a ella te encaminha, aond
espero introduzirte. Mas ay Faetonte
naõ sey se me faberás corresponder!

Faet. Naõ sabes, que a infidelidade na
cabe em meu peito? E se me naõ acre
ditas, sedeme testimunhas vós Padre Eri
dano, vós ceruleas Ninfas, que nesse
pelagos habitais; de que já mais fere
infiel a Egeria; e se o for, permitti
que sejaõ as vossas aguas os fiscaes do
meu delicto.

Eger. Basta, Faetonte; mas só te advirto
que has de ser o homicida de Ismene.

Faet. Para que me lembras essa circumstan
cia?

Eger. Para que naõ aches desculpa na sua
formosura.

Faet.

et. A que eu adoro, he objecto taõ peregrino; que não admite hospedar-se em meu peito outra qualquer belleza; e assim a de Ismene não poderá ser remora de meu impulso.

er. Não me desvaneças com affectados periodos.

et. Quê mal entendes aonde se dirigem os meus suspiros! *à part.* Mas tambem adverte, que has de ser homicida de Albano.

er. Para que mêm ratificas o que eu sey?

et. Não sey o para que; só sey, que Albano he Principe, e poderoso; e tu desvalida, e sem-amparo.

er. Só no teu braço seguro a minha fortuna.

et. Pois, Egeria, a emprender.

er. Pois, Faetonte, a conseguir: mas lembro-te outra vez, que has de ser Monarca de Italia, e que Ismene he formosa; cinge a Coroa nos olhos, para que sejas Cupido da tua ambição, e não do teu amor.

Cantaõ Egeria, e Faetonte a seguinte

A R I A A D U O.

er. Se acaso a formosura
O golpe te suspende,
Na suspensãõ attende

A'

- A' gloria do reinar.
Faet. A' copia , que idolatro
 Tributo extremo tal,
 Que só no original
 Me posso retratar.
- Eger.* Oh peço-te não sejas
 A tanta fé traidor !
- Faet.* Oh rogo-te , que creyas
 As veras deste amor !
- Ambos.* Que affecto taõ constante
 Mudavel não será.
- Eger.* Na fé , que me promettes
 Socega o meu cuidado
- Faet.* O meu amor prostrado
 Fiel será comtigo.
- Ambos.* Pois vê com segurança
 No bem , que amante figo ,
 A gloria , que terá. *Vai-se Egerio*
- Dentr.* Por aqui foy ; segui-o todos.
- Faet.* Que rumor será este ? Será conveniente occultarme.
- Esconde-se Faetonte , e sabe Fiton com hum livro na mão , que ao depois o lançará no chão , e se despe.*
- Fiton.* Aonde achará refugio hum infeliz
 Despojarme quero desta recopilada sciencia , que inutil me não ampara ; e para que mais disfarçado possa escapar de

te barbaro furor , será preciso mudar de trage ; e ainda que me prendaõ , dizendo que não sou quem buscaõ , deixarey ao menos vacilante o seu intento. Oh sciencias , até quando deixareis de ser perseguidas !

Entr. Vamos ao Eridano.

ton. Oh tu frondoso Bosque , sê propicio refugio de hum desgraçado , occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem está aqui ?

o hir esconderse , encontra-se com Faetonte.

et. Que vejo ! Tu não es Fiton ?

ton. Fatonte , he possível , que te encontro ?

et. Não te deixey em Thessalia ?

ton. Sim ; mas como soube , que precipitadamente vinhas a Italia , a buscar o original daquella copia , que casualmente veyo às tuas mãos , foy preciso seguirte , para que te não arruinassem os teus pensamentos : Oh nunca te eu differa , que em Italia habitava essa formosura !

et. Pois já , que estamos em Italia , porque me não declaras , quem he essa soberana belleza ? Para que me occultas o original de taõ bella copia , quando vês , que vagando por estas regiões , venho

inho louco amante, a ver se encontras
 o idolo, que adoro em sombras, e abraza
 em chammas?

Fiton. Faetonte, convém à tua conservação
 o ignorares de quem he o retrato, pois
 tenho alcançado pelas minhas sciencias
 Magicas, e Astrologicas, o original
 dessa copia ha de ser a causa do teu
 precipicio; e se longe do perigo te
 cately o dizerto, agora que estás perdo
 do damno, como to podrey declarar?

Faet. Como? Desta sorte: arrancando
 do peito o coração, já que não posso
 o segredo, que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo, que fazes?

Dentr. Cercay todos esse bosque.

Fiton. Espera, não queiras, que ambos
 aqui pereçamos, pois sey, que esta trapaça
 vem para nos prender. Com este engano
 estorvarey o seu furor.

Faet. Deixo-te com vida, para em melhor
 occasião saber a causa de meu precipicio:
 anda.

Fiton. Vamos, que por mais que te enganarem,
 não has de saber.

Sabe Chichisbeo.

Chich. Ora sou bem asno! Mas não tenho
 vergonha de o dizer: que venha eu palmar
 milhar

milhando desde Theffalia até aqui atraz
 de hum louco, ou de hum Faetonte,
 que tudo he o mesmo! E o peyor he,
 que me desencontrey delle, e ando per-
 dido pelo moço! Que ha de fazer o po-
 bre Chichisbeo, posto no centro de
 Italia, sem saber aqui aonde são as ca-
 sas locandas, e o que mais he, sem qua-
 rini? O que me val he ser eu Chichis-
 beo, que terey entrada franca em toda
 a casa. Mas que he isto, que alli está?
 Ora vejamos: oh, he hum vestido, que
 está despido: ora sabia Deos, que já
 este meu testava por hum fio: se me
 chegará? Vejamos: bello! justamen-
 te! Alguma alma algebista se compa-
 deceo da minha piranguice. O' lá, te-
 mos mais hum livro? Não ha duvida,
 he livro; e he de razão que o veja: ora
 bem dizem, que em Italia nascem os li-
 vros, como nascem as malvas: veja-
 mos, se achamos nelle alguma cousa,
 pois dizem, que tudo se acha nos livros.
Assenta-se, e começa a foliar o livro.
 Abramos, e vejamos o que contém: *Li-
 ber astrolomagico*: irra! Magico! Passa
 fóra: vejaõ lá, que materia taõ peço-
 nhenta contém o tal livrinho! *Libera me!*
 Ora ainda assim, salva a consciencia,

vamos vendo o *Index rerum notabilium*.
 Capitulo primeiro, de *physiognomia*, que
est navorum confrontatio: isto ha-
 ver galante. Capitulo segundo, de
gromantia; isto he cousa de negros; ma-
 gra sciencia he esta! Eu não quero
 mais, que se me vão arripiando os
 bellos.

*Vão sabindo por de trás de Chiebisbeo Me-
 nas, e os Soldados.*

Mecen. Aquelle sem duvida he o Nigri-
 matico, que buscamos; vamos de ma-
 so, e levemo-lo prezo, com o rosto t-
 pado, para que nos não offenda com
 gum encanto.

Chieb. E o diabinho me está dizendo, que
 torne outra vês a abrir o livro: fô
 tentação; não sey se consinta nella?

*Chegaõ os Soldados, tapaõ o rosto a Chiebis-
 beo, e o vão levando.*

Mecen. Levem-no depressa,

Chieb. Eu o dissera! *Fugite*, encantadore
 que me quereis? Não me fecheis
 olhos, que ainda não estou para morre

Mecen. Calle-se ahí; levem tambem es-
 livro.

Chieb. Desta ninguem se livra.

Mecen. Vamos, vamos.

Chieb. Para onde? Para o Inferno?

Mecen.

ecen. Lá o verá.

ich. Lá o verey , se me destaparem os
olhos. *Vão-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabe Albano.

ban. **Q**Uando , ò bella Aurora , has
de amanhecer risonha , e ale-
gre a hum extremo amo-
te , para que nas delicias de Ismene se
acabem as minhas esperanças ? Mas que
diria Egeria da minha ingratitude ? Ra-
zaõ tem ; fuy-lhe ingrato ; mas como
podia não ser , se amor , e ambição ven-
ceraõ a minha constancia , se he que era
constancia , constancia que se mudou ?

Sabe Egeria.

er. Dizem-me , Albano , que a mão
de Ismente te sublima hoje ao throno de
Italia ; e assim como mais interessada
nos teus triunfos venho a darte os para-
bens de tanta fortuna.

ban. Que has de responder , ingrato co-
ração ? *à part.*

er. Quem já poderá resistir a teu poder ?
Se aos dominios de Liguria unes as pro-
vincias do Eridano , que inimigo te po-

derá resistir? Como serão copiosos os teus exercitos! Trata de erigir templos à tua fortuna, e altares à tua bella esposa, por não seres ingrato; por que a ingraticidaõ, ò Albano, he humma mancha, que deslustra o peito mais soberano:

Alban. Bem entendo a Egeria; vou-me sem responder-lhe. *à part.* *Quer irse*

Eger. Que he isso? Te vás sem responder-me? Já te desvanece o futuro dominio? Repara ao menos, que para o respeito ainda que sou desvalida, sou filha de Tirreno, Monarca que foy desta Regiaõ.

Alban. Egeria, em mim não he desattenção este retiro; he compadecerme da tua desgraça.

Eger. Bem o mostras, fomentando a minha ruina, por enthronizar huma tyranna: dize, ingrato, não prometteste defender a minha justiça, ou ao menos fazerme Princeza de Liguria?

Alban. Assim he; mas não sey se te diga que . . .

Eger. Que has de dizer, ingrato? Sabe que já não necessito dos teus favores, pois a piedade de Amphitrite me fez Ninfa do Eridano, aonde espero triunfar

far de hum tyranno , que me usurpa a Coroa , e de hum falso amante , que cruel me offende.

ban. Pois , Egeria , se já como Deidade te vás immortalizando , não necessitarás de meus auxilios.

er. Mas tu necessitarás de minhas piedades.

ban. Eu de tuas piedades ? De que sorte?

Sabe ElRey Tages.

y. Albano , aqui se me avisa , que Fiston , aquelle celebre Magico de Thessalia , se acha nesta Provincia ; dey ordem , que mo trouxessem de qualquer parte donde esteja , para que delle saiba os occultos segredos , que importaõ à minha Coroa ; para que assim com mais socego possa completar o teu Hymenêo.

ban. O teu preceito , Senhor , he a minha vontade.

er. Permittaõ os Deoses fazer propicias as tuas idéas.

y. Sim faraõ , pois os tenho gratos com repetidas victimas.

er. A melhor victima he sacrificar a razão nas aras da Justiça.

y. Não entendo.

Eger. Pois para que me entendas , me explicarey melhor : Bem sabes , invictos Tages , que nasci hereditaria Princesa de Italia , como unica filha de Tirreno que foy Monarca desta mesma Italia ; tu Senhor me tens usurpado o Reino com o pretexto de seres irmaõ de meu pay ; cousa que nenhum direito o permite.

Rey. Egeria , eu estou bem informado que como irmaõ de Tirreno devo proferirte , pois tenho a qualidade de vrayraõ ; e outra vez naõ tornes a propor-me semelhante idéa ; que disputar com os Reys he crime de lesa Magestade.

Eger. Esse he o privilegio da razaõ , que póde entrar no mais iniquo Tribunal.

Rey. Está bem.

Sabe Mecenaz com Chichisbeo , e Soldados.

Chich. Ora , Senhores , basta já de cabreca.

Descobrem-nos

Mecen. Este que vês , Senhor , he o Nymphomantico Fiton , que junto às margens do Eridano o achámos , e seguindo do as confrontações do traje Thessalico e este livro de Magica com caracter Gregos , que na maõ tem , me persuadido de ser o proprio , que buscamos.

Chich. Isto sem duvida he algum Palacete

encantado ! Esta gente será coufa fingida ? Vejaõ lá o livrinho de que casta he !
à part.

y. Fiton , vem a meus braços ; não temas , que em Italia terás melhor fortuna , que na Grecia.

ich. Assim sou eu asno , que lhe responde ; bem sey , que tudo isto he aparente.
à part.

y. Não respondes ?

han. Adverte , que he ElRey.

ich. Sim , Rey por encantamento , que he o mesmo que coufa nenhuma. *à part.*

y. Se não respondes , te mandarey justificar.

ich. Toda via , a Magica deve ser negra : eu lhe respondo ; porque aos Reys ainda em sombras se lhe deve respeito.
à part.

y. Que dizes , Fiton ?

ich. Senhor , que não sou Fiton ; sou hum pobre Chichisbeo , criado de outro pobre , mais pobre do que eu ; pois tem obrigação de sustentar-se a si , e a mim.

y. Não te encubras , que se por algum delicto te ausentaste de Thessalia , aqui te não podem offender as suas leys ; e pois tenho a fortuna de possuirte em meu Reino,

Reino , te espero honrar , como mereces a tua sabedoria.

Chich. Que sabedoria , Senhor ? Eu sou hum idiota : Vossa Magestade não quer entender ? Pois acha , que se eu sou fora Magico *quã* Magico , que me havia deixar prender ?

Mecen. Da forte , que te prendi , não podias usar das tuas Magicas.

Chich. Poderia adivinhar , e não estar naquelle fitio.

Mecen. A Magica não adivinha o futuro.

Chich. Mas podia adivinhar isto , que me succede de presente.

Alban. Sempre foy proprio dos homens doutos negarem o que sabem.

Rey. He o mayor homem do Mundo !

Chich. O certo he , que o ponto está em dizerem , que hum homem he sabido , que à força o ha de ser , ainda que se hum pedaço d'asno. *à parte*

Rey. Fiton , tem entendido , que esto é bastante capacitado de quem es , e assim saberás , que ha tres noites , que em sonhos se me representa , que hum mancebo , filho do Sol , habita occulto em Italia ; tomara me declarasses aonde está , para que como filho de Apolo lhe consagre os cultos , que se lhe devem.

Eger. Filho do Sol ! Quem será ? *a part.*

Chich. Isso está muito bem ; mas se eu não sou adivinhaõ , como posso dizer , aonde está esse senhor filho do Sol ? E demais , Senhor , que tenho para mim , que isso foy sonho.

Rey. Ainda assim , he tão repetida esta visãõ , que me persuade não ser erro da fantasia.

Chich. Pois , Senhor , não he erro crassissimo entender , que o Sol tem filho ? Bem sey , que pela regra do *Sal* , *Sol* , *ac mugil* , que o Sol he masculino , e nem por isso se segue , que tenha filho ; porque *Musa* , *Musæ* , he feminino , e com tudo as Mulas são castas : *ergo &c.* não sey , se me explico ?

Rey. Já isso he teima : tem entendido , que mo has de dizer , aliás se acabará com a tua vida a tua sciencia. *Vaise.*

Alban. Homem , vê lá em que te metes ; trata de fazer a vontade a ElRey. *Vaise.*

Chich. Ha semelhante entaladura ! Querer Sua Magestade à força , que eu seja feiticeiro ! E dado caso , que o fora , eu por ventura sou cá a roda dos engeitados , para saber dos filhos alheyos ? Ah Senhor , Vossa Senhoria desengane a ElRey , que eu disto de Magica não sey por onde ella corre. *Mecen.*

Mecen. Fiton , acho , que essa repetição negação he já imprudencia ; todos sabemos , quem es ; e pois a sorte te conduzio a este Paiz , a tua sciencia ha de ser o meyo da nossa tranquillidade ; pois que Egeria , esta Princeza , que vés vive espoliada do throno de seu pay pelas violencias delRey , que intenta enthronizar a filha , casando-a com Albano Principe de Liguria ; mas isto he escusado dizerto , pois tu como Magico o não has de ignorar.

Chich. Não me diga nada , entãõ verãõ se eu sey alguma cousa.

Eger. Que intentas , Mecenas ?

Mecen. Communicar a Fiton os nossos intentos , para que possamos triunfar , ainda que seja magicamente.

Eger. E tens a certeza , que todos os Magicos são fieis , e leaes ?

Mecen. Não ; mas como elles tudo alcançam pela sua sciencia , não ignorará o pacto , que temos celebrado , de restituirte o throno de teu pay com a fortuna de ser eu teu esposo.

Eger. Pois , Fiton , se a tua sciencia tudo alcança , peço-te , que a empenhes toda , para que consiga a Coroa , que me usurpa a ambição delRey meu tio

favo-

favorece os intentos de Mecenas ; pois conseguindo a fortuna , que espero , te prometto ser agradecida.

Vaise.

Bich. Senhor Mecenas , com quem esteve fallando agora aquella Senhora Egeria , que por nome não perca ?

Mecen. Comtigo.

Bich. Comigo ? He boa teima ! Pois acha Vossa Senhoria , que se eu pudera dar Coroas , que as não tomara para mim , por não estar às ordens de ninguem ?

Mecen. Deixa loucuras : bem vês o empenho , em que estou de coroar a Egeria ; patrocina os meus designios , que do seu bom exito pende toda a minha fortuna ; pois te confesso , Fiton , que ardo em hum vivo incendio de amor , e cego intento emprender por Egeria as mayores difficuldades.

Bich. Ahi vay parar tudo : já me a mim admirava , que o tramposo do rapaz não havia meter a sua colherada !

Canta Mecenas a seguinte

A R I A.

Naquella Deidade

Galharda , que viste ;

Confiſte

De minha ventura

A gloria feliz.

Se

Se a forte me nega
 Fortuna taõ bella,
 Sem ella
 Serey desgraçado,
 Serey infeliz

Vaij

Cbich. Isto já vay de foz em fóra; eu e-
 tendo, que isto he realidade para,
 naõ Magica sonhada; e o peyor he
 que eu sou o que faço na oraçaõ, e eu
 daõ, que sou Magico! Em negra he-
 ra apanhey o tal vestido, e o tal livr-
 nho! Mas ainda assim, devo muito a to-
 dos, pois hum me descobre o seu pe-
 to; outro me vomita o seu bucho;
 eu com tanta cousa estou para rebenta

Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. Ainda naõ creyo, que me veja h-
 bitar em Palacios: quanto me agrada
 estes marmores! Quanto me recrey
 esta magnificencia! Parece, que nestas
 altas torres habitaõ os meus pensamen-
 tos; nestes edificios se elevaõ os meus
 espiritos! Estes porfidos saõ polidos e
 pelhos de minha ambiçaõ; estas colum-
 nas talvez se erigiraõ, para nellas
 collocarem os meus triunfos!

Fiton. Naõ gastes o tempo em aereos per-
 samentos, quando sabes, que es filh-
 de hum Pastor.

Fae

de Faetonte. 459

Faet. Tambem Apollo foy Pastor de Admeto : nada me injurias com isso.

Fiton. Oh quem pudera declarar-te quem es ! Reprime esse genio ; não busques essa copia , torno-te a recommendar ; pois mal sabes a ruina , que te espera , Faetonte.

Chich. Faetonte disse ? Ay que alli está meu amo ! Pois por vida minha , que hey de magicar com elle.

Faet. Já que me não queres dizer o que te pergunto , recorrey a outro Magico , que me disse agora Egeria habitava em Palacio , e elle me informará , quem he o adorado enigma , que adoro : mas aquelle he , segundo os sinaes , que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu sabio portento da Nigromancia , compadece-te de hum peregrino , que inflammado de amor , procura o original de huma copia , que

Chich. Que achaste em Thessalia ; que te disserão estava em Italia ; que vens em cata della ; não he isto , Faetonte ?

Faet. Que ouço ! Nada ignora : Fiton , que te parece ?

Fiton. Quasi que me confundo.

Faet. Pois dizeme : de quem he este retrato ? *Mostra o retrato.*

Chich.

Chich. *Vidoamus*; queres que to diga? Mas ao depois talvez, que te arrependas.

Fiton. Não lho digas, se achas, que lh'póde succeder algum damno.

Faet. Deixa-me, cruel; que damno póde causar a formosura?

Chich. Que damno? Muito grande; porque ha formosuras damnadas: olha, huma mulher formosa por força ha de ser presumida; da presumpção segue-se ser tola; da tollice o fazer asneiras; das asneiras o dar couces; quem dá couces tem mataduras: com que, Senhor, quem albardar huma formosura, ha de aturar o ser raivosa, zelosa, comichosa, pedinchona, desvanecida; pois se tive accidentes da madre, ainda são outros quinhentos.

Faet. Se tudo isso são effeitos da formosura, nada temo, tendo tão soberana causa; dizeme, não me tenhas suspenso.

Chich. Com effeito queres, que te diga de quem he o retrato?

Faet. Dize.

Chich. Ao depols não te arrependas.

Faet. Dize, que me não hey de arrependeder; de quem he?

Chich. He de huma mulher.

Faet. Mas que mulher he essa, e aonde está?

Chich.

de Faetonte. 461

Chich. Está pintada em cobre ; não a vê?

Fact. Isso he a pintura.

Chich. Sim , a pintura ; pois que pergunta vossa merce?

Fact. De quem he o retrato?

Chich. Parece-me , que he de Apelles , ou eu me enganarey.

Fact. Já me desesperas ; dizeme , e desenganame já , qual he o original deste retrato?

Chich. Isso he outra coufa : já me retrato ; e para lho dizer com mais certeza , deixe-me ver nos meus alfarrabios.

Foliando Chichisbeo o livro , canta a seguinte

A R I A.

Vagos espiritos
Do negro Cocyto ,
Respondeime já
Por magica , megica , migica ,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pay , seu avó ,
Quem he , quem ferá?
Que a furia sómente
Do abyfmo fervente
De huma mulher
Saber poderá.

Titon. Senhor , agora reparo , aquelle he
o meu

o meu livro, e o meu vestido: este homem deve ser algum velhaco.

Faet. Assim me parece; já sey, que hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu esse livro?

Chich. Ninguem, porque o achei.

Faet. Pois como, insolente, me perdeste dias enganar?

Chich. Venha cá; taõ lonquinho está, que me não conhece? Não vê, que sou Chichisbeo?

Faet. Agora reparo: Chichisbeo, he por que fivel, que te vejo?

Chich. O verme he o menos, que isso fará quem não for cego: o acharme feyto Magico he o mais.

Faet. Como he isso? Conta-me.

Chich. Depois que de Thessalia partimo atrás do original daquelle maldito retrato, chegamos a Italia, quando em duas palhetadas, embrenhando-se vossa merce pelos bosques do Eridano, o perco de vista, sem que a foroa da diligencia o podesse descovrar: nesta soffrogidade andava, quando, palavras não eraõ ditas, porque eu não dizia palavra eis- que acho este vestido, e este livro eis-que apenas eu o abri; eis-que me pren-

prendem , e me appresentaõ a ElRey em pessoa , affirmando , que eu era Fiton , aquelle Magico de Thessalia , que eu nunca vi ; e por mais que me desempulhey , naõ foy possivel tirarlhe dos cascos , que eu era Fiton.

Fiton. Mais seguro estou agora disfarçado em Chichisbeo. *à part.*

Faet. Já que tens essa fortuna , vay vivendo com o tempo.

Chich. Isso sim ; mas se me pedirem , que faça alguma magica , como ha de ser , se eu sou desfazado para isto de pactos ?

Fiton. Naõ tenha medo disso , que fará quanto quizer.

Chich. Ah Senhor , quem he este lapuz , que tambem se quer meter em resfea magica ?

Faet. He hum criado , que tomey na tua falta.

Chich. Pois vossê me segura , que hey de fazer magicas ?

Fiton. Parece-me que sim ; que quem tem esse livro , faz quanto quer.

Chich. Com tudo isso naõ he possivel adivinhar , quem he hum filho do Sol , que em Italia habita ; e diz ElRey , que lho hey de dizer , porque elle o sonhou , e que senaõ , me ha de separar a alma do corpo. *Faet.*

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como se altera Faetonte! à pa

Faet. Chichisbeo , em todo o caso tu h
de dizer a ElRey , que eu sou o fill
do Sol , [para com esse pretexto cor
pletar as minhas idéas.

Fiton. Ay de mim , que Faetonte procu
a sua ruina! à pa

Chich. E se depois apparecer o verdadei
filho do Sol, e me apanharem na mentira

Faet. Nunca tal succederá , porque na
ha filho do Sol : e se o ha , serey eu
pelo elevado espirito , que me anim

Chich. Se vossa merce tivera os cabell
louros , ainda , ainda.

Fiton. Que intentas ? Não sabes , que h
sacrilegio appropriarte ati a dignidad
de filho do Sol , e que Apollo irritac
póde castigarte , e a quem para is
concorrer ?

Chich. He verdade , que eu sou o concti
rente : não temos nada feito.

Faet. Deixame , infame estorvo de minhs
felicidades : que tens tu , que me ar
ruine ? Homem dize , que eu sou o f
lho do Sol.

Chich. Se es hum filho das ervas , com
queres ser filho do Sol ?

Faet. Adverte , que nisso te faço hum gran

de favor ; porque tu , ou hás de dizer quem he o filho do Sol , ou te haõ de matar ?

bich. Esta razaõ concludiome : vossa merce he o filho do Sol , e tenho dito : *Constituto te filium Solis.*

iton. Oh violento poder dos fados ! Quem póde resistir a teus imperiõs ? *à part.*

aet. Naõ sabes , quanto estimo esta occasiaõ , para que assim possa frequentar sem perigo este Palacio , e servir aos designios de Egeria , huma Princeza . . .

bich. Sim Senhor , huma Princeza , filha de quem Deos tem , esporiada do throno , naõ he assim ?

aet. Muito sabes.

bich. Naõ vê , que sou Magico ? Pois ainda sey mais.

aet. Dize.

bich. Naõ posso , que está *sub sigillo magicali.*

aet. Nada me importa saber mais , que o bello original deste retrato , pois quanto intento , he para ver se descubro este encanto de amor.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Nas pupilas de meus olhos
O meu bem hey de buscar,
E verey se posso achar
Entre a copia de meu pranto
Desta copia o exemplar.

Se te encontro, objecto amado
Acharás nesta alma amante
Hum morrer a cada instante,
Hum viver por te adorar. *Vai*

Fiton. Vaite, errado mancebo, que algu
dia te pezará do engano, que inten
fabricar. *à pa*

Chich. O' vosse?

Fiton. Que diz?

Chich. Não diga a ninguem, que eu f
Magico, entendeo-me?

Fiton. Bem entendo; mas eu farey, co
que te tenhaõ por Magico, exercita
do na tua pessoa varios encantos, pa
que fiquem na certeza, de que es o B
ton, que buscaõ, e eu livre de cheg
às mãos delRey. *Vai*

Sabe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver este Mag
co, que tem alvoroçado todo este H
lacio, e he cousa, que nunca vi em n
nha vida. *Chi*

Chich. Que estará espreitando aquella moça ? O' menina , procura alguma coufa ?

Chirin. Vinha a ver hum Magico , que está em Palacio.

Chich. E para que ?

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chich. He como esta , que vossa merce está vendo.

Chirin. Pois vossa merce mesmo he o feiticeiro ?

Chich. Para servir ao diabo , e a vossa merce , que tudo he hum.

Chirin. Ay , chegue-se para lá , que se me arrepião os cabellos !

Chich. De que te assustas ? Que cuidas tu , que he ser Magico ?

Chirin. Com licença de vossa merce , dizem que he gente , que falla com o diabo.

Chich. Esses são outros ; que eu cá não fallo com o diabo , o diabo he que falla comigo.

Chirin. Isso tudo vem a ser o mesmo.

Chich. E a ti que se te dá disso ? Tomaras tu , que hum Magico desses te amasse , então verias ; não digo nada.

Chirin. Deos me livre !

Chich. Queres tu, que eu seja teu Chichibeo? Zombaria fóra.

Chirin. Para que? Naõ jure, que bẽtinho creyo.

Chich. Hey de ferte o mais fino Chichibeo, que ha de haver em toda a Italia

Chirin. Vá-te dahi, que he hum feiticeiro.

Chich. Feiticeira es tu, que me tens enfeitado.

Chirin. Só de huma forte me poderá render.

Chich. Como?

Chirin. Renunciando o pacto, e depondendo a Magica.

Chich. Se nisso consiste, já renuncio, naõ só o pacto, mas tudo o que te possa dar pena; pois só quero, que voe o meu amor à esfêra dos teus olhos.

Chirin. Estamos justos; porém veja lá o que faz: agora o apurarey. *à part.* Ora dize, como me chamo eu?

Chich. Se eu já naõ sou feiticeiro, como posso adivinhar o teu nome? Está galante a Chirinola!

Chirin. Naõ temos nada feito; vá-se dahi que ainda he, quem de antes era.

Chich. Porque?

Chirin. Disse-lhe, que me adivinhasse o

nome, e mo escarrou na bochecha.

Chich. Eu o teu nome? De que sorte?

Chirin. Naõ disse Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim Senhor, faça-se de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, se eu sabia, que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que disse Chirinola?

Chich. Nunca se vio hum *lapsus nominis*? Se havia de dizer charamella, disse chirinola.

Chirin. Ora admitto a desculpa, mas naõ lhe succeda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que essa belleza, nem mais adivinhar, que os teus pensamentos, nem mais pacto, que esse Cysne de Venus, de cujas azas formou Cupido as tuas, de cujas penas armou as settas para ferir, e para voar? Teu Chichisbeo hey de ser, e se o naõ for, naõ seja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Immediatamente lhe cresce o nariz a Chichisbeo com disformidade

Chirin. Ahi que nariz! Isto atura-se? Ha homem mais mentiroso?

Chich.

Chich. Que fiz eu ? Que nariz ? Explicite , não falles pelos narizes.

Chirin. Como queres , que te creya , ao mesmo tempo , que dizes não has de ser Magico , facas por hum nariz tamanho como hoje , e a manhã ?

Chich. He verdade ! Cresceo-me o nariz . Ha caso igual ! Oh Chirinola , este nariz he o meu nariz , e nisto podes assentar-te .

Chirin. Vá-se dahi , embusteiro , Magico feiticeiro .

Chich. Filha do meu coração , eu estou innocente ; verdade he , que me rebentou este nariz à flor da cara , mas eu não concorri para isso .

Chirin. Não ? Fuy eu ?

Chich. Vê tu não seja isto algum leycenoso .

Chirin. He nariz em nariz .

Chich. Tu tens razão ; he forte penca !

Chirin. Arre lá ! Com nariz mais da marca ? Isso não se atura : ande , vá-se , antes que lhe chegue aos narizes .

Canta Chirinola a seguinte

A R I A .

Se quer adorarme ,
Da Magica fuja ;
Se quer desprezarme ,
Fará o que quizer ,

Que

Que he muito senhor
Do senhor seu nariz.

Bem sabe não gosto
De feitiçarias,
Que são rapazias,
Que estallaõ num trás,
E estaõ por hum triz.

Vaise.

bich. Vio-se nariz mais intrometido, do
que este meu! E que por amor d'elle vá
Chirinola ventando por ahi fóra! Isto
deve ser contagio do tal livrinho: arre
com tal nariz! Mas aonde está elle? *Es-*
condese-lhe o nariz. Sumio-se? Sem du-
vida foy o nariz atrás de Chirinola a pe-
dir-lhe bom quartel; mas eu vou a pe-
dir-lhe as alviçaras: ò Chirinola, espe-
ra, que já estou desnarigado. *Vaise.*

S C E N A III.

*Camera, em que houvera hum bofete, e sobre
este huma véla accesa; e haverá mais huma
cadeira. Sabe Ismene, e Albano, e este
não passará do bastidor.*

Ismen. B Afta até aqui, Albano.

Alban. Limitada esféra para tanto Sol.

Ismen. He estylo do decoro, e da politica
pôr

pôr limites à entrada dos esposos; aõn
habitaõ as esposas; e assim já sabes, q
aqui naõ podes estar, e he preciso re
rarte.

Alban. Poderia, se o nosso Hymeneo vo
ra mais accelerado.

Ismen. Naõ basta a certeza da posse, pa
suavisar o martyrio da esperança?

Alban. Naõ, Ismene, que toda a pos
he duvidosa, que tem a esperança p
fiadora.

Ismen. Quando eu, e ElRey a abonamos
seguro podes estar.

Alban. Pois, Senhora, já que naõ tenh
licença para me dilatar, neste papel ve
rás a causa de meu tormento.

Vaise Albano, dando hum papel a *Ismene*,
esta assenta-se a lello, e sabe ao bastidor Ege
ria, e Faetonte com hum punhal na mão
e Ismene estará de sorte, que lhe naõ vej
o rosto.

Eger. Chegou o tempo da nossa vingança
alli tens a *Ismene*; a occasiaõ he op
portuna, esgrime o valeroso braço, pois
para te coroares, necessitas da purpur
daquelle sangue. *Vaise*

Faet. Estou immovel, pois parece especie
de cobardia matar huma mulher.

Ismen. Enigmas me parecem as cifras de
Alba

Albano ; quero repetillas para as comprehendder melhor.

Fact. Mas em que reparo , se muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para subir ao throno?

Ismen. Senhora , (diz Albano aqui) este excesso delRey em procurar o filho do Sol me persuade , que achando-o , quererá dár-lhe a gloria de teu esposo , para divinizar com hum filho de Apollo a sua descendencia. Quem será este filho do Sol?

Fact. Não pareça a dilação cobardia ; triunfe Egeria.

Ismen. Diz mais : E temo , Senhora , que este filho do Sol , usurpando-me a fortuna de teu Hymeneo , seja instrumento da minha morte , tirando-me a vida.

Fact. Morre , infeliz . . . *Sabe.*
Ao hir levantar o braço para ferir à Ismene , a vê , e se suspende , e ella se levanta.

Ismen. Ay de mim ! Como , traidor , assim

Fact. Que he o que vejo ! Não he este o bello original da copia , que adoro ? Im-movel estoú ! *Deixa cabir o punhal.*

Ismen. O' lá , acudi , que hum traidor . . .

Fact. Suspende a voz , Ismene ; não digas traidor , amante sim.

Ismen.

Ismen. Com hum punhal . . .

Faet. Achou a occulta causa de feu incendio.

Ismen. Intenta tirarme a vida.

Faet. Sem ella estou , vendo taõ infeliza
acaso ; pois te affirmo , que te não po-
dia offender.

Ismen. Mas intentavas matarme ?

Faet. Sim ; mas tanto que te vi , me suspen-
deo o braço o affecto , com que te
adoro.

Ismen. Tu adorarme ? Queres com hum
offensa apadrinhar hum delicto ? Acudo
todos , antes que o traidor se ausente.

Faet. Senhora , que intentas ?

Dentr. Accudamos ao quarto da Princeza.

Faet. Ay de mim , que he infallivel a mi-
nha ruina ! Bem o disse Fiton : aonde
me esconderey ? *Quer esconderse*

Ismen. Espera , traidor , que te não has de
ausentar ; que tambem tenho valor , para
te suspender.

Ismene pega em Faetonte , e este intenta , lutando , tirar-se das mãos della.

Faet. Não me sejas duas vezes homicida ,
deixa-me ao menos ausentar.

Ismen. Sem castigo não has de ficar.

Faet. Oh quem dissera , que me abraçasse
Ismene , e que eu fuja de seus braços
Deixame , Ismene. *Dentr*

entr. Aqui são as vozes.

act. Não ha mais remedio , que apagar a luz. *Apaga a luz.*

ismen. Que fazes?

act. Fugir de ti , para buscarte outra vez. *Vaise.*

abem Albano , Egeria , e hum criado com luz.

Alban. Que tens , Ismene ? Quem te motivava a dar vozes ?

Eger. Que te succedeo ? Ay de mim , que se frustrou o meu intento ! *à part.*

ismen. Encontraste acafo hum traidor , que barbara , e aleivosamente me quiz tirar a vida ?

Alban. Quem seria o atrevido , que concebeo tão horrivel pensamento ?

Eger. Ainda não creyo , que estás com a vida.

Alban. E para onde fugio ?

ismen. Não sey , porque apagou a luz , para com as sombras se encobrir melhor ; busca-o , Albano , que o traidor não poderá estar longe , e castiga a sua temeridade.

Eger. Ay infeliz Faetonte ! *à part.*

Alban. Eu vou a buscallo ; verás como vingou a tua offensa.

Eger. Aonde vás , ingrato ? Tanta fineza te merece Ismene , para expores a tua vida

vida à desesperação de hum infiel agror.
for.

Alban. Não sabes , que sou amante , e c
poso ? Deixa-me , Egeria.

Ismen. Vay , não te dilates.

Eger. E a sua vida ?

Ismen. Os Deosês a defenderáõ.

Eger. Para que he buscar remedios extr
ordinarios , quando sem esse recurso
podemos evitar ? Assim darey tempo
para que fuja Factonte. *à par*

Alban. Que tens com a minha vida ? Na
me detenhas.

Eger. A palavra , que me dêste de ser me
esposo.

Alban. Palavra de esposo ?

Eger. Sim.

Alban. Ismene , Egeria delira ; eu vo
castigar ao traidor.

Ismen. Espera ; averiguemos isso ; que a
offensas da alma devêm preferir às d
corpo.

Alban. Vê , que o traidor se póde ausen
tar ; e para que vejas , que Egeria s
allucina , verás na minha fineza conven
cido o seu engano.

Alban o seguinte Recitado., e depois
com Egeria, e Ismene a Aria a 3.

R E C I T A D O.

Onde te esconderás de meus furores,
mentido traidor? Mas não te occultes,
que ainda que te sepultes
nas concavas cavernas desse abyfmo,
em triste parocysmo
entre as sombras do Averno te disfarces,
lá mefmo encontrarás o teu castigo,
perfido inimigo,
por não creres com barbara impiedade
ser incapaz da morte a Divindade.

A R I A A 3.

Alban. Na minha vingança,
Ismene, verás
Meu fino querer.

Eger. Espera, suspende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.

Ismen. Valente, castiga
A mão, que meu fangue
Intenta verter.

Eger. Firmeza } te peço.

Ismen. Vingança }

Alban. Firmeza, e vingança

Eger. Firmeza } em meu peito.

Ismen. Vingança }

Todos. Sómente acharás.

Alban.

Alban. De amor inflamado,
Ismen. De ardor abrazada,
Eger. De horror congelada,
Todos. Minha alma verás.

Fim do primeiro acto.

A C T O II.

S C E N A I.

Sala. Sabe Albano.

Alban. **N**Aõ he possivel apparecer
 traidor, sem que tenha omitido o meu cuidado toda a diligencia como poderia entrar este inimigo, e sair, sem ter visto de ninguem.

Sabe Chichisbeo.

Chich. Donde estará este Faetonte, que não he possivel atinar com elle? Eis-aqui para quando hum homem havia ser feitiçeiro.

Alban. Fiton?

Chich. Que manda Vossa Alteza muito serenada?

Alban. Que me declares, quem foy o traidor,

dor , que quiz offender a Ismene esta noite ; e já neste diamante te anticipo o premio de tua sciencia. *Dá-lhe hum anel.*

Chich. Aceito o diamante , porque me serve cá para certa coufa de minha sciencia desfeito em vinagre ; pois que diz Vossa Alteza ?

Alban. Saber quem foy o traidor de Ismene , que a quiz matar esta noite.

Chich. A que horas ?

Alban. Seriaõ dez.

Chich. Fazia luar , ou escuro ?

Alban. Naõ reparey.

Chich. Nem eu , mas sem essa circumstancia passaremos ; e diga-me mais , o traidor chegou a ferir a Ismene ?

Alban. Naõ ; porque acodi a defendella.

Chich. Pois saiba Vossa Alteza , que a naõ matou , e que viva está ; quer saber mais alguma coufa ?

Alban. Quem he o traidor , he que me importa saber , e aonde está.

Chich. Sabe Vossa Alteza , por onde elle hiria ?

Alban. Se eu o foubera , naõ to perguntara.

Chich. Pois tambem eu lho naõ perguntara , se o foubera.

Alban. A ti nada te he occulto , pois no
volum

volume dos astros , lês todos os successos do Mundo.

Chich. Isso assim he ; mas he com oculos.

Alban. Não me entretendas com frivolidades ; eu estou empenhado a que me digas o que te pergunto , quando não aqui ficarás sepultado.

Chich. Não me ameace , que por mal ainda he peyor : olhe , Senhor , se que saber quem he o traidor ; vá ao bosquedo Eridano , e o primeiro homem , que ali encontrar , esse he ; porém segredo no caso ; porque eu cá não sou homem de mexericos.

Alban. Pois , Fiton , se acho certo , o que me dizes , ainda será mayor o meu agradecimento.

Vaise.

Chich. Vaite cos diabos ; pois só por me ver livre daquella sanguixuga , lhe disse , que estava no Eridano : não me lembrou dizerlhe , que estava nos quintos Infernos , por ver se o hia lá buscar.

Sabem ElRey , e Mecenas.

Rey. Fiton ?

Chich. Avie-se : outra impurraçãõ temos.

à part.

Rey. A tua sciencia nesta occasiãõ só me pôde

póde livrar de hum empenho. Quem
foy o que a Ismene

Chich. Quiz matar esta noite , seriaõ dez
horas ? Já disse a Albano , que fosse ao
Eridano , que lá o acharia.

Rey. Prodigioso homem ! Vem cá , Fi-
ton , se eras taõ insigne Magico , para
que mo negavas ?

Chich. Por não ter applausos ; pois sou taõ
inimigo de rompantes laudatorios , que
por isso fugi de Thessalia.

Mecen. Até nisso mostra , que he verda-
deiro Sabio.

Rey. E como estamos do filho do Sol ?

Chich. Já o tenho quasi descoberto até o
pescoço ; falta-me só verlhe a cara , pa-
ra o conhecer.

Rey. Pois quem te impede o seu total co-
nhecimento ?

Chich. Os vapores crassos da terra , que es-
taõ escurecendo o brilhante dos astros ;
mas a pezar de tudo hey de trazello aqui
pelos cabellos , sobpena de enforcar os
livros.

Mecen. Senhor , lembro a Vossa Magestade ,
que Albano pretendeo algum dia
a Egeria esposa , e não sey , se o trai-
dor feria

Rey. Cala-te , Mecenas : bem te percebo :

Albano he Principe ; e quando o na fosse , mais interesse acharia em Ismene que em Egeria.

Vaise

Mecen. El Rey muito confia em Albano e as minhas idéas muito se retardão na execuçaõ , por não achar a opportuni- dade , que desejo. Ay Egeria , que tua infelicidade me suspende o arrojo e me esconde a occasiaõ ! Mas só tu , Fiton , compadecendo-te do meu amor , podes remediar o meu empenho ; que me respondes , Fiton ? Fiton , não ou- ves ? Arrebatado em extasis está ! Fi- ton ?

Chich. Não me deixará , Senhor Mecenas , que estava agora ideando aquillo , que Vossa Senhoria me recommendou à cer- ca da Senhora Egeria ; e o tinha já quasi concluido , se me não chama ?

Mecen. Até nisso sou infeliz ; mas bastame para alentar a minha esperança , saber que te não esqueces da minha pertençaõ ; mas só te digo , que desejara , que Albano cahisse do valimento , por não conseguir o Hymenêo , que pretende , e unir mayor poder a meu contrario.

Chich. Tudo bem se fará.

Sabe Chirinola ao bastidor , e Mecenas a vê

Chirin. Graças a Deos , que já acheý este Mecenas ! Tomará fallarlhe só por só , sem que me visse o meu Chichisbeo. Cé.

Mecen. Que me quererá aquella criada ? Fiton , retira-te , que importa ficar só ; depois fallaremos.

Chich. Tambem se não fallarmos importa pouco. Mas eu quero espreitar , o que isto he. *á parte.*

Esconde-se.

Mecen. Que ha de novo , Chirinola ?

Chirin. Egeria te avisa , que Albano , e Ismene se achão divertindo em huma caçada , nas ribeiras do Eridano ; que observes os seus movimentos , que pôde ser aches alguma occasião para o intento.

Mecen. Dizelhe , que a resposta he a obediencia , com que executo os seus preceitos.

Vai-se.

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira !

Chirin. Eu não sey , quando se aquietaráõ estes Senhores.

Chich. Quando não houverem alcoviteiras.

Sabe.

Chirin. Falle claro , e não me dê remoques.

Chich. Ora não fiava de ti , que tivesles tão baixo officio , sendo tu a primeira terceira , que eu vi tão destemperada nessa materia !

Hh ii

Chirin.

Chirin. E quem to disse?

Chich. He boa pergunta essa! A hum Magico não se pergunta, quem lho disse.

Chirin. Perdoe, que cuidava, que já não era Magico.

Chich. Ay, que me não lembrava da promessa, que te fiz! Estou zombando, eu não sey nada.

Chirin. Logo não sou alcoviteira?

Chich. Qual alcoviteira?

Chirin. Bem se conhece o remendo, que não he do mesmo panno.

Chich. Ah Chirinola, sabe Deos as linhas, com que cada hum se coze: deixemos galantarias amatorias, e fallemos em cousas fizudas.

Chirin. Pois que ha de novo?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois isso já não he velho?

Chich. Não vês, que os velhos são duas vezes meninos?

Chirin. Pois que quer o menino?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois busque quem o emballe.

Chich. Sempre me andas emballando com esse rigor! Não vês, que sou teu Chichisbeo, a quem se devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados?

Chirin. Ainda mais carinhos, ainda mais
agra-

agrados , dos que lhe eu faço ?

Chich. Isso sim ; mas

Chirin. Mas que ? Diga : mas que ?

Chich. A mim me tinhaõ dito , (muito se mente neste mundo !) que õs Chichisbeos abraçavaõ as suas Chichisboas ; que eraõ duas almas n'um corpo ; o que hum queria , outro queria ; que a fê amante era inviolavel ; a assistencia continua ; o cuidado frequente ; e que estavaõ olhando hum para o outro sempre sem pestanejar , e no cabo nada disto acho em Italia : que será ?

Chirin. Estás muito alheyo no caso.

Chich. A'gora , eu estou muito bem certo nas leys do Chichisbeato.

Chirin. Nada sabe , senaõ ter atrevidos pensamentos ; naõ sabe , que hum Chichisbeo ha de querer com taõ casto amor , que naõ ha de passar os limites da politica ?

Chich. Filha , isso de amor Platonice he coula ideada , que naõ existe *in rerum natura* ; he huma capa , que se deita sobre os olhos de Cupido , para o cegar mais , e para cegar tambem aos circunstantes ; e naõ me puxes tu pela lingua , que eu direy o que sinto nessa materia.

Chirin. Seja o que for ; isto he o que cá
Chic^u
ufa.

Chich. Vamos com a moda , que do mal
o menos.

Chirin. Isso me parece bem.

Chich. Pois ouve , e verás se sou Chichif-
beo de verdade.

Canta Chichisbeo a seguinte

A R I A.

Cara mia , cara , cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito , sbigurrato
Il dardo senti d' amor.

Moriró , má qual Fenice
Che nel fuoco suo felice
Piu bella revive allor.

Vaise.

Chirin. He o mais galante Chichisbeo , que
tenho visto!

Vaise.

S C E N A II.

Selva. Sabe Egeria , e Faetonte.

Eger. **Q**Uanto , Faetonte , sinto se
malograsse taõ bem premedi-
tada accaõ!

Faet. Bem vês , Egeria , como obedeco
aos teus preceitos , e como desempenho
a minha palavra ; falta cumprires da tua
parte com a morte de Albano.

Eger.

Eger. Ainda não falta o tempo : cuidemos primeiro em salvar a tua vida , pois he certo , que de Ismene foste visto , e se fazem diligencias para te prenderem ; e assim será preciso , que seja outra vez este bosque do Eridano verde atylo de tua pessoa.

Faet. Ay de mim , que mais sinto o cruel desterro , que perder a propria vida , pois quizera que Ismene me visse mil vezes traidor !

Eger. Para que he tão inutil acção ?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos sacrificios à tua formosura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao bosque , à selva , tó , tó.

Eger. Mas alli vem Ismene ; poem em execução o teu intento , que eu me retiro , e occulta neste arvoredado estarey observando o teu valor : (assim fingirey , que o vejo , para que se alente na execução , à part.) que huma cousa he de sejar a morte , e outra vella executar.

Vaise.

Faet. Espera , Egeria ; mas ay de mim ! Quem se vio em mayor consternação ! Pois esperar Egeria pela morte de Ismene , Ismene aquelle soberano idolo de amor , cuja copia adorey primeiro , que o seu

o feu original! Verme Egeria agressor
e ver eu a Ismene amante! Oh que in-
trincado labyrintho de amor! Mas ella
já vem chegando, e eu para satisfaze
a ambos os empenhos, fingirey, que me
defencontro, e no em tanto gozarão o
olhos por entre estas ramas o bello Sol,
que me abraza.

Esconde-se

*Sabem Ismene com arco, e settas, e alguns
monteiros.*

Ismen. Alli se moveraõ ramos, sem duvi-
da que alli se embrenhou a fera. Espe-
ra, veloz jeroglifico do vento, que eu
com esta setta te suspenderey a fuga.

*Atira huma setta, e dá em Faetonte, e cabe
atravessado com ella aos pés de Ismene.*

Faet. Ay de mim, tyranna, que me ma-
taste!

Ismen. Que vejo! Ay infeliz, que cuidey
eras a fera, que vinha seguindo! Levan-
tate, homem, que as minhas piedades
faraõ menos horrivel a tragedia deste
acaso.

Levanta-o

Faet. Com taõ feliz remedio será ditosa a
minha morte: perdoe Egeria, que a
ocasiaõ naõ permite attentções. *à part.*

Ismen. Aonde foy a ferida?

Faet. No peito.

Ismen. E he penetrante?

Faet.

et. Chegou.me ao coração.

men. Ao coração ? Se assim fora , não es-
tarias com vida.

et. Esse he o privilegio do teu golpe ,
que immortaliza a mesma morte.

men. Agora vejo , que estás mortal , pois
que deliras ; levay este homem , e de
sua ferida o remedio correrá por minha
conta.

*uer Ismene birse , e Faetonte a detem , e can-
ta a seguinte*

A R I A.

Deixa , que eu morra

Desta ferida ,

Que he melhor vida

Morrer por ti.

Se me desejas

Da morte isento ,

Naõ te retires ;

Pois só me alento

Com verte aqui.

Cahe.

men. Levay , levay esse homem , que me
horrorisa ver tanto languer. *Vaise.*

*abem por huma parte Albano , e da outra lo-
go depois Mecenas , Fiton , e Chichisbee.*

Uban. Esperay : que homem he esse ? Quem
o ferio ?

Monteir.

Monteir. Ismene com huma setta.

Alban. Sem duvida, que este he o traidor que quiz matar a Ismene, pois he o primeiro homem, que encontro nos bosques do Eridano, como me disse Fitor e pelo conhecer Ismene, valerosa e quiz vingar pelas suas mãos.

Faet. Ay de mim! Espera, não te vá tyranna roubadora de minha vida, por com a minha morte não extingues o amor, em que me abraço. *Levantando-se*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infame traidor? Mas se semivivo te deixou piedade de Ismene, a minha vingança te acabará de huma vez.

Puxa por hum punhal, e sabem Mecenas, Fitor, e Chichisbeo.

Faet. Ainda que exangue me vês, sabe que tenho espiritos, para suppeditar teu arrojo: larga o punhal, e vem meus braços.

Chich. Em grande perigo está Faetonte. O engano me valha. Suspende o braço sacrilego Albano: Mecenas, este he o filho do Sol, por quem tanto suspirou El Rey.

Mecenas. Que dizes?

Alban. Este não he o filho do Sol, he traidor.

traidor de Ismene, e nelle quero completar o resto da vingança, que deixou a Ismene principiada.

b. Ora não o saberey eu? E senão peruntelhe, e verá o que elle diz.

e. Deixa, Fiton, pois lhe val a sua ignorancia, para que Apollo, como a farrilego, o não castigue com seus rayos.

n. Não ha mais remedio, que obedecer aos fados, para que não perca Faetonte a vida; e para mayor evidencia e que elle he o filho do Sol, fará Apollo, que se movão estas arvores, mudando o sitio, em que habitão.

vem-se as arvores de huma parte para a outra.

os. Prodigioso successo!

t. Grande Magico he Fiton! *à part.*

cb. Se eu soubera fazer disto, dava duas ligas na inveja. *à part.*

cen. Que mais evidencia queremos? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer esta regiaõ.

ban. Fiton, Senhor, he o culpado no meu excesso, pois me disse, que o primeiro homem, que encontrasse nos bosques do Eridano, que esse era o traidor, que quiz matar a Ismene; e como fosse

foste o primeiro, que encontrey, verte ferido por Ismene, me persuada que eras o traidor; e assim desculpe meu atrevimento; pois só Fiton enganarme merece o castigo.

Chich. Não nego, que eu disse, que o primeiro homem, que encontrasses, o traidor; porém Faetonte, (que a se chama este Senhor filho do Sol) he semideos: logo não o enganey.

Faet. E o ferirme Ismene foy huma castidade.

Mecen. Vamos, Senhores, não dilatemo dar a ElRey este prazer: vem, esclamado Faetonte.

Faet. Bom principio levoõ os meus intentos.

Alban. Vou sem alma, pois temo neste lho do Sol o eclipse do meu amor.

Fiton. Oh quanto em vaõ pretende a prudencia humana suspender o movimento das estrellas!

Chich. Ora vejaõ as cousas deste Mundo como saõ, pois eu sendo hum asno e pessoa, estou feito satrapa em carne; Faetonte sendo hum ninguem, lá vaõ a ser venerado como filho do Sol! Não isto não parar em alguma destampação temos vida para cem annos.

Sabe Egeria.

r. Cuidadosa venho, sem saber se Faetonte executaria o intento; mas alli está Fiton, elle me informará: Fiton, vem tirarme de huma duvida.

cb. Não posso, Senhora, que anda tudo revolto com o novo successo, que agora aconteceo.

Vai se.

r. Que successo? Espera: mais confusa estou! Mas quem duvida, que se fará a morte de Ismene? Porém que vejo! Alviçasas, coração; todo este prado está inundado de sangue, não póde haver mais seguro indício; pois haver sangue no lugar, aonde deixey a Faetonte, e Ismene; dizer-me Fiton acelerado, que andava tudo revolto com hum novo successo, que póde ser, senão o que imagino? Oh valeroso Faetonte! Oh extremofo amante! Só o teu valor me podia coroar de triunfos.

Sabe Chirinola.

irin. Senhora, que será isto? Todo este prado cheyo de sangue, e alli encontrar a Albano pallido, como sobresaltado, e Mecenas, que levavaõ hum homem como prezo?

ger. Viste, que homem era?

irin. Não o pude distinguir, por hir cercado de muita gente.

Eger.

Eger. Ay de mim, que terá Factonte! S
duvida, que morta Ismene, não po
ria escapar!

Chirin. Pois, Senhora, que seria isto?

Eger. Huma felicidade, e huma desfo
ca ao mesmo tempo; aquelle, que v
hir prezo, era (ay de mim!) o m
extremoso amante, que me adorav
chegando a tanto a sua fineza, que c
gou a dar a morte a Ismene, cujo s
gue he este, que matiza este prado.

Chirin. Ora já se acabaraõ os teus cui
dos à custa do sangue alheyo.

Eger. As armas da justiça são muy poc
rosas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês se
opposiçãõ no throno, lembrete da m
nha lealdade.

Eger. Ainda não creyo esta fortuna. C
ambição de reinar a quanto obriga
Oh cego amor a quanto te delibera

Canta Egeria a seguinte

A R I A.

Verdes louros do Eridano,

Só assim no solio ufano.

Desse sangue matizados

Vós me haveis de coroar.

Mas ò tu ditoso amante,

Qu

Que por mim penando vás,
A teu peito fiel constante
Eu prometto libertar.

Vai-se.

S C E N A III.

*Gabinete bem adornado. Sabem Faetonte,
e Chichisbeo.*

Chich. **O**Ra Senhor filho do Sol, seja-lhe muito parabem a vossa femideidade, pois que se vê palaciego, veneração dos grandes, adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peço-lhe, que já que o Senhor seu seu pay he o productór do ouro de vinte e quatro quilates, que reparta commigo dos seus mineraes; quando não, hey de pollo no olho da rua, como quem he.

et. Bem féy, Chichisbeo, que essa epigramma, com que me fallas, he huma rigorosa critica de meu nascimento; mas de o nalcer nobre he acaso da fortuna, com o meu valor, e a tua industria emmendarey este acaso.

Chich. E como estás da ferida?

et. Quasi são à força de activos remedios.

Chich.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Ismene casualmente com huma setta
que para hum bruto a despedio do arco

Chich. Andar , nunca errou o tiro.

Faet. E mais sentira , se o errara.

Chich. Não entendo essa filosofia.

Faet. Porque Ismene he o bello original
daquella copia , que de Thessalia me
trouxe em frenetico delirio.

Chich. Ismene mesma?

Faet. Ismene ; porque aquella belleza só
de hum animo Real poderia ser adorno.

Chich. Caro te custou o achalla , pois zom-
bando , zombando , te hia custando a
vida.

Faet. Tambem o não achalla me custaria
o mesmo.

Chich. Que pretendes agora depois de fi-
liado na casa do Sol?

Faet. Escuzada pergunta , quando sabes os
extremos , que fiz por Ismene , quan-
do pintada ; pois quem tão finamente
adorou as suas sombras , como deixará
de idolatrar o claro de suas luzes?

Chich. Eu o creyo ; mas com tudo não
falta quem diga , que huma mulher he
melhor pintada , que viva ; pois o pin-
cel he como o solimaõ , que mata os de-
feitos.

Faet.

Faet. Em Ismene tudo são perfeições.

Chich. Com que Egeria já lá vay cos diabos?

Faet. Não tem que se offender Egeria, pois primeiro adorey a Ismene.

Chich. Na verdade, que se souberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo, que a havias ter repudiado.

Faet. Conta-me, para que possa cohonestar o meu desvio.

Chich. Senhor, eu não sou de mexericos; nessa certeza saiba vossa merce, que Egeria fez a Mecenas escrito de casamento, ou cousa que o valha, e se lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e não deixaõ de ter seus colloquios amatorios.

Faet. Quem to disse?

Chich. Eu, que o ouvi com estes olhos; e pretenderaõ, que eu dêsse algum socorro magico na materia; com que, Senhor, isto anda muy sollapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já estás feito filho do Sol, e como tal podes casar, aonde puzeres o dedo meminho.

Faet. Não sabes, quanto estimo essa falsidade de Egeria, para que sem escrupulos

lós da constancia possa livremente pro-
tender a Ismene?

Chich. Sim Senhor , Ismene , e mais Is-
mene , que o mais he carvão de facaria.

Sabe Ismene.

Ismen. Cuidadosa da tua saude venho ex-
pressarte o quanto estimarey a tua sa-
lhora , para que no alivio da queixa
mitigue o pezar de ser eu a causa da tua
molestia.

Fact. De melhor vontade recebera os pa-
rabens da ferida , que os da melhora-
pois morrendo aos golpes da tua setta
acharias no sacrificio da minha vida
cultos de quem te adora como Deidad.
Oh quantas vezes , Ismene , abomino
arte , que inventou antidotos para cu-
rarme ; pois quizera no mortal da ferida
immortalizar a minha fineza !

Ismen. Bem instruido estás nas lisonjas
Corte ; mas como esses affectos são ma-
effeitos do entendimento , que da vo-
tade , te agradarão mais os elogios , que
a correspondencia ; e pois fatisteita vo-
vendo-te convalecido , permite-me
que me retire.

Fact. Não te vás , sem que primeiro
informe de outra enfermidade mayor
que padeço ; que se piedosa te ostent

com os males do corpo, será razão, que propicia te encuentre no mal, que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma, como cousa occulta, só a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os segredos animaes; porém diga o Senhor Faetonte, que em fim mais sabe o tollo no seu, que o discreto no alheyo.

Faet. Haverá hum anno, formosa Ismene, que te vi, ou para melhor dizer, que ceguey de te ver; e assim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, assim desde Thessalia, aonde te admirey, a procurarte veyo o meu affecto duas vezes peregrino: deixo de encarecer os desvelos, os cuidados, e os suspiros, que me motivaste, por té não horrorizar a tragedia do meu tormento.

Ismen. Se nunca fuy a Thessalia, como nella me podias ver?

Faet. Neste retrato. *Mostra o retrato.*

Chich. Eu sou muito boa testemunha, e mais por final, que o vio em jejum, e logo ficou não sey como.

Ismen. E de que sorte veyo a teu poder?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah Senhor, peça perdaõ a Sua Alteza de achar o seu retrato na praya, que não he lugar decente.

Ismen. Ay de mim, que este he o meu retrato, que se enviou ao Principe de Rhodes, que infeliz naufragou com elle, vindo-me receber por esposa! *à parte.*

Faet. Te entenece ver o teu retrato, ou de ouvir os meus suspiros?

Ismen. De ambas as cousas: o retrato pelo ver sem dono, e os teus suspiros por inuteis.

Faet. Se eu possuo o retrato, como não tem dono?

Chich. Isso assim he pela regra do *uso capiam*, e de serem inuteis os seus suspiros tambem pudera dizer alguma cousa pelo direito de terceiro; porém acho, que Vossa Alteza não ha desprezar hum filho do Sol legitimo, que só por ter por avó de seus filhos ao olho do Sol, pudera dar os olhos da cara.

Ismen. Para que tanto te empenhas por Faetonte?

Chich. Porque a Apollo seu pay devo o que sey, por ser o Mestre em artes Magicas; e Astrologicas.

Ismen. Faetonte, tarde chegaraõ aos meus ouvidos os teus suspiros; pois já sou de Albano.

Faet.

Faet. Para que me defenganas, cruel? Deixa ao menos manterte a minha esperança na vaidade de que posso merecer os teus agrados.

Mich. Ah! vem ElRey.

Ismen. Estimo por atalhar os seus discursos.
à part.

Sabe ElRey.

Rey. Ditosa Italia! Ditoso Monarca, que tem a fortuna de possuir o filho do Sol nos ambitos do seu dominio! Permittê pois, que prostrado a teus pés consagre a teu respeito repetidas venerações.

Faz que ajoelhe.

Faet. Senhor, Vossa Magestade não deve estar dessa forte; os meus braços serão o throno, donde melhor se colloque a tua soberania.

Rey. Galhardo aspecto! Vês, Fiton, que o que sonhey não foy erro da fantasia?

Mich. He, que Vossa Magestade sabe mais dormindo, que acordado.

Rey. Mas sempre te agradeço o seres tu o ditoso instrumento do bem, que possuo.

Mich. Pois na verdade, que bem me custou a dar com elle.

Rey. Resta agora, que me descubras o aggressor de Ismene.

Mich. *Paulatim*, não vay a estafar.

Rey.

Rey. Supponho , Faetonte , que já terá relevado a Ismene a casualidade de ferirte no bosque ; e para que com hum accção satisfaça a dous empenhos , vem comigo ao templo de Hymeneo , donde depois de sacrificar a Apollo , grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho seu , assistirás aos desposorios de Ismene com Albano , para que com teu influxo seja sempre fausto , sempre ditoso o seu Hymeneo.

Faet. Que ouço ? Ay infeliz! *à part.*

Chich. Lá vay quanto Martha fiou! *à part.*

Rey. Vem , Faetonte.

Faet. Senhor . . . Ismene . . . o Hymeneo . . . poderia . . . porque . . .
Naõ sey o que digo. *à part.*

Rey. Que tens ? Que te perturba ?

Chich. Naõ repare Vossa Magestade , que todos os filhos do Sol mastigaõ as palavras , e engolem os conceitos : quer dizer , que te podia dilatar o casamento ; porque ainda se acha mal convalecido , e lhe tremem as pernas , que naõ póde dar huma passada.

Rey. Perito fica o templo ; pois convem naõ dilatar , antes que outro traidor impulsado intente malograr as minhas idéas.
Vem Senhor. *Vaise.*

Faet.

Faet.

Faet. He preciso obedecer: Ismene, lem-
bra-te de mim.

Vaise.

Chib. Ande, Senhor, que honra, e pro-
veito não cabe n'um sacco.

Vaise.

Ismen. Que tarde viste, filho do Sol,
outra vez torno a dizer, e que accele-
rado voas Hymeneo de Albano? A pressa
de hum, e a tardança de outro, são ho-
je os incentivos da minha magoa.

*Chibem Egeria, e Chirinola, de sorte que não
vejaõ a Ismene.*

Chirin. Senhora, recolhamo-nos de pressa
ao teu quarto, para que se não suspeite
em nós alguma traicão; quando Faeton-
te confesse o delicto, daremos a nossa
quartada, dizendo, que estivemos em
casa.

Eger. Pois anda, que até não saber de Fae-
tonte, não locegará o meu coração; e
pois já o Ceo me vingou desta tyranna,
de seu sangue esmaltarey a minha Coroa
Mas que he o que vejo? Ay de mim!

Vê a Ismene.

Chirin. O que? O que, Senhora? He ver-
dade! A que del Rey, não fuy eu; não
fuy eu, Ismene.

Eger. O alento me falta; Ismene, não
crimines a minha innocencia, porque
Fae-

Faetonte . . . mas ay de mim ! *Desmaya-se*

Ismen. Que he isto ? Que perturbação he esta ? Egeria , torna em ti . Dize tu , que foy isto ? *Para Chirinola*

Chirin. Tomara-me delmayar ; mas não posso .

Ismen. Ha confusão semelhante ! De que te assombra ? Sou alguma fantasma ?

Chirin. Espere , que já vou perdendo o medo ; pois Vossa Alteza he mesmo Vossa Alteza ?

Ismen. Pois quem hey de ser ?

Chiriu. Deixe-me apalpar .

Ismen. Para que ?

Chirin. Com que Vossa Alteza não morreo ?

Ismen. Não me vês ?

Chirin. Bem vejo ; mas não sey , se he alguma cousa do outro Mundo .

Ismen. Deixa despropositos , acudamos Egeria : Egeria ? Egeria ?

Eger. Perdoa-me , Ismene , que eu fuy . .

Chirin. Ay , que se declara ! Senhora , Senhora , que não he morta a Senhora Ismene , não a matou o javali na caça como disserão ; não tenka susto .

Eger. Ay de mim ! Que horrivel fantazia *Levanta-se*

Ismen. Que foy isto , Egeria ? Que enigma he este ? *Chirin*

Chirin. He o que eu disse, Senhora, pois nos affirmaraõ, que hum javali despeçara a Vossa Alteza, que Jupiter guarde, e por final nos mostraraõ o sangue; nós espavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Vossa Alteza; e como somos medrosas, cuidámos, que era huma cadavera.

Eger. Bem remediou: *à part.* *Ismene,* dá-me hum abraço, que a tua morte muito me tem custado; e porque o susto ainda me occupa muita parte dos sentidos, permite, que me retire. *Vaise.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vaise.*

Ismen. Que enigmas seraõ estes! *Egeria* affustada; imaginarme defunta; pedindo-me perdaõ, e que a não crimine? Não sey o que conjecture! Mas ay infeliz, que aquelles sustos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh sede de reinar, quam impia, e sacrilega he a tua ambiçaõ! Que maquinas não inventas! Que tyrannias não executas!

Canta Ismene a seguinte

A R I A.

Ditosa Pastorinha,
 Que alegre em verde prado,
 Só cuida no seu gado
 Ao som da melodia,
 Que inspira a rude frauta
 Do amante seu Pastor.
 Politicas não usa,
 Nem máximas inventa,
 Ufana se contenta
 Das flores, que tributa
 A' fé de hum casto amor. *Vaise.*

S C E N A IV.

*Templo de Hymeneo, em cujo simulacro se verá
 hum a téa incendiada. Sabem Chichisbeo, e
 Chirinola.*

Chich. **A** Nda depressa, se queres ver o
 noivado, antes que se intupa
 o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver, pois di-
 zem, que o filho do Sol tambem assiste
 muito bizarro.

Chich. Poem-te ahi, e dahi te não bulas.

Chirin. Sim Senhor, mas a mim me confa-
 ta, que vosse ainda he hum refinado Ma-
 gico,

gico, e que anda adevinhando o feito,
e o por fazer.

bich. Se eu estivera mais de vagar, eu te
dissera por ondê o gato vay às filhozes.

birin. Eu bem sey por onde vay.

bich. Por onde?

birin. Pela trapeira.

bich. Pela tripeira has de dizer, pois tu-
do quanto faço he por amor da tripa:
ah Chirinola, que bella occasiã para
nos casarmos! Olha, não te faz coce-
gas ver alli o Deos dos casamentos com
a sua luminaria ateadada na chaminé de Cu-
pido, em cujo fogo salvage se abrazaõ
os miseraveis do jugo amatorio? Dize,
não tenhas vergonha.

birin. Vossê têm a culpa, de não ter o
que deseja, pois se não fora feiticeiro,
casaramos agora.

bich. Ainda crês, que sou desses?

birin. Eu sou alguma tolla? Não vês,
que quem o demo toma, sempre lhe fi-
ca hum geito?

bich. Eu não sey, que geito hey de dar
a isto? Se lhe declaro a tratada, perde-
se Faetonte; se me callo, perco a Chi-
rinola, e esta occasiã, que ainda he
mais calva, que Chirinola.

birin. Que diz? Ficou pasmado?

bich.

Chich. Bem sey, que quem quer bem, dá do que sabe, dá do que tem; mas has de guardar hum segredo daquelles maço, e mona, e então saberás coufa ainda que sonhadas, nunca vistas.

Chirin. Isto corre por minha conta; po que he?

Chich. He hum segredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Não to posso dizer, pois só eu sey, e mais certa pessoa; e se tu o souberes, já não he segredo; porque passando de dous, acabou-se o segredo.

Chirin. Pois dize-mo, sem ser em segredo.

Chich. Então que fineza te faço eu, em dizer huma coufa, que não he de segredo?

Chirin. Pois de que forte o hey de saber?

Chich. De nenhuma, pois não sabendo tu o segredo, vens a saber, que ha segredo, que he o que te basta.

Chirin. Vá-se dahi; vossê he o que se prez de amante? Vossê he Chichisbeo? He huma balla.

Canta Chirinola a seguinte

A R I A.

Se não fias de mim o segredo,
Eu do teu amor me não quero fiar;
Que se não pôde dar confiança,

Em

Em quem desconfia seu peito mostrar.

Fia, pois, se não queres que desconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle segredo
Fiada confio os extremos de amar.

Chich. Aballemos da qui, que pará este lugar vem correndo muita gente.

Retiraõ-se a hum lado.

Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. Fiton, sabe que eu estou quasi desesperado. Albano, e Ismene hoje se desposão; e eu se tal chego a ver, morrerey infallivelmente; e se por evitar os meus precipicios tanto me recataste dizer, que era de Ismene aquelle retrato; agora, que o sey, e que o não ser minha me ha de custar a vida, remedeia a minha magoa no infallivel de minha morte.

Vaise.

Fiton. Dos dous males o menor se ha de eleger; e pois dizem, que o sabio domina os astros, verey se posso emmen- dar com hum precipicio outro precipicio.

à part.

Chich. Anda ca tu, que ainda não tens nome nesta Historia; como te chamaõ?

Fiton. Chichisbeo.

Chich.

Chisbeo. Chichisbeo sou eu desta menina.

Fiton. Pois eu o sou de meu amo.

Chich. E elle que te queria , que te esteve fallando com braços , olhos , e nariz , muy afrossurado ?

Fiton. Vossa merce como he Magico necessita que lho diga.

Chich. Eu já disse não sey nada , que esta menina me deu anacardina , para só me lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Não he ; que fallô em meus cinco sentidos.

Chirin. Estás colhido.

Chich. Não estou colhido

Chirin. Estás ; pois se dizes , que te deys anacardina , como ainda tens todos os cinco sentidos ; que se assim fora , havias perder hum delles ?

Fiton. Tem razaõ.

Chich. Mas faltalhe a justiça , porque eu por meus peccados tinha seis sentidos , não menos ; os cinco já se sabe.

Chirin. E o outro qual he ?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeste por amor de mim ?

Chich. Perdi o ver ; mas tu es tal , que não fazes carreira a cego.

Fiton.

de Faetonte. 511

Fiton. Menina, o Senhor Fiton se está dif-
farçando, que elle he Magico como nin-
guem.

Chich. Magico será elle, e se não fora . . .
mas elles lá vem, tu me pagarás.

*Naõ sabindo ElRey, Faetonte, Mecenas, Is-
mene, e Albano, coroados de flores.*

Canta o Coro.

Na tea luzente
Do sacro Hymeneo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sól.

Rey. Aquella ardente tea, que illumina o
sacro Hymeneo, seja immortalizada com
as luzes de Apollo, para que sempre
clara a minha descendencia configa per-
petua duraçãõ a pezar dos estragos do
tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeste limite
a minhas esperanças.

Faet. Já me vay faltando a paciencia, pa-
ra tolerar este violento rigor do fado.

à part.

Ismen. Faetonte não aparta os olhos de mim.

à part.

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as
cere-

ceremónias matrimoniaes , para quando chegar a nossa occasião.

Rey. Ismene , reconhece a Albano Principe de Liguria por teu esposo , e naquella sagrada tea de Hymeneo , que em brilhante pyra ao Ceo se dirige , abraza o teu coração no reverente amor conjugal , á quem prosperem os Deoses , e felicitem os fados.

Ismen. Sem uso do alvedrio me conduz a este templo o teu precêito , como victimima de Hymeneo.

Faet. Vay-se concluindo a minha vida , mas eu morrerey mais nobremente.

a part. para Fiton

Fiton. Espera , não te sobrefaltes.

Chich. Casamento no meyo da galhofa nunca tal vi!

Alban. Princeza , já que a sorte me destinou tão alta fortuna , firma com a tua mão o decreto do propicio fado , que reverente a receberey , com ambas para mayor segurança da minha felicidade.

Quer dar a mão.

Faet. Espera , ay de mim !

Fiton. Repara , evê. *Apagase a luz do Hymeneo.*

Alban. Que dizes , Faetonte ?

Faet. Que vejas a luz de Hymeneo , que ao dares a mão a Ismene , se extinguió.

Rey.

ey. Infausto presagio! Suspenda-se o Hymeneo , pois a sua Deidade , occultando a luz , nos avisa de alguma fatal ruina.

aet. He caso nunca visto!

Aecen. E nelle se encerra prodigio grande.

lban. Se Hymeneo occultou a chamma , he porque sobrava a de meu amor , em cuja presença não podia luzir a sua , bem como as estrellas à vista do Sol; e assim permite, Senhor, que desprezado este , que imaginas presagio, se effectue o nosso Hymeneo.

ey. Sofisticos fundamentos não podem prevalecer a tão extraordinario acontecimento , até que Fiton nos declare a causa de extinguirse aquella luz.

aet. Diga Fiton.

bich. Sou chamado a conselho.

lban. Da tua sentença pende a minha vida.

à part. para Chichisbeo.

ey. Dize, Fiton, porque motivo se apagaria aquella luz?

bich. Porque se acabou a torcida.

aet. Responde ferio , e vê lá o que fazes.

à part. para Chichisbeo.

lban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer , que foy casualidade , e não

myfteriosa a extincção daquella luz.
Chich. Tal não digo, e eu não sou ta
 escuro, que neccsitate de pay velho pa
 ra commentarme: respondi assim, por
 que não quero dizer, que o Deos Apol
 lo pay das luzes não leva a bem este ma
 trimonio, e a razão disto eu a direy
 Sua Magestade só por só no seu gabinete.

Ismen. Ha enleyo semelhante!

Faet. Viva a minha esperança. *à pari*

Rey. Vês, Albano, que não foy sem my
 terio? E pois devemos obedecer, ain
 da ao minimo aceno dos Deoses, já na
 póde Ismene ser tua, pois que Hyme
 neo esconde a luz, para sepultar en
 sombras o teu desejo.

Canta Albano a seguinte Aria, e

R E C I T A D O.

Oh infeliz, oh triste sem alivio,
 Misero amante, como sem Ismene
 Vivirey? Morrerey ao duro golpe
 Da sentença cruel, que me separa
 Aquella alma sublime deste corpo,
 Cuja uniaõ amor ligou constante.
 Oh Jupiter piedoso, dessa esfera
 O trifulco furor de teu incendio
 Cõtra hum peito infeliz fulmina ingente

Qu

Que para provocar os teus furores
Incentivo não ha mais adequado,
Que nascer inteliz hum desgraçado.

A R I A.

Irado , e languente ,
Frenetico , e amante ,
O' injusta Deidade ,
Da tua impiedade
A Jove supremo
Me quero queixar.
Se a luz me usurpaste
Do sacro Hymeneo ,
Cruel te enganaste ,
Que em chamma mais pura
Minha alma constante
Se sente abraçar.

Vaise.

Chib. Parece , que lhe ardeo a jeropiga !

à part.

Rey. Deoses soberanos , em que póde offendervos o Hymeneo de Albano , para que me priveis da gloria deste dia ? Mas quem póde comprehender as vossas altas disposições ! Vem , Faetonte , a sacrificar , como disse , a Apollo teu pay , não só para gratificar a tua vinda , mas tambem para aplacar a sua indignação , repetindo o mesmo Coro , para que a lembrança da culpa seja incentivo da piedade

Kk ii

CO

Na tea luzente
 Do sacro Hymeneo
 Se accenda brilhante
 O rayo flammante
 Do filho do Sol.

Fim do segundo acto.

A C T O III.

S C E N A I.

Camera. Sabem Faetonte, e Fiton.

Faet. **V** Em , Fiton , a meus braços ,
 pois à tua sciencia devo a vi-
 da , que respiro ; que se não extinguias
 aquella luz em Hymeneo , em cinzas me
 reduziria a sua chamma.

Fiton. Faetonte , agora , que de todo tens
 superado o violento furor dos fados , e
 te vês nesta prosperidade isento do gran-
 de damno , que te esperava . te decla-
 rarey , o que tantas vezes recuzey di-
 zerte. Sabe , que tu es na realidade o
 ver-

verdadeiro filho do Sol, e de Climene, aquella infausta belleza, que exposta aos rigores de Diana entre os montes habita como fera.

Act. Ay de mim ! Que sempre has de ser cruel para comigo ! Pois ao mesmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar !

iton. E assim releva-me o não haverte communicado ha mais tempo este segredo ; porque como estava decretado dos fados, que a saberes tu quem eras ; essa sciencia havia de ser o teu precipicio por causa de huma formosura, por isso te occultey este defengano ; porém agora que supponho triumphas de seus decretos, razão he que triumphes tambem do meu silencio.

Act. Puderas dizermo em tempo, que mais to agradeceffe ; mas sempre estimo saber cujo filho sou, se bem nada me dizes de novo, pois a altivez de meus pensamentos não poderia ter menos progenitor : eu te relevo o roubo, que me fizeste do tempo, que ignorey a gloria de me jactar filho do Sol.

iton. Era preciso obedecer ao influxo dos astros.

Act. Não creas nessas quiméras : de meus
suc-

cessos pódes colligir o quam errada he a judiciaria especulaçãõ das estrellas, cuja sciencia tanto veneras: mas retira-te, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeco.

Vaise.

Sabe Egeria.

Eger. Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim, que o teu brioso alento tinha mais soberana origem.

Faet. Quiz occultarte quem era, para que o amor preferisse ao respeito na tua inclinaçãõ.

Eger. Se essa brilhante Deidade, quasi immortaliza a vida; que temes, que não acabas de executar a morte de Ismene, pois já por duas vezes deixaste burlada a minha expectativa?

Faet. Como sey, que Mecenas tem a mesma incumbencia; já não poderey executar os teus designios.

Eger. Verdade he, que Mecenas compadecido da minha desgraça intentou restituirme ao throno de meus pays; mas não sey, em que te possa offender a sua piedade.

Faet. Em ser piedade; pois he certo, que esta só reside em hum coraçãõ puramente fino.

Eger.

ger. Se da sua parte está o amor, da minha estará a constancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que esse affectado ciume se origina de algum motivo occulto.

aet. Occulto motivo he; pois se eu dissera, que tambem reservas a vida de Albano, não sey para que fim, talvez não acharas affectado o meu ciume.

ger. Para que vejas; que não estimo a vida de Albano, mudemos de systema, como ao principio pretendias: fê tu homicida de Albano, que eu o ferey de Ismene, para que na igualdade dos sexos fique sem perigo a resolução; e dessa sorte, hem a formosura de Ismene te suspenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

aet. Para cabal satisfação de meus zelos tu mesma has de ser homicida de Albano, aliás entenderey, que a piedade te retira o braço, e o amor te suspende o golpe.

ger. O mesmo posso eu dizer de Ismene, para contigo.

aet. Para delvanecer essa suspeita, basta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma se conseguisse: e assim não tens que te eximir, que Albano fica ao arbi-

arbitrio de tuas iras. Assim segurarey
vida de Ismene.

Sabem ElRey, e Chichisbeo.

Rey. Basta, que essa foy a causa, porqu
se extinguiu a luz do Hymeneo?

Chich. Sim Senhor, que he vontade d
Apollo, que seu filho Factonte seja gen
ro de Vossa Magestade, e a Senhora Is
mene nora, e Vossa Magestade sogro
de Factonte, e este marido da dita Se
nhora.

Rey. Factonte, como o obedecer aos Deo
ses he primaria obrigaçaõ de hum Mo
narca, mal poderey resistir aos mudos
preceitos de Apollo teu pay; pois he
sua vontade, que Ismene seja tua espo
sa, e não de Albano, por cuja causa
usurpou a luz no seu Hymeneo.

Chich. Do que não ha a menor duvida.
attento secreto magicali.

Eger. Ay infeliz, que ouço!

Faet. Ay feliz, que ouvi!

Rey. E pois tu, como filho de Apollo,
estás mais obrigado a obedecerlhe, en
tendo te sujeitarás ao seu imperio: bem
conheço que em Ismene faltaõ meritos,
para ser esposa de hum filho do Sol; po
rém huma cega obediencia não repara
em qualidades.

Chich,

Chich. Pois que lhe ha de fazer, se he vontade do Senhor seu pay? Feche os olhos, e diga, que sim, que no aceitar vay o ganho. *à part. para Faet.*

Rey. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que hey de responder, ouvindo-me Egeria? *à part.*

Rey. Emmudeces?

Chich. He vergonhoso em lhe fallando em casar: diga, Senhor, que se as bellas saõ Deidades, Ismene em nada o desmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquelle silencio. *à part.*

Faet. Bem sey, que a formosura de Ismene he digna do mesmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda, naõ tiveraõ mais bellas prefeições: porém . . . Ha desgraça semelhante! *à part.*

Chich. Porém, que? Que diabo? Está balbuciente? A culpa tenho eu. *à part.*

Rey. Que resolves, Faetonte?

Chich. Senhor, naõ tem que resolver; porque elle nesta materia naõ tem voto: eu sou o que hey de dar a resolução; e assim digo a Vossa Magestade, que elle quer, e requer, que se faça logo, e já o casamento; e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he, que

que tenho muita razão para o saber.

Rey. Assim o entendo, e da boa indole de Faetonte outra cousa se não podia esperar: e para que satisfaça à pretensão de Egeria, suppondo que tem algum dominio à herança desta Monarquia quero, que case com Albano, pois com o Principado de Liguria, fica (ainda que não em tudo) em parte satisfeita a sua queixa.

Eger. Ainda que Vossa Magestade pudera repartir os dominios de Liguria, não poderá contrastar o alvedrio de Albano, que adorando a Ismene, o considero agora sobre amante, zeloso.

Rey. Quando o não vença a razão, o vencerá a violencia: vem, Fiton, que importa communicarte materias de importancia.

Vaise.

Chich. Valha-me Deos! Tomara ser privado de ser privado.

Vaise.

Faet. Egeria, a que mais póde aspirar o teu desejo? Já conseguiste o Hymeneo de Albano: serás Princeza de Liguria, e com as armas de teu esposo poderás restaurar a tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarca, e auxiliado dos rayos de Apollo, que exercito te resistirá? Pois para ficar vencido basta ter por contrario ao Sol.

Faet.

et. Se assim fosse, eu me deixara vencer,
só para que tu triunfasses.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Serêa encantadora
Affaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do seu canto
Intenta triunfar.

Repara, que a belleza
Contém tal harmonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar.

Vaise.

ger. Que affectadas finezas! Ah tyranno
amante, que o teu genio ambiciosamen-
te elevado te fará esquecer do meu amor.

Sabe Albano.

ban. Quem me dera saber o que terá
revelado Fiton àcerca da extinção da-
quella luz de meu infeliz Hymeneo; pois
pendente o coração da sua reposta, nem
bem vivo, nem bem morto está.

ger. Vês, Albano, como os Deoses cas-
tigaõ a hum perjuro, a hum falso, e
a hum traidor amante?

ban. Ignoro o que dizes.

ger. Pois sabe, para que o não ignores:
Decla-

Declarou Fiton, que a extincção de
quella luz era hum mudo imperio de
Apollo, insinuando ser sua vontade
que Faetonte se despozasse com Ismene
no que ElRey conveyo por não desobe-
decer à insinuação de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ser, pois na-
rendo a vida a golpe tão cruel.

Eger. Se soubera, que havia de ser tão
penosa para ti esta noticia, não ta déra
e assim escusarey de dizerte, que infalli-
velmente Faetonte se desposa com Isme-
ne, e que tu ficas excluido da gloria de
possuir sua belleza.

Alban. Venção os acertos da prudencia a
violencias de hum pézar. *à pari.* Não
sabes; Egeria, o quanto estimo essa
mudança de meu Hymeneo, para que
desenganado das inconstancias da fortu-
na, em que até agora naufraguey, pos-
sa tomar o norte, que perdi: A teus
pés, Egeria, se prostra a minha culpa;
não quero accumular desculpas ao deli-
cto, por não dificultar o perdaõ. *Ajoelha.*

Eger. Que fazes, Albano?

Alban. Revalidar o primeiro voto, que
confagrey nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudera vingarme de teu
aleivoso proceder, quero ser extremo-

fa contigo ; pois se não houvera ingratições, não haveriaõ finezas. Assim convem para os meus intentos. *à part.*

Alban. Pois , Egeria, se a tua piedade me ampara , eu te prometto preparar-te o throno , atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Entr. Viva Faetonte.

ger. Morra Faetonte , e tambem Ismene.

Entr. Viva Ismene.

ger. Que encontrados eccos respondem às nossas idéas ?

Entr. Viva Faetonte , viva Ismene.

Sabe. Chirinola.

Chirin. Senhora , que está tudo alvoroçado com danças , còros , e bailes , applaudindo o novo esposo de Ismene , que dizem he hum filho do Sol , que eu por final vi junto com Ismene , taõ resplandecente , que era huma cousa nunca vista. Ay Senhora , espere para o ver , que elle para cá vinha caminhando.

ger. Por isso mesmo irey mais depressa. Oh cruel pezar , não sejas usurpador de minha vida , em quanto a fortuna me não facilita o meyo da vingança! *Vaise.*

Chirin. Vamos , vamos Senhora , depressa.

Vaise.

Alban.

Alban. Haverá homem mais infeliz? Par-
que, injustas Deidades, vos empenhast
a fazerme ditoso, se depois que me ele-
vey ao auge de tanta ventura, me ha-
vieis de despenhar do bem, que che-
guey a possuir? Mas tu, ò cruel Mo-
narca, se me usurpaste a ventura con-
a esposa injustamente, eu justament
te arrancarêy com o Sceptro a ambição
porque a justiça de Egeria me dará ar-
mas para triunfar da tua crueldade.

Sabe Ismene.

Ismen. Confusa, e vacilante no procelloso
mar de tantas variedades até me falt
norte para navegar, segura na perigo-
sa carreira de tão inopinados successos
Mas quem está aqui?

Alban. Quem ha de ser? He huma som-
bra de Albano, que se vê já privado
de toda a luz, depois que perdeu o So-
de tua formosura.

Ismen. Pois se es sombra, como não des-
appareces? Que com os resplandores
do Sol fogem as sombras.

Alban. Já sey, tyranna, que como Ave-
do Sol te queres eternizar nas luzes; mas
não he razão, que religiosamente ne-
gues o teu coração a Cupido, para fa-
zer delle sacrificio a Apollo.

Ismen

Ismen. Que queres, Albano, que te responda, se hum pay, hum Monarca, e huma Divindade são triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Supoem, que nunca me vistê; supoem-me a mais cruel, a mais tyranna fêra das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foy amor.

Alban. Amor que foy, sempre he; pois não tem mais que hum tempo, e por isso se pinta menino.

Sabe Faetonte.

Faet. Galharda Ismene, não pôde chegar a mais o excesso, a que se sublima a minha fortuna, do que a verme coroadado com as verdes ramas da esperança de possuirte.

Alban. Ha tormento mais cruel! Sem duvida, Faetonte, que ainda te não posso encarecer, o quanto te venera toda a Italia.

Faet. Já sey, Albano; porém adverte, Ismene, que menos estimo nascer filho do Sol, que renascer na esfêra de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te possuira, verias arder toda a Liguria em mayores demonstrações de prazer.

Faet.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizera, Ismene, mostrarte, que aquella setta, com que me atravessaste o peito, te deu amor para ferirme, cuja cicatriz será o mais vivo sigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu desespero. *à p.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto

Faet. Deixa-me, Albano, que estás importuno.

Alban. Pois calate, Faetonte, que estás insupportavel.

Faet. Se te peza de ouvirme, retira-te, e deixame significar à minha bella Ismene os extremos, com que a idolatro.

Alban. Nem posso deixarte, nem posso ouvirte: bem sey, que hum supremo Numen te destinou esta fortuna; mas não ignoras, que adorey a Ismene com attensões de esposo, e o ciume he hum monstro infosfrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, se não sacrificar a vontade ao imperio dos Deuses? Bem sey, que te sobraão motivos para a tua magoa; porém sentirás agora o mesmo mal, que eu padeci.

Alban. O mesmo não; que se o padeceste, foy em tempo, que não tinhas alcançado os favores de Ismene; e mal pôde ser

fer o sentimento , que hoje me penaliza , igual à afflicção , que te arrastava antes de favorecido ; que entãó sentias como zeloso pretendente , e eu padecço hoje , como zeloso desesperado.

aet. Se desesperaste ; já te não fica mais , que esperar.

Uban. Enganas-te , Faetonte , que ainda me fica a esperança de saber o meu valor castigar a causa da minha desesperação.

aet. Pois tu tens ousadia , para te oppor a hum filho do Sol ?

Uban. Ainda contra o mesmo Sol se ha de animar a minha arrogante temeridade ; porque a cegueira , com que os zelos me allucinaõ , me não dá lugar para ver as impossibilidades , que emprendo.

aet. Barbaro , verás no poder de meu braço o castigo , que merece a tua ousadia arrogante.

Empunhaõ as espadas.

Umen. Que intentas , Faetonte ? Albano , que fazes ?

Uban. Perder a vida ; que se em te perder fico sem alma , bem he , que quem tyrannamente me usurpa a alma , seja violento verdugo , que me tire a vida.

Umen. Acudaõ todos , que se mataõ.

Dentr. No quarto da Princeza he a pendencia.

Sabem ElRey, e Soldados.

Rey. Albano, Factonte, que atrevimeto he este? Assim se ultraja o meu decoro? Suspendey o furor da vossa indignação.

Fact. Senhor, Albano me provocou de forte, que com precipitada arrogancia cheguey a profanar a immuniidade de Palacio, sem attender

Rey. Pois tu, Albano, sem attenção a meu respeito, sem temor das minhas iras, tiveste ousadia, para romper em tão inopinado insulto?

Alban. Huma paixão cega não póde attender a respeito, quando só respeita o desafogo, que intenta conseguir na vingança; e assim

Rey. Não pretendas córar com apparentes desculpas o teu delicto, que nenhuma satisfação póde condecorar a tão grande culpa. Perdoe Albano, que primeiro está a anciosa ambição, com que intento divinizar a minha regia estirpe. *à part.*

Alban. Não imagines, tyranno Monarca, que pretendo accumular desculpas à temeridade, em que me empenhey; que o meu intento só se encaminha a significar

carte

carte a razão , que tenho , para casti-
gar as semrazões , com que me usurpas
a vida , na esposa , que me negas.

Rey. Pois tu , Albano , empenhas-te , con-
trariando irreligiosamente os divinos de-
cretos ?

Alban. Sim ; que decretos injustos , nem
saõ divinos , nem decretos ; porque
nenhum decreto sem justiça pôde violen-
tar a liberdade dos alvedrios. E se eu
adoro a Ismene com taõ fino extremo ,
que sendo em nós duas as vontades , he
unico o querer , como me queres tu
persuadir , que os Deoses pretendem cons-
tranger duas vontades , as quaes reci-
procamente unio o amor ?

Canta Albano o seguinte

R E C I T A D O .

Se me negas o bem , que fino adoro.
Aonde recorrerey ,
Senaõ ao forte valor , que ha em meu peito ?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rencor seguro , e o castigo :
Porque vingue dos zelos a violencia ,
Que este falso traidor , este inimigo
Origina em minha alma ,
Levando-me com barbara indecencia

Em Ismene Divina a cara vida?
Sinta pois, (ay de mim!) minha vingança.
Quem a vida me usurpa em tal mudança.

A R I A A 4.

Alban. Os Deoses não podem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais separar.

Rey. Se os Deoses o querem,
Quem o ha de estorvar?

Alban. Amor, que os unio,
Que os quer conservar.

Fact. Amor he mudavel,
Tal não póde obrar.

Alban. Que dizes, Ismene,
A tanto pezar?

Ismen. A tantos decretos
Não posso faltar.

Alban. Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que posso esperar?

Alban. Se estou } padecendo
Todos. Soffrer }
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.

Alban. Do injusto decreto,

Rey. Da iniqua sentença,

Ismen. Da minha esquivança,

Fact.

et.
dos. Da tua mudança,
Aos Ceos pedirey,
Soccorro, clemencia
Em mal taõ fatal.

Vaõ-se;

S C E N A II.

Salla. Sabe Chirinola.

birin. **V**Alha-me amor, e a Deosa da
curiosidade, (se he que ha
curiosidade nos Deoses!) Que tenha eu
paciencia, para supportar ha tanto tem-
po hum appetite disto, a que chamaõ
querer saber o que se passa, e que passe
sem fazer aquellas extraordinarias dili-
gencias, que todas costumamos, para
facar assim do bucho a Fiton este se-
greto, que tanto me occulta! Tomara
já apanhallo, que o hey de fazer vomit-
tar logo pá pé tudo quanto sabe.

Sabe Chichisbeo.

bich. He boa esta! Está Factonte por
amor de mim enthronizado, logrando
de assento os agrados de Ismene, e eu
por amor delle estou de aza cahida nos
favores de Chirinola! He desgraça naõ
poder voar a minha esperança a esfera
de sua aceitaçaõ!

Chirinola.

Chirin. Elle cá vem : darey satisfação à minha curiosidade.

Chich. Faetonte , como digo , está assando castanhas no assador da correspondencia ; e eu estou soffrendo os estouros nas brazas dos desprezos : estou ardendo !

Chirin. Senhor Fiton ?

Chich. Senhora Chirinola ?

Chirin. Vossa merce deve andar muy occupado com a fadiga da sua privança ; pois já ha tanto tempo , que me privou da sua vista ?

Chich. Grandes são os negocios , que eu , e ElRey temos por ora entre mãos ; porém nunca estes serão bastantes , para eu dar de mão à lambuge dos teus favores ; e para que vejas , que não he a privança , a que me faz esquecer de ti , já não quero ser privado delRey , mas só teu , minha Chirinola.

Chirin. Meu porque ?

Chich. Porque na minha estimação es a mais celebre privada para hum privado.

Chirin. Guarde-se para lá , que não creyo palavras lisongeiras : não venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de veras , como posso fallar zombando ?

Chirin.

irin. Pois se ama de veras , digame por onde andou , que ha tanto tempo , que me não vê? He Chichisbeo , e falta às condições da Chichisbetice?

ich. Não foy por minha culpa.

irin. Pois de quem?

ich. De ElRey , que andamos consultando varios negocios pertencentes às razões de estado.

irin. Estado de que?

ich. Estado de Ismene ; não sabes , que a se não desposa com Albano?

irin. Pois com quem?

ich. Com Faetonte ; sobre isso he que eu empenhey a efficacia da minha sciencia ; e ainda que me suou o topete , e o volume dos astros , que ella havia de ser sua ; porque a extinção da têa de Hymeneo não foy por lhe roerem os ratos a torcida , ou por lhe chuparem os morcegos o azeite.

irin. Pois que foy?

ich. Foy huma muda insinuação , com que o Delfico Planeta quiz mostrar , que o Senhor Faetonte havia de ser o legitimo marido da Senhora Ismene , e a Senhora Ismene a legitima mulher do Senhor Faetonte ; mas com tal pacto , e condição , que Sua Magestade havia de dar

dar o Reino , para legitimar este matrimonio.

Chirin. Com que vossa merce foy , o que decidrou esse enigma?

Chich. Eu fuy o legitimo decifranter , porque nas cifras desse ceruleo globo li as justas causas , que havia , para assim se dispor ; e tambem vejo as bastardas de culpas , com que tu engeitas o meu amor , e me tens feito andar com a cabeça a roda , considerando na causa dos teus repudios.

Chirin. Qual amor , nem que alforjes de lá preta ? Eu não quero nada com Magicos.

Sabe Mecenas ao bastidor.

Mecenas. Que não possa eu alcançar de Fiton alguma insinuação , que facilitando os meus designios segure as esperanças de possuir com Egeria o Sceptro , que pretendo ! Mas elle aqui está com Chirinola : esperarey , que se vá. *Fica ao bastidor.*

Chirin. Não quero nada com feiticeiros.

Sabe Ismene ao bastidor.

Ismene. Aonde achará huma desgraçada alivio às suas affeições ? Mas aqui está Chirinola com Fiton : eu me retiro.

Fica ao bastidor.

Chich. Chirinola , eu não sou feiticeiro.

Chirinola.

Chirin. Porque?

Chich. Porque não sou Magico

Chirin. Senão he Magica, como decifrou
tanto enigma?

Chich. Ahi he que está enigmatica a minha
desventura.

Chirin. Declare-se.

Chich. Não posso.

Chirin. Porque?

Chich. Porque he segredo, e temo.....

Chirin. Que teme?

Chich. Que dês com a lingua nos dentes,
e me tirem as ganas de comer.

Chirin. Não me falle por entredentes, que
eu não entendo equívocos.

Chich. Eu vomitolhe o segredo aos boca-
dinhos, que já não posso aturar a pur-
ga dos desprezos.

Chirin. Não quer abrir a boca para fallar?
Pois feche os olhos, para nunca mais
me ver.

Chich. Espera, Chirinola; não vires as
costas à minha esperança, deixa nave-
gar a não de meu carinho no mar da tua
correspondencia, que eu prometto des-
carregar na falúa de teus ouvidos a com-
missão deste segredo, ainda que beba o
falgado trago da morte.

Chirin. Pois dize meu rico Fiton, que eu
te

te prometto dar hum bom refresco, e segurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem não dará à costa no mar daquelles braços ! A Deos segredo , boa viagem , que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto , Chichisbeo , defembucha , e padeça quem padecer ; que primeiro está o salvamento do teu amor , do que o bom successo de Faetonte : *In æquali periculo debet quis sibi prius consulere.*

Chirin. Que diz , Senhor Fiton ?

Chich. Eu não sou Fiton , Chirinola , sou femicriado daquelle que se quer fazer femicideos : Não sou Magico , filha ; porque nunca adivinhey mais , que os teus pensamentos.

Ismen. Ay Albano , que não foraõ sem causa as tuas desconfianças !

Mecen. Póde haver mais estranho successo !

Chirin. Para que disseste , que era filho do Sol ?

Chich. Para que ElRey me não tirasse a vida , que ateimou em dizer , que havia descobrir o filho do Sol.

Mecen. Não ouço mais ; vou dar parte a ElRey , para que castigue este insulto.

Chirin. Para que disseste da extincção da luz de Hymeneo ?

Chich.

Chich. Porque Faetonte quiz , que aticasse a ElRey , para se não apagar a luz da sua esperança ; pois tambem queria accender no casamento da Senhora Ismene a sua luz.

Chirin. Faetonte não ama a Egeria?

Chich. Foy antes de ver a Ismene , que ao depois ficou Egeria a perder de vista.

Chirin. E quem he este Faetonte?

Chich. He hum Pastor assim chamado , filho de hum homem , que nunca ouvi nomear , e de huma mulher , que habitava entre as fêras de Diana.

Chirin. Vay-te embora , que es hum refinado Magico.

Chich. O' Filha , se me não crês , aqui com toda a solemnidade o jurarey.

Cantaõ Chichisbeo , e Chirinola a seguinte

A R I A A D U O .

Chich. Se cuidas , que posso
Da Magica usar ,
Te enganas menina ,
Que eu disso não sey.

Chirin. Não creyo esse engano.

Chich. Bem me podes crer.

Chirin. Sabendo outra coufa ,
Isto não farey.

Chich.

Chich. Eu fallo verdade.
Chirin. Naõ falla, insolente,
 Vossê mente.
Chich. Naõ minto, naõ, naõ.
Chirin. Pois jure.
Chich. Eu juro,

Ambos. E trejur^e
 Que leve o diabo,
 Quem Magico he.
Chirin. Se juras, já sey . . . ?
Chich. Pois crê, que jurey
Ambos. Naõ ser feiticeiro,
 Quem naõ adevinha,
 Bem claro se vê. *Vaise Chichisbeo.*

Sabe Ismene.

Ismen. Espera, Chirinola, que tu has de
 ser o ditoso instrumento das minhas fe-
 licidades.

Chirin. Eu, Senhora? De que sorte?

Sabe Albano ao bastidor.

Alban. Aondê achará hum infeliz refrige-
 rio, para lenitivo do mal, que o pena-
 liza, se para qualquer parte, que cami-
 nha, corre para o maltratar com acce-
 lerados passios a sua desgraça? Mas aqui
 está Ismene! Ah ingrata! Retiro-me,
 que naõ quero ver taõ cara a cara a cau-
 sa das minhas afflicções.

Ismen.

Ismen. Não negues ; já sey , que não he Fiton , he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados ! Lá vay o segredo cos diabos ! Pois Vossa Alteza mesmo ouvio tudo da mesma sorte ? Ay desgraçada de mim !

Ismen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora digame , Senhora : e que Faetonte não era filho do Sol ?

Alban. Que ouço ! Alma respira , que já não he difficultosa a tua felicidade.

Ismen. Tambem ouvi isso , não ha duvida.

Chirin. Senhora , veja por sua vida , se ouvio , que eu não quero ficar em má conta com Chichisbeo ?

Ismen. Dize , que eu te empenho a minha Real palavra , para apadrinhar a Chichisbeo.

Chirin. Assim foy , Senhora , mas veja não me engane , que se o não ouvio , eu não quero faltar ao segredo ; porque ainda que rapariga , não sou cá de mexericos , isso não.

Ismen. Descança : Tu has de dar a ElRey esta noticia , e a Albano , para que com tão feliz annuncio alente a sua amorosa pretençaõ.

Sabe Albano.

Alban. Albano , Senhora , já a teus pés
com

com reverente acatamento quer gratificar a felicidade de se ver favorecido na tua lembrança.

Ismen. Vay , Chirinola , noticiar a ElRey este defengano.

Chirin. Uy Senhora , Vossa Alteza não sabe , que Chichisbeo me recommendou tanto o segredo ? E entã que conta posso eu dar de mim , se o souber ElRey e todo o Mundo ? Oh curiosidade , em que afflicções me meteste ! *Vaise*

Ismen. Vay , e não te dilates : Ay Albanos , e que pouco conheces o jubilo , que em meu peito amante causou este feliz defengano !

Alban. Eu o reconheço ; pois sempre na balança de minha estimação soube contrapezar os requintes , a que se sublimavaõ os quilates de teu fino amor ; por isso senti com taõ vehemente desgosto o duro golpe , que com injusta violencia quiz cortar o estreito vinculo , com que Cupido nos unio os corações ; mas agora , que me confidero outra vez unido ao bem , de quem me suppunha separado , com continuos agradecimentos corresponderey a taõ successivos favores.

Ismen. Na minha firmeza acharás eterna a lealdade , com que constante te adorey.

Alban.

de Faetonte. 543

Alban. Nella eterniza amor a gloria de suas felicidades.

Canta Albano a seguinte.

A R I A.

Ismene querida,
Meu bello portento,
Naõ mudes de intento;
Pois magoa seria,
Que chegue a morrer,
Quem morre de amor.

Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da celebre gloria,
Que causa hum favor.

Vaise.

Ismen. Que he isto, que por mim passa?
Albano por hum casual acidente ficou
sentindo o duro golpe de minha apparen-
te mudança; Faetonte com cautelosos
enganos pretendia separar os estreitos
vinculos, com que amor nos enlaçou os
affectos, ao mesmo tempo, que com
reciprocas finezas se corresponde com Ege-
ria! Oh queira amor naõ sejaõ mayo-
res os fingimentos de Faetonte, para eu
naõ ter mais impossibilidades, que ven-
cer no Hymeneo de Albano!

Sabe Faetonte.

Faet. Que tens, adorada Ismene? Se Al-
bano

bano te occasionou algum motivo de sentimento, fazeme participante da queixa, que logo com a sua morte verás satisfeita a tua pena.

Ismen. As minhas penas, Faetonte, nascem das penas que me dás; não voes tão alto, que logo a minha desgraça abaterá as azas, com que ligeira corre, para dificultar as minhas felicidades.

Faet. Não te entendo, Ismene.

Ismen. Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te advertir, que o muito voar não he meyo efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater.

Vaise.

Faet. Ay de mim, que as palavras de Ismene infundirão em meu timido coração, não sey que occulto veneno, que me parece não cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por não se achar bem comigo! Mas eu em Ismene apurarey as confusões deste enigma: espera, Ismene.

Sabe Egeria.

Eger. Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene,

mene , para me offender ingrato.

aet. Deixa-me , Egeria ; se a desgraça cuidadosa te segue , para que me persegues tu tão diligente , se não motivo as tuas infelicidades ?

ger. Já te deixo , infame ; já fujo da tua vista , fementido ; porque não quero ver nas fortunas de Ismene a occasião da minha morte : e assim como Ninfa do Eridano vou já inundar a copia de suas crystallinas aguas , com as correntes de minhas enternecidas lagrimas , até que o Ceo , compadecido da minha desventura , e justiceiro à tua infidelidade , vingue com teu precipicio a minha queixa.

Vaise.

aet. Valha-me o Ceo ! Isto he sonho , ou realidade ? Ismene advertindo-me , que a ambição de subir he tropeço para me despenhar , e Egeria culpando-me de perjuro , pedindo ao Ceo justiça ! Justos Deoses , que vaticinios são estes , que amedrentão este timido coração ? He verdade que eu prometti a Egeria defender a sua causa , para cingir a Coroa ; mas foy sem saber , que havia de comprar a Purpura à custa do sangue de Ismene : pois mal poderia tirar a vida ao original , quem primeiro entregou à copia

pia toda a alma. Ay Ismene , que tu a motora das minhas desventuras ! Pois que se figo a causa de Egeria , preciso-me a tirarte a vida , e na precisão da tua vida fico sem alma : Se deixo a Egeria para te seguir , tenho contra mim a perseguição dos Deoses ; pois incorro na culpa de perjuro. Mas ay de mim que ahi vem Ismene com ElRey ! Retira-me , por não ver a huma ingrata.

Retira-se ao bastidor.

Sabem ElRey , Ismene , Albano , Mecenas e Chirinola.

Rey. Pois Faetonte he hum pobre Pastor e não filho do Sol?

Faet. Ay de mim ! Que ouço ? Estou sem alma !

Alban. Assim o confessa Chichisbeo , com padecido do nosso engano.

Faet. Ah infiel Fiton , que tu me precipitaste !

Mecenas e Ismen. Eu o ouvi dizer a Chirinola

Chirinola. Agora entro eu : queira Jupiter que eu o diga de sorte , que sempre foy que em segredo , por não faltar a Chichisbeo.

Rey. Chirinola , desengana-nos : Quem disse , que Chichisbeo era Faetonte?

Chirinola

irin. Senhor, eu só o posso dizer em segredo: Se Vossa Magestade promette não revelar nada, eu então direy, que he hum Pastor, e por final, que sua mãy he outra Pastora, que guarda as fêras de huma Dona Diana, que he Senhora dos bosques.

ry. Oh como andey acelerado em admitir a Faetonte por filho do Sol, e em crer a fingidas insinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injusta repugnancia do teu Hymeneo; mas como sabes, que a extincção da luz me deu apparentes motivos, para suppor era insinuação dos Deoses a demora das nupcias, entendo, que me sobraõ fundamentos para a minha desculpa; e para que a alegria da posse suavize o desgosto da desesperaçãõ, já Ismene será tua feliz esposa a pezar dos fingimentos do enganoso Fiton, e falso Faetonte.

et. Ay de mim infeliz! Este fim, que he o meu mayor precipicio!

ban. Senhor, mal pôde ser culpa o que não foy advertencia, pois padecemos todos o mesmõ engano.

irin. Vossa Magestade não diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Ismene; e para que o não diga, ha

de me prometter huma coufa.

Rey. Que he?

Chirin. Que não ha de fazer mal a Chichisbeo, porque elle não teve culpa nestas arengas, como sabe sua Alteza.

Rey. Não merece perdaõ taõ grande culpa; ambos padecerãõ o rigor de minhas iras.

Chirin. Senhora, lá se avenha, ha me de fazer boa a palavra, que me deu.

Ismen. Senhor, eu prometti a Chirinola a vida de Chichisbeo, se ella confessasse e assim

Rey. Basta, Princeza; eu lhe perdo-o pois tu o padrinhas.

Alban. Pois Senhor, se eu qual Arabio Fenix das cinzas do esquecimento renascço para ter nova vida na esfêra de tuã lembrança; peço-te, que não castigues a Faetonte; porque quero antes, que morra aos golpes de huma furiosa desesperaçãõ, do que vello perdêr a vida aos fios de hum cutello; e assim

Rey. Bem está: fique muito embora perdendo as violencias de huma morte successiva nas mãos da desesperaçãõ; porque a loucura, que o incitou a taõ impopinado insulto, fica incapaz de ir mais castigo: vamos, Albano.

ban. Obediente te figo.

Vão-se todos com ElRey

irin. Ainda que não guardey o segredo, tenho segura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

et. Immortal devo ser, pois não perco a vida, no dia, em que perco a Ismene! Ismene, espera.

imen. Que queres, Faetonte?

et. Que te lembres de minha amorosa constancia, para que assim mitigue com a consideração de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor

imen. Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade persiste no mesmo delirio? Adverte, que se permitti essas affectuosas expressões, quando te confiderey filho do Sol, agora que conheço seres hum humilde Pastor, te não posso conceder o mesmo indulto: vayte, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

Faz que se vay.

et. Senhora

imen. Não mais, Faetonte.

et. Adverte

imen. Não ha, que advertir.

et. Que eu sempre

Ismen.

Ismen. Naõ quero ouvirte.

Faet. Rendido

Ismen. Naõ passes adiante.

Faet. Te dediquey o meu amor.

Ismen. Deixa-me , *Faetonte.*

Faet. Como te posso deixar , se sempre
desvelada te busca a minha fé ?

Ismen. Chirinola , chama quem prenda este
louco.

Chirin. Eu vou , Senhora.

Vaise.

Faet. Louco sim ; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorar-te ; e que pouco correspondeste , *Ismene* , aos delirios deste fino amor !

Ismen. Vay-te , *Faetonte* ; naõ queiras ,
que a minha indignação te precipite.

Faet. Que mais precipicio , que o da minha esperança , cahindo do ceo dessa belleza para o abyssmo da minha desesperação ? Ay *Ismene* , que me tyrannizas a alma ! E para que vejas , que deseftimo a vida , vou buscar a minha morte ; que se morro por ti , quando te adoro ; quando te perco , bem he que perca a vida.

Vaise.

Ismen. Fortuna , pois estamos sós , responde às queixas de huma infeliz . (Se he que a huma infeliz ouvio as suas queixas a fortuna .) Se querias , que admit-
tisse

tisse a Faetonte, porque não anticipaste a occasião de vello, para lhe dar a primazia na correspondencia? Pois se se só Albano logra as primicias de meu amor, para que me persegues com as opposições de Faetonte? Oh, suspende a roda de tuas inconstancias, para que eu segure as firmezas de minhas felicidades!

Canta Ismene a seguinte.

A R I A.

Fortuna, que inconstante

Te ostentas rigorosa,

Quando serey ditosa?

Quando sey feliz?

Suspende por hum pouco

Teu moto acelerado,

Naõ seja sempre o fado

Cruel a huma infeliz.

Vaise.

S C E N A III.

Bosque, como ao principio. Sabem Faetonte, e Fiton.

Dentr. **G**uardem do louco, guardem do louco.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já estou feito alvo da irrisão popular?

Fiton.

Fiton. E qual he a causa, que move tal ludibrio?

Faet. A tua infidelidade; pois disseste naõ era eu filho do Sol: e se pela tua alevosia chego a tal opprobrio, com a tua morte darey satisfacão às minhas iras.

Puxa por hum punhal.

Fiton. Faetonte, naõ te precipites, que estás enganado: (primeiro está que tudo a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confessey? Tu es o verdadeiro filho do Sol; e para que te defenganes, chama a Apollo teu pay, que elle responderá benigno às tuas vozes.

Faet. Inuteis confidero todas as porfias; que as vozes de hum infeliz, nem ainda o vento as ouve; mas se a diligencia he progenitora da fortuna, naõ quero malograr as fortunas por omissão da diligencia.

Canta Faetonte o seguinte

R E C I T A D O.

O' tu luzida antorcha.

Que nessa etherea Sala predominas

A brilhante caterva

De todos os Planetas,

Ouve os eccos, as vozes, os clamores
de hum misero infeliz, a quem a sorte
Dá na vida o rigor da mesma sorte.

Sala

Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descera em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantão ambos alternativamente o seguinte

R E C I T A D O.

Apol. Quem he, que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?

Faet. Faetonte te busca, ò Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Magestade:
Hú humilde Pastor todos me chamaõ,
E assim saber pretendo,
Qual he minha nobreza; pois presumo,
Que a ser filho do Sol, não permittira
Ver com tanta ignominia ultrajado
O regio esplendor, que tenho herdado.

Apol. Suspende; Faetonte, essa chyméra
Da tua fantazia;
Do Sol herdas os rayos, com q̄ brilhas:
E se queres desterrar esse temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o seguro.

Faet. Se me dás faculdade,

Apol. Para tudo ta dou.

Faet. O que te peço
Me leves ao Celeste Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,

Me

Me entregues o dominio.

Apol. Impossivel

Será de conseguir.

Faet. Porque ?

Apol. Porque temo o teu perigo.

Faet. Não temas , não recees.

Apol. Considera.

Faet. Nada considero.

Apol. Adverte , Faetonte.

Faet. Não ha , que advertir ;

Desse carro flammante

Hey de governar hoje a luz brilhante ,

Para que toda a esfêra Orbicular

Conheça a fidalguia ,

Que me alêta, ennobrece, e sabe hõrar.

Apol. Nada valem cõtigo os meus temores ?

Faet. Inuteis são , e sem fruto essa porfia ,

Que quê do Sol herdou os resplandores

As luzes do mesmo Sol sabe seguir ,

Qual Aguia Imperatriz, q̃ essa luz pura

Segue sê temor , o busca com ventura ,

E se nas mãos do desprezo hey de aca-

Melhor será , que morra (bar ,

Honrado , e ennobrecido ,

Como filho do Sol reconhecido.

Apol. Vença , pois , hoje a industria

A violencia dos fados ,

Que instruido primeiro

Gyrará com ventura

Esse globo Celeste.

Faet. Que respondes , Apollo?

Apol. Sóbe comigo , e vem ao Firmamento
Dessa celeste esféra,
Aonde cumprirás o teu intento.

Faet. Já gostoso te figo,
Pois já nobreza tenho.

Apol. Nobreza terás.

Amb. E indo Comtigo.
Comigo.

Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol:
A gloria subida,
Com que resplandee
O filho do Sol.

*Sóbe Faetonte elevado de huma columna até se
sentar na nuvem. Vão-se , e desapparece a
Sala , ficando em bosque como ao principio.*

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a
fortuna prospera , para superar o rigor
dos fados ; mas como temo , que a re-
montada eminencia , a que a sua ambi-
ciosa cegueira o eleva , seja a mesma,
que o leve cautelosa para o mais eminen-
te despenho ! Mas aqui vem Chichif-
beo : retiro-me , para observar os seus
movimentos.

Sabe

Sabe Chichisbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento , que de hum destes logo se fia fazer tudo com muito fizo , como fez o meu amigo Faetonte , que para mostrar , que naõ era de todo tollo , poz o corpo em arrecadaçaõ , e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Naõ foras tu nescio. *à part.*

Chich. Foy o caso : Vio Faetonte o caldo entornado , e que fez ? Deu às palanganas , deixando o perrexil de Chichisbeo para pratinho do defenfado das iras del-Rey , que a estas horas supponho , que se come de raiva , por engolir a logração da minha Magica : e tem muita razã , que naõ he este bocado taõ sabroso , que se possa tragar.

Fiton. Por tua culpa se vê Faetonte propinquo ao mayor precipicio. *à part.*

Chich. Ainda assim , era bem feito , que ElRey me pozesse as mãos , e a boa vontade , que eu tive a culpa de todos estes enredos ; que se me naõ metera a descobrir o filho do Sol , naõ veria agora posta ao Sol a minha mentira.

Sabe Chirinola.

Chirin. Por mais , que corra , e que discorra , naõ posso encontrar a Chichisbeo,

beo , para lhe intimar a sua ventura , na fortuna , que teve na benignidade del-Rey ; mas ay , que elle aqui está ! Descansa coração. Chichisbeo ?

Chich. Ainda me tu appareces , falsa Chirinola ? Dize-me , embusteira , tanto pejo te fez hum segredo , que no mesmo instante , em que o concebeste , o vomitaste nas bochechas delRey ?

Fiton. Em boa secretaria o meteo , para se não revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer , se Ismene tudo ouviu ?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com isso ?

Chich. Pôr o caso em duvida , porque o caso negado nunca he bem provado ; e em quanto se averiguava a verdade , tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da segurança , e por tua culpa estou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Não temas tal , que Ismene pediu a tua vida a ElRey.

Chich. Visto isso não morro desta tratada ?

Chirin. Trata tu de te livrar de outra , que desta está livre a tua vida.

Chich. Vivas muitos annos ; sempre agradecido ao livramento da soltura , que
me

me não podiaõ fazer bom cabelo as ligaduras da morte.

Fiton. Vaso máo nunca quebra.

Chich. Ora dizeme , Chirinola , que se diz em Palacio de Faetonte ? Ismene sentio não ser filho do Sol ?

Chirin. Ismene de nenhuma sorte ; antes parece que o estimou.

Chich. E Egeria , que diz à tyrannia , com que a desprezou ?

Chirin. De Egeria não sey nada ; só sey , que impaciente se ausentou para as aguas do Eridano , aonde habita como Ninfa.

Chich. Hiria tomar banhos de paciencia para refrigerio do calor da desesperaçãõ , em que a pozeraõ as chammãs dos zelos ; mas tem tu mãõ , que se me não enganã a vista ; ella anda passeando a pé enxuto as aguas de Eridano : cheguemos nós para lá pé ante pé , para pescarmos alguma cousa do que ella diz.

Descobre-se a marinha , e apparece Egeria no carro como ao principio ; e canta a seguinte Aria ; e

R E C I T A D O .

O' Deoses soberanos , se sois justos ,
Como assim permittis injustamente ,
Que hum traidor , fementido ,
Falso , e perjuro amante

Hum

Hum affecto constante
 Delpreze , sem temor de vossas iras?
 Deixando-me ultrajada,
 Afflicta , e impaciente,
 Dos zelos padecendo o activo ardor
 Sem alivio , sem remedio a tanta dor?

A R I A.

Nas chammas dos zelos
 Minha alma abrazada,
 Com furia ardente,
 Impaciente,
 Delirante,
 De hum falso amante
 Aos Deoses supremos
 Se chega a queixar.
 Com justa violencia
 Vingança , castigo,
 Contra este inimigo
 Os Ceos me haõ de dar.

Chich. Chega-te para ella , e apáralhe os
 sopapos : aquillo he desesperaçãõ refina-
 da.

*Apparece Faetonte no alto em hum resplandê-
 cente carro.*

Eger. Para quando , ò Deoses soberanos,
 guardais a vossa indignaçãõ , se a hum
 falso amante , que tanto burlou as mi-
 nhas esperanças , deixais isento de casti-
 gos?

gos? Jupiter supremo, para quando são os rayos, se não abrazaishum peito fermentido, que taõ tibio correspondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhaõ as vossas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o castigo, reconheça a equidade da vossa justiça.

Faet. Agora que em luminoso carro (como substituto de meu pay Apollo) alento os Planetas com rayos, e revolvo a Celestial esféra com gyros, quero gyraõ a esféra Terrestre, encaminhando o meu brilhante curso às caudalosas correntes do Eridano, para que Ismene se assombre em hum epilogo de luzes, já que me submergio em hum pelago de desprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em folio de resplendores o mesmo, a quem confundio com abyssmos de humildades.

Fiton. Já Faetonté se vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas sciencias sejaõ fabulosas.

Faet. Já diviso a Região de Italia; já diviso as crystallinas enchentes do undoso Eridano; pois que faço, que não encaminho os meus gyros aos seus cristaes, para retratar nelles a grandiosa pompa de meus luzimentos? Mas ay de mim, que

que os brutos enfurecidos correm sem governo ! Mas que muito se discorrem guiados da minha infelicidade !

Ruido dentro.

Entr. Deoses, piedade ! Jupiter, soccorro !

Outros. Que me queimo ! Que me abraço !

Outros. Clemencia, Deoses ! Favor, Jupiter !

Sabiráo todos.

Ition. Ay infeliz Faetonte, que não foraõ sem fundamento as minhas cautelas !

Faet. Inuteis são todas as porfias : ay Egeria, que os Deoses conjurados contra mim, querem que pague com meu precipicio a culpa, que commetti, faltando ao juramento, que te dey !

Passa hum rayo, atravessando o carro, e cabe

Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ay de mim infeliz ! Mas que vejo ? Não es tu o fementido Faetonte, a quem os Deoses, compadecidos da minha injuria, precipitaõ justiceiros para castigo da tua infidelidade ? Olhay, se as aguas do Eridanio não foraõ as que te erigiraõ decente tumulo, para sepultar a tua ingratakaõ ; as correntes de meu pranto sejaõ as que purifiquem as manchas de tua inconstancia para que se panteem os realces da tua firmeza ; Mas ay ! Ay que já entregou nas mãos da

Nn

mor-

morte os ultimos espiritos, para deixar de todo sem alentos a minha esperança!

Todos. Horroroso castigo!

Rey. Qual será a causa de tanta consternação?

Fiton. He tempo de romper as prizões ao silencio, que perdido Faetonte já não ha mais que perder. *à part.* *Sabe.* Eu sou, invicto Tages, o infeliz Fiton, que seguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Se não fora ElRey

Fiton. Porque a minha sollicita diligencia quiz triunfar da tua porfiada vigilancia; pois a saber Faetonte quem era, esta mesma sciencia lhe havia de servir de mayor ruina por causa de huma formosura. E como agora se faz precisa a narração deste tão inopinado caso, não posso occultarte quem sou, nem deixar de manifestarte o infortunio de Faetonte.

Chich. Ouçamos, que isto ha de ser galante.

Fiton. Sabe, que este me quiz tirar a vida (resentido das ignominias com que se vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reino) se lhe não certificasse o illustre braço de sua soberana origem: e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como

mo tal sempre das minhas sciencias ref-
peitado , intentey , para desviar o gol-
pe , que à minha vida ameaçava a ulti-
ma ruina , expor a sua ao rigor dos fados.

bich. E fez muito bem , que primeiro es-
taõ dentes , que parentes : *Charitas bene
ordinata incipit ase ipso.*

iton. E assim lhe infinuey o modo , com
que havia de invocar a Apollo seu pay :
este desceo a recebello com pompa ma-
gestosa , e com a mesma magestade o
conduzio à celeste Esféra , para gover-
nar o carro do Sol , do qual cahio des-
penhado para os braços de Egeria.

bich. O certo he , que zombando se di-
zem as verdades.

Rey. Não foraõ illusões , mas verdades ,
as que sonhey.

iton. Esta , Senhor , foy a causa , que me
incitou a viver disfarçado no teu Rei-
no ; este o infortunio do infeliz Faeton-
te , que de nenhuma sóрте puderaõ as
minhas sciencias evitar : antes me pare-
ce , que todos os principios , que inten-
tey para reparo do precipicio , foraõ
meyos infalliveis com que lhe accelerey
o despenho.

bich. Isso foy o mesmo , que errar os
principios de meyo a meyo por todos
os principios.

Todos. Estranho caso!

Chich. He caso, que em nenhum caso se póde casar com outros casos.

Rey. Temo, Fiton, que Apollo resentido do injusto desprezo, com que ultrajey a Faetonte, com injusta indignação empregue em mim o poder de suas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece, que ignoravas quem era Faetonte; e como o castigo presuppõem advertencia de culpa, não havendo em ti advertencia de culpa, desculpa tens para te isentares do castigo.

De repente desce Apollo em huma nuvem.

R E C I T A D O.

Sabey, que Apollo sou o Deos flammante,
 Que na esféra brilhante.
 Desse Celeste globo,
 Com luzida influencia
 A todos os Planetas illumino.
 A Faetonte dou por filho caro
 De semideos a gloria sempre excelsa,
 Nova vida cobrando,
 Para que resuscite
 Novo amante de Egeria.
 Ismene ferá de Albano esposa:
 E em doce Hymeneo todos unidos,
 Ismene na Liguria com Albano,
 Faetonte na Italia, e Eridano,

Rei-

inarão ; porque fique desta sorte
geria satisfeita,
ois com pompa luzida
o seu Reino se vê restituida.

odos. Prodigioso successo!

Sabém Faetonte , e Egeria do mar.

Ghib. E mais prodigioso para Faetonte,
pois para cá vem com bom successo.

Rey. Não posso contrariar preceitos tão
justos, mayormente quando reconheço a
justiça de Egeria na successão desta Mo-
narquia.

Ghib. Isso he fazer da necessidade virtude.
Faet. Feliz mil vezes , quem resuscitando
vive para consagrar nas aras de tua bel-
leza huma nova vida , e tão nova , que
se aquella por não viver contigo me
conduzio às mãos da morte ; esta me
encaminha para a vida , pois vivo já de
morrer por ti.

Eger. Da morte dos desprezos passou o
meu amor para a vida dos favores.

Ghib. Isso he passar da morte para a vida,
como quem passa da vida para a morte.

Ismen. Albano, se como Princeza fuy alvo de
teus favores ; agora não permittas, que
eu seja objecto dos teus desprezos.

Alban. Enganas-te, Ílmene ; não ha mayor
im-

imperio, que o da tua belleza, da qual sempre vassallo se confessa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquey os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu sempre sonhey em te querer: Tua sou.

Chich. Pois entãõ que fazes? Dá cá essa mão de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha afeição.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a esperanza de reinar.

Chich. Senhor Mecenaz, contente-se vossa merce nestes casamentos com o seu nome, que melhor se ha de casar com o officio de padrinho.

Rey. Esclarecido Faetonte, relevame os desprezos passados; pois bem sabes forãõ dominados de huma indiscreta ignorancia.

Faet. Antes os devo estimar, por serem venturosos motores de minhas felicidades: e já que do abyssmo da humildade, em que me considerey abatido, me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo; repita o Coro com mellifluas consonancias, publicando a magestade suprema, a que me elevou a fortuna nos respeitos, que consigo como filho do Sol.

de Faetonte. 567

C O R O.

Na t^{ra} luzente
Do sacro Hymeneo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PRO-

PROTESTAÇAM DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoses*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, se devem sómente entender no sentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque sómente se usa dellas nestas Obras, como necessarias para adorno da composição Dramatica, e expressão dos Episodios Comicos, e não com intenção de offender em cousa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me sujeito em tudo o que ella determina.

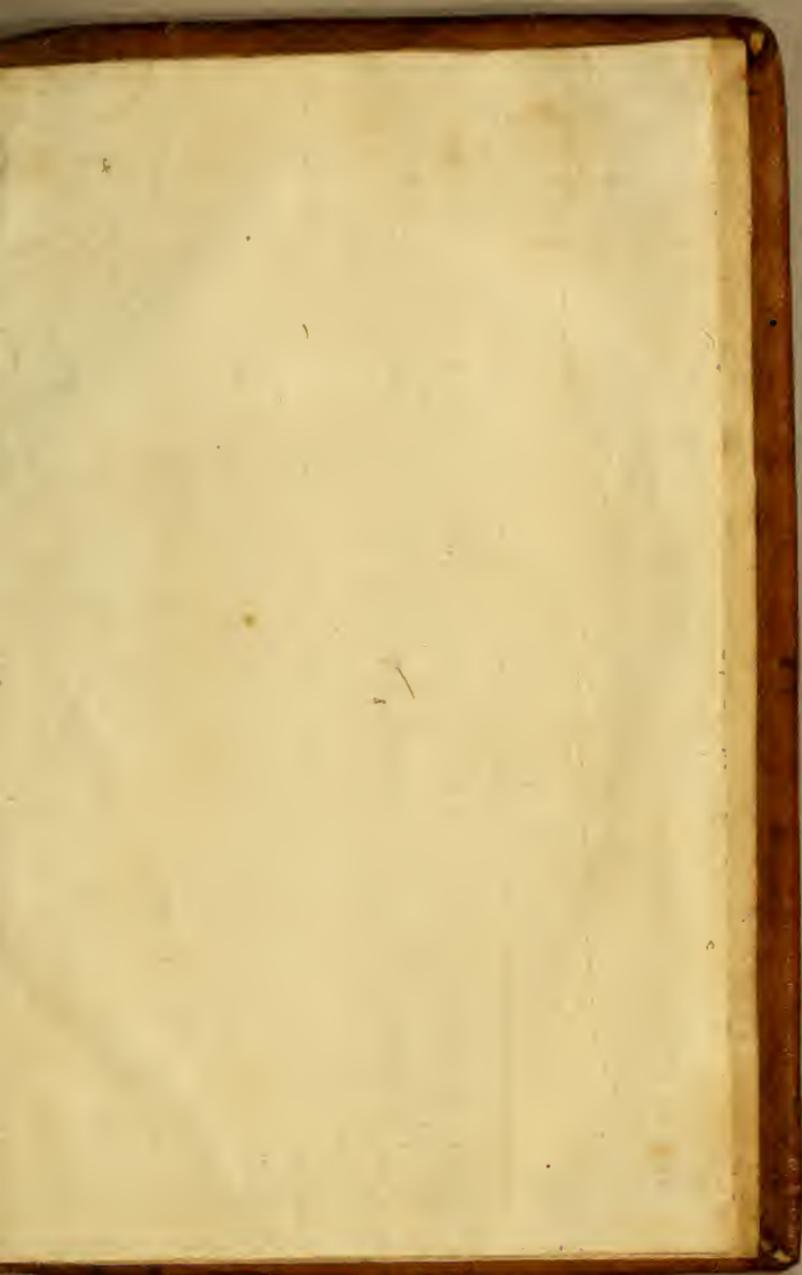


80-05

vol. 2

Telles de Syl

7 June 1979





C759

T374c

v. 2

3958

